A SEQUÊNCIA DA SÉRIE INICIADA COM

EU SOU O NÚMERO QUATRO

O LIVRO QUE ORIGINOU O FILME

A VINGANÇA DOS SETE

PITTACUS LORE

intrínseca



OS EVENTOS NESTE LIVRO SÃO REAIS.

NOMES E LUGARES FORAM MODIFICADOS
PARA PROTEGER OS SEIS LORIENOS,
QUE CONTINUAM ESCONDIDOS.

OUTRAS CIVILIZAÇÕES REALMENTE EXISTEM.

E ALGUMAS QUEREM DESTRUIR VOCÊS.

Capítulo um

O PESADELO ACABOU. QUANDO ABRO MEUS OLHOS, NÃO HÁ NADA ALÉM DA escuridão

Estou em uma cama, é o que posso dizer por enquanto, e ela não é a minha. O colchão é enorme, de algum jeito moldado perfeitamente para caber meu corpo, e por um momento eu me pergunto se meus amigos me mudaram para uma das camas gigantes do apartamento de Nove. Estico minhas pernas e braços até onde consigo, e mesmo assim não consigo alcançar as bordas. O lençol que está sobre mim é mais escorregadio do que macio, quase como se fosse de plástico, e está muito quente. Não apenas morno, eu percebo, mas também há uma vibração constante que massageia meus músculos doloridos.

Por quanto tempo eu dormi, e onde será que estou?

Tento me lembrar do que aconteceu comigo, mas tudo em que posso pensar é na minha última visão. Senti como se estivesse naquele pesadelo por dias. E ainda posso sentir o fedor de borracha queimada de Washington D.C. Nuvens de poluição pairavam sobre a cidade, uma lembrança da batalha que ocorreu lá. Ou da batalha que ainda ocorrerá, se minha visão se tornar realidade.

As visões. Elas são partes de algum Legado novo? Nenhum dos outros têm legados que os deixam assustados pela manhã. Elas são profecias? Ameaças enviadas por Setrákus Ra, como os sonhos que John e Oito costumavam ter? São avisos?

O que quer que sejam, eu gostaria que elas parassem de acontecer.

Respiro fundo algumas vezes para limpar o cheiro de Washington das minhas narinas, embora eu saiba que tudo isso esteja em minha cabeça. Mas pior do que sentir o cheiro é o fato que eu posso me lembrar de cada pequeno detalhe, desde o olhar aterrorizado de John quando ele me viu no palanque junto com Setrákus Ra, condenando Seis à morte. Ele estava preso na visão também, como eu. Eu estava impotente lá em cima, entre Setrákus Ra, que se denominou governante da Terra, e...

Cinco. Ele está trabalhando para os mogadorianos! Tenho que alertar os outros. Eu me sento e minha cabeça gira – rápido demais – e partículas alaranjadas flutuam através dos meus olhos. Eu as pisco para longe, meus olhos parecendo pegajosos, minha boca seca e a garganta inflamada.

Esse definitivamente não é o apartamento de Nove.

Meus movimentos devem ativar algum sensor próximo, porque as luzes do quarto lentamente se tornam mais fortes. Elas vêm gradualmente, e então o quarto fica banhado com um brilho vermelho pálido. Olho em volta para encontrar a fonte da luz e descubro que elas vêm de veias pulsantes dentro das paredes. Um arrepio passa por mim por quão funcional a sala parece, quão severa, sem decoração alguma. O calor do lençol aumenta, quase como se quisesse que eu voltasse para baixo dele. Eu o afasto.

Esse lugar pertence aos mogadorianos.

Rastejo através da cama para mamutes – é maior do que um SUV, suficiente para que um mogadoriano de cinco metros possa relaxar tranquilamente – até meu pé descalço pisar no chão de metal. Estou usando um vestido longo e cinza, bordado com videiras pretas espinhosas.

Tenho um arrepio, pensando neles colocando isso em mim e me deixando aqui para descansar. Eles poderiam ter me matado, mas ao invés disso me vestiram um pijama? Na minha visão, eu estava sentada ao lado de Setrákus Ra. Ele me chamou de sua herdeira. O que isso quer

dizer? É por isso que ainda estou viva?

Isso não importa. O fato é simples: fui capturada. Eu sei disso. Agora, o que vou fazer?

Imagino que os mogadorianos devam ter me levado para uma de suas bases. Com exceção de que esse quarto não se parece com as horríveis celas minúsculas que Nove e Seis descreveram de quando eles foram capturados.

Não, esta deve ser uma ideia dos mogadorianos de hospitalidade. Eles estão cuidando de mim.

Setrákus Ra queria que me tratassem mais como uma hóspede do que como uma prisioneira. Porque, um dia, ele me quer liderando ao seu lado. Por que motivo, eu ainda não entendo, mas agora é a única coisa que me mantém viva.

Ah não. Se eu estou aqui, o que aconteceu com os outros em Chicago?

Minhas mãos começam a tremer e eu afasto as lembranças de Washington, afasto a preocupação com os meus amigos, afasto tudo. Preciso ser uma lousa em branco, como fui quando lutamos pela primeira vez com Setrákus Ra no Novo México, como eu era nas sessões de treinamento com os outros. É mais fácil ser corajosa quando não penso nisso. Se eu agir somente por instinto, consigo fazer isso.

Corra, imagino Crayton dizendo. Corra até eles se cansarem de te caçar.

Eu preciso de alguma coisa pra lutar com eles. Busco ao redor por algo que eu possa usar como arma. Perto da cama há um criado-mudo de metal, o único móvel da sala. Os mogs deixaram um copo com água para eu beber, mas não boba o bastante para tomar, mesmo estando morta de sede. Perto do copo, há um livro grosso como um dicionário, a capa feita de pele de cobra encerada. A tinta na capa parece chamuscada, as palavras afundadas na superfície, como se fossem impressas com tinta feita de ácido.

O título diz O Grande Livro do Progresso Mogadoriano, surpreendentemente escrito em inglês. Embaixo dele há várias formas angulares e pequenas marcas que assumo ser o título em mogadoriano. Então eu pego o livro e o abro. Cada pagina está divida ao meio, com uma coluna escrita em inglês e outra em mogadoriano. Eu me pergunto se era pra eu ler isto.

Fecho o livro. A coisa mais importante é que ele é pesado e eu posso segurá-lo. Não transformarei mogs em cinzas com isso, mas é melhor do que nada.

Eu me levanto da cama e ando até o que me parece ser a porta. É um painel retangular cortado na parede, mas não há fechaduras ou botões.

Vou na ponta dos pés até ela, me perguntando como vou abri-la, e então há um chiado mecânico saindo de dentro da parede. Deve ser mais um sensor de movimentos como o das luzes, porque a porta se abre pra cima assim que eu me aproximo, desaparecendo no teto.

Eu não paro para me perguntar por que estou viva.

Segurando o livro mogadoriano, entro em um corredor que é tão frio e metálico quanto o quarto que eu estava.

— Ah — uma voz feminina diz. — Você acordou.

Ao invés de guardas, uma mulher mogadoriana está sentada num banco ao lado da porta do meu quarto, obviamente esperando por mim. Eu não tenho certeza se já vira uma mulher mogadoriana antes, mas ela parece surpreendentemente não ameaçadora em um vestido longo que vai até o chão, como um dos vestidos que as irmãs vestiriam lá em Santa Teresa. Sua cabeça é raspada, exceto por duas longas tranças pretas na parte de trás do crânio, e o resto do seu couro cabeludo é coberto por uma tatuagem elaborada. Ao invés de ser nojenta e ameaçadora, como os mogs que vi antes, esta parece quase elegante.

Eu paro na frente dela, incerta do que fazer.

A mog lança um olhar para o livro em minhas mãos e sorri.

— E já esta pronta pra começar seus estudos, vejo — ela diz, se levantando. Ela é alta, delgada e lembra vagamente uma cobra. De pé na minha frente, ela faz uma reverência exagerada. — Senhorita Ella, eu devo ser sua instrutora enquanto...

Assim que ela cabeça se abaixa o suficiente, eu bato com o livro no rosto dela o mais forte que posso.

Ela não percebe meu movimento, o que acho estranho porque todos os mogs que encontrei estavam prontos para lutar. Esta aqui solta um gemido e cai no chão, e o tecido do seu vestido faz um som, como se tivesse rasgado.

Eu não paro para ver se a nocauteei ou se ela está puxando uma espada de algum compartimento escondido naquele vestido. Eu fujo, escolhendo uma direção aleatória e corro o mais rápido que posso. O chão de metal machuca meu pé descalço e meus músculos começam a doer, mas eu ignoro tudo isso. Tenho que sair daqui.

É muito ruim que essas bases mogadorianas não tenham nenhuma sinalização de saída. Faço uma curva, e depois por outra, passando por corredores que são muito parecidos. Continuo esperando que sirenes comecem a tocar para avisar que escapei, mas o som nunca começa. Não há som de passos pesados de mogadorianos atrás de mim, também.

Só quando estou ficando sem fôlego e penso em diminuir o ritmo, uma porta se abre a minha direita, e dois mogadorianos saem dela.

Eles se parecem mais com os que eu estou acostumada – corpulentos, vestidos com suas capas pretas, olhos redondos focados em mim. Eu me atiro por entre eles, embora nenhum dos dois faça alguma tentativa de me agarrar. De fato, acho que ouvi um deles gargalhar.

O que está acontecendo aqui?

Posso sentir os dois soldados mogs me vendo fugir, então eu me atiro no primeiro corredor que encontro. Eu não tenho certeza se estou andando em círculos ou coisa assim. Não há luz do sol ou qualquer tipo de barulho, nada para indicar que eu possa estar chegando perto de uma saída.

Parece que os mogs não se importam com nada do que eu tente, como se soubessem que não tem jeito de eu escapar daqui.

Eu paro para recuperar o fôlego, cautelosamente avançando para baixo nesse último corredor estéril. Ainda estou segurando o livro – minha única arma – e já estou começando a ficar com cãibra. Eu balanço minha mão para ela ir embora.

Acima, um arco enorme se abre com um chiado eletrônico; é diferente das outras portas, maior, e há pequenas luzes piscantes muito estranhas do outro lado.

Não são luzes piscantes. São estrelas.

Enquanto passo pelo arco para entrar na sala, o teto de metal muda para uma abóbada de vidro, a sala é bem grande, quase como um planetário. Com exceção de que é real. Há vários consoles de computadores presos ao chão – talvez seja algum tipo de sala de controle – mas eu os ignoro, atraída pela visão confusa que se vê através do vidro.

Escuridão. Estrelas.

A Terra.

Agora eu entendo porque os mogadorianos não estavam me caçando. Eles sabem que não há como eu fugir daqui.

Eu estou no espaço.

Eu me aproximo do vidro, pressionando minhas mãos contra ele. Posso sentir o vazio do lado de fora, o infinito, o gelo, o espaço sem ar entre mim e aquela orbe azul que flutua ao longe.

— Glorioso, não acha?

Sua voz potente é despejada como um balde de água fria sobre mim. Eu me viro e me pressiono contra o vidro, sentindo que o veneno atrás de mim é mais preferível a encará-lo.

Setrákus Ra está atrás de um dos consoles de controle, me observando, um sorriso no rosto. A primeira coisa que percebo é que ele não é tão grande como era na vez em que lutamos contra ele na base de Dulce. Ainda assim, Setrákus Ra é alto e ameaçador, seu largo corpo vestido com um uniforme preto, cravejado e decorado com uma variedade de medalhas mogadorianas. Três pingentes lóricos, os que ele roubou dos Gardes mortos, estão pendurados em volta de seu pescoço, brilhando.

— Vejo que você já pegou meu livro — ele diz, gesticulando para o objeto em minhas mãos. Eu não havia percebido que ainda o segurava. — Embora não da maneira que eu gostaria que segurasse. Felizmente, sua instrutora não teve ferimentos graves...

De repente, em minhas mãos, o livro começa a brilhar em vermelho, como os detritos que peguei em Dulce. Não sei exatamente como estou fazendo isso, ou o que estou fazendo.

— Ah — Setrákus Ra diz, me observando e erguendo as sobrancelhas. — Muito bom.

— Vá para o inferno! — eu grito, arremessando o livro brilhante contra ele.

Antes mesmo de o livro percorrer metade da distância até ele, Setrákus Ra levanta uma de suas mãos enormes e o livro para no meio do caminho. Eu observo enquanto o brilho que eu criei desaparece.

— Agora — ele se queixa. — Chega disso.

— O que você quer de mim? — eu berro, lágrimas de frustração saindo dos meus olhos.

— Você já sabe por que — ele responde. — Eu te mostrei o que vai acontecer. Assim como mostrei uma vez para Pittacus Lore.

Setrákus Ra aperta alguns botões no painel de controle, e a nave começa a se mover. Gradualmente, a Terra, parecendo ao mesmo tempo, longe e perto, como se eu pudesse agarrá-la com minhas mãos, começa a se mover diante meus olhos. Não estamos indo em direção a ela, estamos indo na direção oposta.

— Você está abordo da Anubis — Setrákus Ra diz, com um tom de orgulho em sua voz grave. — A nave capitã da frota mogadoriana.

Quando a nave completa sua manobra, eu suspiro. Pressiono minhas mãos contra o vidro para me apoiar, meus joelhos estão fracos.

Do lado de fora, em órbita ao redor da Terra, está a tropa mogadoriana. Centenas de naves – muitas delas longas e prateadas, do tamanho de aviões, como a Garde as descrevera das batalhas anteriores. Mas junto a elas, há pelo menos vinte naves enormes, que fazem com as outras pareçam anãs – com iminentes canhões ameaçadores, projetando suas armas em vários ângulos, tendo como objetivo o planeta abaixo.

— Não — eu sussurro. — Isso não pode estar acontecendo.

Setrákus Ra anda em minha direção, e eu estou muito chocada com a visão que mal consigo me mexer. Gentilmente, ele coloca a mão em meus ombros. Eu posso sentir o frio dos seus dedos pálidos.

— A hora finalmente chegou — ele diz, observando a frota comigo. — A Grande Expansão enfim chegou à Terra. Vamos celebrar o progresso mogadoriano juntos, minha neta.

Capítulo dois

DA JANELA QUEBRADA DO SEGUNDO ANDAR DE UMA FÁBRICA TÊXTIL ABANDONADA, eu observo um homem velho de casaco esfarrapado e jeans sujo se abaixar na porta entreaberta de um edifício do outro lado da rua. Depois de ter sentado, o homem tira uma garrafa marrom do seu casaco e começa a beber. Está no meio da tarde – estou vigiando – e ele é a única alma viva que vi nessa parte abandonada de Baltimore desde que chegamos aqui ontem. É um lugar deserto, quieto e ainda assim é mais preferível à versão de Washington D.C. que vi na visão de Ella. Até agora, pelo menos, parece que os mogadorianos não nos seguiram desde Chicago.

Embora, tecnicamente, eles não precisariam. Já há um mogadoriano entre nós.

Atrás de mim, Sarah bate o pé no chão. Estamos na sala que costumava ser o escritório do chefe, há pó em todo canto, o assoalho inchado e com mofo. Eu me viro a tempo de vê-la franzindo as sobrancelhas para o que sobrou de uma barata embaixo do sapato dela.

— Cuidado. Você vai acabar caindo no andar debaixo através do assoalho — eu digo a ela, fazendo piada.

— Acho que seria demais querer que todas as bases de vocês fossem em apartamentos de luxo, né? — Sarah pergunta, me encarando com um olhar de provocação.

Nós dormimos nesta fábrica abandonada ontem à noite, nossos sacos de dormir estendidos no assoalho afundado. Ambos estão sujos, já faz uns dois dias desde que tomamos um banho de verdade, e o cabelo louro de Sarah está endurecido por conta da sujeira. Ela ainda é linda para mim. Sem ela a meu lado, eu teria ficado totalmente perdido depois do ataque em Chicago, onde os mogs sequestraram Ella e destruíram o apartamento. Faço uma careta enquanto penso, e o sorriso de Sarah imediatamente desaparece. Eu saio de perto da janela e ando até ela.

— Não saber de nada está me matando — eu digo, movendo a cabeça. — Eu não sei o que fazer.

Sarah toca meu rosto, tentando me consolar.

— Pelo menos sabemos que eles não vão machucar Ella. Não se o que você viu na visão for verdade.

— Eu sei — digo, suspirando. — Eles vão fazer uma lavagem cerebral nela e transformá-la em uma traidora, como...

Eu paro, pensando no restante dos nossos amigos desaparecidos e no traidor que viajou com eles. Ainda não sabemos nada de Seis e dos outros, não que haja uma maneira fácil de eles se comunicarem conosco. Todas as Arcas estão aqui e, presumindo que eles poderiam tentar nos achar pelos métodos tradicionais, eles não teriam nenhuma pista para tentar nos encontrar, já que tivemos que fugir de Chicago.

A única coisa que tenho certeza é que eu tenho uma cicatriz fresca na minha perna, a quarta delas. Não dói mais, mas parece um peso que tenho que carregar. Se a Garde tivesse se mantido separada, se nós tivéssemos mantido o feitiço intacto, essa quarta cicatriz significaria a minha morte. Ao invés disso, um dos meus amigos foi morto na Flórida, e eu não sei como, ou quem, ou o que aconteceu com o restante deles.

Sinto em minhas entranhas que Cinco ainda está vivo. Eu o vi na visão de Ella, ao lado de Setrákus Ra, um traidor. Ele deve ter levado os outros para uma armadilha, e agora um deles não vai voltar. Seis, Marina, Oito, Nove – um deles se foi.

Sarah entrelaça seus dedos com os meus, massageando-os, tentando aliviar um pouco a tensão.

— Eu não consigo parar de pensar nas coisas que eu presenciei na visão... — eu começo — Nós perdemos, Sarah. E agora me parece que está acontecendo de verdade. Como se esse fosse o começo do fim.

— Aquilo não significa nada e você sabe disso — Sarah responde. — Olhe para Oito. Não havia um tipo de profecia de morte sobre ele? E ele sobreviveu.

Eu franzo as sobrancelhas, não percebendo o óbvio, de que Oito pode ter sido o que morreu na Flórida.

— Eu sei que parece — Sarah continua — e, quero dizer, a situação está ruim John. Obviamente.

— Motivador.

Ela aperta minha mão, bem forte, e olha para mim com um olhar que diz cale a boca.

— Mas aqueles que foram para a Flórida são Gardes — ela diz. — Eles vão lutar, e vão continuar lutando e vão vencer. Você tem que acreditar, John. Quando você estava em estado de coma em Chicago, nós nunca desistimos de você. Continuamos a lutar, e valeu a pena. Quando pareceu que tínhamos perdido, você nos salvou.

Penso no estado em que meus amigos estavam quando eu finalmente acordei do coma em Chicago. Malcolm estava ferido, beirando a morte, Sarah fora bem machucada, Sam estava quase sem munição e Bernie Kosar desaparecido. Eles fizeram de tudo por mim.

— Vocês me salvaram primeiro — respondo.

— Sim, obviamente. Então retorne o favor e salve nosso planeta.

A maneira como ela fala, como se não fosse nada, me faz sorrir. Eu abraço Sarah e depois a beijo.

— Eu amo você, Sarah Hart.

— Eu te amo também, John Smith.

— Hum, eu amo vocês, também...

Sarah e eu nos viramos para ver Sam parado no vão da porta, com um sorriso estranho no rosto. Enrolado em seus braços há um gato laranja enorme, um dos seis Chimæras que nosso novo amigo mogadoriano trouxe com ele, que foram chamados até nós pelos uivos de Bernie Kosar no telhado.

Aparentemente, a vareta que Bernie Kosar pegou da Arca de Oito era algum tipo de totem de Chimæras, usado para guiá-los até nós, como um apito canino lórico. Ficamos bem atentos na estrada no nosso caminho até Baltimore, para termos certeza de que não estávamos sendo seguidos. A viagem na van lotada nos deu muito tempo para escolhermos os nomes dos nossos novos aliados. Esse Chimæra em particular preferiu a forma de um gato corpulento, e Sam insistiu para que o chamássemos de Stanley, em honra ao velho nome de Nove. Se ele ainda estiver vivo, tenho certeza de que Nove não vai se sentir ameaçado por ter um gato gordo com uma afeição óbvia por Sam nomeado em sua homenagem.

— Desculpe — diz Sam — eu interrompi o momento?

— Na verdade não — Sarah diz, esticando um dos braços para Sam — abraço em grupo?

— Talvez mais tarde — Sam diz, olhando para mim. — Os outros chegaram e estão arrumando as coisas lá em baixo.

Eu assinto, relutantemente deixando Sarah e andando até a mochila que contém nossos suprimentos.

— Eles tiveram algum problema?

Sam diz que não com a cabeça.16

— Eles tiveram que se contentar com apenas dois geradores, não havia dinheiro para comprar coisa melhor. De qualquer maneira deve haver o suficiente.

— E sobre a vigilância? — eu pergunto, tirando o tablet branco localizador e seu cabo da mochila.

— Adam disse que não viu mogs mensageiros — Sam responde.

— Bem, ele saberia como encontrá-los melhor do que ninguém — Sarah acrescenta.

— Verdade — eu digo desconfiado, ainda não acreditando nesse mogadoriano bonzinho, mesmo com tudo o que ele tem feito desde que chegou a Chicago para nos ajudar. Mesmo agora, com ele e Malcolm instalando nossos novos aparelhos eletrônicos no primeiro andar da fábrica, eu tenho uma sensação de mal-estar por ter um deles tão perto. Tento esquecer isso. — Vamos.

Nós seguimos Sam por uma escada em espiral enferrujada, que leva para o primeiro andar da fábrica. O lugar deve ter sido fechado às pressas, porque ainda há prateleiras mofadas com roupas masculinas dos anos oitenta penduradas nas paredes e caixas repletas de capas de chuva abandonadas.

Um Chimæra em forma de um retriever que Sarah insistiu para que chamássemos de Biscuit está em nosso caminho, seus dentes cerrados em uma manga de terno rasgada, em meio a uma briga com Areal, o husky de pelo cinzento. Outro Chimæra, Gamera, o qual Malcolm nomeou depois de um filme antigo de monstros, rola atrás dos outros, mas com dificuldade de se manter na sua forma de tartaruga. Os outros dois Chimæras – um falcão que nomeamos de Regal e um guaxinim que chamamos de Bandit – assistem a briga de cima das capas de chuva.

É um alívio vê-los brincando. Os Chimæras não estavam na melhor forma quando Adam os libertou dos experimentos mogadorianos, e eles ainda não estavam muito bem quando Adam os levou para Chicago. Demorou, mas eu consegui curá-los com meu Legado de cura. Havia alguma coisa dentro delas, alguma coisa mogadoriana, que na verdade estava lutando contra meus poderes. Até fez meu Lúmen brilhar intensamente, algo que nunca aconteceu antes enquanto usava meu Legado de cura. Finalmente, o que quer que os mogs tenham feito, foi lavado pelo meu Legado.

Eu nunca havia usado meu Legado de cura em um Chimæra antes daquela noite. Por sorte, funcionou, porque havia um Chimæra em estado mais grave do que todos os nossos novos amigos.

— Você viu BK? — eu pergunto a Sam, procurando por ele na sala.

Eu o encontrei no telhado do John Hancock Center, perfurado por uma espada mogadoriana e à beira da morte. Usei meu Legado de cura nele, rezando para que funcionasse. Mesmo que ele esteja melhor agora, eu ainda tenho mantido um olhar extra nele, provavelmente porque o destino de muitos dos meus outros amigos é desconhecido.

— Ali — Sam me responde, apontando.

Em um canto no fim da sala adjacente, contra uma parede coberta com grafite, está um trio de máquinas de lavar roupa industriais, transbordando em pilhas de calças cáqui. E é no topo de uma dessas pilhas que Bernie Kosar descansa, as brincadeiras de Biscuit e Areal parecem tê-lo cansado. Apesar dos meus esforços, ele ainda está fraco da luta de Chicago – está sem parte de uma de suas orelhas – mas com minha telepatia animal, posso sentir uma espécie de contentamento que emana dele enquanto ele observa os outros Chimæras. Quando BK nos vê entrar, seu rabo batendo levanta uma nuvem de poeira da pilha de roupas.

Sam coloca Stanley no chão, e o gato vai até a pilha de roupas com BK, se acomodando no que eu acho que designaria como uma zona de cochilo para Chimæras.

— Nunca pensei que eu teria meu próprio Chimæra — Sam diz — muito menos meia dúzia deles.

— E eu nunca pensei que estaria lutando junto com um deles — respondo, meu olhar parando em Adam.

No centro do primeiro andar da fábrica, bancadas siderúrgicas estão aparafusadas no chão. O pai do Sam, Malcolm, e Adam, estão instalando os computadores que eles acabaram de comprar, em troca de algumas das minhas pedras Lóricas. Porque não há eletricidade nessa fábrica, eles tiveram que comprar alguns pequenos geradores à bateria para o trio de notebooks e do roteador móvel. Observo Adam ligando uma das baterias – sua pele pálida, seu cabelo preto liso e suas expressões que fazem com que ele pareça mais humano do que os mogadorianos comuns – me fazendo lembrar de que está do nosso lado. Sam e Malcolm parecem acreditar nele, e além disso, ele tem um Legado, o poder de criar terremotos, o qual herdou da Um. Se eu não o tivesse visto usar o Legado com meus próprios olhos, não tenho certeza se diria que fosse possível. Parte de mim quer acreditar, talvez até precise acreditar, que um Mog não seria capaz de roubar um Legado, de que ele vale a pena, de que tudo isso aconteceu por algum motivo.

— Olhe isso — Sam diz, abaixando o tom de voz enquanto andamos em direção aos outros. — Humanos, lorienos, mogadorianos... nós temos, tipo, a primeira reunião da Nação Unida Intergaláctica bem aqui. É histórico.

Eu assinto e vou até o notebook que Adam acabou de ligar. Ele olha para mim e deve ter percebido alguma coisa – talvez eu não seja bom em esconder meus conflitos internos – porque ele olha para o chão e dá um passo para o lado, abrindo espaço para que eu possa me dirigir até o outro notebook. Ele mantém os olhos fixos na tela, digitando rapidamente.

— Como está indo tudo? — pergunto.

— Temos quase todos os equipamentos de que precisamos — Malcolm responde enquanto trabalha com um roteador sem fio. Mesmo com sua barba começando a ficar despenteada, Malcolm parece mais saudável do que da primeira vez que eu o vi. — Algo aconteceu aqui?

— Nada — eu digo, balançando a cabeça. — Seria um milagre se os Gardes na Flórida conseguissem nos rastrear. E Ella... eu continuo esperando que sua voz apareça em minha cabeça e vá me dizer para onde a levaram, mas ela não fez contato.

— Pelo menos nós iremos saber onde os outros estão assim que ligarmos o tablet — Sarah diz.

— Com os equipamentos que compramos, acho que posso invadir o sistema de telefonia do John Hancock Center — Malcolm sugere. — Assim, se eles tentarem ligar da rua, poderemos interceptar a chamada.

— Ótima ideia — eu respondo, conectando o cabo branco do tablet no notebook e esperando que ele inicie.

Malcolm puxa seus óculos até a ponta do nariz e pigarreia.

— Foi ideia do Adam, na verdade.

— Oh — eu respondo, mantendo meu tom de voz usual.

— Essa é uma excelente ideia — Sarah interfere.

Ela está de pé ao lado de Malcolm e começa a trabalhar no terceiro notebook, me lançando um olhar para que eu diga alguma coisa legal para Adam. Quando eu não digo, um silêncio estranho paira no ar no meio do grupo. Houve muito desses desde que saímos de Chicago.

Antes que fique mais estranho, o tablet liga. Sam espia pelo meu ombro.

— Eles ainda estão na Flórida — ele diz.

Há um ponto solitário mostrado no mapa do tablet, piscando na Costa Leste, e então há quilômetros de distância estão os pontos que representam os outros Gardes sobreviventes. Três dos pontos estão juntos, basicamente se juntando e formando um único ponto, enquanto o quarto está a uma curta distância. Imediatamente, coisas sobre este quarto ponto começam a aparecer em minha cabeça. Um dos nossos amigos foi capturado? Eles tiveram que se separar depois que foram atacados? Esse ponto separado é o que representa Cinco? Isso prova que ele é um traidor, como na minha visão?

Estou distraído com estes pensamentos quando um quinto ponto começa a pulsar, literalmente acima do oceano, bem distante dos outros. Esse quinto flutua sobre o Oceano Pacífico, e este daqui não brilha como os outros, é meio obscuro.

— Esse deve ser Ella — eu digo, franzindo a testa. — Mas como...

Mas antes que eu consiga terminar minha pergunta, o ponto de Ella pisca e desaparece. Um segundo depois, antes mesmo que eu consiga processar meu pânico, ele reaparece flutuando sobre a Austrália.

— Que diabos? — Sam pergunta, encarando a tela sobre meus ombros.

— Está se movendo muito rápido — eu digo. — Talvez eles a estejam teleportando para algum lugar.

O ponto desaparece de novo, e então reaparece impossivelmente sobre a Antártica, perto da borda da tela do tablet. Nos próximos segundos, ele pisca, desaparecendo e reaparecendo no mesmo lugar, piscando no mapa. Eu bato na lateral do tablet com frustração.

— Eles estão interferindo no sinal de alguma maneira — falo. — Não temos como encontrá-la enquanto isso estiver assim.

Sam aponta para os outros pontos na Flórida.

— Se eles fossem machucar Ella, já não teriam feito isso?

— Setrákus Ra a quer — Sarah diz, olhando para mim.

Eu contei tudo para ela sobre a cena do pesadelo que tive em Washington D.C., de ela reinando ao lado de Setrákus Ra. Ainda é difícil para qualquer um de nós acreditar, mas pelo menos nos da uma vantagem. Nós sabemos o que Setrákus Ra quer.

— Eu odeio ter que deixá-la sozinha — eu digo, sombriamente. — Mas não acredito que ele irá machucá-la. Não ainda, pelo menos.

— Pelo menos nós sabemos onde os outros estão — Sam insiste. — Precisamos ir até eles antes que alguém...

— Sam está certo — eu decido, sendo impulsionado pelo sentimento de que um daqueles pontos pode desaparecer a qualquer momento. — Talvez eles precisem de nossa ajuda.

— Eu acho que isso seria um grande erro — Adam diz.

Sua voz é exploratória, mas ele ainda tem a aspereza mogadoriana na voz, o que me faz cerrar os punhos num reflexo. Não estou acostumado a ter um deles por perto. Posso sentir minha mandíbula se contrair, tentando formar uma resposta, mas o que eu mais quero é dar um soco na cara dele. Estou prestes a dar um passo a frente quando Sam põe uma mão no meu ombro.

— Devagar — Sam diz, falando baixo.

— Você quer que a gente se sente e não faça nada? — eu pergunto para Adam, tentando manter a calma.

Eu sei que eu deveria ouvi-lo, mas toda essa situação está me deixando sem escolhas. E como eu devo aceitar um conselho de um cara cuja espécie tem me caçado durante a vida toda?

— É claro que não — Adam responde, olhando para mim com aqueles olhos cor de carvão que os mogadorianos têm.

— Então o que? — eu digo. — Me dê um bom motivo para que eu não vá para a Flórida.

— Eu vou te dar dois motivos — Adam responde. — Primeiro, se o resto da Garde está em perigo ou se foi capturada como você suspeita, então a sobrevivência deles está atraindo você. Eles estão sendo úteis apenas como iscas.

— Você está dizendo que pode ser uma armadilha? — pergunto entredentes.

— Se eles foram capturados, então sim, claro que é uma armadilha. Por outro lado, se eles estão livres, o que sua intervenção heroica irá fazer? Eles não são perfeitamente treinados e supercapazes de se cuidar para não entrarem em problemas?20

O que eu posso dizer em resposta? Não? Seis e Nove, provavelmente as duas pessoas mais duronas que conheço, não são capazes de nos rastrear e sair da Flórida? Mas e se eles estão esperando por nós para serem resgatados? Eu balanço a cabeça, ainda com aquela sensação de querer estrangular Adam.

— Então, o que devemos fazer no meio tempo? — pergunto a ele. — Apenas sentar e esperar por eles?

— Não podemos fazer isso — Sam interfere. — Não podemos abandoná-los. Eles não têm como nos encontrar.

Adam vira seu notebook para que eu possa ver a tela.

— Entre sequestrar Ella e matar um Garde na Flórida, meu povo irá acreditar que eles têm vocês na linha de tiro novamente. Eles não vão esperar um contra-ataque.

No notebook, Adam têm imagens de satélite de um subúrbio extenso. Parece um condomínio totalmente genérico e rico. Quando olho mais de perto, percebo um número paranoico de câmeras de segurança instaladas na parede de pedra que cerca a propriedade inteira.

— Esta é Ashwood Estates, um pouco fora de Washington D.C. — Adam explica. — É a casa da maior parte dos líderes mogadorianos mais poderosos da América do Norte. Com a Ilha Plum destruída e os Chimæras recuperadas, acho que devemos focar nosso ataque aqui.

— E a base na montanha em West Virginia? — pergunto.

Adam balança a cabeça.

— Essa é apenas uma instalação militar, mantida fora de vista para que as forças do meu povo possam se instalar lá. Nós teríamos dificuldade para derrubá-la agora. E, de qualquer jeito, o poder real, os mogadorianos nascidos naturalmente – os líderes –, eles estão em Ashwood.

Malcolm pigarreia.

— Eu tentei compreender tudo o que você me disse sobre os mogadorianos naturais, Adam. Talvez seja melhor que você explique, não?

Adam olha ao redor, um pouco apreensivo.

— Eu não sei por onde começar.

— Você pode pular a parte toda sobre reprodução mogadoriana — Sam diz, e dou um sorriso.

— Tem a ver com as linhagens, certo? — eu digo, perguntando a ele.

— Sim. Os nascidos naturalmente são os de linhagem pura. Mogadorianos nascidos de mogadorianos. Como eu — Adam diz, um pouco inquieto. O motivo por ele ser de linhagem pura não o orgulha. — Os outros, nascidos artificialmente, são os soldados com que vocês têm lutado com mais frequência. Eles não nascem, mas brotam, graças à ciência de Setrákus Ra.

— É por isso que eles se desintegram? — Sarah pergunta. — Por que eles não são, tipo, mogadorianos de verdade?

— Eles foram criados para combate, não para serem enterrados — Adam responde.

— Não parece muito com uma vida — eu digo. — Vocês mogadorianos louvam Setrákus Ra por isso?

— De acordo com as histórias contidas no Grande Livro, nosso povo estava morrendo antes do nosso então chamado Adorado Líder, chegar. Os nascidos artificialmente e as pesquisas genéticas de Setrákus Ra salvaram a nossa espécie — Adam pausa, uma careta se forma enquanto ele pensa sobre isso. — Claro, Setrákus Ra foi quem escreveu O Grande Livro, então quem sabe.

— Fascinante — Malcolm comenta.

— Sim, definitivamente ouvi mais sobre os mogadorianos do que jamais quis — eu digo, me virando para o notebook. — Se este lugar abriga os líderes mais poderosos dos mogs, ele não estaria fortemente guardado?

— Haverá guardas, claro, mas nada que faria diferença — ele responde. — Você precisa entender que meu povo se sente seguro ali. Eles estão acostumados a serem os caçadores, não os caçados.

— Então o quê? — eu continuo. — Vamos matar alguns dos mogs nascidos naturalmente e é isso? Que diferença faria?

— Qualquer perda dentre os líderes nascidos naturalmente terá impacto nas operações mogadorianas. Os nascidos artificialmente não são particularmente bons em se comandar — Adam traça um dedo através dos jardins imaculados de Ashwood Estates. — Além disso, há muitos túneis abaixo destas casas.

Malcolm anda até o nosso lado da mesa, cruzando os braços e olhando para as imagens.

— Pensei que você houvesse destruído aqueles túneis, Adam.

— Eu os danifiquei bastante, sim — Adam responde. — Mas eles vão muito além das salas nas quais estávamos. Até eu não tenho muita certeza do que poderíamos encontrar lá.

Sam olha de Adam para seu pai.

— Foi lá onde...?

— Foi onde eles me prenderam — Malcolm responde. — Onde eles roubaram minhas memórias. E onde Adam me resgatou.

— É possível que possamos restaurar suas memórias — Adam diz, parecendo ansioso para ajudar Malcolm. — Se o equipamento não tiver sido danificado demais.

O que Adam está dizendo faz sentido, mas eu não consigo admitir. Passei minha vida toda me escondendo e fugindo dos mogadorianos, lutando contra eles, matando-os. Eles tiraram tudo de mim. E agora, aqui estou eu, fazendo planos de batalha ao lado deles. Não me parece certo. Sem mencionar que estamos pensando em um ataque frontal num complexo mogadoriano sem nenhum dos outros Gardes por perto.

Como se tivesse uma solução, Areal se aproxima e se senta perto dos pés de Adam. Ele se abaixa e acaricia as orelhas do animal.

Se os Chimæras confiam nele, eu não deveria confiar também?

— O que quer que encontremos nestes túneis — Adam continua, provavelmente sabendo que não me convenceu — tenho certeza de que irá fornecer informações valiosas sobre o plano deles. Se os seus amigos foram capturados ou estão sendo seguidos, nós saberemos com certeza quando acessarmos os sistemas mogadorianos.

— E se um deles morrer enquanto estivermos nessa missão que você sugere? — Sam pergunta, sua voz insegura em relação ao pensamento. — E se eles morrerem porque não foram resgatados por nós quando tivemos a chance?

Adam pausa, pensando na resposta.

— Eu sei que isso deve ser difícil para vocês — ele diz, olhando para mim e depois para Sam. — Eu admito, é um risco calculável.

— Risco calculável — eu repito. — É de nossos amigos que você está falando.

— Sim — Adam responde. — E eu estou tentando mantê-los vivos.

Logicamente, sei que Adam realmente está nos tentando ajudar. Mas estou estressado, fui ensinado a não acreditar na raça dele. Antes de perceber o que estou fazendo, dou um passo a frente e aponto meu dedo para o peito dele.

— É melhor que isso funcione — eu digo. — E se alguma coisa acontecer na Flórida...

— Eu me responsabilizo — ele responde. — Poderá me culpar. Se eu estiver errado John, você pode me transformar em cinzas.

— Se você estiver errado, eu provavelmente não precisarei — eu digo, encarando-o.

Adam não desvia o olhar.

Sarah assobia alto, chamando a atenção de todos.

— Se puderem colocar essa postura durona de lado por um segundo, acho que vocês iriam querer dar uma olhada nisso.

Eu dou a volta por trás de Adam, dizendo a mim mesmo para me acalmar, e olho por cima do ombro de Sarah para um site que ela aponta.

— Eu estava procurando por novas notícias sobre Chicago e isso apareceu — ela explica.

É um site muito estranho, exceto pelas manchetes em letras maiúsculas e várias GIFs de discos-voadores flutuando nas opções laterais. Nas histórias listadas como Mais Populares, todos os links em um verde neon que eu acho que era para parecer alienígena, incluem: A NEUTRALIZAÇÃO DO GOVERNO MOGADORIANO e OS LORIENOS PROTETORES DA TERRA COMEÇAM A SE ESCONDER. A página que Sarah abriu tem fotos novas do incêndio no John Hancock Center junto com uma manchete: ATAQUE MOGADORIANO EM CHICAGO: CHEGOU A HORA?

O site se chama Eles Estão Entre Nós.

— Jesus — Sam grunhe, se juntando a mim e olhando para o computador. — Não são bobagens.

— O que é isso? — eu pergunto para Sarah, apontando para a história na tela.

— Essas caras costumavam usar estritamente o estilo preto-e-branco das antigas — Sam diz. — Agora eles estão na internet? Eu não consigo decidir se isso os fazem melhor ou pior.

— Os mogs os mataram eles — eu digo. — Como é que isso existe?

— Eu acho que há um novo editor — Sarah diz. — Vejam só.

Sarah clica nos arquivos do site, procurando a primeira notícia que foi postada desde a criação. A manchete diz O ATAQUE NA PARADISE HIGH SCHOOL É O COMEÇO DE UMA INVASÃO ALIENÍGENA. Abaixo há uma foto tirada com um celular que mostra um campo de futebol destruído.

Eu rapidamente leio o artigo. O nível das informações é chocante. Quem quer que seja o autor disso, esteve conosco lá.

— Quem é JOLLYROGER182? — pergunto, olhando para o nome do criador da postagem.

Sarah olha para mim com um sorriso estranho, misturando com alguma coisa que parece ser orgulho.

— Vocês vão achar que eu sou louca — ela diz.

— O que é Jolly Roger, afinal? — Sam pergunta, pensando alto. — A bandeira dos

piratas?

— Sim — Sarah responde. — Como os Piratas de Paradise High. Quem é o velho quarterback que é uma das únicas pessoas fora do nosso grupo que sabe de tudo o que aconteceu na escola?

Eu arregalo meus olhos, encarando Sarah.

— Não pode ser.

— Sim, pode ser — ela responde. — Eu acho que JOLLYROGER182 é Mark James.

Capítulo três

— “ACREDITA-SE QUE MOGADORIANOS, JUNTAMENTE COM SEUS COMPARSAS corruptos da segurança nacional, travaram uma batalha no Novo México contra a heroica Garde” — Sam lê em voz alta. — “Minhas fontes acreditam que os mogadorianos foram forçados a recuar após seu líder ser ferido. A localidade do restante da Garde é desconhecida”.

— Ele está com o pote de ouro — Malcolm diz, se virando para mim. — Mas onde ele está conseguindo estas informações?

— Não faço ideia — respondo. — Não mantemos contato depois que saímos de Paradise.

Eu me inclino sobre o ombro de Sam para conferir a próxima história.

Estou perplexo com o tanto de informações que Mark James – ou quem quer que seja – postou no Eles Estão Entre Nós. Há detalhes da nossa batalha na base de Dulce, especulações sobre a batalha em Chicago, textos assustadores sobre como é a aparência dos mogadorianos e do que eles são capazes, e posts reunindo a humanidade para apoiar os lorienos. Há também artigos expondo tópicos que nunca considerei, mesmo alguns sobre quais os membros do governo dos EUA estão do lado dos mogadorianos.

Sam clica na postagem onde Mark acusa o secretário de defesa, um homem chamado Bud Sanderson, de usar sua influência política para pavimentar o caminho para uma invasão mogadoriana. Outro clique fornece outra postagem sobre Sanderson, uma com a manchete amigável secretário de defesa corrupto usa tratamentos genéticos mogadorianos.

Na postagem está anexada uma imagem de Sanderson de cinco anos atrás justaposta com uma dele de alguns meses atrás. Na primeira, Sanderson parece um homem abatido nos seus setenta anos – seu rosto com rugas, um queixo duplo e uma barriga caída. Na segunda, ele perdeu muito peso e tem um brilho saudável e uma cabeça cheia de cabelos brancos. É quase como se ele tivesse viajado no tempo. De fato, aposto que muitas pessoas diriam que a foto é um fake, como se a foto de Sanderson vinte anos atrás fosse uma montagem. Mas se você lê as palavras de Mark, alguma coisa definitivamente mudou no secretário de defesa – alguma coisa muito além de uma dieta e exercícios, ou até mesmo cirurgia plástica.

Sam balança a cabeça, sem acreditar.

— Como Mark possivelmente pode saber disso? Quero dizer, Sarah, você saiu com ele. Ele sabe ler, pelo menos?

— Sim, Sam — Sarah responde, revirando os olhos. — Mark sabe ler.

— Mas ele nunca, uh, foi de ver as notícias, né? Isso aqui é como o WikiLeaks.

— As pessoas tendem a mudar quando descobrem que alienígenas são reais — Sarah responde. — Me parece que ele está tentando ajudar.

— Não temos certeza de que é o Mark — eu digo, franzindo a testa.

Eu olho para Adam. Ele está quieto desde que começamos a explorar o site do Eles Estão Entre Nós, nos ouvindo com a mão apoiada no queixo, pensativo.

— Isso poderia ser algum tipo de armadilha? — pergunto para ele, imaginando que ele seja o melhor que pode responder.

— Claro que sim — ele responde sem hesitar. — Caso seja, é uma bastante elaborada. E, mesmo que seja para atrair vocês, acho muito difícil de acreditar que Setrákus Ra admitiria que foi carregado para fora da base de Dulce machucado.

— É verdade? — Malcolm pergunta. — O que ele escreveu sobre o secretário de defesa?

— Eu não sei — Adam responde. — Pode muito bem ser verdade.

— Eu vou mandar um e-mail para ele — Sarah anuncia, abrindo uma nova aba do navegador.

— Espera aí — Adam diz rapidamente, com mais educação do que quando ele bateu contra minha ideia de tentar resgatar os outros. — Se esse Mark realmente tem acesso a todas essas informações secretas — Sam ri nesse momento — meu povo vai estar com certeza monitorando todos os meios de comunicação — Adam conclui, levantando uma sobrancelha para Sam. Ele volta para Sarah. — Eles definitivamente estão monitorando seus e-mails também.

Sarah lentamente leva as mãos para longe do teclado.

— Você não pode fazer nada a respeito disso?

— Eu sei como o rastreamento cibernético deles funciona. Foi uma coisa em que eu... me destaquei durante o meu treinamento. Eu poderia escrever um código de criptografia, redirecionar o nosso endereço de IP através de servidores em diferentes cidades — Adam se vira para mim, como se ele quisesse pedir permissão — Porém eles vão desvendar. Teremos que sair deste lugar dentro de vinte e quatro horas para estarmos seguros.

— Faça — eu digo a ele. — Melhor assim, pelo menos continuaremos a nos mover.

Adam imediatamente começa a digitar comandos no notebook.

Sam esfrega as mãos e se inclina sobre o ombro de Adam.

— Você deveria redirecionar para os lugares mais loucos o possível. Faça com que eles pensem que Sarah está na Rússia ou coisa assim.

— Considere feito — Adam sorri.

Demora mais ou menos vinte minutos para Adam criar o código que vai redirecionar o endereço de IP para doze lugares distantes diferentes. Eu penso no sistema complexo que Henri tinha nos seus computares, e nos ainda mais complicados que Sandor criou em Chicago. Então imagino uma centena de mogadorianos, como Adam, debruçados sobre teclados, nos espreitando. Sempre pensei que éramos cheios de paranoias, mas ver o trabalho de Adam me faz finalmente perceber o quão necessário era.

— Uou! — Sarah diz, quando finalmente consegue abrir seu e-mail. A lista de mensagens em negrito que não foram lidas na caixa de entrada consiste em muitas mensagens de Mark James. — É realmente ele.

— Ou os mogs invadiram o e-mail dele — Sam sugere.

— Duvido — Adam responde. — Meu povo é minucioso, com certeza, mas isso parece... demais.

Eu olho para o assunto dos e-mails – muitos pontos de exclamação e letras maiúsculas. Alguns meses atrás a ideia de Mark James enchendo o e-mail da minha namorada de spams me deixaria louco, mas agora parece que nossa rivalidade é algo que aconteceu com outra pessoa, algo ocorrido em outra vida.

— Quando foi a última vez que você checou isto? — pergunto.

— Semanas atrás? Eu não me lembro, na verdade — Sarah responde. — Estive um pouco ocupada.

Ela abre o e-mail mais recente de Mark e todos nos examinamos o conteúdo:

> *Sarah–*
>
> *Eu não sei por que continuo a enviar estes e-mails. Parte de mim espera que você os esteja lendo, usando-os para ajudar os lorienos, e que não possa responder por sua segurança. Mas outra parte de mim se preocupa que você nem esteja por aí, de que você se foi. Eu me recuso a acreditar nisso, mas...*
>
> *Eu preciso ouvir isso de você.*

Pensei que eu tivesse uma pista sua no Novo México. Mas tudo o que encontrei lá foi uma base militar deserta. Pareceu-me que uma batalha enorme ocorreu lá. Muito maior do que a aconteceu em Paradise. Espero que vocês estejam salvos. Espero realmente que eu não seja o único que sobrou para lutar contra esses idiotas. Isso seria uma merda.

Um amigo meu arrumou uma casa segura para mim. Fora do campo de batalha. Um lugar onde podemos trabalhar e expor aquelas aberrações de pele pálida para o mundo. Se você puder entrar em contato, eu vou encontrar uma maneira de te enviar as coordenadas. Estamos trabalhando em algo grande. Algo internacional. Eu não sei nem o que fazer com isso.

Se você estiver lendo isso, se ainda estiver em contato com John, agora seria uma ótima hora para vocês aparecerem. Preciso da ajuda de vocês.

– Mark

Sarah se vira para mim, seus olhos arregalados com uma paixão repentina, o rosto com uma expressão de determinação – eu já vi esse olhar antes, conheço bem. É o olhar que ela sempre me dá antes de dizer que quer fazer alguma coisa perigosa.

Sem mesmo ela dizer nada, eu já sei que Sarah quer encontrar Mark James.

O relógio do painel marca 7:45. Temos quinze minutos antes de o ônibus para o Alabama sair.

Eu tenho quinze minutos restantes com Sarah Hart.

Quinze minutos foi mais ou menos o tempo que levou para Adam criptografar o e-mail de Sarah para evitar os hackers mogadorianos. Ela enviou uma pequena mensagem para Mark, que respondeu quase que imediatamente com um endereço de um restaurante em Huntsville. Ele disse para Sarah que vai vigiar o lugar pelos próximos dias e, se ela fosse realmente a Sarah Hart, ele a pegaria lá e a levaria para seu esconderijo. Pelo menos Mark está sendo cuidadoso, penso. Isso me dá a confiança que Sarah estará segura. Depois da breve comunicação, Adam imediatamente apagou as duas contas de e-mail utilizadas da internet.

Agora, estamos aqui.

Estamos estacionados na frente do terminal de ônibus de Baltimore, o lugar está movimentado mesmo estando perto do pôr do sol. Estou atrás do volante, Sarah está sentada no banco de passageiro ao meu lado. Estamos aqui dentro, sendo apenas dois adolescentes sentados em um carro barato, no meio de uma despedida.

— Eu ainda estou esperando pela parte onde você tenta me convencer a não ir — Sarah diz, com seu sorriso triste. — Você diria que é perigoso demais, discutiríamos, você perderia e eu acabaria indo de qualquer forma.

— É perigoso — eu respondo, me virando para que eu possa ver o rosto dela — e eu não quero que você vá.

— É bem isso.

Ela segura minha mão, cruzando seus dedos com os meus. Com minha outra mão, eu passo meus dedos em seus cabelos, deixando-os descansar gentilmente atrás de seu pescoço. Eu a trago para mais perto de mim.

— Mas não é mais perigoso do que ficar aqui comigo — eu termino.

— Esse é o John superprotetor que eu conheço e amo — ela responde.

— Eu não sou... — eu começo a protestar, mas eu me interrompo quando vejo o sorriso

provocador que está no rosto dela.

— Essas despedidas nunca se tornam mais fáceis, né? — Eu balanço a cabeça.

— Não. Elas realmente nunca ficam mais fáceis.

Ficamos em silêncio, apertando a mão um do outro, observando os minutos no relógio do painel passarem devagar.

De volta a fabrica têxtil, não tivemos que ter uma grande discussão sobre Sarah ir encontrar Mark James. Todos pareceram concordar que era a coisa certa a se fazer. Se Mark realmente conseguiu adquirir informações cruciais sobre os mogadorianos, e se estava arriscando sua vida para nos ajudar, então precisávamos retribuir o favor. Mas o resto da Garde ainda estava desaparecida. E o plano do Adam para invadir a fortaleza mogadoriana de DC me parece cada vez mais a coisa certa a fazer, uma invasão necessária para juntar informações e mostrar para aqueles mogs que ainda estamos na guerra.

Há muitas coisas acontecendo conosco para colocarmos toda nossa confiança e recursos apenas em Mark.

Sarah se voluntariou.

Claro, mandá-la sozinha para uma missão potencialmente perigosa envolvendo o seu ex-namorado não era exatamente minha ideia favorita. Mas não posso evitar a sensação de que o futuro que presenciei na visão de Ella está se aproximando. Precisamos de toda a ajuda que conseguirmos. Se houver a mínima possibilidade de que enviar Sarah para o Alabama possa nos ajudar a vencer a guerra, essa chance tem que ser agarrada, ignorando meus sentimentos de egoísmo.

E, de qualquer maneira, ela não estará totalmente sozinha nessa viagem. No banco de trás, Bernie Kosar está de pé, com as patas contra a janela fechada, o rabo abanando furiosamente enquanto ele observa as pessoas entrarem e saírem da estação. Meu velho amigo pareceu bem esgotado após a batalha em Chicago, mas a sua energia voltou quando pegamos a estrada. Uma vez, em Paradise, ele foi meu protetor. Agora ele fará o mesmo por Sarah.

— Eu não quero que você pense em mim como sua namorada agora — Sarah diz rompendo o silêncio, totalmente recomposta.

Eu me inclino de volta, olhando para ela.

— Isso vai ser difícil para mim.

— Quero que você pense em mim como um soldado — ela persiste. — Um soldado nesta guerra que está fazendo o que precisa ser feito. Eu não tenho certeza do que vou encontrar quando chegar no sul, mas tenho esta estranha sensação de que poderei te ajudar melhor de lá. E pelo menos, quando as batalhas chegarem, eu não vou estar por perto para te atrasar.

— Você não me atrasa — eu insisto, mas Sarah movimenta as mãos me ignorando.

— Está tudo bem, John. Eu quero estar com você. Eu quero ver que você está bem, quero ver você ganhar. Mas não são todos os soldados que podem ficar na linha de frente, entende? Alguns são melhores quando estão longe da ação.

— Sarah...

— Eu tenho um celular — ela continua, apontando para a mochila aos seus pés. Dentro ela tem a disposição um celular que Malcolm comprou, junto com algumas trocas de roupas e uma arma. — Eu vou checá-lo a cada oito horas. Mas se eu não conseguir, você tem que seguir em frente, tem que continuar.

Eu sei o que ela está tentando fazer. Sarah não me quer correndo para o Alabama se ela se esquecer de fazer uma das checagens. Ela quer que eu mantenha minha mente no jogo. Talvez ela tenha razão – de que nós estamos perto do fim desta luta, ou pelo menos estamos dando um

passo sem retorno.

Sarah olha para meus olhos.

— Isso é muito maior que nós, John.

— Maior que nós — eu repito, sabendo que é verdade e querendo lutar contra.

Eu não quero perdê-la, e não quero dizer adeus. Mas eu tenho.

Olho para nossas mãos unidas e me lembro de quão simples as coisas eram, pelo menos naquele tempo, quando nos mudamos para Paradise.

— Você sabia que, a primeira vez que minha telecinese se manifestou foi durante o jantar de Ação de Graças na sua casa?

— Você nunca me disse isso — Sarah responde, franzindo as sobrancelhas, incerta por qual motivo estou ficando sentimental de repente. — A comida da minha mãe te inspirou?

Eu sorrio.

— Eu não sei. Talvez. Mas aquela foi a mesma noite em que Henri foi até a casa onde trabalhava a equipe original do Eles Estão Entre Nós, junto com os mogadorianos que os estavam usando. Depois, ele queria deixar Paradise, e eu recusei. Na verdade, eu não apenas recusei, como usei minha telecinese para pressioná-lo contra o teto.

— Parece muito o seu tipo — Sarah diz, mexendo a cabeça e sorrindo. — Teimoso.

— Eu disse a ele que não poderia voltar a viver fugindo. Não depois de Paradise. E de você.

— Oh, John... — Sarah põe sua testa contra meu peito.

— Eu costumava pensar que não valeria a pena lutar essa guerra se eu não pudesse estar ao seu lado — falo para ela, gentilmente levantando seu queixo. — Mas agora, depois de tudo o que aconteceu, depois de tudo que vi, percebo que estou lutando pelo futuro. Nosso futuro.

O relógio no painel está agora incrivelmente imperceptível aos meus olhos. Faltam apenas cinco minutos. Eu foco em Sarah, desejando ter um Legado que eu pudesse congelar o tempo, ou guardar este momento. Lágrimas escorrem nas bochechas dela, e eu as limpo com meus dedos. Ela põe sua mão sobre a minha, apertando forte, e eu posso dizer que ela está tentando se conter. Ela respira fundo, e luta contra mais lágrimas.

— Eu tenho que ir, John.

— Eu confio em você — eu sussurro urgentemente. — Não só em encontrar Mark. Se as coisas ficarem ruins, eu confio em você se manter viva. Eu confio em você voltar viva para mim.

Sarah agarra minha camisa e me puxa. Eu sinto suas lágrimas no meu peito. Eu tento esquecer tudo – meus amigos desaparecidos, a guerra, ela me deixando – e apenas vivo o momento enquanto nos beijamos. Eu queria poder voltar para Paradise com ela, não nessa situação, mas na de meses atrás – nos encontrando escondidos no meu quarto enquanto Henri fazia as compras, roubando olhares durante as aulas, a vida fácil e normal. Mas aquilo acabou. Não somos mais crianças. Somos guerreiros – soldados – e temos que agir de tal forma.

Sarah se afasta de mim, e com um movimento rápido, não querendo arrastar esse momento doloroso por mais tempo, ela abre a porta e sai da van.

Ela coloca a mochila nos ombros e assobia.

— Vamos, Bernie Kosar!

BK pula para o acento dianteiro, olhando para mim, como se estivesse se perguntando por que eu não estou saindo da van também. Eu me aproximo de sua orelha boa e ele solta um latido de lamentação.

Mantenha-a salva, eu digo a ele por zoopatia.

BK põe ambas as patas dianteiras no meu colo e lambe meu rosto. Sarah ri.

— Quantos beijos — ela diz enquanto Bernie pula da van.

Sarah coloca sua coleira.

— Isso não é um adeus — eu digo. — Não de verdade.

— Você está certo — ela responde, seu sorriso ficando trêmulo, com uma nota de incerteza em sua voz. — Vejo você logo, John Smith. Se cuide.

— Vejo você em breve. Eu te amo, Sarah Hart.

— Eu te amo também.

Sarah se vira, correndo para a porta da frente do terminal, Bernie Kosar trotando aos seus calcanhares. Ela olha para mim uma vez antes de desaparecer pela porta, e eu aceno.

E então ela se foi – para dentro do terminal e eventualmente para algum lugar secreto no Alabama, procurando pela ajuda que pode nos fazer ganhar esta guerra.

Eu tenho que me impedir de correr atrás dela, então ponho as mãos no volante e vejo que meus dedos estão brancos. Muito brancos – meu Lúmen se ativou inesperadamente, minhas mãos brilham. Eu não havia perdido o controle desde... bem, desde Paradise. Eu respiro fundo e me forço a acalmar, olhando ao redor, para ter certeza de que ninguém na rodoviária notou. Eu ligo a chave da ignição, dou vida à van, e saio do estacionamento.

Eu sinto a falta dela. Já sinto a falta dela.

Eu dirijo de volta para o bairro pobre de Baltimore, onde Sam, Malcolm e Adam estão esperando por mim, planejando nossa invasão. Eu sei onde estou indo e o que estou fazendo, mas ainda me sinto a deriva. Eu me lembro do momento com Adam, no destruído John Hancock Center, de quando eu quase caí da janela. Aquela sensação de vazio atrás de mim, da oscilação perto da borda, e é como eu me sinto agora.

Mas então eu imagino as mãos de Sarah me puxando para longe do espaço vazio. Imagino que será assim que eu me sentirei da próxima vez que nos encontrarmos, que será assim com Setrákus Ra aniquilado e com os mogadorianos derrotados e mandados de volta para o espaço vazio e frio. Eu imagino o futuro e sorrio tristemente. Há apenas uma maneira de fazer isso acontecer.

É hora de lutar.

Capítulo quatro

NÓS MARCHAMOS PELA ESCURIDÃO, DESCENDO UMA ESTRADA enlameada que serpenteia para fora do pântano, o barulho de nossos tênis encharcados no chão e o incessante chilrear dos insetos são os únicos sons que nos acompanham. Nós passamos por solitário poste de madeira inclinado, quase completamente caído, as luzes da rua apagadas, fios de energia afundando em árvores altas demais, desaparecendo dentro delas. Esse é um sinal bem-vindo de pessoas depois de dois dias gastos no pântano, dormindo mal, ficando invisível ao menor barulho, me arrastando através da sujeira.

Foi o Cinco quem nos levou ao pântano. Ele conhecia o caminho, é claro. Era sua emboscada. Nós não tínhamos tempo para encontrar uma saída fácil dali. Não era como se pudéssemos voltar no carro que dirigimos até aqui, de qualquer forma. Os mogs definitivamente estariam vigiando-o.

A alguns passos à frente, Nove bate em sua nuca, esmagando um mosquito. Com o som, Marina recua, e a aura de frio que ela emana desde sua batalha com Cinco se intensificou momentaneamente. Não estou certa se ela está tendo problemas para controlar seu novo Legado ou se está intencionalmente esfriando o ar ao nosso redor. Considerando quão úmidos os pântanos da Flórida são, acho que não é tão ruim ter um ar-condicionado portátil.

— Você está bem? — pergunto a ela baixinho, não querendo que Nove ouça, mesmo sabendo que isso é impossível com a superaudição dele.

Ela não falou com Nove desde que Oito foi morto, e mal tinha falado comigo. Marina olha para mim, mas na escuridão não posso ler sua expressão.

— O que você acha? — ela pergunta.

Aperto seus braços e sinto sua pele fria ao toque.

— Nós vamos pegá-los — digo a ela. Não sou muito boa nesse estilo de liderança, isso é o que John faz, então eu fico na minha. — Nós vamos matar todos eles. Ele não terá morrido em vão.

— Ele não deveria ter morrido — ela responde. — Nós não deveríamos tê-lo deixado lá. Agora eles o têm, farão coisas com o corpo dele que só Deus sabe.

— Nós não tivemos escolha — eu me oponho, sabendo que é verdade.

Depois da derrota, nós sofremos nas mãos de Cinco, não estávamos em forma para lutar contra um batalhão de mogadorianos apoiados por suas naves.

Marina balança sua cabeça e fica em silêncio.

— Sabe, eu costumava querer que Sandor me levasse para acampar — Nove diz de algum lugar, olhando para nós por cima dos ombros. — Eu odiava viver numa cobertura confortável. Mas cara, depois disso? Eu meio que senti falta de lá.

Marina e eu não respondemos. Esse é o jeito que ele vem falando desde a batalha com Cinco – essas anedotas forçadas sobre nada, estranhamente otimistas, como se nada sério acontecesse fora daqui. Quando ele não está divagando, Nove criou o hábito de caminhar a nossa frente, usando sua velocidade para colocar alguma distância entre nós. Quando o alcançamos, ele já capturou algum animal, normalmente uma cobra, e o está cozinhando em uma pequena fogueira que ele construiu em um pedaço de terra seca. É como se ele fingisse que estamos acampando. Eu não sou enjoada; eu comeria qualquer coisa que Nove capturasse. Marina nunca come, no entanto. Eu não acho que as criaturas assadas do pântano a incomodem tanto quanto o fato de que foi Nove que as caçou. Ela deve estar com fome, mais do que eu e o Nove.

Depois de mais um quilômetro e meio, vejo uma estrada um pouco mais plana e melhor para se viajar. Posso ver luz mais adiante. Logo o som incessante dos insetos desaparece, dando lugar a algo igualmente irritante.

Música country.

Eu não chamaria exatamente esse lugar de cidade. Tenho certeza de que não apareceria num mapa mais detalhado. Parece mais um acampamento em que as pessoas se esqueceram de ir embora. Ou talvez um lugar em que os caçadores vêm para escapar de suas esposas, eu acho, percebendo uma superlotação de picapes no estacionamento de cascalho.

Há dúzias de barracas rudimentares espalhadas por esse trecho de encosta do pântano, todos eles praticamente indistinguíveis de banheiros públicos. As cabanas consistem em basicamente alguns pedaços de madeira compensada pregados as pressas, e parece que uma brisa leve poderia derrubá-las. Acho que quando você está construindo à beira do pântano na Flórida, não há uma razão para colocar muito esforço nisso.

Penduradas entre as barracas, iluminando esta pequena vista sombria, há sequencias de luzes de natal e algumas lâmpadas à gás. Além das barracas, onde o terreno afunda novamente para o solo pantanoso, há uma frágil doca com alguns barcos amarrados.

A fonte da música – o centro dessa "cidade" – e a única estrutura sólida construída aqui é o Trapper's, um bar de aparência suja, alojado em uma cabana, o nome orgulhosamente exibido no telhado em verde neon. Uma fileira de jacarés empalhados margeia a varanda de madeira do bar, suas mandíbulas abertas. Lá dentro, mais alto que a música, posso ouvir homens gritando e bolas de bilhar batendo.

— Tudo bem — Nove diz, batendo palmas. — Wste é o meu tipo de lugar.

O lugar me lembra dos bares solitários que eu costumava ficar quando estava sozinha em fuga, lugares onde se torna fácil reconhecer mogadorianos.

Ainda assim, percebo um homem de meia idade magricela, que tinha uma tainha e uma regata, olhando para nós, fumando nas sombras da varanda. Eu me pergunto se deveríamos encontrar um local mais seguro para nós. Mas Nove já está na metade do caminho das escadas de madeira, Marina logo atrás dele, e então eu os sigo. Felizmente esse lugar possuí um telefone, então podemos ao menos entrar em contato com os outros em Chicago.

Checar como estão John e Ella – espero que melhor de alguma forma, especialmente agora que o prisma que Cinco afirmava ter em sua Arca era um monte de mentira. Nós temos que avisar os outros sobre ele. Quem sabe que informações ele pode estar passando para os mogadorianos?

Quando passamos pelas portas do Trapper's, a música não parou como ocorrem em filmes, mas todos no bar viraram suas cabeças para nós, quase em uníssono. O lugar é apertado, nada mais além do bar, a mesa de sinuca e alguns móveis de jardim. Cheira a suor, querosene e álcool.

— Êeta rapaz! — alguém diz, assoviando alto.

Logo percebi que Marina e eu somos as únicas mulheres no bar. Talvez sejamos as únicas a pôr os pés no Trapper's. Os bêbados olhando para nós variam de gordos a extremamente magros, todos vestidos com camisas xadrez abertas até a metade e manchadas de suor, algum deles olhando de maneira maligna, outros alisando as compridas barbas malcuidadas.

Um rapaz com uma camisa de heavy-metal rasgada e com o lábio inferior rachado de tanto mascar tabaco se afasta da mesa de sinuca para se aproximar de Marina.

— Essa deve ser minha noite de sorte — o cara diz. — Graças a vocês, garotas.

O resto das cantadas foi para os ares, pois no momento em que ele tenta deslizar seus

braços entorno de Marina, ela agarra os pulsos dele brutamente.

Posso ouvir a água no braço dele congelar, e um segundo depois o cara chorando, enquanto Marina torce o braço dele em nas costas.

— Não se aproxime de mim — diz ela em tom imperativo, alto o bastante para todo o bar saber que o aviso não foi só para o idiota de braço quebrado.

Agora, todo o local fica realmente silencioso. Eu noto um cara deixar a garrafa de cerveja cair de sua mão, ele a estava segurando pelo pescoço. Um par de rapazes musculosos atrás de uma mesa de troca olhares e se levanta, nos observando com extremo interesse. Por um momento, achei que todo o bar iria investir contra nós. Isso não terminaria bem para eles, e tentei comunicar isso a eles com meu olhar. Nove, que com sua massa de cabelos negros e rosto sujo se prepara, estalando os nós dos dedos e mexendo sua cabeça para trás e para frente, observando a multidão.

Finalmente, um dos outros caipiras da mesa de sinuca grita:

— Mike, seu idiota, peça desculpas e dê o fora daqui! É sua última chance!

— Desculpe-me — Mike choraminga para Marina, seu braço ficando azul onde é segurado por ele.

Ela o empurra para longe e ele volta para os amigos, esfregando o braço e evitando olhar para nós.

Com isso, a tensão é quebrada. Todos voltaram para o que estavam fazendo, o que na maioria significa beber cerveja. Eu imagino que cenas similares – pequenas brigas, encaradas, ou um esfaqueamento ou dois devam acontecer no Trapper’s o tempo todo. Não é grande coisa. Como imaginei, esse é um daqueles lugares em que ninguém faz nenhuma pergunta.

— Mantenha-se sob controle — digo a Marina enquanto andamos pelo bar.

— Estou no controle — ela responde.

— Não é isso o que parece.

Nove alcança o balcão um passo a nossa frente, abrindo caminho entre dois homens corcundas e batendo na superfície de madeira lascada.

O barman, que parece apenas um pouco mais alerta e mais calmo do que os seus clientes, provavelmente porque ele está vestindo um avental, olha para nós com desaprovação.

— Vocês deveriam saber que tenho uma espingarda debaixo do balcão, eu não quero mais problemas — nos avisa.

Nove sorri para ele.

— Tá tudo bem, cara. Você tem alguma coisa para comermos ai? Estamos morrendo de fome.

— Eu posso fritar alguns hambúrgueres — ele responde depois de pensar um por um momento.

— Não é carne de gambá ou algo assim, é? — Nove diz segurando as mãos. — Esquece, não quero saber. Três dos seus melhores, meu homem.

Eu me inclino e pergunto ao barman antes dele se retirar para a cozinha

— Você tem um telefone?

Ele aponta o dedo para um canto escuro do bar, onde posso ver um orelhão pendurado na parede.

— Você pode tentar aquele. Ele funciona às vezes.

— Parece que tudo aqui funciona às vezes — Nove murmura, olhando para a TV, debruçado sobre o bar. A recepção da TV é ruim, e um informativo de notícias foi tragado pela estática.

Quando o barman desaparece para dentro da cozinha, Marina se senta em um banco ao lado de Nove. Ela evita contato visual, focada na TV. Entretanto, Nove tamborila suas mãos no balcão, olhando ao entorno, quase esperando que um dos bêbados viesse falar com ele. Eu nunca me senti tanto como uma babá quanto agora.

— Vou tentar ligar para Chicago — digo a eles.

Antes que eu possa ir, o homem que estava fumando do lado de fora do bar se espreme num espaço perto de mim. Ele abre um sorriso que deveria seria encantador, exceto pelo fato de não ter alguns dentes, e isso não chega perto da aparência dos olhos, que parecem selvagens e desesperados.

— Hey, doçura — ele diz, obviamente tendo perdido a demonstração de Marina sobre o que acontece quando bêbados nos flertam. — Me pague uma bebida que eu te conto minha historia. É assustadora.

— Fique longe de mim.

Eu o encaro.

O barman retorna da cozinha, o cheiro de carne cozinhando vindo com ele, fazendo meu estômago roncar. Ele nota o cara magro próximo a mim e imediatamente coloca o dedo no rosto dele.

— Pensei ter dito para não voltar aqui a menos que tenha dinheiro, Dale — o barman grunhe. — Saía, já.

Ignorando o Barman, Dale me lança um ultimo olhar suplicante. Vendo que eu não me comoveria, ele se esquiva para outros clientes para conseguir uma bebida.

Eu balanço a cabeça e respiro fundo; tenho que sair deste lugar, preciso de um banho e preciso bater em alguma coisa. Estou tentando ficar calma, tentando ser racional, considerando que minhas companhias não estão lá muito estáveis, estou com raiva. Estou furiosa. Cinco me nocauteou, praticamente apagou minha mente. Enquanto eu estava apagada todo o mundo mudou. Eu sei que não poderia ter previsto isso – nunca esperaria que um de nós se tornasse um traidor, mesmo um louco como o Cinco. Ainda sim, não consigo evitar, mas sinto que teria sido diferente se tivesse mantido minha guarda erguida. Se eu tivesse sido rápida o bastante para defender aquele primeiro soco, talvez Oito ainda estivesse vivo. Eu nem mesmo tive a chance de lutar e isso me faz sentir enganada e inútil. Guardo essa raiva para a próxima vez que eu ver um mogadoriano.

— Seis — Marina diz, sua voz de repente fica frágil, não tão distante ou fria. — Olhe isso.

A TV por trás do balcão, começa a transmitir alguma coisa, e agora há um noticiário claramente visível. Nele há um repórter em frente a uma linha de isolamento da policia, com o John Hancock Center ao fundo.

— Mas que porcaria é essa? — digo segurando minha respiração.

O telhado balança com o trovão do lado de fora. Isso fui eu, extravasando a raiva.

O noticiário muda para um repórter nos últimos andares do John Hancock Center que está em chamas.

— Isso não pode estar acontecendo — Marina diz, com seus olhos na tela, depois olhando pra mim esperando uma confirmação de que é apenas uma piada.

Eu estava tentando ser a estável, mas não consigo achar nada reconfortante para dizer. O barman estala sua língua, assistindo a TV também.

— Loucura né? Terroristas malucos.

Eu o seguro através do balcão agarrando seu avental, antes que ele pegue sua espingarda.

— Quando isso aconteceu?

— Caramba, garota — o barman diz, percebendo algo em meu olhar que faz pensar se deve ou não tentar lutar. — Eu não sei, dois dias atrás? Isso está em todos os noticiários. Onde diabos você estava?

— Sendo aniquilada por um idiota — murmuro empurrando-o.

Tento me recompor, tento vencer o pânico. Nove está completamente calado desde que viu a notícia. Quando o observo, sua expressão esta completamente vazia. Ele observa a televisão, assistindo sua cobertura luxuosa queimar completamente, sua boca abre um pouco, seu corpo completamente rígido. Ele parece estar se desligando, como se seu cérebro não pudesse processar essa ultima bomba.

— Nove... — eu começo, mas minha voz falha.

Sem dar uma palavra para mim ou Marina ele gira e se dirige para porta. Um dos jogadores de sinuca não foi rápido o bastante para sair do caminho de Nove e é jogado no chão.

Confiando que Marina não vai congelar ninguém na minha ausência, vou atrás de Nove. Quando estou na varanda do Trapper's, Nove já está no meio do estacionamento, seguindo para a estrada de cascalho.

— Onde você está indo? — grito atrás dele pulando a grade da varanda e correndo para alcançá-lo.

— Chicago — ele responde sem rodeios.

— Você vai para Chicago andando? — pergunto. — É esse o seu plano?

— Bom palpite — ele responde, ainda andando. — Eu roubo um carro. Vocês vêm comigo ou o que?

— Deixe de ser um idiota! — eu o repreendo, e quando ele não para, eu o alcanço com minha telecinesia e o agarro. Eu o giro o fazendo olhar para mim, seus calcanhares pressionados contra o cascalho enquanto ele tenta lutar.

— Me deixe ir, Seis — ele grunhe. — Me deixe ir agora.

— Pare e pense um momento — eu insisto, percebendo que não estou tentando convencer a Nove, e sim a mim mesma.

Minhas unhas cravam na palma da minha mão, não tenho certeza se isso me dá concentração para impedir Nove com minha telecinesia ou me esforçando para manter firme.

No telhado do John Hancock Center, eu disse a Sam que enquanto estivéssemos em guerra, haveria vítimas. Pensei que estava preparada para isso, mas perder Oito, e agora perder os outros em Chicago, não, eu não posso suportar isso. Essa não pode ter sido minha ultima conversa com Sam. Não pode.

— Eles não devem estar mais em Chicago — continuo. — Eles já devem ter fugido. É o que fazemos. E sabemos que John ainda está vivo ou teríamos outra cicatriz. Ele tem o tablet. Ele tem as Arcas. Eles têm mais chance de nos achar, do que nós a eles.

— Uh, a última vez que vi John ele estava em coma. Ele não está apto para encontrar ninguém.

— Uma explosão de um prédio costuma a acordar pessoas — eu rebato. — Ele acordou. Nós saberíamos se ele não tivesse.

Depois de um momento, Nove assente relutantemente.

— Tudo bem, tudo bem, pode me largar.

Eu o solto. Ele desvia o olhar imediatamente, olhando para a escuridão na estrada, seus largos ombros caídos.

— Sinto como se estivéssemos ferrados, Seis — Nove diz com voz rouca. — Como se já

tivéssemos perdido e ninguém ao nosso redor quisesse nos contar.

Eu caminho perto dele e coloco minha mão em seus ombros. De costas para o Trapper's, eu não posso ver o rosto de Nove direito, mas estou certa de que seus olhos estão cheios de lágrimas.

— Besteira — retruco. — Nós não perdemos.

— Diga isso para o Oito.

— Qual é, Nove.

Nove passa ambas as mãos em seus cabelos negros e emaranhados, quase como se quisesse arrancá-los. Então ele coloca as mãos no rosto, esfregando-o.

Quando tira as mãos do rosto, posso dizer que ele estava tentando ser forte.

— Foi minha culpa — ele continua. — Eu o matei.

— Isso não é verdade.

— É sim. Cinco chutou minha bunda e eu não pude evitar. Tive que continuar falando, tinha que mostrar a ele. Deveria ter sido eu. Você sabe; eu sei; e tenho toda certeza de que Marina também.

Tiro as mãos dos ombros dele e dou um soco em sua mandíbula.

— Ow! Droga! — ele uiva, cambaleando para longe de mim, quase caindo no cascalho. — Mas que droga foi essa?

— É isso que você quer? — pergunto, caminhando em direção a ele com os punhos cerrados e preparados. — Quer que eu chute sua bunda um pouco mais? Punir você pelo que aconteceu com Oito?

Nove levanta as mãos em rendição.

— Pode parar, Seis.

— Não foi sua culpa — digo a ele, abrindo os punhos e espetando-lhe o peito com força. — Cinco matou Oito, não você. E os mogs pagarão por isso, ok?

— Sim, entendi — Nove responde, contudo não estou certa se ele realmente entendeu ou se ele apenas quer que eu pare de atacá-lo.

— Bom, agora chega de lamentações. Temos que descobrir o que fazer agora.

— Eu já descobri — Marina entra na conversa.

Eu estava tão focada colocando razão na cabeça de Nove que nem a ouvi se aproximar. E muito menos Nove, devido à expressão de vergonha em seu rosto e desejando saber o quanto daquilo ela ouviu.

Mas no momento Marina não parece preocupada com o momento meloso de Nove. Está muito ocupada arrastando o cara do bar, Dale, o que tentou trocar sua incrível história por uma cerveja comigo. Marina o conduz ao estacionamento em nossa direção, segurando sua orelha como uma professora cruel escoltando um delinquente para a sala do diretor. Eu noto uma cobertura de gelo se formar no rosto de Dale.

— Marina, solte-o — falo.

Ela concorda, lançando Dale a sua frente, onde ele tropeça e acaba caindo de joelhos no cascalho a minha frente. Dou uma olhada nela – eu entendo de onde toda aquela raiva vem – e não gosto disso. Marina me ignora.

— Conte a eles o que me disse — Marina ordena a Dale. — Sua espetacular história.

Dale olha para nos três, ansioso para agradar, mas ainda aterrorizado, provavelmente pensando que vamos matá-lo se não nos escutar.

— Há uma velha base da NASA no pântano. Foi desativada nos anos oitenta, quando o pântano começou a subir — Dale começa hesitante, esfregando seu rosto tentando aquecê-lo. —

Eu fui lá algumas vezes, procurando algo que pudesse vender. Normalmente, é deserto. Mas na noite passada, cara, eu juro eu vi OVNIs flutuando por lá. Caras assustadores que não pareciam humanos com armas que eu nunca havia visto guardando o lugar. Vocês não são como eles, são?

— Não — respondo. — Com toda certeza não somos.

— Dale se voluntariou para nos mostrar o caminho — Marina diz, cutucando-o com a ponta do tênis.

Ele engole em seco e, em seguida, acena com entusiasmo.

— Não é longe — ele diz. — Algumas horas depois do pântano.

— Nós gastamos dois dias caminhando no pântano para conseguir sair dele — Nove diz. — Agora você tá me dizendo que temos que voltar?

— Eles o têm — Marina sibila, apontando para a escuridão. — Vocês ouviram a história do Malcolm sobre o que fizeram com a Número Um. Eles roubaram os Legados dela.

Dou a Marina um olhar cerrado. Mesmo que a maior parte não faça sentido para ele, Dale continua ouvindo atentamente nossa conversa.

— Deveríamos mesmo estar falando sobre isso aqui?

Marina bufa.

— Está preocupada com Dale, Seis? Eles estão nos matando e explodindo nossos amigos. Manter segredos com esse bêbado é a menor de nossas preocupações.

Dale levanta sua mão.

— Eu juro, não vou contar nada disso... sobre o que quer que seja que estejam falando.

— E sobre Chicago? — Nove pergunta. — E os outros?

Marina lança um rápido olhar a Nove. Ela mantém seus olhos em mim quando ela responde.

— Vocês sabem, estou preocupada com eles. Mas não sabemos onde John e os outros estão, Seis. Nós sabemos onde o Oito está. E não estou em circunstâncias de deixar aqueles bastardos doentes com ele.

O jeito que ela disse isso, sei que não tenho como convencê-la do contrário. Se não formos com ela, ela irá sozinha. Isso não merece sequer uma consideração. Estou prevendo uma briga, e das feias. E se há uma chance do corpo de Oito estar lá – nas garras dos mogs ainda na Flórida, talvez com Cinco – então nós temos que ao menos tentar recuperar. Não deixar nenhum Garde para trás.

— Dale — eu digo — espero que tenha um barco para nos emprestar.

Capítulo cinco

O PEDAÇO DE CARNE QUE ESTÁ NA MINHA FRENTE PARECE UM pedaço encharcado de peixe cru, com exceção que é desprovido de qualquer textura. Eu o furo com meu garfo e o pedaço de carne se mexe como uma gelatina. Ou talvez algo ainda esteja vivo e está tentando escapar, esses tremores não apetitosos de algo tentando se mover lentamente no meu prato. Se eu desviar o olhar, eu me pergunto se a coisa vai tentar rastejar e sair por uma das entradas de ar.

Eu quero vomitar.

— Coma — Setrákus Ra comanda.

Ele se chamou de meu avô. Esse pensamento me causa mais náuseas do que a comida. Eu não quero acreditar nele. Isso poderia ser mais uma visão, algum jogo louco com intenção de me atingir.

Mas por que passar por todos esses problemas? Por que me trazer aqui? Por que simplesmente não me matar?

Setrákus Ra está sentado de frente para mim, do outro lado da enorme mesa de banquete ridícula que parece ter sido feita de lava. Sua cadeira parece um trono, feita da mesma pedra escura da mesa, mas definitivamente não é grande o suficiente para acomodar o mamute guerreiro que lutamos na base de Dulce. Não, em algum ponto quando eu não estava olhando, Setrákus Ra encolheu para um tamanho mais razoável para que ele pudesse se sentar confortavelmente na frente de seu prato da culinária mogadoriana.

Essa capacidade de mudança de tamanho dele poderia ser um Legado? Realmente se parece muito com minha habilidade de alterar minha idade.

— Você tem perguntas — Setrákus Ra comenta, me observando.

— O que é você? — eu disparo.

Ele levanta a cabeça.

— O que você quer dizer, criança?

— Você é um mogadoriano — eu digo, tentando não parecer tão frenética. — Eu sou uma loriena. Não podemos ter parentesco.

— Ah, uma ideia muito simples. Humanos, lorienos e mogadorianos, estas são apenas palavras, querida. Rótulos. Séculos atrás, minhas experiências provaram que nossa genética poderia ser mudada. Elas poderiam ser melhoradas. Nós não precisávamos esperar Lorien nos dar Legados. Nós poderíamos tê-los quando precisássemos, utilizando-os como qualquer outro recurso.

— Por que você continua dizendo nós? — eu pergunto, minha voz trêmula. — Você não é um de nós.

Setrákus Ra esboça um pequeno sorriso.

— Eu já fui lorieno. O décimo Ancião. Até o momento em que fui expulso. Então me tornei o que você vê na sua frente, os poderes de um Garde combinados com a força de um mogadoriano. Uma melhoria evolutiva.

Minhas pernas estão tremendo embaixo da mesa. Eu mal ouvi depois da menção da palavra Ancião. Eu me lembro da carta de Crayton. Ele disse que meu pai era obcecado com o fato de que nossa família uma vez possuía um Ancião. Poderia ser Setrákus Ra?

— Você está louco — eu digo. — E é um mentiroso.

— Eu não sou nenhum dos dois — ele responde, paciente. — Eu sou realista. Um

futurista. Eu alterei minha genética para me tornar como eles, para que eles me aceitassem. Como retorno à fidelidade deles, eu ajudei a população de Mogadore crescer. Eu os trouxe de volta da beira da extinção. Me juntar aos mogadorianos me deu uma chance de continuar meus experimentos que tanto aterrorizaram os lorienos. Agora, meu trabalho está quase acabado. Logo, toda vida no universo – mogadoriana, humana, e até mesmo o que sobrar dos lorienos – será melhorada com a minha gentil ajuda.

— Você não melhorou a vida em Lorien — eu retruco. — Você matou todos eles.

— Eles se opuseram ao progresso — Setrákus Ra argumenta, como se a morte de um planeta inteiro significasse nada.

— Você é doente.

Eu não tenho medo de retrucar para ele. Sei que ele não vai me machucar – não ainda, pelo menos. Ele é muito ganancioso para isso, está louco para converter outro lorieno para a causa. Ele quer que as coisas sejam como no meu pesadelo. Desde que eu acordei aqui, ele colocou uma equipe de mogadorianas para me atender. Elas me vestiram nesse vestido formal longo, preto, muito parecido com o que eu usava na visão. Ele pinica demais, e eu tenho que ficar puxando o decote.

Eu fico olhando para seu rosto hediondo, me odiando por tentar encontrar alguma semelhança. Sua cabeça é pálida, coberta com tatuagens mogadorianas, seus olhos são vazios e pretos, como o dos outros mogs, e os dentes são iguais aos de um tubarão. Se eu olhar muito bem, quase posso ver características líricas nele, como uma arquitetura original enterrada abaixo da palidez de uma arte mogadoriana.

Setrákus Ra olha de sua comida para mim, observando meu estudo.

Encará-lo frente a frente me arrepia e eu sou obrigada a virar a cabeça.

— Coma — ele repete. — Você precisa de força.

Eu hesito por um momento, incerta de quanto mais tempo eu devo seguir com minha insubordinação, mas também não quero experimentar a versão mogadoriana de sashimi. Eu faço questão de deixar o garfo cair para que ele se choque contra meu prato de metal. O barulho ecoa até o teto da sala – a sala de jantar particular de Setrákus Ra – que é uma sala levemente mais mobilhada do que os outros cômodos gelados abordos da Anubis.

As paredes são cobertas com quadros de mogadorianos bravamente indo à luta. O teto é aberto, promovendo uma breve vista da Terra, o planeta que está girando imperceptivelmente.

— Não me desafie, garota — Setrákus rosna. — Faça o que é lhe dito.

Eu empurro o prato para longe de mim.

— Não estou com fome.

Ele me estuda, com um olhar condescendente, como um pai querendo mostrar a uma criança malcriada o quão paciente eles podem ser.

— Eu posso colocar você para dormir novamente e te alimentar através de um tubo, se preferir. Talvez você vá estar em melhores condições quando eu te acordar, uma vez que a guerra estará vencida — ele diz. — Mas assim, não seriamos capazes de nos falar. Você não poderia se divertir com a vitória do seu avô em primeira mão. E você não seria capaz de se entreter com suas fúteis tentativas de fuga.

Eu engulo seco. Sei que nós iremos para a Terra, eventualmente.

Setrákus Ra não vai querer sua nave orbitando a Terra por um tempo e depois ir embora. Haverá uma invasão. Eu tenho dito a mim mesma que assim que pousarmos na Terra eu terei uma chance para correr. Obviamente,

Setrákus Ra sabe que prefiro morrer a ser sua prisioneira ou seu braço direto ou o que

quer que ele tenha em mente, Mas, pela expressão de confiança em seu rosto, ele não parece se importar. Talvez ele ache que pode fazer uma lavagem cerebral em mim antes de retornamos para a Terra.

— Como eu conseguiria comer olhando para sua cara nojenta na minha frente? — Eu pergunto, esperando ver o olhar de satisfação dele sumir. — Não é exatamente apetitiva.

Setrákus Ra me encara como se ele estivesse tentando decidir se ele deve saltar sobre a mesa e me estrangular ou não. Depois de um momento, ele leva as mãos para o lado da cadeira onde há um bastão. Esculpida a partir de um metal dourado cintilante, há um olho preto sinistro, e percebo que é o mesmo bastão que vi Setrákus Ra usar durante a batalha na base de Dulce. Eu me preparo para um ataque.

— O Olho de Thaloc — Setrákus Ra diz, notando que eu observo o bastão. — Como a Terra, um dia ele fará parte de sua herança.

Antes que eu possa formular a próxima pergunta, o olho de vidro obsidiana lampeja. Eu hesito, mas rapidamente fica claro que eu não estou em perigo. Ao invés disso, Setrákus Ra que começa a entrar em convulsão.

Luzes vermelhas e roxas se projetam do Olho de Thaloc e escaneiam o corpo dele. Embora eu não saiba com certeza como, posso perceber a energia se movendo do bastão para Setrákus Ra. Ele se contorce enquanto sua pele se descasca do seu corpo, se expandindo para fora, como uma bolha se formando em uma vela feita de cera.

Quando acaba, Setrákus Ra parece humano. Na verdade, ele parece uma estrela de cinema. Ele assumiu a forma de um homem velho bonito de uns quarenta anos, com alguns impecáveis cabelos brancos, olhos azuis e só com um pouco de barba. Ele está alto, mas não mais intimidador, e veste um terno azul estiloso e uma camisa apertada, aberta casualmente no colarinho. Da sua aparência anterior, restaram apenas os três colares lóricos com as joias combinando com sua roupa.

— Melhor? — ele pergunta, sua voz áspera usual substituída por uma mais suave.

— O que...? — eu olho para ele, pasma. — Quem você deveria ser?

— Eu escolhi esta forma para os humanos — ele explica. — Nossa pesquisa mostra que eles são naturalmente atraídos para homens brancos de meia-idade com estas qualidades. Aparentemente, acham que eles são líderes e confiantes.

— Por que... — eu tento juntar meus pensamentos. — O que você quer dizer para os humanos? — Setrákus Ra gesticula para meu prato. — Coma e eu responderei suas perguntas. Isso é razoável, não é? Eu acredito que os humanos chamam isso de igualdade recíproca.

Olho para o prato e para aquela coisa mole que me espera. Penso em Seis e Nove e no resto da Garde e me pergunto o que eles fariam na minha situação. Me parece que Setrákus Ra quer despejar seus pensamentos, e eu deveria deixá-lo. Talvez enquanto ele estiver tentando me ganhar, ele deixe escapar o segredo para derrotar os mogadorianos. Se é que isso existe. De qualquer forma, comer um pedaço da coisa que está no meu prato parece um pequeno preço a pagar para juntar algumas informações importantes. Eu não deveria pensar na minha situação como uma prisioneira, é mais como se eu estivesse numa missão atrás das linhas inimigas.

Eu sou uma espiã.

Pego minha faca e meu garfo, corto um pedaço da borda da carne e coloco dentro da minha boca. Não há quase gosto algum, é quase como se eu estivesse comendo uma bola de papel amassada. É a textura que realmente me incomoda – o jeito que a carne começa a crepitar e derreter assim que toca minha língua, se desmanchando tão rápido que eu mal mastigo. Não consigo evitar pensar na maneira em que os mogadorianos se desintegram quando eles são

mortos e tenho que me segurar para não engasgar.

— Não é melhor do que as coisas a que você está acostumada, mas é a melhor coisa que a Anubis pode produzir — Setrákus Ra diz, quase se desculpando. — A comida vai melhorar assim que conquistarmos a Terra.

Eu o ignoro, não me importando realmente com as coisas chiques da culinária mogadoriana.

— Eu comi, agora responda minha pergunta.

Ele inclina a cabeça, parecendo encantado com minha franqueza.

— Eu escolhi esta forma porque humanos vão achá-la confortante. É o que eu vou vestir para aceitar a rendição do planeta deles.

Eu olho para ele.

— Eles não vão se render para você.

Ele sorri.

— Claro que eles vão. Ao contrário dos lorienos, que inutilmente lutaram contra o impossível, os humanos tem uma história rica de sujeição. Eles apreciam demonstrações de força superior e vão aceitar de bom grado os dogmas do progresso mogadoriano. E aqueles que recursarem perecerão.

— Progresso mogadoriano — eu cuspo as palavras. — O que você está pensando? Acha que vai fazer todos gostarem de você? Um mons...

Eu não termino minha pergunta. Eu iria chamá-lo de monstro, mas então lembro da minha visão. Eu insensivelmente ordenei a execução de Seis na frente de John, de Sam e de todas aquelas pessoas. E se alguma coisa parecida com Setrákus Ra já está se espreitando dentro de mim?

— Acredito que havia pelo menos uma pergunta em todo aquele ódio — diz Setrákus Ra.

Ele mantém seu sorriso enfurecedor, que se tornou ainda pior agora que ele está usando uma forma humana, e gesticula para meu prato. Eu engulo mais um pedaço da comida horrenda. Ele pigarreia como se ele estivesse prestes a fazer um discurso.

— Nós compartilhamos o mesmo sangue, neta, e é por isso que você vai ser poupada do destino daqueles Gardes que tolamente me opõem. Por que, ao contrário deles, você é capaz de mudar — Setrákus Ra explica. — Eu posso ter sido lorieno uma vez, mas pelos séculos eu tenho me feito mudar para uma coisa melhor. Uma vez que eu tiver o controle da Terra, eu terei o poder necessário para mudar a vida de bilhões. Tudo o que eles precisam fazer é aceitar o progresso mogadoriano. Então, meu trabalho finalmente dará frutos.

Eu olho para ele.

— Poder? De onde?

Setrákus Ra sorri para mim, tocando nos colares que estão pendurados ao redor do seu pescoço.

— Você verá quando chegar a hora, criança. Então, você irá entender.

— Eu já entendo — respondo. — Entendo que você é um louco genocida nojento que se maquiou para se parecer um mogadoriano horroroso.

O sorriso de Setrákus Ra vacila e por um momento me pergunto se abusei da sorte. Ele suspira e passa seus dedos pela garganta, a pele que ele assumiu começando a mostrar a cicatriz roxa que ele tem no pescoço.

— Pittacus Lore me deu isto quando ele tentou me matar — ele diz, sua voz fria e equilibrada. — Eu era um deles, mas ele e os outros Anciões me expulsaram. Me baniram de Lorien por causa das minhas ideias.

— O quê? Eles não quiseram te eleger como rei supremo ou coisa assim?

Setrákus Ra passa sua mão pelo pescoço mais uma vez e a cicatriz desaparece.

— Eles já tinham um líder — ele responde, sua voz diminuindo, como se a memória o deixasse zangado. — Eles apenas se recusaram a admitir.

— O que quer dizer com isso?

Desta vez, ele não me faz comer mais um pedaço da comida. Ele está prosseguindo agora.

— Minha querida, os Anciões eram liderados pelo próprio planeta. Lorien fazia as escolhas por eles. Quem seria Garde e quem seria Cêpan. Eles acreditavam que deveríamos viver como zeladores e deixar que a natureza determinasse nosso destino. Eu discordei. Os Legados concedidos por Lorien eram simples recursos, como qualquer outra coisa. Você deixaria o peixe no oceano ditar quem é que poderia comê-lo, ou permitiria que o ferro no chão decidisse quando seria fundido? Claro que não.

Eu tento digerir todas estas informações e compará-las com o que eu li na carta de Crayton.

— Você só queria estar no controle — eu digo após um momento.

— Eu queria progresso — ele diz. — Os mogadorianos entenderam. Ao contrário dos lorienos, eles eram pessoas preparadas para evoluírem.

— Você é insano — eu digo, empurrando meu prato, farta dessa coisa de perguntas e respostas.

— Você é uma criança ignorante — ele responde, de volta com aquela paciência. — Quando seus estudos começarem, quando você vir o que eu realizei para você e o que os lorienos te negaram, então irá entender. Você me amará e respeitará.

Eu levanto, embora não saiba para onde ir. Setrákus Ra tem sido gentil comigo até agora, mas ele deixou claro que só posso andar pelos corredores estreitos de Anubis quando ele permitir. Se ele quiser me manter aqui e me forçar a terminar meu jantar, ele irá. Será provavelmente mais fácil para mim se eu deixar todas essas distorções e quase verdades passarem em branco, mas eu não consigo evitar. Eu penso em Nove, na Seis e nos outros – eu sei que eles nunca segurariam as suas línguas se estivessem frente a frente com esse monstro.

— Você destruiu nosso planeta e tudo o que conseguiu realizar foi machucar as pessoas — eu digo, tentando imitar a paciência irritante do meu avô. — Você é um monstro. Eu nunca vou deixar de te odiar.

Setrákus Ra suspira, suas afeições bonitas vincam brevemente em consternação.

— Raiva é o último refúgio dos ignorantes — ele diz, levantando a mão. — Deixe-me mostrar-lhe uma coisa que eles lhe negaram, neta.

Uma forma espiral de energia vermelha começa a rodar em sua mão erguida. Nervosa, eu dou um passo para trás.

— Os Anciões escolheram quem iria escapar de Lorien, e você não estava no meio destas pessoas — Setrákus Ra continua. — Você foi negada às vantagens dos outros Gardes. Eu irei corrigir isso.

A energia se transforma em um orbe crepitante em frente à mão de Setrákus Ra, flutua por um momento, e então vem em minha direção. Eu pulo para o lado e orbe muda de direção, me seguindo como se tivesse vida própria. Eu caio no chão rolando e tento evitar a energia, mas é muito rápida. Ela queima a barra do meu vestido e se prende ao meu tornozelo.

Eu grito. A dor é excruciante, como se ferro vivo estivesse sendo arrastado sobre minha pele. Coloco a perna para frente, tentando alcançar o lugar onde o orbe se chocou, como se eu

estivesse pegando fogo e tentasse apagar as chamas.

É quando eu vejo. A energia do orbe se foi, deixando para trás um tecido rosa irregular na forma de cicatriz ao redor do meu tornozelo. É uma reminiscência das tatuagens que vi gravadas em dezenas de cabeças mogadorianas, mas também há algo perturbadoramente familiar nelas.

É uma cicatriz muito familiar, como as que os Gardes têm em consequência do feito lórico.

Quando olho para Setrákus Ra, tenho que morder meus lábios para sufocar um grito. A parte debaixo da calça dele também se queimou, e uma cicatriz fresca idêntica está no seu tornozelo.

— Agora — ele diz, sorrindo — assim como eles, estamos unidos.

Capítulo seis

ACHO QUE DE ALGUMA MANEIRA, SEQUESTRAMOS DALE. MAS ELE NÃO parece se importar com isso. O caipira magricela parece estar descansando bem na parte de trás do seu velho barco, e descaradamente cobiçando a mim e a Marina. O barco dele é literalmente remendado com fita adesiva e cadarços, e nós não podemos viajar através do fluxo do pântano tão rápido por medo de o motor superaquecer. Também, de vez em quando, Nove tem que usar um balde para tirar a água lamacenta de dentro do barco antes que ela encha o bastante para podermos afundar. Não é exatamente viajar em grande estilo, mas Marina continua convencida de que Dale esbarrou em uma base mogadoriana. Então, por agora, ele é nosso guia.

Noite passada, Dale insistiu que estava escuro demais para navegar pelo pântano, mas nos prometeu que nos levaria à base desativada da NASA pela manhã. Ficou claro que o barman do Trapper's alugava as cabanas do entorno para os viajantes passarem a noite. Ele nos deu uma de graça, e alimento também, provavelmente sentindo que se nos ajudasse não causaríamos problemas.

Ninguém parecia confiar que Dale não fugiria na primeira oportunidade, assim decidimos ficar de olho nele. Nove ficou com a primeira vigília e acabou sentado ao lado de Dale fora de nossa choupana, ouvindo histórias sobre tudo de interessante que Dale havia encontrado no pântano.

Marina e eu nos deitamos lado a lado em colchões cheios de pulgas no chão da cabana, que estavam lá junto com outros móveis bregas, uma pia enferrujada que acho que não estava conectada a nenhum cano e uma lanterna a óleo. Considerando que passamos os últimos dias andando pelo pântano e mal descansando, isso era o mais confortável que tínhamos em dias. Assim que deitamos, notei que Marina não irradiava a aura fria que ela emanava desde a morte de Oito. Pensei que talvez ela tivesse caído no sono, mas então ela começou a sussurrar para mim no escuro.

— Eu consigo senti-lo, Seis.

— O que quer dizer? — sussurro de volta, não entendendo.

— Oito está... — eu hesito, não sendo capaz de trazer a mim mesma o que é óbvio.

— Eu sei que ele está morto — ela responde, se virando para mim. — Mas eu ainda consigo sentir a sua, eu não sei, a aura dele ou coisa do tipo. Ele está me chamando. Eu não sei como, nem por que, apenas sei que está acontecendo e que isso é o que importa.

Fico em silêncio. Lembro-me da história de Oito sobre um encontro com um velho enquanto se escondia na Índia. Eu acho que seu nome era Devdan. O velho ensinou a ele sobre o hinduísmo e artes marciais e, eventualmente, desapareceu para onde quer que ele tenha vindo. Oito realmente valorizou o que ele aprendeu sobre o hinduísmo – acho que o ajudou a lidar com a morte de seu Cêpan. Droga, talvez tenha algo relacionado a essa coisa de reencarnação. Oito era definitivamente o mais espiritual de nós, e se alguém nos chamaria depois da morte, provavelmente seria ele.

— Nós vamos encontrá-lo — digo calmamente, embora não tenha certeza de que seja verdade. Pensei no que Nove havia dito durante seu escândalo mais cedo essa noite, que nos já perdemos a guerra e ninguém nos disse. — Eu só não sei o que vamos fazer depois.

— Isso se revelará para nós quando a hora chegar — Marina responde pacificamente, apertando minha mão.

A Marina que eu conheço parece ter voltado brevemente, substituindo a buscadora de

vingança raivosa que esteve vivendo conosco nos últimos dias.

— Eu sei que vai.

Então, essa manhã, retornamos ao pântano. As árvores são espessas em ambos os lados da água turva e frequentemente temos que desacelerar para navegar em torno das raízes retorcidas, porém perigosas, espalhadas na água. O dossel de ramos acima de nossas cabeças é denso, deixando o sol entrar em feixes de luz. Troncos podres boiam no rio, suas cascas nem sempre são distinguíveis das escarpas dos jacarés nadando. Pelo menos os insetos pararam de me picar. Ou talvez eu apenas tenha me acostumado a eles.

Marina está na frente do barco, seu olhar em frente, a umidade do ar molhando seu rosto e cabelos. Eu a observo, imaginando se ela está perdida, ou se esse sexto sentido sobre o corpo de Oito é um novo Legado se manifestando.

É nessas horas que um Cêpan viria a calhar; Marina está tendo um péssimo momento controlando seu Legado de congelamento. Nove e eu não tocamos nesse assunto com ela – ele provavelmente está com medo de que ela arranque sua cabeça, e eu só estou contando que ela consiga controlar isso ao mesmo tempo em que domina sua raiva. Ou esse retorno para o pântano está acontecendo por causa de um Legado dela, ou por intuição à moda antiga, mágoa ou um legitimo contato com o mundo espiritual. Talvez seja uma combinação disso tudo.

Isso não importa, de verdade. Nós já estamos aqui.

Há apenas alguns dias era Cinco que nos guiava através de águas parecidas com estas. Estávamos mais felizes então – eu me lembro de Marina e Oito agarrados um ao outro, alguma coisa acendendo ali, e Nove fazendo algazarra e agindo como idiota toda vez que via um jacaré. Corro a mão por meus cabelos – está oleoso por causa desta umidade e cheio de nós por causa dos dias que passamos aqui – e me lembro de que não há tempo para relembrar. Estamos indo em direção ao perigo, mas dessa vez sabemos disso.

— Quanto ainda falta? — pergunto a Dale.

Ele encolhe os ombros. Ele ficou muito mais confortável conosco desde que Marina quase congelou metade de seu rosto noite passada.

— Cerca de uma hora — ele responde.

— É melhor você não estar nos colocando numa enrascada — digo a ele. — Se isso for mentira, nós vamos te deixar aqui.

Isso faz com que ele se endireite um pouco.

— Eu juro que é verdade, senhorita. Vi alguns aliens assustadores aqui. Pode apostar.

Eu olho para ele. Nove, que terminou esvaziar o barco de água, arrebata a garrafa das mãos de Dale.

— O que você tem aqui, hein? — Nove pergunta, cheirando o frasco. — Tem cheiro de solvente de tinta.

— Quer dizer, não é só solvente de tinta, na verdade — Dale rebate. — Experimente.

Nove revira os olhos e agarra o frasco, então se vira pra minha direção.

— Sério? — ele pergunta, abaixando sua voz, mais preocupado com Marina do que Dale, que está sentado perto de nós. — Estamos contando com esse cara?

— Não apenas ele — respondo, lançando um olhar a Marina. — Ela sente alguma coisa.

— Desde quando ela…? — Nove para, por um momento considerando suas palavras. — Ainda parece estranho para mim, Seis. Tudo isso.

Antes que eu possa responder, Marina chacoalha as mãos para nós, chamando nossa atenção.

— Pare o motor! — ela sibila.

Dale desliga o motor, ainda não querendo irritar Marina. Nosso barco desliza a frente silenciosamente.

— O que foi? — eu pergunto.

— Tem alguém logo à frente.

Então eu ouço também. Um motor – um daqueles que faz menos barulho que o de Dale – ficando mais alto conforme os movimentos ficam mais próximos.

Com um padrão de ziguezague através das árvores, não podemos ver ou outro barco ainda.

— Existem outros hippies do pântano aqui? — Nove pergunta, encarando Dale.

— Às vezes — Dale responde. Ele olha ao redor, como se alguma coisa tivesse acabado de lhe ocorrer. — Agora, esperem. Nós estamos em perigo? Porque eu não voluntariei para isso.

— Você não se voluntariou para nada — Nove lembra ele.

— Silêncio — Marina sibila. — Lá vem eles.

Eu poderia nos tornar invisíveis. Ocorre-me que basta segurar a mão de Marina e de Nove, usar meu Legado e fazer parecer que Dale está sozinho aqui. Mas não faço isso. Marina e Nove não parecem com humor para segurar mãos um do outro.

Se forem mogadorianos, nós iremos lutar.

Vejo um contorno escuro passar por um amontoado de árvores e deslizar na água em nossa frente. É um catamarã como o nosso, exceto que é mais elegante e provavelmente com menos buracos. Assim que entramos no campo de visão, o segundo barco desliga o motor. Ele para a cerca de trinta metros a nossa frente, fazendo o nosso barco se mover com o movimento da água.

O barco é pilotado por três mogadorianos. Por causa do calor, eles tiraram seus estúpidos casacos de couro preto e tiraram as camisas, seus braços brancos e pastosos brilhando, os canhões e adagas claramente visíveis presos ao cinto. Quero saber o que eles faziam aqui, e então percebo que eles provavelmente estão nos procurando. Afinal, o pântano foi o último lugar que estivemos. Esses azarados mensageiros devem ter sido atraídos.

Todos estão muito tensos. Nós olhamos os mogs, e quero saber se eles nos reconheceram no estado como estamos. Os mogs olham de volta, sem fazer nenhum movimento para religar o barco e sair do nosso caminho.

— Amigos seus? — Dale sussurra.

Sua voz quebra o impasse. Em uníssono, dois mogs alcançam seus canhões, o terceiro volta para religar o motor. Uso a telecinesia para dar um empurrão, batendo na frente do barco deles com toda força que consigo reunir, fazendo com que a proa do barco se levante da água. O mog que ia para o motor cai na água, os outros dois cambaleiam para trás.

Uma fração de segundo depois do ataque telecinético, Marina se inclina para o lado e mergulha sua mão na água do pântano. Uma camada de gelo se espalha dela para o barco dos mogs, a água estalando e se congelando. O barco deles está preso numa pedaço de gelo, metade fora da água, quando o gelo se aglutina ao redor dele.

Nove salta para fora de nosso barco, graciosamente correndo pelo gelo que Marina criou e sobe pela lateral do barco dos mogs. Ele agarra o mogadoriano mais próximo pelo pescoço, seu impulso e a inclinação do barco fazem com que ele tropece em direção à proa do barco. O segundo mog pega seu canhão e mira em Nove, mas antes que ele possa atirar, Nove coloca os pés e lança o primeiro mog em seu amigo.

O mensageiro que havia caído tenta subir a bordo em ir em direção a um bloco de gelo de perto de Marina. Isso foi um erro. Um pedaço de gelo sobe pela borda, empalando o

mogadoriano. Antes de o mog se transformar em cinzas, eu uso minha telecinesia para despedaçar o gelo através dele e lançar no outro mog que está no barco. O último mog, com a adaga na mão, vai em direção a Nove, mas este o agarra pelo punho, torce-o para cima e o apunhala no olho com sua própria lâmina.

Simplesmente assim, está tudo acabado. Toda a batalha durou menos que um minuto. Mesmo parecendo estar fora de forma, ainda podemos matar mogs.

— Agora isso sim foi refrescante! — Nove grita, sorrindo pra mim do outro barco.

Ouço um som de algo caindo na água logo atrás de mim e me viro a tempo de ver Dale nadando freneticamente através da água do pântano. Ele deve ter pulado do barco, e agora está nadando estilo cachorrinho para longe de nós, o mais rápido que aqueles braços magricelos e a embriaguez lhe permitem.

— Onde você esta indo, seu idiota? — grito atrás dele.

Dale alcança a margem lamacenta e cheia de raízes e começa a sair da água, ofegando. Ele olha para mim e para os outros com olhos arregalados e selvagens.

— Vocês são doidos! — ele grita.

— Isso não foi muito legal — Nove diz, rindo, enquanto retorna cuidadosamente para o barco de Dale, o gelo criado por Marina já começando a derreter com o calor da Flórida.

— E o seu barco? — grito para Dale. — Você vai nadar de volta ao Trapper’s?

Ele aperta os olhos para mim.

— Eu arrumo alguma coisa que não envolva poderes mutantes, muito obrigado.

Eu suspiro e levanto minha mão, com a intenção de trazer o idiota do Dale por telecinesia, mas Marina toca meus ombros e me para.

— Deixe-o ir — ela diz.

— Mas precisamos encontrar a base — respondo.

— Estamos perto o bastante — Marina diz, balançando a cabeça. — E além disso...

— Uh, santo Deus — Nove interrompe, estreitando seus olhos e olhando para o céu.

— Acho que nos podemos simplesmente seguir essa coisa — Marina termina.

O dia subitamente escurece. Olho para cima com uma sombra passando sobre nossas cabeças, cortando a luz limitada que se espreme através das copas das árvores. Através das folhas, tudo o que posso ver é uma nave mogadoriana blindada descendo. Isso não é nada comparado às pequenas naves que eu costumava abater usando raios. A nave é enorme, do tamanho de uma porta-aviões, armas poderosas projetadas para fora da nave. As aves locais alçaram voo grasnando, se distanciando desse gigante terrível.

Instintivamente, agarro as mãos de Nove e Marina, tornando a nós três invisíveis. Um barco de mogadorianos é uma coisa. Não acho que estejamos preparados para algo dessa magnitude. Contudo, a nave de guerra acima de nós não se importa. Não nos notou. Para uma nave desse tamanho, somos tão insignificantes quanto mosquitos.

Assim que ela passa, planando sobre o pântano e gradualmente permitindo que a luz entre novamente, sinto como se eu tivesse encolhido, como se eu fosse pequena de novo.

Como uma criança pequena.

E então me lembro do último dia em Lorien. Nove de nós e nossos Cêpans correndo para a nave que nos levaria à Terra. Os gritos ao nosso redor, o calor do fogo da cidade, o assovio da rajada de fogo pelo ar. Lembro-me de olhar para o céu noturno e ver naves como a que passa acima de nós, apagando as estrelas, as torrentes de fogo deles, suas portas de carga abrindo para liberar hordas de píkens sedentos de sangue. Sobre nós, eu percebo, está uma nave de guerra mogadoriana. Isso é o que eles usarão para conquistar a Terra de uma vez por todas.

— Eles estão aqui — digo, a respiração sendo sugada para fora de mim. — Está começando.

Capítulo sete

AOS POUCOS, O SÚBURBIO DE WASHINGTON D.C. COMEÇARA A MUDAR. AS CASAS começam a ficar maiores e mais separadas, até que eventualmente elas passam a não ser visíveis da rua. Do lado de fora dos vidros da van, há gramados bem cuidados ou parques pequenos onde as árvores estão separadas em intervalos obsessivamente iguais, projetadas para manterem as casas escondidas de olhares indiscretos. As ruas laterais se ramificam da rua principal, e todas elas têm nomes que parecem prestigiados, como Oaken Crest Way ou Goldtree Boulevard, todas protegidas com placas severas que dizem PROPRIEDADE PARTICULAR. No banco de trás, Sam assobia.

— Eu não consigo acreditar que eles vivem aqui. Como pessoas ricas.

— Não é brincadeira — eu digo, minhas mãos suando no volante.

Eu estava pensando a mesma coisa que Sam, mas não me senti à vontade para falar sobre isso, preocupado de que não conseguiria tirar a inveja do meu tom de voz. Passei minha vida toda fugindo, sonhando em viver em lugares como esse – estáveis e calmos. E aqui estão os mogs, esculpindo uma vida normal para sua classe nascidos naturalmente, vivendo uma vida de luxo no planeta que eles estão programando explorar e depois destruir.

— A grama é sempre mais verde — Malcolm diz.

— Eles não apreciam isso, se serve de consolo — Adam fala baixinho, as primeiras palavras que ele pronuncia nesses últimos quilômetros para Ashwood Estates, seu antigo lar. — Eles são ensinados a não gostar de algo a menos que possam possuir essa coisa.

— O que isso quer dizer, exatamente? — Sam pergunta. — Tipo, se um mogadoriano fosse num parque...?

— “Não se tem satisfação daquilo que não se pode ter” — Adam recita, suprimindo um sorriso escárnio quando termina a citação. — Isso é do livro do Setrákus Ra, O Grande Livro. Um mogadoriano não iria se importar com seu parque, Sam, a menos que as árvores fossem para ele derrubar.

— Parece mesmo um grande livro — eu digo secamente.

Eu olho para Adam, que está perto de mim no banco de passageiro. Ele está olhando para fora pela janela, um olhar distante no rosto. Eu me pergunto se é estranho pra ele – é basicamente uma volta ao lar, mesmo que ele não seja da Terra. Adam vira sua cabeça, percebe que eu estou olhando para ele e parece envergonhado. Sua expressão muda rapidamente para uma que estou familiarizado – para a postura fria mogadoriana.

— Encoste aqui — ele instrui. — É apenas um quilômetro adiante.

Eu encosto a van de um lado da rua e desligo o motor. Sem o barulho do carro, o chilrear constante atrás de mim parece ainda mais alto.

— Jesus, galera, se acalmem — Sam diz para a caixa de Chimæras excitadas que está no banco entre ele e Malcolm.

Eu me viro para olhar para elas, todas em forma de pássaros. Regal, de quem a forma de descanso é um falcão imponente, está empoleirado ao lado de mais três pássaros comuns – um pombo, uma pomba branca e uma andorinha. E então tem mais o falcão cinza elegante que deve ser o Areal e uma coruja gordinha que tem que ser o Stanley. Todos eles têm penas claras com coleiras de couro amarradas delicadamente em torno de seus pescoços.

Esse é o primeiro passo do nosso plano.

— Tudo está funcionando? — pergunto para Sam, que olha do seu notebook que está sob

suas pernas para mim e sorri.

— Confira — Sam diz orgulhoso, virando o notebook para mim.

Usar os Chimæras assim foi ideia dele.

Lado a lado na tela, há uma dúzia de vídeos, cada uma mostrando levemente meu rosto de um ângulo diferente. As câmeras estão funcionando.

No caminho de Baltimore para Washington nós paramos numa pequena loja sombria chamada SpyGuys, que é especializada em câmeras e em equipamentos para segurança domiciliar. O balconista não perguntou para Malcolm por que ele precisava comprar mais de doze câmeras sem fio das menores que eles tinham; ele pareceu grato pelo negócio e até nos mostrou como instalar o software necessário nos computadores. Depois, nós compramos as coleiras em uma pet shop. Os outros cuidadosamente anexaram as câmeras nelas enquanto eu dirigia para o sul em direção a Washington.

Os mogadorianos passaram tanto tempo se esforçando para nos rastrear, nos seguir. Agora estamos virando o jogo.

— Se espalhem por Ashwood Estates — eu digo para os Chimæras, pontuando meu comando com uma imagem mental de fotos de satélite de Ashwood que eu estive estudando desde ontem e enviando para o grupo telepaticamente. — Tentem cobrir cada ângulo. Foquem especialmente onde houver mogadorianos.

Os Chimæras respondem com entusiasmo grasnando e batendo as asas.

Eu assinto para Sam e ele abre a porta da van. O que se segue é um turbilhão de atividade selvagem, nossa meia dúzia de pássaros mutantes espiões saindo ao mesmo tempo, barulhos sonoros e de asas batendo enquanto eles saem da van. Considerando quão séria é nossa situação, há algo incrível sobre esta cena; Sam está sorrindo e até Adam se permite um pequeno sorriso.

— Isso vai dar certo — Malcolm diz, batendo nas costas de Sam.

O sorriso de Sam aumenta mais um pouquinho.

A visão no monitor do notebook é desorientadora, todos os Chimæras voando em direções diferentes. O primeiro pousa em algumas árvores logo acima dos portões de ferro forjado de Ashwood Estates. Um portão fora construído em uma parede de tijolos lá; e a parede se estendia por alguns quilômetros, se transformando depois em uma cerca de arame farpado.

— Guardas — eu digo, apontando para três mogadorianos, dois deles sentados na guarita, e um andando na frente do portão.

— É isso? — Sam pergunta. — Apenas três deles? Isso não é nada.

— Eles não esperam um ataque frontal. Ou nenhum tipo de ataque, na verdade — Adam explica. — O objetivo deles é principalmente assustar qualquer motorista que venha a parar aqui por engano.

Assim que os outros Chimæras pousam nos galhos de árvores e telhados, as câmeras entram em foco, e eu consigo ter uma visão mais clara de Ashwood Estates. Além do portão frontal, há uma rua bem curta de entrada, com pouca cobertura. Essa rua leva pra o que me parece ser o centro do lugar, onde cerca de vinte casas bem equipadas foram construídas ao redor de uma área de lazer central. Aparentemente, os mogadorianos têm mesa de piquenique, quadras de basquetebol e uma piscina. Juntando tudo, parece mais um condomínio do subúrbio, com exceção de que não há ninguém por perto.

— Parece calmo — eu digo, olhando os vídeos. — É sempre assim?

— Não — Adam admite. — Algo não está certo.

Uma das Chimæras voa e se reposiciona, nos dando um ângulo de uma das casas que não podíamos ver antes. Um caminhão de lixo está parado, desligado.

— Há alguém — Sam diz, aumentando a imagem do vídeo.

Um mogadoriano solitário está segurando um tablet parado perto do caminhão. Ele parece entediado enquanto toca na tela do equipamento. Adam olha para a tatuagem no couro cabeludo do mogadoriano.

— Um engenheiro — ele diz.

— Como tem certeza? — eu pergunto.

— Está na tatuagem. Para os nascidos naturalmente, elas são símbolos de honra e significam também o que eles conseguiram realizar. Os nascidos artificialmente recebem títulos — Adam explica. — Fica mais fácil para organizá-los.

— Há mais deles — Sam aponta.

Eu observo enquanto mais quatro soldados mogadorianos carregam para fora da casa um equipamento do tamanho de um freezer. Eles carregam-no até o meio-fio e o colocam em frente ao engenheiro, então esperam por lá enquanto ele circula a máquina, checando-a.

— Parecem servidores — Malcolm observa. Ele se vira para Adam. — Eles podem estar reparando os equipamentos que você destruiu?

— É possível — Adam responde, incerto. Ele aponta para uma casa de dois andares com uma varanda e algumas portas onde os mogadorianos estão trabalhando. — Essa é minha antiga casa. Eu tenho certeza de que aqui tem um ponto de acesso para os túneis, mas as outras casas devem ser iguais.

Enquanto Adam está falando, o engenheiro termina a inspeção do servidor. Ele balança a cabeça, e então os outros mogs pegam o equipamento de novo. Eles atiram o equipamento para dentro do caminhão de lixo, e então retornam para a casa.

— Acho que eles não são muito de reciclar, né? — Sam comenta.

Antes que o primeiro grupo de mogs possa chegar até a casa, um segundo grupo aparece. Eles estão carregando o que parece ser uma cadeira de barbeiro como a de um filme de ficção-científica assustador, a coisa parece ao mesmo tempo futurística e aterrorizante, fios e nós pendurados. O engenheiro se apressa para frente para encontrar o segundo grupo, ajudando-os a colocar o equipamento gentilmente na grama do quintal da frente.

— Eu reconheço aquilo — Malcolm diz, com um tom de voz diferente.

— A máquina do Dr. Anu — Adam diz, se virando para mim. — Aquilo foi o que usaram no Malcolm. E em mim.

— O que eles vão fazer com aquilo agora? — eu pergunto, observando o engenheiro começar a inspeção.

— Eles parecem ser uma equipe de restauradores — Adam explica. — Danifiquei alguns túneis na última vez em que estive aqui. Agora, eles estão salvando os equipamentos que podem e estão se livrando do resto.

— E onde estão todos os outros nascidos naturalmente que deveriam estar por aqui? — Adam faz uma careta.

— Eles devem ter sido evacuados até acabar a inspeção deste lugar.

Eu arregalo os olhos para Adam.

— Então quer dizer que dirigimos até aqui por nada? Os nascidos naturalmente já se foram e a máquina está destruída.

— Não — ele diz, e eu posso ver as engrenagens funcionando atrás dos olhos dele. — Se nós destruirmos essa equipe de restauradores antes que eles possam fazer alguma ligação, teremos completo acesso do que sobrou de Ashwood Estates. De lá, nós podemos invadir o sistema.

— E isso adiantaria de quê?

— É como se alguém do meu povo pudesse abrir alguma de suas Arcas, John. Saberemos os segredos deles. O que eles estão planejando.

— Estaríamos um passo a frente — eu digo.

— Sim — Adam assente, observando o engenheiro enquanto ele avalia a máquina do Dr. Anu. — Mas nós deveríamos entrar lá. O que a equipe decidir que deve ser destruído ainda pode ser útil para nós.

— Tudo bem — eu digo, observando a equipe de mogadorianos voltar para dentro da casa. — Então, há uma entrada secreta ou coisa assim?

— A essa altura, acho que um ataque frontal é a nossa melhor aposta — ele olha para mim. — Assim tá bom para você?

— Com certeza sim — eu respondo. Originalmente, nós planejamos usar os vídeos das Chimæras para observar os mogs por algum tempo, descobrir qual seria a melhor estratégia para chegarmos atacando. Mas, agora que estamos aqui, eu me encontro ansioso para ir para a batalha. Eu preciso de algum retorno contra tudo o que eles fizeram, por terem pegado Ella, destruírem a casa do Nove, matar um dos meus amigos. Se Adam diz que precisamos entrar atacando, estou pronto para isso.

Malcolm pega uma caixa debaixo do banco. De dentro, ele retira dois fones de ouvido, um para mim e outro para Adam. Os equipamentos estão conectados a um par de walkie-talkies que Malcolm e Sam estarão usando, e então eu coloco o meu no ouvido e Adam faz o mesmo.

— Estamos pelo menos preocupados com as autoridades locais? — Malcolm pergunta. — Uma batalha desta no meio da luz do dia pode atrair alguma atenção.

Adam assente.

— Será rápido — ele diz, e então olha para mim. — Temos que ser rápidos. Matá-los antes que eles possam ter a chance de chamar reforço. Se eu conseguir passar por eles e entrar na minha velha casa, poderei cortar a comunicação deles.

— Eu posso ser rápido — respondo.

Amarro minha espada lórica na perna, escondendo-a embaixo da calça. Agora, eu coloco meu bracelete no pulso. A joia no seu centro se expande para um escudo que brilha no sol do meio-dia. Imediatamente, o bracelete me dá pequenas alfinetadas agudas, me avisando que há mogs por perto. Claro que isso aconteceria – há um deles ao meu lado. A presença de Adam vai realmente causar estragos no meu senso de perigo.

— Está pronto? — pergunto a ele.

Ao meu lado, Adam puxa uma pistola com silenciador do coldre em seu ombro. Ele assente.

— Whoaa, esperem aí — Sam diz. — Olhem isso, caras.

Adam e eu nos viramos para o notebook, vendo outro mogadoriano emergir da casa que os restauradores estão esvaziando. Ele é alto e tem ombros largos, é maior do que os outros, e mais assustador. Ao contrário dos outros, ele tem uma espada grande presa às suas costas. Enquanto observamos, ele rosna algumas ordens para o engenheiro, e então desaparece dentro da casa. Quando olho para Adam, seu rosto está mais pálido do que o normal.

— O que foi?

— Nada — ele diz, rapidamente. — Apenas tome cuidado com esse aí. Ele é um general nascido naturalmente, um dos homens em que Setrákus Ra mais confia. Ele... — Adam hesita, observando o local no monitor onde o general estava. — Ele já matou um Garde antes.

Sinto a raiva queimar minha mão. Se eu não estava preparado para uma luta, agora

definitivamente estou.

— Ele está morto — eu digo, e Adam mal assente, abre a porta e sai da van.

Eu olho para Sam e Malcolm.

— Vamos nos aproximar a pé, derrubar os guardas e então vocês vão para nos dar cobertura.

— Sim, eu sei, eu sei — Sam diz. — Eu vou olhar no monitor e falar no seu ouvido quando eu vir problemas.

Malcolm já está retirando seu rifle da maleta. Eu o vi usar esta coisa no Arkansas – ele salvou minha pele. Não desejaria mais ninguém para me dar cobertura senão os Goodes.

— Tome cuidado — Malcolm diz, aumentando sua voz para que Adam pudesse ouvir. — Vocês dois.

Sam e eu apertamos as mãos.

— Leve o inferno a eles — ele diz.

E então eu estou fora da van, dando uma corrida rápida em direção aos mogadorianos. Adam se mantém do meu lado.

— John — ele diz, nossos pés esmagando o cascalho na beira da estrada. — Tem mais uma coisa que você deveria saber.

Claro. Bem na hora em que eu estava começando a deixar minha guarda baixa quando estou perto dele, bem na hora em que estamos indo para uma batalha juntos, ele vai jogar uma bomba pra cima de mim.

— O que é?

— O General é meu pai.

Capítulo oito

EU QUASE PARO, MAS ADAM NÃO PARECE DIMINUIR A VELOCIDADE, ENTÃO TENTO manter seu ritmo.

— Você está brincando comigo.

— Não — Adam franze a testa, se concentrando no caminho a frente. — Nós não éramos muito chegados.

— Você vai… — eu nem chego a saber como terminar a frase. — Você será capaz de…?

— Lutar? Matar? — Adam responde. — Sim. Não vamos mostrar piedade a ele, porque ele não vai nos mostrar nenhuma.

— Seu próprio pai, cara? Quero dizer, mesmo para um mogadoriano, isso é muito frio.

— É esse o ponto, derrotá-lo em batalha é o único jeito de ele sentir orgulho de mim — Adam responde, acrescentando rapidamente: — não que eu me importe.

Eu balanço a cabeça.

— Vocês são tão estranhos.

O silêncio recai sobre nós quando a entrada de Ashwood Estates aparece em nosso campo de visão. O mogadoriano na frente do portão nos percebe e protege os olhos do sol, tentando enxergar melhor. Mantemos um ritmo constante e não fazemos esforço para nos esconder. Estamos a cinquenta metros dos portões e chegando mais perto, mas para o mog parecemos apenas uma dupla de corredores. Ele ainda não notou as armas no coldre de Adam.

— Espere até estarmos bem perto — digo com os dentes cerrados, e Adam concorda.

A trinta metros, o mog vira a cabeça, dizendo alguma coisa a seus dois amigos na portaria. Alertando-os de que algo está acontecendo. Vejo-os se levantar, as silhuetas na janela, olhando-nos. O mog do lado de fora recua um pouco, seus dedos certamente alcançando o canhão em baixo do casaco. Mas ele hesita, provavelmente ainda pensa que está sendo paranoico.

Eles realmente nunca pensaram que viríamos atrás deles. Eles não estão preparados.

A apenas vinte metros para alcançarmos os portões, acendo meu Lúmen, chamas rugindo em minha mão. Próximo a mim, de repente, Adam saca ambas as armas e mira.

O mog mais próximo tenta pegar seu canhão, mas foi muito devagar. Adam realiza dois tiros, um com cada arma, ambas abafadas pelos silenciadores. Surgem dois buracos no peito do mog, ele cambaleia por um momento e então explode numa nuvem de cinzas.

Lanço uma bola de fogo na porta. Os mogadorianos lá dentro estão lutando para sair, para não ficarem como seu amigo, mas eles são muito lerdos. A bola de fogo explode na janela, lançando vidro para todos os lados, e fazendo com que os mogs fiquem em chamas. O outro consegue se lançar pela porta, as chamas dançando pelas suas costas. Ele está logo na entrada de Ashwood, então eu o alcanço com minha telecinesia e arranco o portão de ferro das dobradiças, esmagando o mog.

— Acha que os outros nos ouviram? — pergunto a Adam, quando chegamos perto do portão curvado de Ashwood Estates.

— Nossa entrada não foi nada sutil — Adam observa.

A voz de Sam crepita no meu ouvido.

— Quatro deles correndo pela entrada de acesso — ele avisa. — Canhões prontos.

A entrada de acesso é uma ligeira subida, aonde após o topo nós chegaríamos ao começo das casas. Não há muita cobertura nesse trajeto.

— Fique atrás de mim — digo a Adam.

Só então, os mogs nos veem da colina. Eles não fazem nenhum pergunta antes de lançar uma saraivada de tiros de canhão. Adam pula para trás de mim quando meu escudo se expande – é como um paraquedas explodindo no meu braço, o material vermelho se expande para absorver as explosões. Adam agarra a parte de trás da minha camisa.

— Vá em frente — ele diz.

Eu o faço, o escudo absorvendo mais disparos enquanto prossigo contra os mogs. O bracelete agora está instável, zumbindo e entorpecendo meu pulso de dor. Seguindo cuidadosamente meus passos para não ser atingido, Adam surge numa borda do escudo, derrubando mog por mog. Percebendo que não estão fazendo nenhum progresso, os outros dois tentam recuar. Eu abaixo meu escudo e lanço uma bola de fogo entre eles, jogando os dois ao chão. Adam finaliza com alguns tiros. Agora fora de perigo, meu escudo se transforma novamente em bracelete.

— Nada mal — comento.

— Estamos só começando — ele responde.

Corremos rua abaixo até uma curva, e as grandes casas de Ashwood Estates finalmente ficam a vista. Não há ninguém, todas as janelas estão escuras; todo o lugar parece uma cidade fantasma. À nossa direita, vejo a antiga casa de Adam, e a algumas casas para frente está um caminhão de lixo e a cadeira de alta tecnologia que o engenheiro estava inspecionando. A equipe de recuperação, o engenheiro e o General estão fora de vista.

— Eles estão vindo do quintal! — Sam avisa.

Nós nos viramos a tempo de ver um esquadrão de guerreiros mogadorianos se esgueirando pelas duas casas e vindo em nossa direção. Teria sido uma bela emboscada se não tivéssemos observadores empoleirados nas árvores.

Quando eles pegam seus canhões, Adam está preparado. Ele bate o pé no chão e uma onda de energia sísmica vai à direção deles, o pavimento e a grama ondulando. Os mogs mais próximos são jogados completamente para longe do chão, uns cambaleiam e outro acidentalmente dispara seu canhão nas costas de um companheiro.

— Eu acabo com eles! — digo a Adam. — Cuide para que eles não chamem reforços.

Adam concorda, então corre na direção de sua antiga casa. Enquanto isso, perto dos mogadorianos atordoados, noto um tanque de metal que estava despercebido perto da casa. Com minha audição aguçada, posso ouvir um chiado que é emanado do tanque. Eu quase rio da minha sorte.

É uma linha de gás.

Jogo uma bola de fogo nos mogs antes que eles possam se recuperar. Ela passa bem perto de um mog, que acho que sorriu para mim achando que eu havia errado dois segundos antes de o tanque de propano explodir, incinerando muitos deles. As janelas de duas casas adjacentes se partem pela força da explosão, grandes marcas negras se formando onde a grama queima.

Tenho que parar para apreciar a destruição – me sinto quase louco para acabar com o lugar, derrubar o que os mogs ergueram, depois de todas as vezes que destruíram minhas tentativas de ter uma vida normal.

— Que inferno, cara — Sam diz em meu ouvido. — Nós sentimos isso daqui.

Tiro meu walkie-talkie da parte de trás dos meus jeans.

— O que isso lhe parece, Sam?

— Você foi limpo — ele diz. — Isso foi assustador. Pensei que haveria mais deles.

— Eles podem estar nos túneis — respondo, começando a seguir a direção que Adam

tomou.

Analiso as janelas enquanto ando, desconfiado de que haja mogs a espreita. Está muito calmo.

— E tem o grande general — Sam diz. — Ele não estava entre os que você explodiu.

Estou atravessando o gramado da casa de Adam quando uma janela da frente se estilhaça com o corpo de Adam sendo lançado para fora. Suas pernas batem com força contra as grades da varanda e ele escorrega de cabeça para baixo, caindo como uma boneca de trapos no jardim. Corro até ele enquanto ele tenta se colocar de pé novamente.

— O que aconteceu? — grito.

— Papai… ele não está feliz — ele geme, olhando para mim enquanto me agacho junto a ele.

Um grande pedaço de vidro se projeta de sua bochecha, um fio de sangue escuro escorre pelo seu pescoço. Ele puxa o fragmento de vidro e o joga longe.

— Consegue se levantar? — pergunto, segurando seu ombro.

Antes que Adam possa responder, um vozeirão nos interrompe.

— Número Quatro!

O General caminha com confiança pela porta da frente, olhando para mim da varanda. Ele é grande e musculoso. As tatuagens em seu crânio pálido são as mais complexas que já vi em qualquer mog com exceção de Setrákus Ra. Vejo um movimento atrás dele – outros mogadorianos, não posso dizer quantos. Eles não saem da casa. É quase como se o General quisesse fazer isto sozinho.

Me levanto e o encaro, minhas mãos brilhando e queimando, uma bola de fogo flutuando em minha mão.

— Você sabe quem eu sou? — pergunto a ele.

— De fato. Há muito tempo espero esse encontro.

— Oh sim. Se você me conhece, então sabe que não tem chance contra mim — estico meu pescoço para ver atrás dele. — Nenhum de vocês têm.

O General sorri.

— Muito bem. Bravo. Uma mudança bem vinda. O último lorieno que encontrei correu. Tive que apunhalá-lo pelas costas.

Decido que já conversamos o bastante e lanço a bola de fogo nele. O General a vê chegando, se abaixa, e em um surpreendente movimento fluido, ele desembainha a espada, e corta o ar em sua frente quando a bola de fogo chega perto o bastante, e a brilhante lâmina mogadoriana absorve meu ataque. Isso não é bom.

O General pula a cerca, brandindo a espada acima de sua cabeça, trazendo consigo um arco vicioso em minha direção. Ele é rápido – mais rápido que os outros mogs com quem lutei – e meu escudo mal teve tempo de se expandir antes que a espada quase me cortasse em dois. O escudo repele a espada, mas a força é grande o bastante para me lançar para trás.

— John! — Adam grita, e o General, tendo parado ao lado dele, para um momento para chutar o rosto do filho. Adam grita, rolando para longe.

— Você é um desapontamento eterno — o General diz para Adam, tão baixo que eu mal posso ouvir suas palavras. — Fique no chão e talvez eu te mostre misericórdia.

Eu me levanto rapidamente, canalizando outra bola de fogo. O General aponta sua espada para mim e eu sinto como se algo corresse no ar, como se a lâmina sugasse a energia ao redor. Minha bola de fogo fica fraca e encolhe, me forçando a me concentrar mais para fazê-la maior. Enquanto isso, a grama ao redor do General vai do verde para o marrom, a lâmina drenando sua

energia.

Eu não vi nenhum mogs usando esse tipo de arma desde a batalha no bosque do Paradise High School.

— Não deixe te acertar! — Adam avisa, cuspindo sangue.

Mas seu aviso veio tarde de mais. Um borrão em forma de punhal de energia corta o ar saindo da lâmina do General e vem em minha direção; a energia é negra, tirando a cor de tudo, mudando a textura do ar enquanto passa, sugando a vida e o oxigênio, como um miniburaco negro.

Não tenho a chance de me esquivar. Meu escudo se abre, expandindo como um guarda-chuva, mas imediatamente se torna preto e frágil onde o tiro do General o atingiu. Congelado assim, meu escudo começa a desmoronar lentamente, indo embora como cinzas mogadorianas. Veias negras começam a se formar e se espelhar pelo escudo, e eu rapidamente o tiro antes que isso faça contato com minha pele. Quando cai no chão, meu bracelete quebra ao meio.

O General sorri para mim de novo e pergunta:

— Agora você vai correr.

Capítulo nove

OS MOGADORIANOS QUE ESTAVAM DE COBERTURA DENTRO DA CASA COMEÇAM A dar risada. Um por um, eles saem para a varanda, ansiosos para dar chegar mais perto, ansiosos para ver seu grande General despachar mais um Garde. Há mais ou menos uma dúzia deles, a equipe de restauração e mais alguns soldados e mensageiros, todos nascidos artificialmente. Não exatamente o tipo de alvo que estávamos esperando, mas isso não importa agora. Há apenas dois mogs nascidos naturalmente em toda Ashwood Estates – um deles é Adam, e ele está caído no gramado a alguns metros de mim, sangre negro escorrendo do seu rosto.

O outro está vindo em minha direção.

Assim que o General chega perto de mim, com a espada apontando para meu pescoço, penso que mordemos mais do que conseguimos mastigar – Adam e eu tentamos destruir uma cidade mogadoriana por completo.

Mas então eu me lembro de que não há só nós dois.

Com um guincho, Areal, ainda em sua forma de falcão, mergulha velozmente na direção do General. Suas garras penetram em seu rosto, e o gigante mogadoriano uiva de dor antes de conseguir bater com as costas da mão em Areal, afastando-o.

É a distração necessária que eu precisava. Rapidamente, eu crio outra bola de fogo e acerto o General. Desta vez, ele não tem tempo de levantar sua espada, e o fogo o acerta bem no peito. Espero que pelo menos ele perca o equilíbrio, mas o General mal cambaleia. A parte da frente do seu uniforme se queima, revelando parte de uma armadura mogadoriana que havia por baixo.

Areal, atordoado pela explosão, cai com um baque aos pés do General.

Ele pega sua espada e a mergulha em direção ao Chimæra, mas este se transforma rapidamente numa cobra no último segundo e desliza pela grama, afastando-se da lâmina. O General, com marcas frescas de garra em seu rosto, volta seu olhar para mim.

— Se escondendo atrás dos seus bichinhos? — o General diz. — Vergonhoso. Lute comigo com honra, garoto. Sem mais truques.

Eu levanto minha mão e sorrio para o General, observando os pássaros esvoaçantes por todos os lados.

— Espere aí. Apenas mais um truque.

E é quando um rinoceronte cai do céu.

Em um momento o Chimæra – não tenho absoluta certeza de qual – é uma pomba voando inocentemente sobre as cabeças dos mogadorianos; e no segundo seguinte é um rinoceronte africano de meia tonelada caindo de barriga sobre eles. Dois mogs que estavam na varanda são esmagados imediatamente, a madeira quebrando e se espalhando, a frente da casa afundando um pouco com o peso do animal. Outro mog é ferido pelo rinoceronte quando ele começa a esbravejar pelo local. Os outros pulam para o jardim, com as armas disparando. Eles não estão mais rindo. A nobre execução que eles esperavam que o General realizasse foi arruinada pelo nosso pequeno exército de Chimæras.

É um caos. Ao nosso redor, pássaros se transformam nas coisas mais letais – um urso, um casal de feras selvagens, alguma coisa parecido com um lagarto, que eu acho que é um Dragão de Komodo – todos atacando os mogadorianos. Eu vejo alguns dos Chimæras serem atingidos e se manterem de pé enquanto os mogs atiram loucamente neles, tentando desesperadamente se

reagrupar. Eles não serão capazes de aguentar por muito tempo. Agora temos o elemento surpresa.

— Me parece que você deveria ser o que vai correr — eu grito para o General enquanto me preparo para lutar com ele.

Verdade seja dita, eu não sei direito o que fazer. Ele é o pai do Adam, afinal de contas. Adam me disse para não mostrar piedade, mas ainda me parece errado matar um pai na frente do filho, mesmo eles sendo mogadorianos. Eu olho para Adam, esperando ele pelo menos me dê algum sinal com os dedos, mas ele ainda está caído na grama, lutando para se recompor. Areal está perto dele na forma de lobo, também parecendo um pouco cansado, lambendo gentilmente o rosto de Adam.

— Meu nome já está escrito na história como um assassino de Gardes! — o General rosna de volta para mim, nem se importando com a dizimação dos seus soldados, que está acontecendo logo atrás. — Se hoje for o dia de minha morte, eu vou levá-lo comigo.

Ele mira em mim, com a espada pronta para me acertar. Ergo o braço, esperando que meu escudo se abra para evitar o choque. Me leva um minuto para lembrar que meu pulso está nu, que meu escudo foi destruído. O General quase me acerta pelo meu excesso de confiança no bracelete. Eu tenho que girar para o lado no último segundo e posso sentir o quão sortudo fui quando a espada rasga um pedaço da minha camisa.

A espada do General pode ter errado, mas seu cotovelo não. Usando seu ímpeto para girar, ele me acerta bem na têmpora. Ele deve estar usando aquela armadura mogadoriana no corpo todo, porque o cotovelo pareceu mais um martelo. Eu cambaleio para o lado, tonto. O General me bate novamente, e eu mal consigo atacar com minha telecinesia, empurrando-o para trás. Seus pés arrancam tufos de grama do chão ao que ele se recusa a sair do lugar.

Ao invés de se atirar contra mim novamente, o General levanta usa espada, outro minivortex se formando na ponta da espada. Estou à deriva – sem escudo, sem cobertura – e sei que não posso drenar a energia que me acertar.

Então eu me preparo, pronto para mergulhar para o lado.

Antes que a espada possa descarregar a energia, a mão direita do General explode. Ele uiva e derruba a espada, mantendo a mão no alto para ver o buraco do tamanho de uma moeda em sua palma que não estava lá no segundo anterior.

— O papai diz “de nada” — ouço a voz de Sam no meu ouvido.

Olho sobre meus ombros para ver nossa van estacionada na rua de acesso. Malcolm Goode está parado perto da porta do motorista, usando-a como escudo enquanto ele segura seu rifle.

— Intrusos — o General rosna.

Antes que Malcolm possa atirar de novo, o General corre em direção ao caminhão de lixo, procurando cobertura. Ele é surpreendentemente rápido considerando o peso de sua armadura.

Bem, eu queria que ele corresse.

Corro atrás dele, com o pensamento de como ele matou os outros Gardes me enfurecendo. Pelo canto do meu olho, vejo um soldado mogadoriano apontar a arma para mim. Assim que ele atira, um Chimæra em forma de uma pantera preta pula nas suas costas. O tiro é desviado e acaba acertando a cadeira que o Dr. Anu usou nos experimentos. Eu sei que nosso objetivo era manter essa tecnologia mogadoriana intacta, mas isso não é de importância para mim agora.

Estou com muita raiva.

O General – tão orgulhoso de matar a Garde. De matar crianças.

Eu escreverei o último capítulo da sua preciosa história.

Agora.

Assim que chego perto do caminhão de lixo, vejo que o General foi para o campo de basquetebol e parou. Ele me chama para ir ao seu encontro, esperando por mim no centro da quadra. Eu entro, ignorando a parte de mim que sabe que ele está me levando para algum tipo de armadilha. O que quer que seja, não vai me impedir.

O General rosna alguma coisa em mogadoriano. Parece uma ordem. Nos meus pés, abaixo do asfalto, algum tipo de gerador ganha vida. Sinto uma carga estática enquanto um escudo em forma de doma cresce acima e ao redor da quadra, me prendendo com o General. Tudo de repente fica quieto, o barulho dos Chimæras espancando os mogadorianos foi bloqueado pelo escudo.

Dou um passo para longe da parede, percebendo o mesmo tipo de energia elétrica que encontramos na base de West Virginia. Eu me lembro de quão mal fiquei depois de lá – levou dias para eu me recuperar – e eu sei que não posso chegar perto.

No mesmo instante em que pensei nisso, uma Chimæra ansiosa na forma de um tigre se joga em direção ao General. A energia azul repele a Chimæra, derruba-a no chão, enquanto ela entra em um estado de convulsão, ainda fora do campo de força.

— Nós costumávamos promover briga entre píkens neste lugar – o General diz, fazendo gestos com a mão. — Era uma distração para os nascidos artificialmente. Pena deles, que não estão aqui hoje para testemunhar a conquista de hoje.

— Você quer um tempo a sós comigo, é isso? — eu provoco o General, tendo a certeza de manter uma distância segura entre mim e o campo de força.

— Eu quero matá-lo em paz — ele responde. — Com todos os seus amigos assistindo, impotentes.

— Boa sorte com isso.

Sem hesitação, eu corro em direção ao General, enquanto lanço bolas de fogo nele. Ele absorve cada uma delas. Pedaços grandes do seu uniforme se desintegram, mas não vejo nenhum dano causado por baixo da armadura. Sem expressar dor em seu rosto, o General corre em minha direção, como se pretendesse se jogar em cima de mim. Ele provavelmente pesa muito mais do que eu com aquela armadura. Mas que se dane.

Nós trombamos e eu fico sem ar, mas consigo me manter atento. Eu pressiono minha mão, ainda tragada pelas chamas do meu Lúmen, contra o rosto do General. Ele deixa escapar um grito de dor, mas esta é apenas uma reação dele enquanto queimo o seu rosto, sua pele pálida ficando preta e cheia bolhas ao ser queimada. Suas duas mãos envolvem meu pescoço, grandes o suficiente para seus dedos se sobreporem em minha nuca.

Ele aperta meu pescoço e pontos pretos imediatamente começam a aparecer em minha visão. Eu não posso respirar. Uma de minhas mãos deixa o rosto do General e eu agarro seus dedos. Parece que minha garganta vai ser destruída se eu deixar que eles apertem mais o meu pescoço.

É difícil me concentrar com ele me enforcando, mas consigo manter a intensidade do meu Lúmen enquanto, simultaneamente, uso minha telecinesia para manobrar a adaga que está presa em minha perna, sob a calça. Sem as mãos livres, junto a maior força telecinética que consigo e mando a lâmina em direção ao coração do General.

Minha adaga desvia em sua armadura. Antes que eu possa atingi-lo novamente, ele aperta mais os dedos no meu pescoço e eu perco o controle da telecinesia. Sentindo que vou desmaiar,

tudo o que posso fazer é manter meu Lúmen queimando no rosto dele.

— Quem você acha que vai morrer primeiro, garoto? — o General rosna, fumaça saindo de sua boca quando ele fala.

Eu tento revidar, me livrar dele, mas ele está com todo o peso sobre mim, me forçando a ficar de joelhos.

De repente, uma espada mogadoriana é empurrada em direção ao meu rosto. Incapaz de mover minha cabeça, eu posso apenas recuar para trás. A ponta da espada brilha bem na frente do meu olho. As mãos do General se afrouxam e depois me soltam completamente. Eu caio no chão, desesperado por ar, tentando descobrir o que acabou de acontecer.

— Pelas costas. Não é assim que você faz, pai?

Adam segura a espada do General com as duas mãos – é quase pesada demais para ele – e a tira das costas do pai. Ele a mergulhou direto no peito do General, a brilhante lâmina perfurando a armadura mogadoriana como se ela fosse feita de papel. Eu estava ocupado demais lutando pela minha vida para notar que o campo de força estava desativado. Por sorte, o General também.

Ele encara Adam, atordoado. O General deve ter percebido seu erro – todos os mogs conhecem o comando de voz para desativar o campo de força, mas um deles estava lutando contra eles.

O General tateia a ferida no seu peito e por um momento penso que ele vai continuar. Mas então ele cambaleia, estendendo a mão para agarrar Adam, como se ele quisesse abraçá-lo. Ou talvez estrangulá-lo. É difícil dizer.

Adam da um passo para o lado, um olhar indiferente no rosto, e deixa o General cair com o rosto virado para o pavimento. Além da quadra, a luta está acabada, todos os mogadorianos mortos. No quintal da casa de Adam, Sam está ajoelhado em frente a um Chimæra ferida. Malcolm está de pé a alguns metros de nós, na lateral da quadra, assistindo a cena do General, um olhar de preocupação no rosto. Eu me levanto e fico ao lado de Adam.

— Adam, você está...? — minha voz está rouca, minha garganta dói.

Adam levanta uma das mãos para me interromper.

— Olhe — ele diz, sem graça.

Aos nossos pés, o General começa a se desintegrar. Não acontece rapidamente como estou acostumado a ver com os outros soldados nascidos artificialmente e os mensageiros que matei. A decomposição do General é lenta, parte dele se desintegrando mais rápido que outras. Em alguns pontos, a sua carne derrete, mas não há ossos por baixo, um cotovelo do esqueleto se projeta para cima, ao lado da caixa torácica, todos conectados a um crânio meio desintegrado.

— Você pode ver onde Setrákus Ra o evoluiu — Adam diz, sua voz quase clínica ao que ele explica. — Feridas e doenças curadas, a força e a velocidade aumentadas. Ele prometeu imortalidade. Mas as partes não naturais se desintegram, como os nascidos artificialmente. O resto, o que sobrar, é a carne real, de um mogadoriano nascidos naturalmente.

— Não precisamos falar sobre isso agora — eu consigo dizer, ainda recuperando o fôlego.

Não que eu não aprecie a informação. É que o pai de Adam está caído aos nossos pés e ele está me dando uma lição sobre a genética mogadoriana como se nada estivesse acontecendo.

— Eles estão muito adiante para perceber isso, mas esse é o destino que Setrákus Ra oferece para meu povo. Cinzas e peças de reposição — Adam diz, olhando para os restos de seu pai. — Eu me pergunto como tudo seria se o Grande Líder nunca tivesse envenenado seu corpo e sua mente.

Adam solta a espada pesada no chão. Coloco minhas mãos em seu ombro, a repulsa que sentia por ele nos últimos dias esquecida. Ele acabou de salvar minha vida e matou seu próprio pai para fazer isso.

— Adam, está tudo bem — eu começo, não sabendo o que dizer nesta situação inusitada.

— Eu o odiava — ele responde, sem olhar para mim. Ele encara o uniforme queimado, pilhas de cinzas e ossos aleatórios que costumavam ser o General. — Mas ele era meu pai. Eu queria que as coisas pudessem ter terminado de uma maneira diferente. Para todos nós.

Eu me agacho sobre os restos do General e cuidadosamente removo a simples bainha preta que ele usava nas costas. Está um pouco desbotada, mas ainda inteira. Eu pego a espada de onde Adam a jogou, coloco-a dentro da bainha e entrego a ele.

— Eu não quero isso — ele diz, olhando para a espada com um olhar de desgosto.

— As coisas podem acabar diferentes — respondo. — Use isto de uma forma que seu pai nunca usou. Ajude-nos a vencer esta guerra e mude o destino dos nossos povos.

Adam hesita por um momento antes de aceitar a espada. Ele a segura com ambas as mãos e a encara. Depois de um momento de contemplação, Adam põe a bainha nos ombros. Ele se inclina com o peso, mas consegue se manter em pé.

— Obrigado, John — ele diz, baixinho. — Eu juro para você, esta espada nunca mais será usada contra um lorieno.

Sam caminha até nós.

— Vocês dois estão bem?

Adam assente. Eu toco a pele da minha garganta, que está inchada onde o General me enforcou.

— Sim, estou bem — eu respondo, então olho para Adam. — Terminamos? Ou há mais coisas vindo?

Ele balança a cabeça.

— Eu cortei a comunicação antes de... antes de eu me encontrar com o General. Não haverá nenhum reforço.

— Legal — Sam responde, olhando para as janelas vazias de Ashwood Estates. — Então acabamos de derrubar uma base mogadoriana.

Antes que eu possa ter qualquer sentimento de dever cumprido, vejo um olhar sombrio nos olhos de Adam. Ele não está mais olhando para seu pai. Ao invés disso, seus olhos estão se encontrando com o horizonte, como se ele esperasse ver alguma coisa ruim vir em nossa direção.

— O que foi? — eu pergunto a ele.

— Há uma coisa — ele diz devagar, escolhendo suas palavras cuidadosamente. — Eu só fiquei no centro de comunicações por alguns minutos, mas consegui captar alguns trechos de conversas. Tropas em movimento. Relocações em massa dos nascidos naturalmente para a fortaleza em West Virginia. Implantação de grupos de soldados nos centros populacionais.

— Ei, ei — eu digo, levantando minhas mãos. — O que tudo isso quer dizer?

— Invasão — Adam responde. — A invasão é iminente.

Capítulo dez

SETRÁKUS RA TEM ALGUNS DE SEUS CRIADOS TRANCADOS COMIGO EM UMA câmara fria sem nenhuma janela. Sem mais conversas educadas em jantares desagradáveis, eu acho. É tão pequeno aqui que eu posso ficar no centro, esticar minhas mãos e quase alcançar o outro lado com meus dedos.

Há uma pequena saliência em forma de domo no teto. Aposto que é uma câmera. Contra uma das paredes há uma mesa de metal com uma cadeira que parece que foi projetada para máximo desconforto. Em cima da mesa está uma cópia de O Grande Livro do Progresso Mogadoriano.

Era esperado que eu me sentasse e estudasse o trabalho do meu avô. Ler três seções e passar os últimos vinte minutos em contemplação profunda de cada um deles.

Não, obrigado.

Eu não tenho certeza de que seja a mesma cópia com a qual eu atingi aquela mogadoriana no primeiro dia aqui. Há muitos destes livros espalhados pela Anubis. É como se fosse a única coisa que os mogadorianos lessem. De qualquer forma, eles acorrentaram este à mesa para garantir que eu não o transforme em uma arma.

Ao invés de estudar, eu me inclino contra a parede mais longe da mesa e espero que os mogs fiquem sem paciência. Tento ignorar essa coceira que vem do feitiço mogadoriano que foi queimado no meu tornozelo. Se eles estão me observando – e eu tenho quase certeza de que eles sempre estão me observando – não quero que eles vejam que estou me sentindo desconfortável.

Eu definitivamente não quero que eles saibam do quanto estou com nojo da ideia de estar conectada a Setrákus Ra. Os mogs odeiam os lorienos, mas eles se matam para agradar o "Adorado Líder" deles, mesmo sabendo que ele costumava ser um de nós. Baseando no que ele me contou no jantar, Setrákus Ra se tornou uma espécie hibrida excêntrica, feita dos Legados poderosos de um Ancião e da tecnologia avançada de um mogadoriano. Ou é o que ele diz. É difícil diferenciar o que é fato e o que é ficção com ele. O que quer que ele seja agora – lorieno, mogadoriano ou algo entre os dois – Setrákus Ra passou séculos fazendo os mogs o verem como um salvador. Como um deus. De onde ele veio não importa para eles.

E embora eu perceba olhares tortos de alguns dos soldados abordo da Anubis – a maior parte da população – estou no nível de Setrákus Ra. Eu sou a neta de um autoproclamado deus. Até então, isso está me mantendo segura.

Como se sermos parentes não fosse o suficiente, agora estamos ligados pela versão do feitiço Lórico dele, o qual eu me lembro de me sentir excluída quando descobri que todos os outros Gardes estavam conectados da mesma maneira, todos protegidos pela mesma força. Eu queria fazer parte daquilo. Agora tenho uma cicatriz irregular no meu tornozelo.

Tome cuidado com o que você deseja, Ella.

Estou viajando, tentando descobrir uma maneira de testar o que o feitiço faz sem me machucar, quando começo a ouvir um barulho na sala.

Parece quase exatamente com um barulho de alarme de incêndio.

Primeiramente, parece que está tocando nos meus ouvidos, mas segundos depois é ampliado o suficiente que consegue apagar meus pensamentos. Eu cubro minhas orelhas, mas o som continua a ficar mais alto.

Está vindo das paredes, de todas as direções de uma só vez.

— Desligue isso! — eu grito para os mogs que tenho certeza que estão me vigiando.

Em resposta, o volume aumenta. Parece que minha cabeça vai explodir.

Eu cambaleio para longe da parede e volume abaixa imediatamente – de um som ensurdecedor para um apito. Quando dou mais um passo em direção ao Grande Livro, o volume abaixa mais um pouco.

Eu entendi. Quando eu finalmente abro o livro, o barulho se torna um zunido irritante.

Então é assim que Setrákus Ra pretende me "educar" – fazendo com que a única paz que eu possa encontrar seja literalmente nas páginas da enciclopédia mogadoriana.

Talvez eu deva tentar. Pode haver alguma informação que eu possa usar contra Setrákus Ra no livro entediante. Não vai matar dar uma lida rápida. Não há como eu acreditar nas mentiras que escritas nestas páginas.

O barulho some totalmente depois que eu começo a ler a primeira página. Mesmo que eu queira, eu não evito soltar um suspiro de alívio.

> *Não há maior conquista para uma espécie do que um empurrão do próprio destino genético. É por esta razão que a raça mogadoriana deve ser considerada a forma de vida mais evoluída de todo o Universo.*

Ugh. Eu não consigo acreditar que esse livro tem mais quinhentas páginas, ou que essa leitura se tornou obrigatória para uma espécie inteira.

Eu não vou encontrar nada de útil aqui.

Assim que meus olhos se distanciam da página, o barulho irritante volta, mais intenso do que antes. Eu ranjo meus dentes e olho de volta para o livro, lendo rapidamente mais algumas sentenças até que algo me ocorre.

Pego a ponta das trinta primeiras páginas mais ou menos e arranco-as do livro. O barulho nos meus ouvidos chega ao volume de uma sirene, meus olhos cheios de lágrimas, mas eu me forço a continuar. Eu seguro as páginas para que assim qualquer mogadoriano que esteja observando veja, então eu as rasgo no meio. Então eu as rasgo em pedaços cada vez menores, até eu ter duas mãos cheias de confete feio a partir das páginas do Grande Livro, e as jogo no ar.

— Como é que eu vou ler agora? — eu berro.

O barulho continua por mais alguns minutos. Chega ao ponto onde meu pescoço e minhas costas começam a doer pelo jeito com que os meus braços estão erguidos, por ter ficado muito tempo cobrindo as orelhas. Eu continuo a rasgar mais páginas do livro. Eu mal posso ouvir o barulho do papel rasgando.

E então, de repente, o barulho para. Os ossos do meu rosto, meus dentes – tudo dói. Mas eu os derrotei, o silêncio naquela sala pequena e apertada é o melhor que eu presenciei na minha vida.

Minha recompensa é algumas horas sozinha. Não que eu possa realmente dizer quanto tempo se passou. Eu sento na ponta da cadeira desconfortável, descanso minha cabeça na mesa e tento cochilar. Meus pensamentos estão mais altos na minha cabeça do que deveriam, e o zumbido nos meus ouvidos não vão me deixar dormir. Isso, e a sensação de que estou sendo observada. Quando abro meus olhos, parece que a sala ficou menor. Eu sei que é apenas minha imaginação, mas começo a enlouquecer um pouco.

Meu tornozelo está coçando loucamente. Eu puxo para cima a barra do meu vestido mogadoriano escuro – um novo, não o que Setrákus Ra queimou – e pressiono minha palma contra a pele e desejo que a cicatriz desapareça quando eu levantar minha mão. É claro que ela ainda está ali, mas pelo menos o pouco de suor na minha mão, na verdade, dá uma sensação boa contra a cicatriz fresca.

Alguma coisa ocorre a mim então. E se eu usar minha Aeternus para retornar para uma idade mais nova? A pela do meu tornozelo iria se curar?

Eu decido tentar. Fecho os olhos e penso em mim como eu era dois anos atrás. A sensação de ficar menor é como deixar sair o ar de uma longa respiração. Pelo menos desta vez quando eu abro os olhos a sala parece maior.

Eu olho para mim mesma. Eu encolhi alguns centímetros, fiquei mais magra, os músculos que eu comecei a desenvolver nos últimos meses desapareceram. E, ainda assim, a cicatriz mogadoriana na minha perna continua, rosa e dolorida como nunca.

— Aeternus. Temos isso em comum.

É Setrákus Ra. Ele está parado no vão da porta da minha pequena sala de estudos. Ainda naquela forma humana de plástico. Ele me observa com um sorriso casual, se inclinando contra a porta com os braços cruzados.

— É útil — eu respondo amargamente, cobrindo meu tornozelo. Fecho meus olhos e volto para minha idade original. — É o que eu ganho por ser sua parente. O Legado mais chato de todos.

— Você não vai pensar desta maneira quando tiver minha idade — Setrákus diz, ignorando meu insulto. — Você vai ser jovem e bonita para sempre, se quiser. Será uma inspiração para seus criados verem a líder deles radiante e sem idade.

— Eu não tenho nenhum criado.

— Não ainda, mas terá em breve.

Eu sei exatamente quem Setrákus Ra quer que eu governe, mas me recuso a aceitar. Eu me arrependo de ter usado minha Aeternus. Agora ele sabe de algo a mais sobre mim, outra maneira para ele tentar encontrar algo mais em comum comigo, como se fôssemos a mesma pessoa.

— O feitiço a está incomodando? — ele pergunta gentilmente.

— Está tudo bem — eu respondo rapidamente. — É como se ele nem estivesse aqui.

— Hmm. A irritação deve passar em um ou dois dias — ele pausa, com uma das mãos no queixo, refletindo. — Eu sei que dói agora, Ella. Mas logo você irá apreciar as lições que estou te ensinando. Você irá me agradecer por minha benevolência.

Eu franzo a testa pra ele, tendo certeza de que ele vai revidar com o que quer que eu responda. Então eu não digo nada. Apenas olho para ele.

— E agora? Você está, tipo me protegendo com essa coisa? É esse o objetivo?

— Eu não veria nenhuma ameaça vir contra você, criança — Setrákus Ra responde.

— Esse feitiço funciona como o da Garde? — eu dou um passo à frente em direção a ele e ao vão da porta. — Se eu correr e um dos seus criados tentar me impedir, qualquer coisa que ele faça para me ferir será refletido contra ele?

— Não. Nosso feitiço não funciona assim — Setrákus Ra responde pacientemente. — E eu iria te impedir, neta. Não um dos meus empregados.

Dou outro passo em direção a ele, me perguntando se ele vai se afastar. Ele se mantém parado.

— Se eu chegar muito perto, o feitiço se quebra?

Setrákus Ra não se mexe.

— Como os dois feitiços são diferentes, então os dois têm fraquezas diferentes. Se eu tivesse descoberto antes que juntar a Garde teria quebrado o feitiço dos Anciões, eu teria literalmente aniquilado a Garde — ele toca os três colares líricos que estão pendurados no seu pescoço. — Embora eu tenha que admitir, eu me diverti na caçada.

Tento me esforçar para parecer casual e sincera.

— Eu não deveria saber qual é essa fraqueza? Eu não quero acidentalmente quebrar o feitiço, vovô.

Setrákus Ra ri para mim. Eu começo a perceber que ele gosta quando eu finjo ser outra pessoa. Então, seus olhos recaem sobre as folhas rasgadas do seu livro e seu sorriso desaparece.

— Talvez, em breve, quando você estiver pronta, quando acreditar na pureza dos meus motivos — ele responde, e então abruptamente muda de assunto. — Diga-me, neta, além do Aeternus, quais outros Legados você desenvolveu?

— Apenas o que quer que seja que eu usei para ferir você na base de Dulce — eu minto, percebendo que é melhor manter minha telepatia em segredo. Eu estive tentando usá-la para me comunicar com os outros Gardes, mas a distância da Anubis com a Terra deve ser muito grande. Assim que pousarmos, eu vou tentar novamente. Até lá, quanto menos Setrákus Ra souber de mim, melhor será. — E eu não posso controlar este último. Eu mal sei o que ele é.

— Eu mal fui ferido — Setrákus Ra rosna. — Seus outros Legados devem se desenvolver logo, querida. Neste meio tempo, você gostaria de me mostrar a extensão do seu poder?

— Sim — eu respondo, surpresa comigo mesma.

Eu digo a mim mesma que é mais inteligente eu aprender como usar meus Legados, mesmo se meu professor for o maior monstro do universo.

Em resposta, Setrákus Ra sorri. Quase como se ele tivesse me ganhado. Ele não conseguiu, mas vou o deixar continuar pensando que estou me tornando fácil. Ele move as mãos em direção à sujeira que eu fiz com seu livro.

— Primeiro, limpe isto — ele comanda. — Eu verei se você terá a chance de praticar seus Legados assim que seu noivo chegar.

Meu o quê?

Capítulo onze

O PÔR DO SOL EM EVERGLADES SERIA BEM BONITO SE NÃO FOSSE A nave mogadoriana pairando no horizonte. Qualquer que seja o metal alienígena que foi usado na sua criação, não há reflexo algum, o tom rosa e alaranjado do fim do dia simplesmente é absorvido no casco. A coisa enorme não pousa – não há espaço aberto suficiente no pântano para que ele consiga, a menos que ele queira esmagar as naves mogadorianas menores que estão estacionadas na pequena via abaixo. Ao invés disso, a nave flutua, uma passagem de metal se desprendendo da lateral da nave e se encontrando com o chão. mogadorianos correm subindo e descendo a rampa, carregando equipamentos para dentro da nave.

— Deveríamos acabar com eles — Marina diz com naturalidade.

Nove pisca para ela.

— Você está falando sério? Eu conto pelo menos cem mogadorianos e a maior nave dos otários que eu já vi.

— E daí? — Marina contesta. — Você não ama lutar?

— Lutas que eu posso ganhar, eu amo — Nove responde.

— E as que você não pode ganhar você late, mas não morde, né?

— Já chega — eu digo antes que Nove possa dizer mais alguma coisa.

Não sei por quanto mais tempo Marina vai continuar a ser rude com Nove ou o que ele vai fazer para aliviar a tensão, mas agora definitivamente não é hora para lidar com isso.

— Discutir não vai nos levar a lugar algum.

Estamos agachados na lama, escondidos dos ocupados mogadorianos pela grama alta, bem perto de onde o pântano começa a invadir a clareira artificial.

Há dois prédios na nossa frente, um é de vidro e metal que parece muito com uma estufa, e outro que é um hangar de aviões, com uma pista de pouso estreita, perfeita para aviões com hélices pequenas ou para as naves mogadorianas em forma de disco, e nenhum lugar com espaço suficiente para a nave que está flutuando acima de nós. Assim como Dale disse antes dele fugir, o lugar todo parece que foi abandonado recentemente. O pântano está começando a se aproximar e rachar o asfalto, os suportes metálicos da estufa estão começando a enferrujar, e o logo da NASA quase desapareceu por completo da lateral do hangar. Claro que essas condições não impediram os mogs de estabelecerem uma pequena base aqui.

Mas agora, parece que eles estão se mudando.

— Marina, você sente alguma coisa? — eu pergunto.

A esta altura, não temos mais nada a esperar a não ser a intuição dela. Trouxe-nos até aqui, na localização exata de um ninho de mogadorianos. É bom que também nos leve um pouco mais para frente.

— Ele está aqui — ela fala. — Eu sei que não sei como, mas ele está aqui.

— Então vamos entrar lá — eu digo. — Mas vamos fazer de maneira inteligente.

Eu alcanço e aperto uma mão de cada, nos tornando invisíveis. Se um mogadoriano olhasse aqui agora, não seriamos nada além de três recortes estranhos na lama. Em grupo, levantamos, confiantes de que a horda de mogadorianos não será capaz de nos ver.

— Marina, você vai na frente — eu sussurro.

Enquanto nos esgueiramos para fora do pântano, Nove tropeça em uma raiz e quase cai, e nossas mãos quase se soltam. Essa seria a missão de resgate mais curta da história. Eu aperto sua mão com mais força.

— Desculpa — ele diz quietamente. — É que é estranho não poder ver minhas pernas.

— Isso não pode acontecer de novo — eu o alerto.

— Estou reconsiderando aquela ideia de invadir-e-matar-todos-eles — Nove responde. — Ser sorrateiro não é muito a minha praia.

Marina faz um som irritante, então aperto a mão dela com mais força, também.

— Nós precisamos nos mover juntos — eu digo entre os dentes, esperando recuperar aquele espírito de equipe que tivemos na luta contra os mogs mais cedo. — Vamos com calma, em silêncio, e não vamos tropeçar em nada.

Com isso, começamos a seguir em frente devagar. Não estou muito preocupada com o barulho que os nossos pés fazem ao tocar o chão, pois os mogadorianos estão ocupados tirando coisas da estufa e colocando-as na nave, as rodas dos seus carrinhos fazendo rangidos e sons de trituração. Estou acostumada a andar quando estou invisível, confiando nos meus instintos, mas sei que isso pode ser difícil para os outros. Nós nos aproximamos devagar, nos segurando, ficando o mais quieto possível.

Marina nos leva para a estufa primeiro. Os mogs estão concentrados pelo local, carregando nos carrinhos os equipamentos científicos mais loucos e bizarros que já vi. Observo enquanto um dos mogs empurra uma pequena estante equipada com rodas cheia de plantas – flores, pedaços de grama, mudas – todos encontradas na Terra, porém com um fluído cinza estranho. Eles parecem destruídos, à beira da morte, e eu me pergunto qual o tipo de experimentos que os mogs estavam fazendo com eles.

Há um mogadoriano alto na base da rampa conduzindo os outros até a nave. O uniforme dele é diferente dos normais que os soldados usam – aqueles mogs pelo menos estão tentando se misturar aqui na Terra, mesmo se vestindo como góticos estranhos. Esse cara é definitivamente algum tipo de general militar, seu traje formal e severo, todo preto, coberto de brilhantes medalhas e dragonas com pregos. As tatuagens na sua cabeça são muito mais elaboradas do que as outras que já vi. Ele segura um tablet na mão, checando itens enquanto passa o dedo na tela assim que os mogs carregam a nave. Ele dá ordens para os outros mogadorianos.

Marina tenta nos levar para mais perto da estufa, mas eu aperto a mão dela e planto meus pés no chão. Nove tromba nas minhas costas, deixando escapar um gemido irritante assim que paramos. O caminho a nossa frente é como uma pista de obstáculos mogadorianos – eles estão por toda parte. Se chegarmos mais perto, correremos o risco de trombar com um deles. Se Oito está naquela estufa com os experimentos deles, nossa única chance de pegá-lo seria um ataque frontal. Não estou pronta para seguir este caminho ainda.

Percebendo minha relutância, a mão de Marina fica um pouco mais fria na minha.

— Ainda não — eu sussurro pra ela, minha voz um pouco mais alta que nossa respiração. — Vamos checar o hangar primeiro.

Nós damos mais ou menos mais dez passos até que um rugido de animal nos faz parar. Da estufa, um grupo de mogs empurra uma jaula enorme. Dentro dela há uma criatura que deve ter sido uma vaca em algum momento, mas foi transformada em algo seriamente desagradável. Os olhos do animal são úmidos, chifres que parecem doer saem do seu crânio e suas mamas estão muito inchadas, e ela está coberta com a mesma coisa cinza que vi nas plantas. A criatura parece apática e deprimida, quase sem vida. O que quer que seja esses experimentos que os mogs estão fazendo aqui, são realmente desagradáveis e, como Nove, estou começando a considerar a ideia de Marina de apenas acabar com estes bastardos, com ou sem a nave gigante sobre nós.

— Esperem aí! — Nove sussurra na minha orelha. — Eu tenho uma ideia.

Expostos desse jeito, eu não tenho certeza se essa é uma boa hora para as ideias malucas

de Nove. Mas, um momento depois que ele nos parou, a criatura que parece uma vaca geme novamente e arrasta desajeitadamente seus pés dentro da jaula. Ela vai para o lado e joga seu peso contra o outro lado da jaula, fazendo com que os mogs que a puxam gritarem por ajuda enquanto a coisa ameaça cair. Então, o monstro chuta com uma de suas enormes patas, as barras, quase esmagando o rosto de um dos mogs.

— Eu pedi para ela nos dar uma distração — Nove sussurra, enquanto mais mogs chegam perto da jaula para tentar sedar o experimento deles. — A pobre coisa ficou feliz em ajudar.

A telepatia animal do Nove veio a calhar. Como se tivesse descoberto o propósito da vida, a vaca começa a se agitar, chocando-se contra as laterais da jaula, até mesmo furando o ombro de um dos mogs com seus chifres. O caos cria uma chance para passarmos pela massa de mogs que estavam na frente da estufa e seguirmos em direção ao hangar.

Todos paramos quando ouvimos o som de uma arma mogadoriana sendo disparada. Nos viramos, e eu vejo o oficial segurando sua arma, e um buraco na cabeça da criatura. Ele cai na gaiola, imóvel. Ele grita algumas ordens, e os mogadorianos começam a carregar o corpo para a nave.

Enquanto eu fico tensa, Nove sussurra pra mim:

— Melhor assim, ela estava com muita dor.

Com uma distância entre nós e a maior concentração de mogs, eu me sinto confortável para perguntar.

— O que eles estavam fazendo com ela?

Nove pausa antes de responder:

— Eu não pude, tipo, ter uma conversa íntima com o bicho. Mas acho que eles estavam tentando descobrir como torná-la mais eficiente. Eles estavam, uh, experimentando junto com a ecologia.

— Dementes — Marina murmura.

Nós andamos mais rápido para chegar ao hangar. À nossa direita, a beira da pista, há um trio de pequenas naves mogadorianas em forma de disco. Uma equipe da manutenção formada de cinco mogadorianos anda ao redor de uma delas, puxando placas de circuito da nave e parecem estar confusos. Eu acho que os mogadorianos têm dificuldade técnicas também. Além desses caras, o caminho está livre.

A porta gigante de metal do hangar, grande o bastante para que um avião pequeno possa entrar e sair, está entreaberta, suficiente apenas para uma pessoa passar. As luzes estão acesas dentro do hangar, mas tudo o que posso ver pela fresta é um lugar vazio.

Marina diminui a velocidade assim que alcança a porta e então para e espia lá dentro. Enquanto ela faz isso, eu olho por cima do ombro. Nada mudou – os mogs ainda estão carregando materiais para dentro da nave, completamente inconscientes de que acabamos de passar por eles.

— Alguma coisa? — Nove sussurra, e eu posso percebê-lo levantando o pescoço, tentando espiar pelas portas do hangar também. Antes que eu possa responder, ouço Marina parar de respirar abruptamente. Minha mão é alfinetada, como se de repente eu estivesse segurando um cubo de gelo.

— Droga, Marina! — eu sussurro, mas ela não está me ouvindo.

Ao invés disso, ela está passando pelas portas. Considerando que minha mão está adormecida, uso toda minha força de vontade para não soltá-la. Puxo Nove atrás de mim e seu ombro se choca contra a porta de metal, mas seu grunhido é abafado pelo barulho da porta.

O hangar está quase vazio por completo, os mogadorianos já retiraram quase todos os

seus equipamentos daqui. Grandes holofotes brilham para baixo das vigas, iluminando a mesa e a cadeira de metal no centro da sala. Elas são as únicas coisas que ficaram para trás, fazendo com que sombras apareçam no piso de concreto.

O corpo de Oito está em cima da mesa.

Ele está envolto em um saco preto, com o zíper aberto da cintura pra cima. Ele está sem camisa, o ferimento que Cinco causou com sua espada no coração de Oito é visível em seu peito. Sua pele morena está pálida, porém Oito ainda parece muito com ele mesmo, como se a qualquer momento ele fosse se teleportar da mesa e fazer alguma piada ridícula comigo. Há pequenos eletrodos pretos com pequenas antenas frágeis anexadas a ele. Os eletrodos geram algum tipo de escudo que é quase impossível de se ver a olho nu, como se uma corrente elétrica baixa e estável estivesse correndo por cima de seu corpo. Acho que é algo que os mogs anexaram ao corpo de Oito para mantê-lo intacto para futuros experimentos. Junto aos eletrodos, alguém limpou o sangue dele, e surpreendentemente, eles deixaram o pingente lórico ao redor do seu pescoço, a joia brilhando cintilantemente no seu peito. Me mata vê-lo assim, mas Oito parece estar quase em paz.

É claro que Oito não é a razão pela qual Marina me puxou pelas portas do hangar, ou a razão pela qual ela está quase congelando minha mão neste momento.

Sentado ao lado de Oito, com as mãos na cabeça, está Cinco.

Cinco está sentado com os braços apoiados nas pernas, quase como se desejasse poder se esconder em si mesmo. Há uma camada grossa de gazes sobre o olho que Marina arrancou no pântano, uma mancha rosa muito fraca começando a aparecer no meio. Seu olho bom está avermelhado; parece que ele esteve chorando ou que não tem dormido – ou ambos.

A cabeça de Cinco está quase raspada por completo comparada a última vez que o vimos. Eu me pergunto quando é que ele vai fazer as suas próprias tatuagens mogadorianas. Ele está usando um uniforme mogadoriano similar ao do oficial que está do lado de fora do hangar. Entretanto, seu uniforme está severamente amarrotado, os botões ao redor do seu pescoço desabotoados, tudo parecendo muito apertado.

Não há como o traidor caolho não ter nos ouvido entrar. Graças a Marina, fizemos muito barulho enquanto passávamos pela porta, e o vazio do hangar amplifica tudo para o ponto onde eu estou extremamente consciente da minha respiração. Pior ainda, eu posso ouvir um rosnado vindo de Marina, como se ela estivesse lutando contra um grito, pronta para se jogar para cima de Cinco.

Atrás de mim, percebo que Nove está prendendo a respiração.

O olho bom de Cinco vira rapidamente para a nossa direção. Com certeza ele nos ouviu, mas não pode nos ver. Talvez haja esperança de que ele apenas pense que foi um barulho feito por algum dos mogs lá fora. Eu quero revanche contra o Garde renegado, também – uma em que ele não me soque e me deixe inconsciente antes mesmo da luta começar – mas nós temos que escolher nossas batalhas. Lutar contra Cinco em um lugar fechado com uma nave mogadoriana do lado de fora é definitivamente uma luta que não queremos. Teremos que pensar em outra maneira de recuperar o corpo do Oito.

Puxo o braço de Marina, as alfinetadas geladas agora substituídas pelo total adormecimento, tentando comunicar-lhe que a ideia de enfrentá-lo aqui não seria a mais inteligente. Ela resiste por um momento, mas então eu começo a sentir que ela está se acalmando, o que posso dizer pela minha mão, que está voltando à temperatura normal.

Mas assim que Marina volta a respirar calmamente, vejo uma névoa de ar frio formar-se em frente a ela. Uma pequena nuvem de ar de uma menina invisível, flutuando abaixo das luzes

do hangar.

Cinco percebe, e estreita os olhos. Ele se levanta da cadeira e olha diretamente na nossa direção.

— Eu não quis fazer aquilo — ele diz.

Capítulo doze

EU APERTO AS MÃOS DE MARINA E NOVE, ESPERANDO QUE ISSO SEJA O suficiente para que eles não reajam a Cinco, dando a ele nossa posição. Não estou pronta para perder nossa única vantagem – a invisibilidade – não ainda.

Felizmente, eles se controlam, e as palavras de Cinco ficam no ar, sem resposta.

— Sei que não vai acreditar em mim — Cinco continua. — Mas ninguém deveria ter morrido.

O olhar suplicante de Cinco ainda está voltado diretamente para nós, e então devagar, calmamente, começo a liderar os outros na outra direção. Nós damos um passo por vez, sem fazer nenhum barulho. Gradualmente, saímos da visão de Cinco, flanqueando-o. Agora, ele olha para um lugar completamente vazio, esperando estupidamente por uma resposta.

Com um grunhido, Cinco vira as costas. É como se nunca estivesse falando conosco. Em vez disso, ele começa a falar diretamente com o corpo de Oito.

— Você não deveria ter feito o que fez, se jogar na frente de Nove — Cinco diz, sua voz quase melancólica. — Foi heroico, isso eu concordo. Eu meio que admiro você por isso. Mas não valeu a pena. Os mogadorianos vão vencer de qualquer forma, sabia? Um cara sensato como você teria visto isso. Você poderia ter ajudado com a reconstrução e a unificação. Nove, contudo… ele é muito burro para saber quando está derrotado. Ele não é bom para ninguém.

Sinto os músculos do braço de Nove tencionar, mas por enquanto ele resiste à tentação de partir para cima de Cinco. Isso é bom – ele está aprendendo. Ou talvez, como eu, esteja atordoado com tudo que está acontecendo, Cinco divagando, fingindo que não estamos aqui.

Cinco coloca sua mão gentilmente no ombro de Oito. A manga do seu uniforme se levanta e noto uma bainha de couro presa ao seu braço, a que tem uma lâmina escondida que ele usou para matar nosso amigo.

— Ele me disse — a voz de Cinco fraqueja um pouco quando ele continua falando com Oito. — Ele me disse que eu teria a chance de falar com vocês para me acompanharem. Ninguém seria machucado se apenas aceitassem o Progresso Mogadoriano. Ele manteve sua palavra antes, quero dizer, estou vivo para provar, certo? Quando o feitiço quebrou, ele poderia ter me matado, mas não matou.

Cinco deve estar falando de Setrákus Ra, sobre o acordo firmado com o líder mogadoriano. Ele anda em torno da mesa, virando suas costas para nós. Marina da um passo na direção dele, mas não a deixo ir mais longe. Não sei por que Cinco está falando tanto, mas ele tem de saber que estamos aqui. Não tenho certeza se isso é uma armadilha, se ele está nos atraindo, ou o que está acontecendo. Mas eu quero ouvir.

— Não queria que você tivesse sofrido lavagem cerebral — Cinco diz, de pé ao lado de Oito, sua nuca apresentando um alvo perfeito. — Pensando que tudo ou é preto ou é branco, há heróis ou vilões.

Cinco alcança e pega o pingente de Oito, apertando a joia em seu punho.

Seu legado – Externa, como ele o chama, em que sua pele fica como aquilo que ele toca – entra em ação, a pele de Cinco brevemente brilha da cor de cobalto de loralite. Depois de um momento, ele larga o colar com um suspiro, e sua pele volta ao normal.

— Mas talvez, seja eu quem sofreu a lavagem cerebral , correto? Não foi o que vocês me disseram? — Cinco solta um gargalhada baixa, em seguida ele ajusta devagar a gaze sobre seu olho destruído. — Eles enchem a cabeça de vocês com toda essa porcaria, os Anciões, e o

Grande Livro. Todas essas regras sobre quem nós deveríamos ser. Mas eu não ligo para nada disso. Eu só quero tentar sobreviver.

Sinto a mão de Nove suando na minha; ele deve estar lutando para não atacar.

Marina, contudo, não está irradiando o furioso frio que emanava alguns momentos atrás, provavelmente por que a cena que se desenrola em nossa frente é errada e patética. Se o discurso de Cinco – claramente para nosso benefício – revelou alguma coisa, é que ele perdeu a cabeça.

Cinco tira alguma coisa que estava na testa de Oito suavemente, e então move a cabeça.

— De qualquer forma, por favor, me desculpe, Oito — Cinco diz, com aquele tom de voz casual, mas misturado com uma sinceridade subjetiva. — Sei que isso não significa nada. Serei um covarde, um traidor, um assassino pelo resto da minha vida. Isso não mudará. Mas quero que você saiba que eu queria que as coisas tivessem sido diferentes.

Atrás de nos, alguém pigarreia. Todos nós estávamos tão concentrados no monólogo de Cinco – incluindo o próprio Cinco – que nem notamos o oficial mogadoriano entrar. Ele olha Cinco com cautela, sua postura rígida e formal.

Olhando para ele, ali de pé como um soldado pronto para entregar um relatório, me ocorre que mogadorianos talvez recebam ordens de Cinco. Nesse caso, ele parece enojado com isso.

— Terminamos de carregar a nave — o oficial diz.

O mog espera Cinco reconhecê-lo, mas Cinco fica em silêncio por um longo tempo, deixando o momento estranho. Ele fica debruçado sobre o corpo de Oito, respirando lentamente. Eu fico tensa, e quero saber se seu estranho jogo acabou e se agora ele esta pensando em soar o alarme. O oficial mogadoriano fez um péssimo trabalho escondendo o quanto o silêncio de Cinco o perturba.

— Um dos grupos de caça não responde — ele continua. — E os mecânicos estão tendo dificuldades com uma das naves.

Cinco suspira.

— Tudo bem — ele diz. — Vamos deixá-los para trás.

— Sim, essas eram minhas ordens — o oficial responde, incerto do seu poder. — Está pronto para irmos?

Cinco se vira para o oficial, um brilho malicioso brilha em seu único olho.

— Claro. Vamos sair daqui.

Cinco anda em direção as portas do hangar, seus movimentos ironicamente lentos. Estamos ao lado, assistindo tudo, quietos. O oficial franze a sobrancelha, sem sair do caminho de Cinco.

— Não está esquecendo-se de nada? — o oficial pergunta a Cinco quando estão quase cara a cara.

Cinco coça sua cabeça.

— Hã?

— O corpo — o oficial diz, entediado. — Suas ordens são de levar o corpo do lorieno. E o colar.

— Oh, isso — Cinco responde, e olha para trás onde o corpo de Oito está. — O corpo sumiu, capitão. A Garde deve ter entrado aqui e o levado. É a única explicação.

O capitão mogadoriano não sabe o que dizer. Ele faz um estalo em seu pescoço, olhando além de cinco, onde Oito está visível na mesa. Então, ele estuda o rosto de Cinco, seus olhos se estreitam de impaciência.

— Isso é algum tipo de piada, lorieno? — o capitão silva. — Ou você está cego dos dois

olhos agora? O Garde está logo ali.

Cinco ignora o insulto e balança sua cabeça para o capitão, fazendo sons com a boca.

— Aconteceu sob sua vigilância, também — Cinco diz. — Você os deixou roubar um trunfo de guerra bem debaixo do seu nariz. Isso é basicamente traição, meu amigo. Você sabe qual é a punição para isso.

O mogadoriano abre sua boca para outro protesto descrente. Ele é atingido por um fragmento de metal, a lâmina de cinco pulando para fora da manga. Sem hesitação, ele dirige a lâmina para a parte de baixo da mandíbula e perfura o cérebro do mog. Antes de começar a desintegrar, há um olhar de total surpresa no rosto do mog.

Cinco não se move enquanto o mog se transforma em cinzas. Ele desintegra mais devagar que outros mogs que já vi, e quando termina, há ossos irregulares saltando do uniforme amassado. Cinco retrai sua lâmina de volta pra dentro do mecanismo em seu antebraço e chuta os restos do oficial para longe das portas.

Em seguida, ele ajeita cuidadosamente seu casaco.

De onde estamos, Cinco está de perfil, e seu olho visível é o que está coberto pela gaze.

Por isso, não é fácil ler sua expressão.

— Boa sorte — Cinco diz, então caminha na direção das portas do hangar, se fechando atrás dele.

Ninguém diz nada ou se move por cerca de um minuto, todos estávamos um pouco preocupados que um esquadrão de mogs fosse entrar aqui no segundo seguinte. Finalmente, Nove larga minha mão, se tornando visível novamente.

— Certo. O que diabos foi aquilo? — ele exclama. — Isso foi uma criança tentando fazer amigos agora ou ele é completamente maluco?

— Não importa — respondo. — Temos Oito, isso que é importante. Podemos lidar com Cinco outra hora.

— Ele está sozinho e perdido — Marina diz suavemente, também soltando minha mão. Ele me nota quando esfrego para me esquentar, a sensação gelada ainda se mantém, e franze a sobrancelha. — Me desculpe, Seis. Ele trouxe isso para fora de mim.

Aceno, não querendo falar sobre o controle do Legado de Marina no momento. Eu aponto para as portas do hangar e elas se abrem um pouco. Abri a tempo de ver Cinco desaparecer na rampa da nave de guerra, o último a subir abordo. Uma vez que ele está dentro, a rampa se recolhe para o interior da nave que começa a subir, o motor ronronando com uma suavidade que parece impossível para algo daquele tamanho. Assim que alcança certa altitude, a nave de guerra começa a tremular e começo a ter problemas em distingui-la das nuvens arroxeadas. Desajeitadamente, e praticamente em silêncio, equipado com algum dispositivo de camuflagem – e como podemos lutar contra algo assim?

— Parece que você sente pena dele — Nove diz para Marina.

— Não — ela se vira para Nove, mas posso sentir uma dúvida se formando na voz de Marina, mas que sua expressão mostra outra coisa. — Eu… você viu o olho dele?

— Vi um buraco em sua cabeça escondido por um curativo — Nove responde. — Cara tem muita mais que isso vindo para ele.

— Você acha que é isso que Oito gostaria? — pergunto, honestamente querendo saber. — Ele morreu tentando evitar que nos matássemos.

Com a nave de guerra saindo de visão, viro minha cabeça para os outros. Nove morde os lábios e olha para o chão, considerando o que eu acabei de dizer. Marina se sentou na cadeira em que Cinco estava ao lado de Oito. Ela toca timidamente os eletrodos e os ondula em seus dedos

pelo campo de energia. Quando nada acontece, Marina gentilmente passa seus dedos pelos cabelos cacheados de Oito. Os olhos dela brilham com lágrimas frescas, mas ela as segura.

— Eu sabia que iria encontrá-lo — ela sussurra. — Sinto muito por ter te deixado.

Ando para me unir a Marina junto à mesa, olhando Oito. Talvez seja minha imaginação, mas parece que ele tem o sorriso mais leve em seus lábios.

— Queria ter te conhecido melhor — digo a Oito, colocando minha mão levemente em seu ombro. — Queria que nossas vidas tivessem sido diferente.

Nove hesita, mas eventualmente se une a nós junto à mesa, postado ao lado de Marina. A princípio, ele evita olhar diretamente para o corpo de Oito, os lábios contraídos, os músculos do pescoço se contraindo como se estivesse tentando levantar algo pesado. Ele está envergonhado, acredito. Parece um grande esforço de sua parte, mas depois de um momento Nove considera olhar para Oito. Imediatamente, ele alcança o fecho da bolsa do corpo e o levanta um pouco, o bastante para esconder a ferida de Oito.

— Oh cara — ele diz calmamente. — Sinto muito por… — Nove balança a cabeça, correndo a mão pelos seus cabelos. — Quero dizer, obrigado por salvar minha vida. Cinco está certo, hã, você provavelmente não deveria ter morrido. Se eu ao menos tivesse calado minha boca você provavelmente ainda estaria… droga, sinto muito, Oito. Sinto muito mesmo.

Nove respira fundo, obviamente segurando suas lágrimas. Marina coloca suavemente suas mãos nas costas dele e se inclina para ele.

— Ele iria perdoá-lo — ela acrescenta suavemente — Eu te perdoo.

Nove envolve Marina com os braços e a puxa para um abraço apertado o suficiente para fazê-la dar um gritinho agudo. Ele afunda seu rosto nos cabelos dela, escondendo suas lágrimas. Minha mente está sempre correndo – querendo noticias sobre John, Sam e os outros, preocupada com como vamos encontrar o caminho de volta pra eles, se é que eles estão vivos e livres – mas ver Marina e Nove assim, juntos, começando a se curar, me dá esperanças. Somos fortes. Podemos suportar qualquer coisa.

— Precisamos nos mover — digo gentilmente, relutando em acabar com esse momento, mas sabendo que é o que temos que fazer.

Nove finalmente larga Marina, e cuidadosamente fecha a bolsa com o corpo de Oito. Nove levanta, com muito cuidado, o corpo de Oito em seus braços.

Estamos nos virando na direção das portas do hangar quando elas abrem.

O grupo de mogadorianos que estavam trabalhando na nave menor.

Esqueci completamente deles. Eles ficam no caminho das portas, apanhados no meio do traslado da nave quebrada para o hangar. Eles parecem tão surpresos quanto nós.

Antes que possamos fazer alguma coisa, um som mecânico vem da nave. A parte da frente – ou talvez o lado – do disco se vira diretamente para nós e se abre, um buraco de canhão aparecendo, zumbindo e chiando com eletricidade.

Deve haver um mog lá dentro.

— Para baixo! — Nove grita.

Não há cobertura no hangar vazio, com exceção da mesa de metal, e é tarde demais para nos tornarmos invisíveis.

Marina vira a mesa, Nove agacha com o corpo de Oito ainda em seus braços, eu mergulho para o lado, esperando que sejamos rápidos o bastante antes que o tiroteio comece.

Capítulo treze

— VOCÊ RECONHECE O NOME GRAHISH SHARMA? — SARAH PERGUNTA.

Eu penso por um momento, tentando encontrar o nome na memória.

— Me parece familiar. Por quê?

Estou em pé no jardim da frente da casa antiga de Adam, a voz de Sarah chegando de uma distância longa pelo celular descartável. Além das quadras de basquete vazias, o sol está começando a mergulhar abaixo do horizonte. Um pássaro grande passa através do céu laranja e eu me pergunto se é um dos nossos – nós pedimos para os Chimæras ficarem em pontos estratégicos por toda Ashwood States para nos comunicar caso qualquer intruso apareça. Até agora, está tudo tranquilo. Se eu não soubesse a verdade, me pareceria que eu estava passeando num condomínio fechado qualquer num subúrbio quieto, onde todas as pessoas ainda estão no trabalho.

— Ele é da Índia — Sarah explica. — Ele é o comandante de alguma coisa chamada Oito Nacionalistas de Vishnu.

O nome vem à minha lembrança com a menção de Oito e eu estalo os dedos.

— Ah, sim. Esse é o cara do exército que estava protegendo o Oito no Himalaia.

— Hmm — Sarah diz — então a história dele é verdadeira.

Eu ando pela grama, imaginando Sarah e seu cabelo loiro preso em um coque por um lápis ou uma caneta, debruçada sobre alguns documentos na nova sede do Eles Estão Entre Nós. Não me importa que essa sede esteja localizada em um rancho abandonado a quilômetros fora de Huntsville, Alabama. Não me importa que Sarah foi escoltada até lá pelo seu ex-namorado, Mark, quem se tornou surpreendentemente capaz de ser um espião. Mas é na imagem de Sarah que eu foco.

— Que história é essa?

— Bem, são muitos rumores e estamos tentando cortar todas as coisas estranhas que encontramos na internet. Mas parece que esse Sharma está alegando que derrubou uma nave alienígena e que capturou sua tripulação.

— Alguns dos mogs que estavam atrás de Oito, provavelmente — eu respondo.

— Certo. Pegou-os vivos e tudo mais. Embora isso tenha acontecido na Índia, ainda deveria ter sido notícia nacional, mas não é. Alguém está abafando o caso. Mark está tentando entrar em contato com Sharma. Ele quer postar a história no Eles Estão Entre Nós, com esperança de expor os mogs para o público geral.

— Hum — eu digo, esfregando minha nuca e pensando alto. — Pode ajudar a reunir apoio, caso as coisas fiquem ruins.

— O quão pior as coisas podem ficar, John?

Engulo seco. Embora eu tendo usado meu Legado de cura brevemente depois da batalha, eu ainda consigo sentir os dedos do General prendendo meu pescoço.

— Eu não sei — digo, não tendo certeza se estou escondendo a teoria de Adam sobre a invasão iminente para Sarah. Acho que talvez eu ainda esteja querendo protegê-la. — Como Mark está lindando com isso?

— Ele está se dando bem — Sarah responde — Ele mudou muito.

— Quanto? — Sarah hesita.

— Eu... é difícil explicar.

Eu não demoro muito com o assunto sobre o estado de Mark James. Não é sobre isso que

quero conversar. Realmente, depois de quase morrer esta tarde, tudo o que eu quero é ouvir a voz de Sarah.

— Eu sinto sua falta — digo.

— Eu também sinto a sua — Sarah responde. — Depois de um longo dia lutando contra aliens invasores e conspirações internacionais mal resolvidas, eu queria que nós pudéssemos apenas nos aconchegar naquele velho sofá no meu porão e assistir um filme.

Isso me faz rir, o sentimento agridoce enquanto imagino o tipo de vida normal que eu Sarah estaríamos vivendo se não estivéssemos tentando salvar o mundo.

— Em breve — digo a ela, tentando parecer confiante.

— Eu espero — ela responde.

Percebo um movimento atrás de mim e eu me viro, encontrando Sam parado na varanda arruinada da casa de Adam. Ele faz menção para que eu entre.

— Sarah, preciso ir — eu digo, relutante por ter de desligar o telefone.

Estamos nos falando a cada oito horas como planejamos, e eu sinto um alívio toda vez que ouço a voz dela. Toda vez que desligo o telefone, começo a pensar na próxima vez... a vez que ela não vai ligar.

— Tenha cuidado, ok? As coisas devem ficar piores logo.

— As coisas já não estão piores? — ela pergunta. — E você, tome cuidado. Eu te amo.

Eu digo tchau para Sarah e inclino minha cabeça para Sam. Ele parece quase excitado, como se ele tivesse ouvido novidades ótimas nos últimos cinco minutos.

— O que foi?

— Vem comigo — ele diz. — Descobrimos uma coisa.

Eu pulo no que sobrou da varanda depois dessa tarde e sigo Sam pela porta meio afundada que leva a sala de estar. O interior da casa combina com o exterior – a perfeita ideia de uma casa humana do subúrbio – exceto pela mobília, que parece que foi arruma exatamente como nas páginas de catálogos.

Absolutamente não há nenhum sentido em ser habitada. Eu tento imaginar como deve ter sido para Adam crescer nesse lugar, tentando imaginá-lo batendo pequenas cartas de Píken no chão, e eu apenas não consigo.

Ao fundo da sala de estar há uma grossa porta de metal, fechada por muitos cadeados de segurança, operados por um teclado cheio de símbolos mogadorianos. A porta é a única coisa que quebra a ilusão de subúrbio e é na verdade surpreendente para mim que os mogs não tentaram escondê-la atrás de uma estante de livros ou algo do tipo. Acho que eles nunca imaginaram que os inimigos iriam chegar tão longe. A porta já está aberta, destrancada por Adam mais cedo, e é por ela que eu e Sam descemos para os túneis abaixo de Ashwood States.

Nós descemos por uma longa escada de metal, a falsa simplicidade acima rapidamente substituída por estéril aço inoxidável e pelo zumbido de lâmpadas alógenas. A rede labiríntica de túneis abaixo de Ashwood States apenas confirma mais ainda minha ideia sobre os mogadorianos – funcionais e frios. Aqui não é tão alastrado igual na montanha oca em West Virginia, mas definitivamente deixa a base de Dulce fora da competição. Eu me pergunto quanto tempo demorou a eles cavarem tudo isso, os mogs escavando a Terra durante todos esses anos enquanto eu fugia com Henri, expandindo seu alcance sem nos darmos conta.

Há uma rachadura irregular e longa na parede que começa na metade do caminho abaixo das escadas e segue à frente, mais fundo dentro dos túneis. Sam chega a arrastar sua mão ao longo dela, revestindo os dedos com pó de concreto.

— Temos certeza de que esse lugar não vai desmoronar, não é?

— Adam não acha isso — Sam responde, batendo as mãos para limpá-las, o som ecoando. — Me enlouquece ficar aqui, para falar a verdade. É claustrofóbico.

— Não se preocupe. Não vamos nos demorar.

Passamos por outras rachaduras enquanto andamos pelos corredores sinuosos, lugares onde a base foi deslocada, pedaços de concreto pendurados e se chocando uns com os outros. O dano foi causado na última vez que Adam esteve aqui, quando ele usou seu Legado de gerar terremotos para resgatar Malcolm. Existem alguns corredores onde os tetos desabaram absolutamente por completo.

No final do corredor, passamos por uma sala ampla, bem iluminada que parece que poderia ter sido um laboratório em um algum ponto, cheia de botões, alavancas e mesas de trabalho, mas nenhum equipamento. Tudo deve ter sido destruído com o ataque de Adam, e a equipe de restauradores mog, nunca teve a chance de substituir. Ao lado do laboratório, passamos por uma fileira de salas opressivas de oito por oito com portas grossas feitas de vidro à prova de balas. Celas. Todas elas atualmente desocupadas.

— Os arquivos estão aqui em cima — Sam me diz. — Meu pai está lá há horas. Os mogs gravaram tudo.

Paramos numa pequena sala – quase como um escritório – com um enorme banco de monitores. Malcolm está atrás de um terminal de computadores único, com os olhos turvos por assistir quem sabe quantas horas de filmagem. Na tela, um mensageiro mogadoriano fala diretamente para a câmera.

— Já faz três dias desde que vazaram rumores sobre a presença de lorienos em Buenos Aires — o guarda relata. — Ainda não há nenhum sinal da Garde, mas a vigilância continua...

Malcolm pausa o vídeo quando nos percebe, e esfrega seus olhos.

— Encontrou alguma coisa útil?

Malcolm balança a cabeça e puxa uma lista de arquivos no computador. Ele passa um dedo pelo ecrã, e os arquivos iniciam uma rolagem infinita. Há milhares deles, e todos os seus títulos estão em mogadoriano.

— Pelo que entendi, isso é mais ou menos cinco anos de inteligência mogadoriana de valor — Malcolm explica. — Eu precisaria de um time e tanto para ver todas. Mesmo com Adam traduzindo estes títulos, que são basicamente datas e horas, é difícil ter uma ideia por onde começar.

— Talvez possamos contratar alguns estagiários — Sam sugere, então pega meu braço. — Venha, precisamos ver Adam.

— Faça o que você conseguir — eu digo para Malcolm antes de Sam me puxar para longe. — Mesmo a menor quantidade de informação pode ajudar.

Mais alguns passos pelo corredor e chegamos à sala de Adam descrita como sendo o centro de controle. A sala está praticamente intacta, por isso foi onde ele se estabeleceu. As paredes estão cobertas de monitores, imagens de câmera de segurança de Ashwood, mas também feeds de gravações de outros locais, incluindo uma câmera de segurança do John Hancock Center. Sob os monitores são uma fileira de computadores, não é exatamente fácil de usar uma vez que todas as coisas estão em mogadoriano.

Coloco as mãos nos quadris e observo este lugar, olhando as câmeras que não há muito tempo estariam focadas em mim. É uma sensação estranha estar do outro lado. Como Sam, este lugar me faz ficar apreensivo.

— Estamos seguros aqui? — eu pergunto. — Todas essas câmeras... não há nenhuma nos monitorando?

— Eu as desativei — Adam responde. Ele está em uma cadeira giratória em frente a um dos computadores, digitando alguns comandos. Ele se vira e olha para mim. — Usando a senha do General, enviei um código para a central de comando mogadoriana em West Virginia, relatando que a equipe de restauração descobriu um vazamento químico tóxico. E que levará um bom tempo para limparmos. Eles vão presumir que a falha nas câmeras deve ter alguma coisa relacionada com a equipe de restauração.

— Quanto tempo nós temos agora?

— Alguns dias? Uma semana? — Adam responde. — Eles suspeitarão quando o General não voltar, mas nós podemos nos virar por enquanto.

— O que devemos procurar no meio tempo?

— Seus amigos — Adam responde. — Na verdade, acredito que já os encontrei.

— Sim, na Flórida — eu digo. — Nós já sabíamos disso.

— Não, ele os encontrou. Tipo, exatamente — Sam responde, sorrindo para mim. — É por isso que eu o trouxe aqui. Olhe isto.

Sam aponta para uma das telas, desta vez mostrando um mapa dos Estados Unidos. O mapa está coberto de triângulos de vários tamanhos. Há um pequeno triângulo sobre a nossa localização, juntamente com alguns indicadores semelhantes espalhados por todo o país. Há triângulos maiores brilhando em cima de centros populacionais. Nova York, Chicago, Los Angeles, Houston – todas estas cidades são marcadas no mapa. O maior triângulo de todos é o que está a oeste de nós, em torno de onde a base dos mogs está escondida em West Virginia.

— Isso é, hã... — Sam olha para Adam. — Como chamaria essa coisa?

— Panorama tático de ativos — Adam responde. — Mostra onde meu povo tem operações ocorrendo no momento.

— Eles estão se concentrando nas metrópoles — eu digo, estudando o mapa.

— Sim — Adam responde, sombriamente. — Preparando a invasão.

— Não vamos focar nesse assunto agora, certo? — Sam diz. — Olhe isso.

Sam ligou o tablet mostrando a localização dos outros Gardes em um dos computadores. Ele o entrega para mim e meus olhos imediatamente caem sobre a Flórida. Meu coração salta com uma batida; há apenas um ponto piscando no mapa. Demoro um momento para perceber que os quatro pontos que simbolizam cada um dos Gardes restantes estão tão próximos que se sobrepõem perfeitamente.

— Eles estão quase um sobre o outro — eu digo. — Todos os quatro.

— Sim — Sam responde, pegando de volta o tablet. — E olhe isso.

Ele segura o tablet perto do mapa que mostra as atividades mogadorianas. Os quatro pontos estão perfeitamente alinhados com um dos triângulos menores de cor laranja na Flórida.

— Os mogs os têm — eu digo, rangendo os dentes. — Adam, esse é algum tipo de base?

— Uma estação de pesquisas — Adam responde. — Os relatos mostram que estavam ocorrendo alguns experimentos genéticos lá. Não é o tipo de lugar que normalmente eles colocam prisioneiros, especialmente da Garde.

— Para quê manter prisioneiros a essa altura? — Sam pergunta. — Quero dizer, eu sei que Setrákus Ra tem alguma coisa estranha com relação à Ella. Mas os outros...

— Eles não são prisioneiros — eu digo, batendo com minha mão no braço de Sam quando ele diz isso. — Os outros estão tramando alguma coisa. Eles estão atacando.

— Estou tentando captar alguma visão da base para nós — Adam diz, seus dedos correndo sobre o teclado.

— Como você vai fazer isso? — eu pergunto.

Sento na cadeira perto de Adam e assisto suas mãos voarem pelo teclado mogadoriano. O que quer que ele esteja fazendo, parece ser de outra natureza.

— Eu tranquei uma nave dos mensageiros para que eles não sejam capazes de operá-la. Essa foi a parte fácil. Acessar e isolar sua segurança interna enquanto mantenho a nave inoperável está se mostrando difícil.

— Você está invadindo uma nave? — Sam pergunta, inclinando-se atrás da cadeira de Adam.

Eu observo o monitor diretamente na frente de Adam crepitar com estática.

— Como isso nos ajudará?

— Essa sala de controle é um nervo central, John — Adam explica, parando de digitar por um momento para gesticular. — As informações de todas as outras bases caem aqui. É apenas questão de tempo para acessá-las.

— Acessá-las como?

— Caçar a Garde por tanto tempo fez meu povo ficar paranoico a ponto de não perder nenhuma vantagem em potencial. Cada operação é gravada. Há monitoramento em todos os lugares — Adam aperta uma tecla triunfantemente. — Mesmo dentro de nossas próprias naves.

Os monitores acima tremulam levemente e então mostram a imagem de um caminho no meio de um pântano.

— Se a Garde estiver por perto, seremos capazes de vê-los — Adam explica.

— Se eles não estiverem invisíveis — eu digo, apontando para o monitor.

Abaixo da câmara, um punhado de mogadorianos olham frustrados, enquanto arrancam as peças do motor de casco da nave de reconhecimento. Eles limpam estas peças, as anexam novamente e, quando não acontece nada, começam a desmontar outra coisa.

— O que eles estão fazendo? — Sam pergunta.

— Tentando consertar o que eu fiz — Adam responde animadamente, parecendo satisfeito por ter enganado seu povo. — Eles presumem a falha do motor, e não dos sistemas automatizados. Vai levar um tempo para eles descobrirem.

Outro mogadoriano, que está usando um uniforme de aparência impressionantemente semelhante ao do General, se aproxima deles. Ele grita com os mecânicos, então anda para fora da tela em um acesso de raiva.

— A câmera se move? — Eu pergunto.

— Claro.

Adam aperta um botão e a câmera começa a virar para o lado, seguindo o mogadoriano vestido com o uniforme. Em primeiro lugar, não há muito para ver, exceto calçada e, ao longe, alguns pântanos.

No entanto, após uma curta caminhada, o mogadoriano desaparece em um hangar de avião.

— Você acha que eles estão lá? — Eu pergunto.

— Esta câmera deve ser equipada com visão infravermelho, se eu conseguir descobrir como acessá-la — Adam responde, timidamente tocando algumas das teclas na frente dele.

Antes de Adam possa descobrir como, Cinco caminha pelas portas do hangar.

Mesmo que eu tivesse adivinhado que ele era um traidor pela visão de Ella, eu mantive uma esperança tola de que não fosse verdade. Ou, tão mal quanto possa ser, que o único morto na batalha tenha sido Cinco.

Mas lá está ele, em um uniforme mogadoriano amarrotado, e com um curativo cobrindo seu olho direito.

Posso ouvir Sam prender a respiração; ele está atordoado. A única parte das minhas visões que eu não tinha contado a ninguém era sobre o Cinco, sem querer manchar seu nome caso estivesse errado.

— Ele é... — Sam balança a cabeça. — Aquele filho da mãe traidor. Deve ter sido ele quem contou aos mogs sobre Chicago.

— Um da sua própria espécie — Adam diz calmamente. — Isso é inesperado.

Tenho que olhar para longe da imagem de Cinco de antes que meu sangue ferva.

— Você não sabia sobre isso? — pergunto a Adam com os dentes cerrados.

— Não — diz ele, balançando a cabeça. — Eu já lhe disse. Se Setrákus Ra deve ter mantido isso em segredo.

Eu me forço a olhar para o ecrã. Mantenho a calma, estudando meu novo inimigo. Seus ombros caídos, a cabeça recém-raspada, o olhar sombrio em seu olho restante. O que poderia ter levado um dos nossos a um lugar tão terrível?

— Eu sabia que havia algo estranho com aquele idiota — Sam diz, andando de um lado ao outro agora. — John, cara, o que vamos fazer com ele?

Eu não respondo, principalmente porque a única solução em que posso pensar nesse momento, vendo Cinco em uniforme inimigo, é matá-lo.

— Onde ele está indo? Siga-o — eu digo para Adam.

Adam faz. A câmera segue Cinco em toda a pista até que ele atinge uma rampa que leva para a maior nave espacial que eu já vi, tão grande que a câmera não consegue mostrá-la por inteiro.

— Droga — eu respiro, meus olhos arregalados. — Que diabos é isso?

— Nave de guerra — responde Adam, uma nota de admiração em sua voz quando ele aperta os olhos para a tela. — Eu não posso dizer qual delas é.

— Qual delas? — Sam exclama. — Quantas dessas coisas que eles têm?

— Dezenas? Talvez mais, talvez menos. Elas funcionam com o antigo combustível de Mogadore e tudo o que o meu povo conseguiu extrair de Lorien. Não são as coisas mais eficientes. E são lentas. Quando eu era criança e me metia em problemas, minha mãe ameaçava me bater até a chegada da frota... — ele percebe que está sendo incoerente e para, olhando para nós. — Vocês não querem saber disso, não é?

— Talvez não seja o melhor momento para relembrar — eu respondo, vendo Cinco embarcar na nave. — Mas o que mais você pode nos dizer sobre a frota?

— Eles estão viajando desde a queda de Lorien — Adam continua. — Estrategistas mogadorianos acreditam que eles têm o poder de fogo suficiente para um último cerco.

— A Terra — eu digo.

— Sim — Adam responde. — Então, meu povo se estabelecerá aqui. Talvez reconstruir a frota, se Setrákus Ra encontrar outra razão.

— Se houver alguma vida universo deixado para trás que ele ainda queira conquistar, você quer dizer — observo.

Sam balança a cabeça, ainda maravilhado com a nave de guerra sem tamanho.

— Então, eles têm uma fraqueza secreta, certo? Tipo, você pode atirar em um ponto na Estrela da Morte para a coisa toda explodir?

Adam franze a testa.

— O que é Estrela da Morte?]

Sam ergue as mãos.

— Estamos perdidos.

— Se eles foram feitos prisioneiros e estão a bordo dessa coisa... — eu não consigo terminar o pensamento, principalmente porque eu não estava entendendo o curso disso tudo. Conquistar uma base mogadoriana quase abandonada é uma coisa; encontrar um caminho para subir a bordo de uma nave de guerra maciça é outra completamente diferente.

Especialmente quando essa enorme nave de guerra está subindo lentamente em direção ao céu. Talvez Sam esteja certo e talvez estamos mesmo perdidos.

Nós três assistimos em silêncio enquanto a nave de guerra sobe. Antes que esteja totalmente fora da tela, a carapaça da nave treme e tudo desaparece de vista. Bem, não totalmente – o contorno da nave é ainda vagamente visível, como se a luz em torno dele se dobrasse de forma estranha. A distorção é quase como se você tentasse se concentrar em um objeto que está debaixo d'água.

— Camuflagem — diz Adam. — Todos as naves de guerra têm.

— Ei, olhe para o tablet — diz Sam. — Talvez tudo não seja totalmente deprimente.

À medida que a nave de guerra agora invisível flutua para cima, um dos pontos no tablet se separa lentamente dos outros. O ponto do Cinco. Depois de alguns segundos, ele começa a piscar de forma irregular em toda a tela. Temos agora dois indicadores Gardes piscando loucamente sobre o mapa.

— Assim como o de Ella — Sam diz, franzindo a testa.

— A nave de guerra deve estar voltando para a órbita — diz Adam. — O que significa...

— Ella já está a bordo de uma dessas coisas — eu termino a frase. — Eles a levaram até a frota.

— Como é que vamos chegar lá em cima? — Sam pergunta.

— Nós não temos que ir lá — Adam responde. — A frota virá até nós.

— Oh, certo — diz Sam. — Invasão mundial. Então, nós estamos planejando apenas esperar por isso?

Eu bato meu dedo no tablet, mostrando para os três pontos que ainda estão na Flórida.

— O plano é resgatar os outros. Eles ainda estão lá. Nós apenas temos que... — eu paro quando olho de volta para a tela. A pequena nave está começando a se mover. — Pensei que você a tivesse bloqueado. Por que eles estão se movendo?

Com uma série de digitação apressada, Adam vira a câmera para baixo. Deste ângulo, podemos ver o grupo de mogadorianos fazendo caretas enquanto empurram a nave mensageira manualmente para o hangar.

— Acho que eles desistiram de fazê-la funcionar — Sam observa.

Um dos mogs corre à frente para abrir as portas corrediças metálicas e ali, apanhado no meio do hangar vazio, estão Nove, Marina e Seis. Sam solta um grito animado que ele cala abruptamente, a matemática me confundindo, pois há três Gardes onde deveria haver quatro, e Nove está carregando em seus braços o que é, obviamente, um saco com um corpo.

— Oito — Sam diz, engolindo seco. — Droga.

Dirijo-me a Adam, não estou pronto para sofrer ainda.

— A nave que você hackeou tem algum armamento?

Capítulo quatorze

DEPOIS DO SOM ENSURDECEDOR DO DISPARO DO CANHÃO NO ESPAÇO aberto do hangar, a nave de reconhecimento está estranhamente silenciosa.

Marina e eu nos abaixamos lado a lado, atrás da mesa de metal virada. Trocamos um olhar – a mesa não aguentaria um simples disparo do canhão. Na verdade, não parece que o disparo da arma sequer nos atingiu.

— Boa mira, otário! — Nove grita, rindo.

Ele está ao lado da mesa, protegendo o corpo de Oito com o seu.

Coloco minha cabeça para fora da proteção da mesa. Entre nós e a nave há dúzias de pilhas de cinzas, os mecânicos mogadorianos. O canhão da nave ainda está fumegando, mas paira dormente agora, nem um pouco interessado em nós.

Cuidadosamente, me levanto. Marina se junta a mim.

— O que diabos está acontecendo? — pergunto.

— Quem se importa? — Nove diz, segurando o corpo de Oito. — Vamos dar o fora daqui.

— Talvez algum tipo de mau funcionamento? — Marina propõe, avançando para perto da nave, que se mantém a nossa frente.

Nós três nos espalhamos, tendo certeza de que não estamos no caminho do canhão.

— Só atingiu os mogs — digo. — Que mau funcionamento conveniente.

Todos nós damos um salto quando a cabine da nave se abre com um chiado hidráulico. Há um som de estática no autofalante da cabine, e uma voz familiar soa.

— Pessoal? Podem me ouvir?

— John?! — exclamo, não acreditando em meus ouvidos.

Da última vez que o vi, ele estava em coma junto a Ella. Corro até a nave e pulo na dianteira da cabine para ouvir melhor sua voz.

— Sou eu, Seis — John diz. — É bom ver você.

— Me ver? — pergunto, então noto a pequena câmera na entrada da cabine.

Ela se move para trás, quase como uma saudação.

— Cara, o que aconteceu? — Nove pergunta, olhando a cabine com ceticismo. — É seu cérebro, tipo, preso em uma nave mogadoriana agora?

— O quê? Não, não seja um idiota — John responde, e posso imaginar sua feição de irritação. — Nós tomamos uma base mogadoriana e estamos usando a tecnologia deles para invadir essa nave.

— Ótimo — Nove responde, como se fosse tudo que ele tivesse que ouvir.

Ele pula sem esforço o capô da nave, ainda segurando Oito, e aterrissa ao meu lado. Nosso lado da nave circular se inclina um pouco com seu peso, antes de se estabilizar, com chiados do trem de pouso. Nove chuta o metal, testando-o.

— Então essa é a nossa carona?

Em resposta, o motor da nave começa a vibrar em baixo de nossos pés. Olho para dentro da cabine – lá há seis assentos de plástico – juntamente com um painel coberto de símbolos mogadorianos piscando e um conjunto de controles que parecem semelhantes com os que você encontraria num avião. Não que eu já tenha pilotado um desses antes, muito menos um feito por mogadorianos.

— Nós vimos o que aconteceu em Chicago — Marina diz, ainda subindo na nave. —

Está tudo bem?

— Sim — John responde rapidamente, então parece reconsiderar. — Eles levaram Ella, mas não acho que ela corre perigo ainda.

A sobrancelha de Marina sobe em alerta, e eu posso sentir o frio emanar dela.

— O que você quer dizer com eles levaram Ella?

— Eu vou explicar tudo quando estiverem no ar — John diz. — Primeiro, vamos tirar vocês daí.

— Parece bom — Nove responde, e se larga em um dos assentos da cabine, deitando o corpo de Oito gentilmente em dois assentos.

— Uh, John, um problema — digo, seguindo Nove para a nave mogadoriana. — Como supostamente vamos voar nessa coisa?

Há uma pausa e uma voz diferente responde, está com uma dureza que faz meus ombros ficarem tensos.

— Posso controlar a nave remotamente, mas estou preocupado que ao invadir o computador da nave, talvez algum dos protocolos de autonavegação tenha sido danificado. Será mais seguro se vocês pilotarem manualmente comigo ajudando — o mogadoriano explica rapidamente. Então, como se percebesse que talvez estivéssemos apavorados, ele completa, — Hey. Sou Adam.

— O cara que Malcolm nos contou — digo, lembrando-me de nossa conversa no jantar.

— Não se preocupe, Seis — a voz de Sam interrompe, e não posso deixar de sorrir. — Ele é totalmente bom.

— Oh, bom, nesse caso, vamos voar — Nove diz sarcasticamente, mas se senta em um dos assentos.

Sento-me na cadeira do piloto. Marina hesita por um momento, dando ao console de onde a voz do mog saiu um olhar de desconfiança.

— Como vamos saber que é realmente o John? — Marina pergunta. — Setrákus Ra pode mudar de forma. Isso pode ser um tipo de armadilha.

Em minha excitação de ouvir John e Sam, nem ao menos considerei essa possibilidade. Atrás de mim, Nove grita para o comunicador.

— Hey, Johnny, lembra lá em Chicago? Quando você estava dizendo ser Pittacus Lore e tivemos um debate sobre a possibilidade de ir ao Novo México?

— Sim — a voz de John soa como se estivesse de dentes cerrados.

— Como nós resolvemos isso?

John suspira.

— Você me pendurou na beirada do telhado.

Nove sorri como se fosse a melhor coisa do mundo.

— É definitivamente ele.

— Marina — John diz, provavelmente pensando que o pequeno teste de Nove não foi o suficiente. — A primeira vez que nos encontramos, você curou dois ferimentos de bala em meu tornozelo. E então nós fomos atingidos por um míssil.

Um pequeno sorriso surge no rosto de Marina, o primeiro que vejo em dias.

— Pensei que você era o cara mais legal que eu já tinha conhecido, John Smith.

Nove solta uma gargalhada ao ouvir isso, balançando a cabeça. Marina sobe a bordo, pegando o lugar ao lado do corpo de Oito. Ela coloca a mão de forma protetora no corpo de Oito.

— Cuidado com as cabeças — Adam avisa quando a porta da cabine se fecha sobre nós.

Há um momento em que sinto um pânico por estar em uma nave mogadoriana, mas

ignoro essa sensação e seguro firmemente os aparatos da embreagem. Está escuro na cabine, os vidros parecem lentes de sol. Fluxos de dados em símbolos mogadorianos são projetados diretamente no vidro, algo que só faria sentido para um piloto mog.

— Tudo bem — digo. — E agora?

— Espera um segundo — Nove interrompe inclinado para frente. — Como você vai pilotar?

A voz de Adam surge clara, paciente, mas autoritária.

— Vire o volante a sua frente. Isso vai girar a nave.

Faço como ele instrui, o volante gira facilmente, e o disco gira em um ângulo de 180° sem mover as rodas. Paro quando estamos virados para a saída do hangar.

— Bom — Adam diz. — Agora, a alavanca a sua esquerda move as rodas.

Seguro a alavanca e empurro apenas um pouco. A nave se move para frente quase imediatamente. Os controles são sensíveis, e não preciso usar muita força para sair devagar do hangar.

— Droga, cadê a adrenalina, Seis? — Nove reclama. — Dirija como se tivéssemos roubando isso.

— Não o ouça — Marina diz, abraçando a si mesma.

— Se estiver fora do hangar, você pode parar — Adam instrui.

Olho para cima através do vidro da cabine, vejo apenas o céu e então solto a alavanca. A nave range ao parar.

— Okay — Adam diz. — Agora, segure o volante a sua frente na posição “três e quarenta e cinco.” Você sente os gatilhos?

Seguro o volante novamente e sinto dois botões atrás.

— Estou sentindo — respondo, testando o gatilho da esquerda, apertando-o.

Assim que o faço, o motor é ativado e a nave vibra, e subimos no ar.

— Whoa, droga! — Nove uiva.

Ao meu lado, Marina se abraça um pouco mais forte, fechando os olhos.

— Vai com cuidado, Seis — ela sussurra.

Largo o botão e a nave mantém sua altitude. Estamos flutuando a vinte metros do chão.

— Você não deveria ter feito isso ainda — Adam adverte.

— Uh, sim, desculpe. Primeira vez pilotando uma nave espacial — respondo.

— Nada de mais — Adam responde. — O gatilho da esquerda aumenta sua altitude. O da direita diminui.

— Esquerda sobe, direta desce. Entendi.

— Ah, e — Adam diz. — vocês estão no que o meu povo chama de Skimmer. Não foi construído para uma viagem interplanetária, então não é exatamente uma nave espacial.

Nove faz um ruído alto.

— Esse cara quer nos dar uma lição de aviação mogadoriana ou alguma coisa do tipo? Sério?

— Você sabe que eu posso te ouvir, né? — Adam responde através do microfone. — E não, não estou.

— Me perdoe pelo Nove — digo, dando um olhar estreito por cima do ombro. — Essa coisa tem assentos ejetores?

— Na verdade, sim — Adam responde.

— Whoa, agora — Nove diz, sentando corretamente no assento. — Não tenha ideias malucas, Seis.

Eu aquieto Nove quando ouço uma serie de barulhos emanando da parte de baixo da nave.

— O que é isso? — pergunto.

— Não se preocupe — Adam responde. — Eu apenas coloquei o trem de pouso para dentro remotamente.

Quando os sons terminam, dois pequenos painéis saem das laterais do volante, revelando botões do tamanho de dedões posicionados de modo que possam ser apertados ao mesmo tempo como os gatilhos de elevação.

— Você deve ver um par de botões — Adam continua. — Aperte-os para acelerar. Simplesmente solte-os para parar.

Agarro o volante mais cuidadosamente do que antes e aperto gentilmente os botões, cuidadosamente para não bater nos botões do outro lado. O Skimmer se lança para frente, e para bruscamente quando largo o botão.

— É como um vídeo game — Nove diz, inclinando sobre o encosto de minha cadeira. — Qualquer idiota consegue pilotar essa coisa. Sem ofensa, mog.

— Não me ofendi.

Aperto o acelerador um pouco mais forte e a nave é lançada para frente. Um diagnóstico na tela surge – um aviso em alguma língua – logo antes que eu raspe o fundo do Skimmer contra o topo de uma árvore. Ouço galhos se quebrando e, esticando meu pescoço, os vejo caindo no chão.

— Oops — digo, e olho de esguelha para Marina.

— Seis, eu juro... — ela diz, lançando um olhar de pânico para mim.

— Vocês vão precisar de mais altitude — Adam diz. — E um senso de direção considerável.

Nove ri e olha em volta. Aperto o gatilho para vertical e subimos bem alto. Sem as árvores do pântano, o horizonte se torna visível. Uma linha pontilhada de laser surge no vidro da cabine, sobrepondo à vista, como um caminho.

— Tracei o curso de vocês — Adam diz. — Apenas siga a linha.

Concordo e dou a nave um pouco de velocidade, seguindo o caminho de laser para o norte.

— Tudo bem, rapazes — digo. — Lá vamos nós.

O voo da Flórida para Washington dura duas horas. Seguindo as instruções de Adam, mantenho nossa altitude baixa o bastante para não ser pego nos satélites ou cruzar com algum avião acidentalmente, mas alta o suficiente para que as pessoas não vejam um OVNI sobre o litoral sudoeste. Contudo, considerando o quão sério seja a ameaça de invasão mogadoriana pareça, talvez nós devamos deixar que nossa nave roubada seja vista, atirar alguns fogos de artifício, avisar os habitantes locais.

Após uma rápida euforia ao ouvir John e Sam, e saber que nossos amigos estão vivos, a conversa se torna desagradável. Através do rádio, eles descrevem o que aconteceu ao John Hancock Center. Depois disso, John nos conta sobre o que viu no pesadelo que compartilhou com Ella e porque Setrákus Ra não queria machucá-la. John reúne peças de uma teoria de que Ella pode estar relacionada à Setrákus Ra, e que o líder mogadoriano possa ser na verdade um lorieno, o Ancião banido que Crayton menciona na carta. Não estou pronta para lidar com isso ainda.

Uma vez que John nos colocou a par dos acontecimentos, é a nossa vez de contar o que

houve na Flórida. Mesmo através do rádio, posso dizer que John não está tentando nos pressionar tanto. Penso sobre os dias que John passou com uma cicatriz fresca em seu tornozelo, desejando saber qual de nós não retornaria – mesmo que doa falar sobre isso, ele merece saber o que houve com Oito. Contudo, nem Marina nem Nove estão confortáveis, então cabe a mim descrever como Cinco nos traiu, como ele matou Oito tecnicamente por acidente, mas apenas porque ele estava na verdade tentando matar Nove. Eu estava inconsciente a maior parte da luta, assim apenas descrevo os fatos, sem tentar suavizar nada. Então dou detalhes do resgate do corpo de Oito da base mogadoriana e conto a ele o que Cinco fez ao seu amigo mog. Quando termino, um humor sombrio se instaura dentro da nave e ficamos em silêncio até alcançar o subúrbio de D.C.

Aterrisso no meio da quadra de basquete. Estamos num subúrbio chique em desenvolvimento, um feito extraordinariamente sinistro devido às janelas escuras, em geral vazias.

A nave se abre para nós e Marina me lança um olhar de alívio quando se levanta. Com cuidado, Nove pega o corpo de Oito e sai da nave. Marina fica perto dele, sua mão no cotovelo de Nove, tendo a certeza de que Oito não se mexa muito. Ainda é difícil acreditar que o corpo de nosso amigo está naquela bolsa, parece errado estar carregando-o ele.

— Sua viagem está quase no fim — ouço Marina sussurrar para o corpo de Oito.

Ela deve sentir o mesmo que eu.

Marina e eu pulamos para o chão e nos viramos para ajudar Nove a descer o corpo de Oito. Ao invés de descer oito, Nove analisa a escuridão ao nosso redor.

— Uau — ele diz. — Há tipo umas criaturas aleatórias nos observando agora mesmo.

— Criaturas? — respondo, olhando para ele.

A expressão de Nove fica vazia, bem mais vazia que o normal, quando como ele está usando sua telepatia animal.

— Oh, esqueci de mencionar que encontramos alguns novos amigos!

É John, correndo em nossa direção vindo de uma casa que parece meio destruída, como se o chão tivesse tentado engoli-la, mas não tivesse terminado.

Sam está alguns passos atrás dele, sorrindo para mim, embora quando nota que eu o estou, ele rapidamente diminui seu sorriso, para algo um pouco menos ansioso.

Atrás de John e Sam, empurrando uma maca, estão Malcolm e um cara pálido e magro que assumo ser Adam, com o cabelo negro na frente do rosto fazendo parecer metade mog e a outra metade, uma estrela de rock emo.

— Muitos Chimæras — Nove diz acenando excitado em direção a escuridão. — Isso é incrível.

— Nós nomeamos o gordinho e preguiçoso em sua homenagem — Sam responde.

— Menos incrível.

Ao nos alcançar, John envolve Marina em um abraço apertado. Está escuro, mas posso ver dias de preocupação gravados debaixo de seus olhos. Lembro-me do garoto de olhos arregalados que encontrei lutando contra mogadorianos em sua escola e me pergunto se John se sente como aquele alguém novamente, como se estivesse sozinho no mundo. Isso deve ser um alívio, estarmos reunidos, mas temos um a menos, e conheço John bem o bastante para saber que ele se sinta culpado por nossa perda nos últimos dias.

— Vocês conseguiram — John diz quando solta Marina e vem me abraçar em seguida. A voz dele é tranquila, para mim apenas. — Eu não sabia o que eu ia fazer se...

— Você não tem que dizer nada — respondo, apertando-o de volta. — Estamos aqui agora. Nós vamos lutar. E vamos vencer.

John dá um passo para trás, um olhar aliviado passa rapidamente por seu rosto, como se ele precisasse que alguém lhe dissesse isso. Ele concorda comigo e então caminha até a nave, pegando o corpo de Oito nos braços, então Nove para. Todos ficamos em silêncio quando Malcolm empurra a maca para frente, para que John possa colocar o corpo.

— Os mogs colocaram alguma coisa nele — Marina diz. Ela dá um passo em direção à maca. — Um campo elétrico.

Adam tenta dar um passo à frente e limpa a garganta.

— Eletrodos? Sobre o coração? Nas têmporas?

— Sim — Marina responde sem olhar para Adam, seus olhos fixos na bolsa com o corpo de Oito.

— Os mogs usam isso para, uh… — Adam pausa, então ele termina desajeitadamente. — Para manter os espécimes frescos. Não vai prejudicar os restos mortais, apenas preservá-los.

— Espécimes — Nove repete secamente.

— Sinto muito por seu amigo — Adam diz calmamente, passando a mão pelos cabelos. — Eu só pensei que vocês deveriam saber…

— Está tudo bem. Obrigado, Adam — John diz. Ele põe a mão no ombro de Marina. — Venha. Vamos entrar.

— O que — Marina engasga e tenta respirar fundo. — O que vocês vão fazer com ele?

— Nos preparamos um sala calma lá dentro — Malcolm responde gentilmente. — Não estou certo sobre os costumes dos lorienos para enterros…

Olho primeiro para John, que está com cara de que os pensamentos estão confusos, então para Nove, que está completamente confuso.

— Nós também não sabemos — digo. — Quero dizer, quando foi a última vez que tivemos a chance de honrar devidamente um dos nossos falecidos?

— Não podemos enterrá-lo aqui — Marina diz. — Esse é um lugar dos mogs.

Malcolm concorda, entendendo, e toca suavemente os ombros de Marina.

— Quer me ajudar a trazê-lo para dentro?

Marina assente. Juntos, ela e Malcolm empurram o corpo de Oito na direção da casa.

Adam os segue a uma distância respeitável, com suas mãos postas nas costas. Após um momento, Nove bate nas costas de John para quebrar a tensão.

— Então eu ouvi errado através do comunicador, ou você enviou sua namorada em uma supersexy em uma missão secreta com o ex-namorado dela?

— Estamos lutando uma guerra aqui, Nove, não é uma piada — John responde severamente. Após um momento de silencio constrangedor, um sorriso relutante surge em seu rosto. — E também, cale a boca, não é supersexy. O que isso quer dizer?

— Uou, você realmente precisa de minha opinião — Nove diz. Ele passa os braços em torno dos ombros de John e o leva na direção da casa. — Qual é. Vou explicar o que sexy é.

— Eu sei o que é, ugh, porque estou discutindo isso com você? — John empurra Nove com frustração, mas Nove apenas os segura mais firme. — Me larga, idiota.

— Qual é, Johnny, você precisa de minha afeição mais do que nunca.

Reviro os olhos enquanto os rapazes vão em direção a casa, tendo o momento de rapazes deles. Isso me deixa sozinha com Sam, de pé a alguns passos de mim, me olhando atentamente. Posso vê-lo tentando descobrir o que dizer, ou mais provavelmente, trabalhando em ganhar coragem para dizer. Ele provavelmente esteve trabalhando nisso por horas, ensaiando um discurso maravilhoso para a garota que ele não estava certo de que veria novamente.

— Oi — é o que ele decide ao final.

— Oi de volta — eu respondo, e antes que ele possa dizer outra palavra, o envolvo em meus braços e o beijo com força o suficiente para provavelmente tirar o fôlego dele.

Sam parece atordoado a princípio, mas ele beija de volta, tentando encontrar minha intensidade. Eu o agarro pela blusa e o jogo contra o Skimmer – não exatamente o lugar mais romântico do mundo. Agarro a mão de Sam e a coloco em meu quadril, então coloco as mãos no seu rosto e corro meus dedos pelos seus cabelos, toda essa energia desesperadora fluindo em mim neste beijo.

Depois de alguns minutos, Sam se afasta, sem fôlego.

— Seis, uau, o que está havendo?

O olhar no rosto de Sam não é o que eu esperava. Sim, há perplexidade, mas misturado com uma surpresa, e uma tendência de preocupação. Isso me faz olhar para longe.

— Eu simplesmente queria fazer isso — respondo, dizendo a ele a verdade. — Não sabia se teria outra chance.

Pressiono meu rosto contra a lateral do pescoço de Sam e sinto seus batimentos cardíacos contra minha bochecha. Passei os últimos dias parecendo forte, tentando manter Marina e Nove juntos, prestes a desmoronar.

Finalmente, pelo menos enquanto estamos no escuro, posso me libertar um pouco. Sam me abraça pela cintura, então me encosto-me a ele, deixando-o me segurar e tomar uma respiração vacilante contra seu pescoço.

— Isso não pode acabar assim tão rápido… — sussurro, inclinando-me para dar uma olhada nele. — Eu não queria não ter feito isso, entende? Não me importo se complica tudo.

— Nem eu — Sam diz. — Obviamente.

Começamos a nos beijar novamente, dessa vez mais suavemente, as mãos de Sam se movendo lentamente por mim. Quando um lobo uiva – alto, próximo – meu primeiro instinto é que Nove está nos espionando da casa e fazendo sons estúpidos. Mas então um segundo e um terceiro lobo uivam em coro e me inclino para olhar para Sam.

— O que diabos é isso? — pergunto. — Lobos no subúrbio?

— Não sei... — ele começa a responder, mas então seus olhos se arregalam. — Os Chimærae. Estão nos alertando.

Um momento depois de dizer isso, ouço o whup-whup-whup de no mínimo três helicópteros sobre nós. Se eu semicerrar os olhos, posso ver seus contornos se aproximando no céu noturno. E então há flashes azuis vindo da única rodovia de acesso; as luzes pertencem a uma caravana de SUVs pretos, todos correndo na nossa direção.

Capítulo quinze

AO SOM DE PNEUS CANTANDO E DE HÉLICES DE HELICÓPTEROS, NOVE EU CORREMOS para fora, pulando sobre a varanda quebrada e parando no jardim.

Chegamos a tempo de ver um raio fatiar o céu, cortesia de Seis. Foi um aviso; o raio irrompe um pedaço de asfalto bem na frente de um SUV preto que está cambaleando até a entrada de acesso, fazendo-o desviar.

— Que porcaria é essa? — Nove rosna. — Achei que tínhamos acabado com os federais.

— Adam disse que eles supuseram que esse lugar estava vazio — eu respondo — algum tipo de acordo com os mogs.

— Acho que esse acordo acabou quando você os matou, né?

Há três helicópteros sobrevoando acima, circulando como urubus. Algum sinal deve se passar por entre eles, porque eles acendem os holofotes ao mesmo tempo. Um deles mira em Nove, o outro na entrada da casa que está atrás de nós, e o terceiro em Seis e Sam. Na luz forte, eu percebo Sam, desarmado, rapidamente entrando no Skimmer para se proteger. Seis, com as mãos erguidas para o alto, no processo de invocação de uma tempestade tremenda para nossos convidados indesejados, fica invisível antes que o holofote possa realmente se fixar nela.

Enquanto isso, não abalados pelo raio, uma fileira de SUVs pretos sobe a rua de acesso, luzes azuis piscando sob seus para-brisas. Eles param bruscamente, um perto do outro numa formação próxima, eventualmente criando um bloqueio de vidro à prova de balas. As portas dos carros se escancaram e um bando de agentes em jaqueta azul-marinho sai.

Os que não estão gritando em walkie-talkies têm armas apontadas para nós, todos agachados atrás das portas dos carros, usando-as como escudo. Demora menos de um minuto para que eles tenham nos encurralado na rua sem saída.

— Eles realmente acham que isso irá nos deter? — Nove pergunta dando um passo a frente, quase pedindo para que os agentes tentem atirar nele.

— Eu não sei o que eles estão pensando — respondo. — Mas eles não sabem sobre os Chimærae.

Eu posso percebê-los à espreita nas sombras fora da rua de acesso. Esses caras do governo devem pensar que nos têm cercados, mas os olhos brilhantes no escuro dizem outra coisa. Os Chimærae guardam suas posições, esperando por uma ordem.

Ouço um rangido atrás de mim e eu me viro, encontrando Marina na varanda, com estalactites se estendendo de sua mão como duas espadas idênticas. Isso é novo. Perto dela, usando o vão da porta como proteção, está Adam, segurando uma arma mogadoriana.

— O que nós fazemos? — Marina pergunta.

Eu percebo nuvens de tempestade se juntando no céu. Seis está pronta, se precisarmos. Mas até agora, os caras do governo não fizeram nada além de barulho. Eles não chegaram atirando, que é a razão única pela qual eu ainda não acendi meu Lúmen.

— Eu não quero machucá-los se não for necessário — eu digo. — Mas não temos tempo para bobagens. Estou certo de que não quero ser levado para uma droga de interrogatório.

Aparentemente, Nove interpreta minhas palavras como um encorajamento para fazer alguma loucura. Ele corre pra frente e pega a base da cadeira do Dr. Anu, que ficou quebrada ao meu graças ao tiroteio da batalha desta tarde. A coisa deve pesar mais ou menos uns noventa quilos, mas Nove o levanta facilmente com uma mão, balançando-a para frente para trás como demonstração.

— Caras, vocês estão em propriedade particular! — Nove grita. — Eu não vejo nenhum mandado!

Antes que eu possa impedi-lo, Nove lança a coisa toda para o ar, quase acertando o helicóptero mais próximo. É muito óbvio que do meu ponto de vista o helicóptero não estava em perigo algum, mas acho que o piloto humano não está acostumado a ter um Garde superpoderoso lançando pedaços de metal contra ele. O piloto volta sua atenção para os controles e o helicóptero ganha altitude, seu holofote fazendo um caminho pelo jardim. O pedaço da cadeira cai no chão com um estrondo no meio da rua.

— Isso foi desnecessário — Adam observa do vão da porta.

— É, concordo em discordar — Nove diz.

Enquanto ele se abaixa para pegar outra parte da cadeira, ouço alguém falar sobre as armas da linha de frente dos SUVs. Seis deve ter ouvido também onde quer que ela esteja, por que uma onda de névoa de repente paira sobre o gramado de Ashwood Estates, deixando muito mais difícil ter um alvo.

Acendo meu Lúmen e dou um passo a frente, me pondo entre Nove e os SUVs. Levanto minhas mãos para que os agentes possam ver claramente que elas estão envoltas por fogo.

— Eu não sei por que vocês estão aqui — grito para frente dos carros, — mas vocês estão cometendo um erro. Essa é uma luta da qual vocês seriamente não podem ganhar. A coisa mais esperta que podem fazer é voltar para seus superiores e dizer que não havia nada aqui.

Para completar o discurso, eu mando um comando telepático para os Chimærae. Rugidos soam da escuridão ao lado os SUVs. De repente em pânico, alguns dos agentes começam a apontar suas armas para as sombras, e um dos helicópteros usa seu holofote para passar a luz pelos campos ao lado da rua de acesso. Nós os assustamos.

— Último aviso! — eu berro, deixando uma bola de fogo do tamanho de uma bola de basquete flutuar sobre minha palma.

— Jesus Cristo! — a voz de uma mulher ecoa da linha de frente dos carros. — Todos se acalmem!

Um por um, os agentes nos carros abaixam suas armas. Assim que eles o fazem, um deles se espreme entre um par de SUVs e anda em nossa direção, suas mãos levantadas em redenção. Através da névoa, eu reconheço sua postura rígida e seu rabo de cavalo severo.

— Agente Walker? É você?

Ao meu lado, Nove ri.

— Ah, fala sério. Você vai nos prender de novo?

Walker sorri enquanto se aproxima, suas feições mais duras do que eu me lembrava. Ela está pálida, alguns fios de cabelo branco alarmantes são visíveis junto ao seu cabelo ruivo. Eu tento me lembrar do quão ruim era o estado dela na base de Dulce. Ela ainda poderia estar sentindo os efeitos daquilo?

Antes que ela possa se aproximar demais, Seis se manifesta atrás de Walker e a agarra pelo rabo de cavalo.

— Nem mais um passo — ela diz.

Walker, com os olhos arregalados, para obedientemente. Seis se abaixa e tira arma do quadril dela, jogando-a no chão.

— Me desculpem pela comoção — Walker diz, sua voz ligeiramente trêmula graças ao ângulo em que Seis a tem. — Meus agentes viram uma nave mogadoriana pousar e nós pensamos que vocês poderiam estar sob ataque.

Apago o Lúmen de minhas mãos e inclino minha cabeça para ela.

— Espere. Você veio correndo pra cá porque pensou que nós estávamos sob ataque?

— Eu sei que vocês não têm razões para acreditar em mim — Walker diz, sua voz rouca. — Mas estamos aqui para ajudar.

Perto de mim, Nove tosse. Olho diretamente para Walker, esperando algum sinal, ou um comando secreto para que seus homens abram fogo.

— Por favor — ela diz. — Apenas me ouça.

Eu suspiro e dou sinal em direção a casa.

— Traga-a para dentro — eu digo a Seis, e então me viro para Nove. — Se o resto deles tentar qualquer coisa suspeita...

Nove estala seu pescoço.

— Oh, eu sei o que fazer.

Seis empurra Walker pela varanda quebrada da casa do Adam e depois para a porta da frente. Eu a sigo alguns passos atrás, deixando o resto dos nosso amigos tomando conta no pequeno exército de agentes do governo.

— Aquilo que eu vi ali é um mogadoriano? — Walker pergunta enquanto Seis a empurra para dentro da sala de visitas. — Vocês tem um como prisioneiro?

— Ele é um aliado — eu respondo. — Agora, você é a prisioneira.

— Entendido — Walker diz, soando mais cansada do que nunca.

Sem Seis empurrando-a, Walker se joga em um dos sofás. Na luz da sala de estar, eu posso ver que há definitivamente alguma coisa diferente nela. Talvez sejam os fios brancos estranhos em seu cabelo, mas Walker parece drenada. Ela nota a entrada para os túneis mogadorianos, mas não parece particularmente interessada ou surpresa.

— Ah, uma convidada — Malcolm diz enquanto ele aparece no vão entre a porta da cozinha com a da sala de estar, seu rifle apoiado no seu ombro. — E trouxe um monte de amigos. Está tudo bem?

— Eu não tenho certeza ainda — respondo, aumentando meu tom de voz, ficando atento.

Seis circula o sofá para ficar onde Walker não possa vê-la.

— Hum — Malcolm diz. — Eu estava fazendo um café. Alguém aqui aceita? Acho que vi um pouco de chá na cozinha, também.

Um sorriso trêmulo se forma no rosto de Walker.

— Isso aqui é algum tipo de encenação de policial bom e policial mau? — ela olha de Malcolm para mim. — Ele é um dos seus... como vocês os chamam? Cêpans?

Seis levanta sua mão pra Malcolm.

— Eu aceito uma xícara, na verdade — quando mando a ela um olhar de incômodo, ela dá de ombros. — O quê? Acredite em mim, eu posso tomar um pouco de café e derrubar esta senhora ao mesmo tempo, se for preciso.

Agente Walker lança um olhar sobre seus ombros para Seis.

— Eu acredito nela.

Dou um passo largo a frente para ficar de frente com a Agente Walker, assim podendo apontar meu dedo no rosto dela.

— Tudo bem, pare de perder tempo. Diga o que você veio aqui dizer.

— Agente Purdy está morto — Walker diz, olhando para mim. — Teve um ataque cardíaco na base de Dulce.

— Ah, eu me lembre dele — Seis diz. — Que pena.

Eu me lembro do parceiro da Agente Walker também – um cara velho, cabelo branco, nariz torto. Eu dou de ombros, não vendo nenhuma ligação disso com nós.

— Condolências, eu acho. E daí?

— O cara era um idiota — Walker responde. — O que importa não é que ele se foi, é o que aconteceu depois.

Walker me mostra as mãos, em seguida, muito lentamente chega ao bolso da frente do seu blusão do FBI. Ela puxa uma pasta-arquivo marrom, enrolada com elásticos. Ela a abre, tirando do interior uma fotografia Polaroid. Walker a entrega para mim e eu examino uma foto do Agente Purdy morto – ou o que sobrou dele. Metade de seu rosto derreteu, se desintegrou em cinzas no concreto debaixo dele.

— Pensei que você tivesse dito que foi um ataque cardíaco — comento.

— E foi — Walker responde. — A coisa é que, depois, Purdy começou a derreter. Assim como os mogadorianos.

Eu movo minha cabeça.

— O que isso significa? Por quê?

— Ele estava recebendo tratamentos — Walker diz. — Acréscimos, os mogs chamam. A maioria das pessoas envolvidas no ProMog têm recebido esse tratamento durante anos.

O termo “ProMog” me faz lembrar do Eles Estão Entre Nós, mas eu não sei como ligar isso com os acréscimos de que Adam nos contou.

— Tudo bem — eu digo a ela. — Comece do início.

Walker conscientemente toca sua mecha de cabelos grisalhos e por um momento eu me pergunto se ela está tendo pensamentos secundários sobre essa confissão. Mas então ela me entrega a pasta que está segurando, me encarando.

— O primeiro contato foi há dez anos — diz ela. — Os mogadorianos alegaram que estavam caçando fugitivos. Eles queriam usar nossa rede de aplicação da lei, ter rédea livre para mover-se em todo o país, e em troca nos forneceriam armas e tecnologia. Eu tinha acabado de sair da academia quando tudo isso aconteceu, então, obviamente, não fui convidada para reuniões com os aliens. Acho que ninguém queria irritá-los ou recusar armas mais poderosas do que qualquer outra que já tinham visto, porque o nosso governo cedeu rapidinho. O próprio diretor do departamento estava no comando das negociações. Isso foi antes de ele ser promovido. Talvez tenha sido por isso que ele foi promovido, na verdade.

— Deixe-me adivinhar — digo, lembrando o nome do site do Mark. — O velho diretor era Bud Sanderson. Agora secretário de Defesa.

Walker parece momentaneamente impressionada.

— Certo. Você ligou os pontos, e agora vai encontrar um monte de pessoas que negociaram com o mogs há dez anos e que tem se dado muito bem depois de então.

— E o presidente? — Seis pergunta.

— Aquele cara? — Walker bufa. — Peixe pequeno. Os que se elegem, que dão discursos na TV – eles são apenas celebridades glorificadas. O verdadeiro poder está com as pessoas que são nomeadas, que trabalham nos bastidores. Os que você nunca ouviu falar. Eles são o que mogs queriam e são quem eles mantiveram ao redor.

— Ele ainda é o presidente — Seis comenta. — Por que não faz alguma coisa?

— Porque ele é mantido no escuro — diz Walker. — E mesmo assim, o Vice-presidente é um cara do ProMog. Quando chegar a hora, ou o presidente irá se juntar aos mogs, ou ele será removido.

— Sinto muito — eu digo, segurando minhas mãos. — Que diabos é ProMog?

— Progresso Mogadoriano — explica Walker. — É o que eles estão chamando, abra aspas, intersecção das duas espécies, fecha aspas.

— Você sabe, se quiser uma segunda carreira, eu sei de um site para o qual você pode escrever — digo a Walker enquanto começo a folhear os documentos em seu arquivo.

Existem especificações para armas mogadorianas, transcrições de conversas entre políticos, imagens de importantes caras do governo apertando as mãos de mogs de uniformes oficiais. É o tipo de documento que um site como o Eles Estão Entre Nós iria matar para ter. Na verdade, uma grande quantidade deste material já estava no site do Mark. Poderia Walker ser a pessoa que vem informando Mark?

— Então seu chefe vendeu a humanidade para algumas armas sofisticadas? — Seis pergunta, inclinando-se sobre a parte de trás do sofá para encarar Walker.

— Isso resume tudo. Nós não fomos o único país a se inscrever — Walker continua, seu tom amargo. — E eles sabiam como manter-nos interessados, também. Após as armas, eles começaram a prometer avanços médicos. Melhoramento na genética, eles o chamavam. Alegaram que poderia curar tudo, desde a gripe até o câncer. Eles estavam, basicamente, prometendo imortalidade.

Eu olho para cima a partir do arquivo, parando em uma imagem de um soldado com uma manga enrolada, as veias em seu antebraço enegrecidas, como se seu sangue tivesse se transformado em fuligem.

— Como isso funciona? — pergunto, batendo na foto.

Walker estica o pescoço para olhar para a foto, em seguida, foca o olhar no meu.

— A foto que você está olhando foi tirada uma semana depois de as injeções da genética mogadoriana ter sido aplicada. É assim que funciona.

Eu mostro a foto para Seis e ela balança a cabeça em desgosto.

— Então, basicamente, eles estão te matando lentamente — Seis diz. — Ou te transformando em mogs.

— Nós não sabíamos no que estávamos nos metendo — diz Walker. — Embora ver Purdy se desintegrar daquele jeito... abriu alguns olhos. Os mogs não são salvadores. Estão nos transformando em algo desumano.

— E ainda assim vocês ainda estão lidando com eles, não é? — eu respondo. — Ouvi dizer que há pessoas tentando ir à público com alguns mogadorianos capturados, mas alguém está abafando a história.

Walker assente.

— Os mogs reivindicam que seus aumentos genéticos só vão melhorar com o tempo. A maioria dos garotos bons em Washington quer experimentar e manter o curso. Eles nunca viram um ser humano se desintegrar, eu acho. Caras como Sanderson e alguns dos outros comparsas do ProMog de alto escalão, eles já começaram a receber tratamentos mais avançados. Tudo o que os mogs querem em troca é a nossa contínua cooperação.

— Cooperar como?

Walker levanta uma sobrancelha para mim.

— Se você não entendeu ainda, então eu definitivamente escolhi o lado errado e estamos bem e verdadeiramente acabados.

— Talvez se você tivesse escolhido anos atrás o lado certo em vez de ajudar a caçar crianças... — vejo o olhar de Seis e controlo minha raiva. — Que seja. Sabemos que eles estão vindo. Não vão mais se esconder nas sombras ou nos subúrbios. Eles estão vindo em massa, não é?

— Certo — Walker confirma. — E eles esperam que a gente entregue as chaves do planeta.

Malcolm volta da cozinha com duas xícaras de café. Ele entrega uma a Seis e uma a Walker. A agente parece surpresa, mas agradecida.

— Desculpe-me, mas como é que isso vai funcionar? — pergunta Malcolm. — Numa situação de primeiro contato, não há certeza de não haver um pânico generalizado.

— Além disso, eles parecem malucos com cara pálida — Seis acrescenta. — As pessoas vão perder o controle.

— Não tenha tanta certeza disso — Walker responde, e gesticula com sua caneca para a pasta que eu ainda estou segurando.

Depois de folhear mais algumas páginas, eu chego a um conjunto de fotografias. Dois homens de terno estão almoçando em um restaurante chique. O primeiro é um cara de quase setenta anos, com cabelos grisalhos e uma expressão como de uma coruja. Reconheço este a partir do site de Mark; ele é Bud Sanderson, o secretário de Defesa. O outro é um cara de meia idade bonito que parece vagamente com uma estrela de cinema, cujo rosto nunca vi antes.

Há algo pendurado no seu pescoço, a maior parte escondido por seu terno e o ângulo da câmera é ruim. Ele me desperta algum reconhecimento, então eu mostro a imagem para Walker.

— Eu reconheço Sanderson — eu digo. — Quem é esse outro cara?

Walker levanta uma sobrancelha para mim.

— O quê? Você não o reconhece? Eu não estou surpresa. O cara tem diferentes aparências, aparentemente. Eu não o reconheci quando ele estava destruindo vocês crianças na base de Dulce, grande como uma coisa maldita, com algum chicote flamejante. Na verdade, acho que foi na época em que decidi que o ProMog não era para mim.

Meus olhos se arregalaram e eu olho novamente para a foto. Os pingentes em si estão escondidos debaixo de seu casaco, mas o homem usa claramente três correntes em torno de seu pescoço.

— Você está brincando comigo.

— Setrákus Ra — Walker diz, balançando a cabeça. — Selando o negócio para a paz entre mogadorianos e humanos.

Seis da à volta no sofá para tirar a foto de mim.

— Metamorfo desgraçado — diz ela. — Ele tem feito tudo isso enquanto nós estávamos fugindo. Preparando tudo enquanto nós estávamos lutando por nossas vidas.

— Ele pode estar à frente, mas não terminou ainda — diz Malcolm.

— Bem, isso decerto é um otimismo encorajador — diz Walker, e bebe o café. — Mas isso tudo irá acabar dentro de dois dias.

— O que acontecerá então? — pergunto.

— A ONU é convocada — explica Walker. — Convenientemente, o presidente não estará bem-disposto nesse dia, de modo que Sanderson aparecerá em seu lugar. Ele vai estar lá para apresentar Setrákus Ra para o mundo. Um pouco de teatro político agradável sobre como os pequenos alienígenas dóceis não irão nos machucar. Haverá um movimento para permitir que a frota mogadoriana desça em segurança à Terra, para que eles atraquem aqui, e seremos bons vizinhos na comunidade intergaláctica. Os líderes mundiais que se venderam já apoiam. Acreditem em mim, eles têm a maioria. E uma vez que estiverem aqui, uma vez os deixarem, hum...

— Nós vimos uma daquelas naves de guerra na Flórida — Seis diz, me dando um olhar sombrio. — Eles seriam duros para derrubar até mesmo com um exército que está pronto para a batalha.

— Mas não haverá uma batalha — eu digo, terminando seu pensamento. — A Terra não

vai nem mesmo entrar numa luta. E no momento em que eles perceberem que deixaram um monstro entrar, será tarde demais.

— Exatamente — Walker concorda. — Nem todo mundo no governo está a bordo com Sanderson. Do FBI, CIA, NSA, os militares — cerca de quinze por cento são do ProMog. Eles fizeram muitos amigos poderosos, pode ter certeza, mas a maioria das pessoas ainda está completamente no escuro. acho que os mogs estabeleceram a mesma proporção em outros países. Eles sabem quantos seres humanos precisam para controlar e assim conseguir este feito.

— E você é o quê? O um por cento que está lutando contra? — pergunto.

— Menos de um — Walker responde. — É muito para ir contra, se você não tem superpoderes e... o que foi aquilo lá fora? Um exército de lobos? Enfim, a minha equipe esteve vigiando Ashwood, à espera de uma chance de atacar ou, eu não sei, fazer alguma coisa. Quando vimos vocês tomarem o lugar e...

— Tudo bem, Walker, eu entendo — eu digo, cortando-a e deixando de lado o arquivo. — Acredito em você, mesmo que eu realmente não confie em você. Mas o que devemos fazer? Como é que vamos parar com isso?

— Chegar ao presidente? — Seis sugere. — Ele tem que ser capaz de fazer alguma coisa.

— Essa é uma ideia — diz Walker. — Mas ele é um homem, e seriamente bem guardado. E mesmo que vocês pudessem falar com ele, explicar-lhe sobre alienígenas e trazê-lo de volta para o seu lado? Ainda há muitos ProMogs espreitando para dar um golpe.

Permaneço fitando Walker, sabendo que ela já tem um plano e está apenas tentando nos convencer.

— Diga logo. O que você quer que façamos?

— Precisamos conquistar as pessoas que ainda estão no escuro. Para fazer isso, precisamos de algo grande — Walker diz, totalmente arrogante, como se estivesse falando de jogar o lixo fora. — Eu gostaria que vocês viessem comigo para Nova York, assassinar o Secretário de Defesa e expor Setrákus Ra.

Capítulo dezesseis

EU VEJO DO OBSERVATÓRIO COMO A NAVE DE GUERRA SE APROXIMA.

Primeiro é só uma mancha preta contra a Terra azul, mas constantemente ficando maior até bloquear a visão do planeta abaixo. A nave diminui a velocidade quando está relativamente perto da Anubis – relativamente perto, porque pode estar a quilômetros daqui, a vastidão do espaço tornando a distância e profundidade difíceis de calcular. Eu estou muito longe da Terra. Longe dos meus amigos. Essa é a única distancia que importa.

Uma porta na outra nave abre e uma pequena nave de transporte aparece. Ela é branca, perfeitamente esférica, como uma pérola flutuando através de um oceano negro. A pequena nave vem em minha direção e eu posso escutar um barulho das engrenagens e uma lufada de ar comprimido,

O hangar da Anubis, bem debaixo dos meus pés, está se preparando para receber o seu visitante.

— Finalmente — Setrákus Ra diz, e aperta meu ombro.

Ele parece ansioso por essa nova chegada, um grande sorriso no seu rosto humano roubado. Nós ficamos lado a lado no observatório, logo acima do hangar, fileiras de naves de reconhecimento e uma coleção menor de naves de transporte em forma de esfera, ancorados abaixo de nós.

Nós estamos aguardando meu “noivo”. Só pensar nesta palavra já me faz querer vomitar. Setrákus Ra está com a sua mão repousada em meu ombro de uma forma paternal, o que só faz isso tudo piorar.

Mantenho minha expressão completamente neutra. Eu estou melhorando em esconder as minhas emoções. Estou determinada a não dar mais nada para este monstro. Eu vou fingir que gosto, que estou ansiosa, também, talvez até um pouco nervosa. Deixá-lo pensar que ele está conseguindo. Deixá-lo pensar que as minhas lições do progresso mogadoriano estão surgindo efeito, que eu estou me tornando um fantasma de mim mesma, como eu estava na minha visão do futuro.

Mais cedo ou mais tarde, eu sei, estarei pronta para escapar. Ou eu vou morrer tentando.

Eu me afasto da janela e olho para baixo, no deque, observando enquanto as naves chegam às portas do hangar. Vejo flashes de luz abaixo, avisando todos os mogs que eles serão sugados para o espaço se eles não esvaziarem a área.

Setrákus Ra já tomou conta deles, mandando os técnicos mogadorianos embora para que nós possamos cumprimentar esse visitante em particular. As portas pesadas abrem e eu posso sentir a força do espaço, mesmo através do observatório fechado: a pressão muda, como água entrando em meu ouvido. Então a nave de transporte desliza a bordo, as portas fecham atrás deles e tudo fica quieto novamente.

— Venha — Setrákus Ra comanda, saindo do observatório, através da nova porta de compressão da sala, e descemos uma escada em espiral que leva para o hangar.

Eu o sigo obediente nos seus calcanhares, os passos ecoando no piso de metal como nós passamos pelas fileiras de naves de reconhecimento. Cautelosamente, esperando não parecer muito interessada, eu olho ao redor do Setrákus Ra para vislumbrar quando a nave abre. Estou esperando um jovem mogadoriano nascido naturalmente, algum de alto posto selecionado pelo Setrákus Ra, como os que eu vejo nervosos ao entregarem relatórios para o seu “Adorado Líder”.

Tento o máximo possível para me manter calma, e não consigo nem respirar fundo

quando Cinco sai da nave. Setrákus Ra olha para mim.

— Vocês dois já foram apresentados, não é?

Um dos olhos de Cinco está escondido embaixo de um curativo, uma mancha escura de sangue no centro, a beirada manchada de suor. Ele parece exausto, e quando seu olho bom se fixa na minha direção, seus ombros grossos caem mais. Ele para bem na frente de Setrákus Ra, sua contemplação reprimida.

— O que ela está fazendo aqui? — Cinco pergunta calmamente.

— Nós estamos juntos agora — Setrákus Ra responde, e segura Cinco pelos ombros. — A libertação e o esclarecimento, balanceados a bordo do progresso mogadoriano. E em parte graças a você, meu garoto.

— Ok — Cinco resmunga.

Eu lembro como o Cinco estava na minha visão – ele estava lá escoltando Seis e Sam para suas execuções, e Seis cuspiu bem no seu rosto – mas acho que eu havia esquecido essa parte, me preocupando mais com a minha perturbadora conexão com Setrákus Ra. Agora aqui está ele, recebendo um tapinha nas costas do líder mogadoriano, o futuro já tomando forma. E aparentemente eu fui prometida a ele em algum antiquado casamento mogadoriano. Agora, no entanto, essa não é minha principal preocupação. Porque Cinco está aqui, parecendo que acabou de sair de uma briga...

— O que... que você fez? — Eu pergunto, minha voz saindo mais como um grunhido do que eu gostaria. — O que aconteceu com os outros?

Cinco olha para mim de novo e seus lábios se contorcem. Ele não responde.

— Você deu uma chance a eles, não deu? — Setrákus Ra pergunta a Cinco, mas eu posso dizer que ele está fazendo isso para mim. — Você tentou mostrar a luz a eles.

— Eles não escutaram — Cinco responde calmamente — eles não me deram escolha.

— E olhe como eles recompensaram você pela tentativa de misericórdia — Setrákus Ra diz, passando seus dedos contra o curativo no rosto de Cinco. — Nós vamos ter que repará-lo imediatamente.

Dou um passo para trás de surpresa quando Cinco dá um tapa contra a mão de Setrákus Ra. É um golpe cortante, o impacto ecoa pelas naves ao nosso redor. Não posso ver seu rosto, mas posso ver os músculos das costas de Setrákus Ra tensionadas, ele endureceu ainda mais sua postura. Posso sentir a imensa massa escondida dentro da forma humana, só esperando para explodir.

— Deixe — Cinco diz, com sua voz trêmula. — Eu o quero assim.

Qualquer repreensão que Setrákus Ra planejou não acontecerá. Ele parece retroceder pela vontade de Cinco de permanecer praticamente cego.

— Você está cansado — Setrákus Ra diz finalmente. — Nós discutiremos esse assunto depois que você estiver recuperado.

Cinco acena e dá um cuidadoso passo ao redor de Setrákus Ra, como se não estivesse certo de que o mogadoriano realmente o deixaria passar. Quando Setrákus Ra não tenta pará-lo, Cinco resmunga e anda lentamente em direção à saída.

Ele está na metade do caminho quando Setrákus Ra o chama.

— Onde está o corpo? — ele pergunta, fazendo Cinco parar. — Onde está o pingente?

Cinco pigarreia, e vejo a sua mão começar a tremer, pelo menos ele faz um grande esforço para parecer calmo. Ele se vira de volta para olhar para Setrákus Ra, que está olhando para a nave aberta, obviamente esperando alguma coisa dela.

— Que corpo? — eu pergunto, sentindo um aperto no peito. Quando eles me ignoram,

elevo a minha voz um pouco mais. — Que corpo? Pingente de quem?

— Sumiu — Cinco simplesmente diz, respondendo Setrákus Ra.

— Eu te fiz uma pergunta, Cinco! — Eu grito. — Que cor...

Sem olhar para mim, Setrákus Ra acena com uma mão na minha direção. Meus dentes se prendem juntos com sua telecinesia, calando a minha boca.

É como levar um tapa, minhas bochechas ficam quentes de raiva. Alguém está morto, eu sei. Um dos meus amigos está morto, e esses dois bastardos estão me ignorando.

— Explique-se — Setrákus Ra rosna para Cinco, e até em sua bonita forma de humano, posso dizer que a sua paciência está acabando.

Cinco suspira como se todo esse exagero gastasse seu tempo.

— O Comandante Deltoch decidiu que cuidaria do corpo pessoalmente, e eu não queria questionar suas ordens. Encontrei os restos de Deltoch bem onde o deixei. A Garde deve ter entrado sorrateiramente e escapado com o amigo deles.

— Era para você me trazer o corpo dele — Setrákus Ra grunhe, seus olhos queimando os do Cinco. — Não Deltoch. Você.

— Eu sei — Cinco repete. — Ele não me ouviu quando contei a ele as suas ordens. Pelo menos ele morreu pela sua insubordinação.

Eu observo uma sombra passar pelo rosto de Setrákus Ra, um círculo negro em seus olhos azuis roubados, como se soubesse que Cinco está mentindo de alguma maneira, a raiva crescendo. Sinto a sua telecinesia que agarrava minha mandíbula soltar. Ele está distraído, focado totalmente em Cinco. Sem que ele possa dizer ou fazer nada mais, eu paro entre os dois, elevando a minha voz um pouco mais alto. Agora eles precisam prestar atenção em mim.

— Que corpo? De quem vocês estão falando?

Finalmente o olho bom do Cinco aterrissa em mim.

— Oito. Ele está morto.

— Não — eu digo, praticamente sussurro.

Eu tento, mas é tarde demais, para parar a minha reação. Meus joelhos ficam fracos, e o rosto impassível de Cinco se torna embaçado quando os meus olhos se enchem de lágrimas.

— Sim — Setrákus Ra adere a conversa, e toda a raiva é drenada da voz dele, substituída por algo mais obscuro e sinistro, com seu tom esplendoroso e excessivamente agradável. — Cinco fez isso, não fez, meu garoto? Tudo em prol do progresso mogadoriano.

Dou um passo na direção de Cinco, com o meu punho apertado.

— Você? Você o matou?121

— Ele estava... — por um momento pareceu que Cinco ia negar. Mas então ele deu uma olhada rápida para Setrákus Ra e simplesmente assentiu. — Sim.

Simples assim, todo o meu esforço para não mostrar emoções perto de Setrákus Ra vai embora. Eu sinto um grito crescendo dentro de mim. Quero atacar o Cinco. Quero partir para cima dele e rasgá-lo ao meio. Eu sei que eu não devia fazer isso, vi do jeito que ele é na Sala de Estudos, o jeito que ele pode mudar sua pele para metal ou qualquer outra coisa que ele toque, mas eu vou fazer todo o estrago que puder. Vou quebrar as minhas mãos na sua pele de metal se isso significa dar só um soco.

Setrákus Ra coloca sua mão no meu ombro, me fazendo parar.

— Eu acredito que agora seria uma excelente hora para aquela lição que nós discutimos — ele diz para mim.

— Uma lição de quê? — eu cuspo, com o olhar furioso.

Cinco parece aliviado que a atenção de Setrákus Ra agora pareça focada em mim.

— Talvez eu possa sair? — ele pergunta.

— Talvez não — Setrákus Ra responde.

Perto de uma das naves, Setrákus Ra agarra um carrinho coberto de ferramentas, chaves inglesas, alicates, chaves de fenda todas feitas para o reparo das naves mogadorianas, mas não diferente das da Terra, e ele dá a volta perto de mim. Ele me olha e sorri.

— Seu Legado, Ella, é chamado de Dreynen. Ele te dá à possibilidade de cancelar o legado de outro Garde temporariamente — Setrákus Ra me ensina, com sua mão nas minhas costas. — Ele é um dos raros de Lorien.

Seco meu rosto com o antebraço e tento ficar de pé corretamente. Ainda estou furiosa com Cinco, mas as minhas palavras são para o Setrákus Ra.

— Por que está me contando isso agora? Eu não me importo.

— É importante saber da nossa história — ele responde. — Se você acredita nos Anciões, os Legados surgiram de Lorien para suprir as necessidades da sociedade loriena. Eu me pergunto então, qual o benefício de um poder que só pode ser usado contra outro Garde?

Cinco fica perfeitamente parado, se recusando a encontrar meus olhos. Distraída com a minha raiva, eu esqueço de moderar as minhas palavras, deixá-las mais leve.

— Eu não sei — respondo, sendo sarcástica — Talvez Lorien tenha visto aberrações como vocês dois vindo e sabia que alguém teria que pará-los.

— Ah — Setrákus Ra responde, sua voz sobrecarregada de orgulho, como se eu tivesse caído exatamente na sua armadilha. — Mas se for esse o caso, porque os Anciões não a escolheram para se juntar aos Gardes que foram salvos? E, se Lorien de alguma maneira forma supre as necessidades com os Legados, porque iriam conceder Legados para dificilmente se usá-os? A mera existência de Dreynen sugere a falibilidade de Lorien que os Anciões procuravam negar. É um caos que precisa ser controlado, não adorado.

Tento dar um passo na direção de Cinco, mas Setrákus Ra usa sua telecinesia para me manter no lugar. Eu sufoco a minha raiva e relembro a mim mesma que sou uma prisioneira aqui. Por enquanto preciso jogar o estúpido jogo do Setrákus Ra, até a hora certa.

A vingança terá que esperar.

— Ella — Setrákus Ra diz. — Você entendeu o que estou te contando?

Eu me viro de costas para Cinco e olho para Setrákus Ra, entediada.

Obviamente, ele já tinha essa filosofia de ensinar formada. É provável que esteja em um capitulo daquele livro. Não há nenhuma maneira de argumentar com ele.

— Então tudo é aleatório e nós devemos explorar isso e blá, blá, blá — eu digo. — Talvez você esteja certo, talvez não. Nós nunca saberemos, visto que você foi lá e destruiu o planeta.

— O que eu destruí exatamente? Um planeta, talvez. Mas não Lorien, não mesmo — Setrákus Ra brinca com um dos pingentes em seu pescoço. — É mais complicado do que você entende, minha querida. Até então... — Ele alcança o carrinho, e arranca uma chave inglesa mogadoriana e lança para mim. — Vamos praticar.

Eu pego a chave inglesa no ar e a seguro em minha frente. Setrákus Ra se vira para Cinco, ainda parado lá em silêncio, esperando ser dispensado.

— Voe — Setrákus Ra ordena.

Cinco olha para cima, confuso.

— O quê?

— Voe — Setrákus Ra repete, apontando para o teto do hangar. — O mais alto que você puder.

Cinco grunhe e devagar levita até ele está por volta de 20 metros de altura no ar, sua cabeça quase se encostando ao teto do hangar.

— E agora o quê? — ele pergunta.

Setrákus Ra se vira para mim. Eu já tenho uma ideia do que ele quer que eu faça. A palma da minha mão está suando contra o metal da chave inglesa. Ele se abaixa ao meu lado e abaixa o tom de voz.

— Quero que você faça o que fez na base de Dulce — Setrákus Ra diz.

— Eu te disse, eu não sei como fiz aquilo — protesto.

— Eu sei que você está com medo. Medo de mim, do seu destino, deste lugar onde você se encontrou — Setrákus Ra diz pacientemente, e por um terrível momento sua voz sua como a de Crayton. — Mas para você, esse medo é uma arma. Feche seus olhos e deixe-o fluir em você. Seu Dreynen irá se seguir. É como uma fome, esse Legado vive dentro de você, e se alimenta do seu medo.

Eu aperto os meus olhos. Parte de mim quer resistir a essa lição, minha pele quer enlouquecer só com o som da voz de Setrákus Ra. Mas outra parte quer aprender a usar o meu Legado, não importa o que custe.

Isso não parece certo, há uma energia dentro de mim que quer sair. Meu Dreynen quer ser usado.

Quando abro os meus olhos, a chave inglesa arde com uma energia vermelha. Eu já fiz isso. Como na base de Dulce.

— Muito bom, Ella. Você pode usar o Dreynen tocando ou, como você acabou de fazer, mudando objetos para ataques de longo alcance — Setrákus Ra explica. Ele dá um rápido passo para trás quando eu levanto a chave inglesa a minha frente. — É fácil, minha querida.

Eu encaro Setrákus Ra, sem piscar, segurando a chave inglesa como eu seguraria uma tocha se eu estivesse tentando assustar um animal selvagem. Eu me pergunto se eu poderia bater nele com isso, drenar seus Legados e então golpear com força a sua cabeça. Será que o Cinco tentaria me parar? Eu estaria pronta para fazer isso?

Não estou certa sobre a extensão dos Legados de Setrákus Ra, ou que outros truques ele tem na manga, ou o que pode acontecer com o encantamento que nos mantém juntos.

Mas talvez eu não mereça fazer isso.

Um lento sorriso aparece no rosto de Setrákus Ra, como se ele pudesse dizer o que estou planejando mentalmente e apreciasse isso.

— Vá — ele diz, e seus olhos encontram o teto. — Você sabe o que fazer a seguir. Ele falhou comigo. E ele matou seu amigo, não matou?

Eu sei que deveria resistir, que eu não devia fazer nada que Setrákus Ra quer que eu faça. Mas a chave inglesa mudou com o meu Dreynen, parece ansioso em minha mão, como se estivesse com fome e quisesse se libertar. E então eu penso no Oito, morto em algum lugar lá embaixo na Terra, morto por esse gorducho, atualmente suspenso no ar acima de mim, que o meu avô aparentemente designou para casar comigo.

Eu me viro e arremesso a chave inglesa no Número Cinco.

Eu não tenho certeza se o meu arremesso tem precisão ou direção, então dou um empurrão com a minha telecinesia. Cinco deve ter visto a chave indo em sua direção, mas ele não tenta se mover. Isso que me faz começar a repensar a minha decisão, sua resignação e aceitação em aceitar sua punição.

A chave inglesa acerta abaixo do seu tórax, mas não sei se com força suficiente, e fica grudado em seu peito como se estivesse magnetizado. Ele engole em seco, sua expressão

entediada se desfazendo, e se agarra à chave inglesa.

Isso só acontece por um segundo, até a ferramenta brilhar com mais intensidade e o Cinco começar a cair.

Cinco cai feio; suas pernas se dobram embaixo dele, as mãos falham em absorver o impacto e seu ombro bate contra o chão. Ele acaba transmitindo a dor em seu rosto, respirando forte. Ele tenta se levantar, mas seu braço não está funcionando direito, mas ele consegue puxar-se para cima e avança devagar. A chave inglesa cai do seu peito.

O dano está feito, seus Legados estão cancelados. Setrákus Ra me dá um tapinha de aprovação nas minhas costas. E este é o momento em que eu realmente me sinto culpada, vendo o Cinco como está, mesmo sabendo o que ele fez para o Oito. É constrangedor que de repente ele não passe de um prisioneiro como eu.

— Vá à enfermaria — Setrákus Ra ordena. — Eu não me importo com o seu olho, mas você precisa estar em boa forma física quando descermos para a Terra.

— Sim, Adorado Líder — Cinco estica seu pescoço para olhar para nós.

— Isto foi muito bem feito — Setrákus Ra diz para mim como se ele fosse um pastor me levando em direção à saída. — Vamos. Nós vamos retornar aos estudos do Grande Livro.

Mesmo pensando que eu ainda estou furiosa sobre o que ele fez ao Oito, quando passamos pelo corpo inclinado do Cinco, eu o procuro telepaticamente. Acho que perdi meu senso de certo e errado enquanto fiquei presa aqui.

Me desculpe, eu digo a ele.

Eu não acho que ele vá responder, considerando como ele mal consegue olhar para mim. Eu estou quase cortando nossa comunicação mental quando ele responde.

Eu estou bem, ele diz. Eu mereci.

Você merece algo muito pior do que isso, respondo, embora eu não consiga passar a maldade que quero. É difícil fazer isso enquanto estou vendo mentalmente Oito, rindo, brincando entre mim e Marina.

Eu sei, Cinco responde. Eu não... Desculpe, Ella.

Eu pego mais alguma coisa da sua mente. Isso nunca aconteceu antes, talvez meu legado esteja ficando mais forte. Eu não penso muito sobre isso, porque através da minha mente estou vendo o corpo do Oito, deixado de propósito em um hangar vazio. Tento achar um sentido para imagem, mas a confusão dos pensamentos de Cinco é enorme. Tem tantos impulsos conflitantes em seu cérebro, e eu não sou experiente o suficiente para achar um sentido em tudo isso.

Eu já havia passado por ele, mas depois da nossa conversa telepática, arrisco dar uma olhada por cima do meu ombro. Cinco conseguiu se colocar em pé. Ele está brincando com uma bolinha de metal entre os dedos, para cima e para baixo, esperando que seu Legado volte.

Ele olha direto para mim.

Nós temos que sair daqui, ele pensa.

Capítulo dezessete

ASHWOOD ESTATES É REALMENTE CALMA AO AMANHECER, UMA NEBLINA CLARA cumprimentando o dia cinzento. Eu mal consegui dormir, o que não é exatamente uma novidade. Estou sentado perto da janela da sala de estar na casa antiga de Adam e tiro fotos com o celular dos documentos que a Agente Walker nos mostrou, e mando-os para Sarah. Vamos expor os arquivos pelo Eles Estão Entre Nós, porque pelo menos desta maneira podemos ter certeza de que a informação chegará ao público. Walker tem uma lista de jornalistas e de pessoas de outras mídias das quais ela acredita que sejam confiáveis, mas ela também tem uma lista do mesmo tamanho de repórteres que estão do lado do ProMog. Não há nenhuma maneira infalível de expor esses documentos de outra maneira, a não ser por nós mesmos. Será um trabalho difícil. Durante os anos que estivemos fugindo, os mogadorianos se adiantaram muito, se impregnaram junto aos militares, ao governo e até a mídia. A coisa mais inteligente que eles fizeram foi nos caçar às escuras.

De acordo com Walker, teremos algo grande para virar o jogo. Ela quer que nós cortemos a cabeça do ProMog, ou seja, matemos o secretário de Defesa.

Eu não sei como isso irá nos trazer qualquer tipo de apoio à humanidade. Walker diz que podemos manter o assassinato em segredo. Não decidimos se vamos adiante com essa parte do plano, mas não há problema em deixar Walker achar que estamos fazendo o seu trabalho sujo. Por enquanto.

Mais importante do que Sanderson, devemos expor Setrákus Ra, usando qualquer coisa que ele tenha para expô-lo para as Nações Unidas. O plano é fazer uma cena grande o suficiente para que a humanidade veja os mogs do jeito que eles realmente são e se manifestem contra a invasão. A população que tem sido enganada por uma década será finalmente posta para fora da escuridão. Uma vez que os seres humanos verem os aliens em primeira mão, esperamos que as pessoas levem sites do tipo de Eles Estão Entre Nós mais a sério. Só espero descobrir uma maneira de expor tudo isso. Sem morrer.

Pensamentos sombrios ainda me rondam. Mesmo se conseguirmos formar uma resistência maior e mais forte do que o bando de gente que reunimos em Ashwood Estates, não há garantia de que possamos virar o jogo contra os mogadorianos. Pelo tempo que estive na Terra, a nossa guerra com os mogadorianos foi travada nas sombras. Agora, estamos prestes a envolver milhões de pessoas inocentes. Parece que tudo com o que estamos lutando é para dar a humanidade e a nós, o restante dos lorienos, a oportunidade de travar uma guerra longa e sangrenta. Eu me pergunto se isso é o que os Anciãos haviam planejado para nós. Nós já deveríamos ter derrotado os mogs sem expor a humanidade? Ou o plano deles quando nos enviaram a Terra era tão desesperado como é o nosso agora?

Não me admira que eu não consiga dormir.

Pela janela, vejo uma dupla de agentes do FBI compartilhar um cigarro na varanda do outro lado da rua. Acho que não sou o único que sofre de insônia iminente. Deixamos o pessoal de Walker acampar nas casas vazias em torno de Ashwood. Eles vigiam o perímetro, há guardas postados no portão que Adam e eu destruímos no início do dia, praticamente tornando este lugar a base da resistência de lorienos e humanos.

Ainda não confio inteiramente na Agente Walker ou em seu pessoal, mas a guerra iminente me forçou a acolher um monte de aliados estranhos. Até agora, eles não foram um erro. Se a minha sorte com os antigos inimigos de confiança não se sustenta, bem, nós estamos

praticamente todos condenados de qualquer maneira. Tempos de desespero pedem medidas desesperadas.

O assoalho range atrás de mim e eu me viro para encontrar Malcolm em pé na porta que conduz aos túneis mogadorianos. Seus olhos estão caídos de cansaço e ele está no processo de abafar um bocejo.

— Bom dia — eu digo, fechando a pasta com os arquivos de Walker.

— Já amanheceu? — Malcolm responde, movendo a cabeça em descontentamento. — Eu perdi a noção da hora lá embaixo. Sam e Adam estavam me ajudando há pouco. Acho que eu os forcei a parar para descansar por alguns minutos.

— Isso foi horas atrás — eu digo. — Você passou a noite inteira assistindo aqueles vídeos mogadorianos?

Malcolm assente, mudo, e percebo que ele está mais do que muito cansado. Ele está com a aparência de alguém que acabou de testemunhar uma cena traumatizante.

— O que você encontrou? — pergunto.

— Eu — ele responde depois de uma pausa. — Eu me encontrei.

— O que você quer dizer?

— Acho que é melhor você juntar os outros — essa foi a única resposta antes dele desaparecer nos túneis novamente.

Marina está dormindo em um dos quartos no andar de cima, então eu a acordo primeiro. Assim que ela desce, ela faz uma pausa em frente ao quarto principal; que certa vez foi ocupado pelo General e pela mãe de Adam, mas agora é o lugar de descanso temporário para Oito. Marina coloca a mão suavemente sobre o batente da porta quando ela passa. Eu percebi quando a acordei que ela usava o pingente de Oito. Eu gostaria que houvesse mais tempo para sofrer com ela.

Adam está dormindo no quarto de cima restante, a espada encostada na lateral da cama, ao alcance do braço. Eu hesitei por um momento antes de acordá-lo, também. Ele é um de nós agora. Ele provou isso ontem, quando salvou a minha tirando a do General. Seja o que for que Malcolm descobriu sobre essas gravações mogadorianas, a visão de Adam pode ser inestimável.

Sam e o resto do Garde dormiram em outra parte de Ashwood Estates, então despachei alguns Chimærae para rastreá-los. Nove aparece depois de alguns minutos, o seu cabelo longo todo despenteado e seu olhar selvagem, tão cansado quanto eu.

— Eu dormi no telhado — ele explica quando percebe que estou encarando-o com um olhar estranho.

— Uh, por quê?

— Alguém tinha que vigiar aqueles caras do governo que você permitiu que ficassem aqui.

Eu assinto e o sigo para baixo em direção aos túneis. Malcolm e os outros que eu tinha conseguido encontrar já estão sentados na sala mogadoriana, silenciosos e inquietos. Marina está sentada o mais longe de Adam possível.

— Seis e Sam? — Malcolm me pergunta quando eu entro.

Eu dou de ombros.

— Os Chimærae estão procurando por eles.

— Eu os vi entrando em uma daquelas casas abandonadas — Nove diz, com um sorriso astuto no rosto. Olho pra ele com um olhar de dúvida e ele franze as sobrancelhas para mim. — Fim do mundo, sabe como é, Johnny.130

Eu não sei exatamente o que Nove quis dizer até Seis e Sam chegarem correndo pela porta. Seis está toda desajeitada, com o cabelo puxado para trás, parecendo mais descansada

desde seus dias no pântano. Sam, por outro lado, está desarrumado, o cabelo apontando para cima em ângulos estranhos, e sua camisa está toda abotoada errada. Sam me pega estudando-o e fica num tom de vermelho escuro, dando-me um sorriso tímido.

Balanço a cabeça em descrença, lutando contra um sorriso, apesar de o clima calmo. Nove assobia entre os dentes e um sorriso ainda que breve aparece no rosto de Marina.

Tudo isso só faz com que Sam core mais, e só faz com que Seis aumente o olhar desafiador que ela lança para nós.

Malcolm, é claro, não prestou atenção em nada disso. Ele está focado no computador, separando um dos vídeos mogadorianos.

— Ótimo. Estamos todos aqui — Malcolm diz, olhando do teclado para nós. Ele olha pela sala, nervoso. — Eu sinto que falhei, ao mostrar isso para vocês.

A cor vermelha do rosto de Sam se torna em um olhar preocupante.

— O que você quer dizer, pai?

— Eu — Malcolm move a cabeça. — Eles tiraram essas informações de mim, e mesmo agora, tendo visto o que estou prestes a mostrar para vocês, eu ainda não me lembro. Eu desapontei todos vocês.

— Malcolm, qual é — eu digo.

— Nós todos cometemos erros — Marina diz, e eu noto seu olhar seguir na direção de Nove. — Fizemos coisas que nos arrependemos.

Malcolm concorda.

— Negligência. A essa altura do jogo, eu ainda espero que este vídeo mostre outro caminho a seguir.

Seis inclina a cabeça.

— Outro caminho, em vez do quê?

— Em vez de guerra total — Malcolm responde. — Vejam.

Malcolm pressiona um botão no teclado e a tela de vídeo na parede ganha vida. O rosto de um mogadoriano magro e velho aparece. Sua cabeça estreita preenche a maior parte da tela, mas no fundo, uma sala semelhante a esta é visível. O mogadoriano começa a falar na sua língua áspera, seu tom de voz soando formal e acadêmico, mesmo que eu não possa compreender.

— Eu deveria ser capaz de entender esse monstro? — Nove pergunta.

— Ele é o Dr. Lockram Anu — Adam diz, traduzindo. — Ele criou a máquina de memória que... bem, você sabe. Você jogou um pedaço dela em um helicóptero na noite passada, na verdade.

— Oh, aquilo — Nove diz, sorrindo. — Aquilo foi divertido.

Adam continua.

— Isso é antigo, gravado durante os primeiros ensaios da máquina. Ele está introduzindo um tópico de teste, que diz ter sido mentalmente mais duro do que os outros que ele trabalhou. Ele estará demonstrando como sua máquina pode ser utilizada para interrogatório...

Adam para quando o Dr. Anu fica de lado, revelando um jovem Malcolm Goode amarrado em uma cadeira de metal insanamente complicada. Malcolm está magro e pálido, os músculos de seu pescoço destacando-se, em grande parte graças ao ângulo estranho a cabeça que ele é forçado a reclinar. Seus pulsos estão presos aos braços de titânio da cadeira; um tubo intravenoso corre pela parte de trás da sua mão, nutrientes que chegam através de um saco nas proximidades. Uma variedade de eletrodos está presa ao seu rosto e peito, seus cabos ligados às placas de circuito da máquina do Dr. Anu. Seus olhos olham diretamente para a câmera, mas eles estão fora de foco e não piscam.

— Pai, meu Deus! — Sam diz num sussurro.

É difícil olhar para o Malcolm na tela, e fica ainda pior quando Anu começa a fazer-lhe perguntas.

— Bom dia, Malcolm — Anu diz, agora em Inglês, o tom do tipo normalmente reservado para as crianças. — Você está pronto para retomar a nossa conversa?

— Sim, doutor — Malcolm responde na tela, sua boca flácida através das palavras, um lampejo de baba aparecendo no canto da boca.

— Muito bom — Anu responde, e olha para baixo em uma prancheta no colo. — Eu quero que você pense sobre o seu encontro com Pittacus Lore. Quero saber o que ele estava fazendo na Terra.

— Ele estava preparando para o que está por vir — Malcolm responde, sua voz distante e robótica.

— Seja específico, Malcolm — Anu insiste.

— Ele estava se preparando para a invasão mogadoriana e para o renascimento de Lorien — na tela, Malcolm parece subitamente alarmado. Ele sacode os braços contra suas amarras. — Eles já estão aqui. Estão nos caçando.

— De fato, mas você está a salvo agora — Anu diz, e espera por Malcolm se acalmar. — Há quanto tempo os lorienos visitam a Terra?

— Séculos. Pittacus esperava que a humanidade estivesse pronta quando chegasse a hora.

— Quando chegasse a hora de quê?

— De lutar. Para reiniciar Lorien.

Anu bate na prancheta com sua caneta, cada vez mais irritado com a superficialidade do hipnotizado Malcolm.

— Como eles vão reiniciar Lorien daqui, Malcolm? O planeta está a anos-luz de distância. Você está mentindo para mim?

— Não estou mentindo — Malcolm murmura. — Lorien não é simplesmente um planeta. É mais do que isso. Ele pode existir em qualquer lugar onde as pessoas são dignas. Pittacus e os outros Anciãos já fizeram os preparativos. Loralite corre debaixo dos nossos pés, mesmo agora, que circula através da Terra. Como o sangue correndo pelas veias, ele só precisa de uma batida de coração para dar-lhe motivação. Tudo o que precisa é de ser acordado.

Anu se inclina para frente, de repente muito interessado. Eu me vejo fazendo a mesma coisa, me inclinando em direção à tela.

— Como eles vão fazer isso? — Anu pergunta, claramente tentando manter a emoção em sua voz.

— Cada um dos Gardes possui o que Pittacus chama de Pedras Fênix — Malcolm responde. — Quando a Garde chegar à idade certa, as Pedras podem ser usadas para recriar as características de Lorien – a vida vegetal, loralite, os Chimærae.

— Mas o que dizer dos Legados? O que dizer dos verdadeiros presentes de Lorien?

— Esses, também, virão uma vez que Lorien for acordado — Malcolm responde. — As Pedras Fênix, os pingentes, tudo tem um propósito. Quando eles estiverem juntos na Terra, no Santuário dos Anciãos, Lorien vai viver mais uma vez.

Anu olha de volta para a câmera, os olhos arregalados. Ele compõe-se e pressiona.

— Onde está este santuário, Malcolm?

— Calakmul. Somente a Garde pode entrar.

Aqui, Malcolm pausa a gravação. Ele olha ao redor da sala; os lábios estão pressionados em uma linha sombria, mas não há um vislumbre de esperança em seus olhos. Rostos atordoados

de todos os lados voltam-se para ele, nenhum de nós prontos para digerir o que acabamos de ver.

Nove levanta a mão, franzindo a testa.

— Eu não entendi. Que diabos é Calakmul?

— É uma cidade maia antiga situada no sudeste do México — Malcolm responde, uma onda de excitação em sua voz.

— Por que nós não sabíamos de nada disso? — Seis pergunta, ainda olhando para a tela pausada. — Por que os Anciãos não nos disseram? Ou os nossos Cêpans? Se tudo isso é tão importante, por que nos manter no escuro?

Malcolm aperta a ponte de seu nariz.

— Eu não tenho uma boa resposta para isso, Seis. A invasão mogadoriana pegou os Anciãos desprevenidos. Vocês foram trazidos às pressas para a Terra, seus Cêpans completamente despreparados. Sua sobrevivência era prioridade. Eu só posso supor que tudo isso – as Pedras Fênix, seus pingentes, o Santuário – seria revelado quando vocês tivessem a idade certa, uma vez que vocês tivessem os Legados e estivessem prontos para lutar. Dizer antes teria deixado seus segredos mais vulneráveis — Malcolm olha para sua imagem na tela. — Embora possamos ver que esse segredo não nos salvou.

— Talvez seja por isso que Henri voltou para Paradise, ele procurava por você, pai — Sam sugere, olhando de seu pai para mim. — Talvez fosse a hora.

Minha mente está correndo. Mesmo sem perceber, comecei a andar para trás e para frente. Foi preciso um olhar de Seis para me fazer parar.

— Eu sempre pensei que iria vencer esta guerra e voltar para Lorien — digo devagar, tentando juntar meus pensamentos. — Pensei que era isso o que Henri quis dizer com “reiniciar Lorien”.

— Talvez ele quisesse dizer aqui — Seis sugere. — Talvez nós devêssemos reiniciar Lorien aqui.

— O que isso quer dizer? — Sam pergunta. — O que aconteceria com a Terra?

— Não pode ser pior do que o que vai acontecer quando os mogs chegarem aqui — Nove responde. — Quero dizer, eu me lembro de Lorien ser muito lindo. Nós estaríamos fazendo um favor a Terra.

— Na fita você fez parecer como se fosse uma entidade de algum tipo — Marina diz, olhando para Malcolm.

— Eu... — Malcolm balança a cabeça. — Eu gostaria de poder lembrar mais, Marina. Não tenho as respostas.

— Poderia ser como um deus — diz Marina, uma reverência silenciosa em sua voz.

— Poderia ser como uma arma que vem da Terra para matar todos os mogs — Nove sugere.

Adam pigarreia, desconfortável.

— Seja o que for, Malcolm disse que precisamos das Pedras Fênix para acordá-lo — eu digo, tentando não deixar o grupo se desviar.

— E dos pingentes — Seis diz, então inclina a cabeça como se algo ocorresse com ela. — Talvez seja por isso Setrákus Ra os mantém. Eles poderiam ser mais do que troféus para ele.

— Nós abrimos nossas Arcas em Chicago — Nove diz, provavelmente lembrando o quão entediado ele estava catalogando nossa herança. — Eu tenho mais pedras e algumas coisas que nem sei o que fazem.

— Devemos trazer tudo — diz Marina, com certeza em sua voz. — Nossas heranças. Nossos pingentes. Levá-los para o Santuário e entregá-los para a Terra, como Malcolm disse.

Malcolm concorda.

— Eu sei que é vago, mas é alguma coisa.

— Pode ser a vantagem que estamos procurando — eu digo, pensando sobre isso. — Droga, esse poderia ser o motivo pelo qual nós fomos enviados para cá, para começo de conversa.

Nove cruza os braços, olhando cético.

— Ontem eu estava olhando para a maior maldita nave de guerra mogadoriana que já vi. Enterrar as nossas coisas em algum templo empoeirado poderia ter sido uma boa ideia meses atrás, mas estamos tão perto da guerra, e tenho certeza de que nós temos alguns caras malvados para matar.

Antes que eu possa responder, Malcolm fala à frente.

— O Santuário pode ser a nossa melhor esperança — diz ele. — Mas é melhor não colocar todos os ovos na mesma cesta.

— Nove pode estar certo. Por mais que eu odeie a ideia de nos dividir novamente — Seis fala — alguns de nós devem ficar e seguir com o plano de Walker de levar à público o plano dos mogs.

Nove bate o punho na mão.

— Essa garota!

— E alguns de nós devem ir para o México — eu digo, terminando o pensamento de Seis.

— Eu quero ir — Marina fala imediatamente. — Quero ver este Santuário. Se é um lugar para lórico, um lugar onde vivemos, talvez seja onde devemos enterrar o corpo do Oito.

Concordo com a cabeça e olho para Seis, à espera de sua decisão.

— Bem? Nova Iorque ou México?

— México — diz ela, depois de um momento. — Você é melhor em lidar com esses tipos de coisas de governo do que eu. E se precisarmos de um representante lórico na ONU, você é a escolha óbvia.

— Obrigado. Eu acho.

— Ela está dizendo isso porque você é tão estilo escoteiro — Nove acrescenta em um sussurro alto.

Olho para Sam, que parece que está prestes a falar, com a boca entreaberta. Ele é cortado por Seis, que sutilmente balança a cabeça para ele.

— Eu vou ficar aqui, também, eu acho — diz Sam depois de um momento estranho, parecendo mais do que um pouco esvaziado. Ele força um sorriso para mim. — Alguém tem que manter você e o Nove na linha.

Isso deixa apenas Adam sobrando. Nosso aliado mogadoriano tem se mantido em um silêncio respeitoso esse tempo todo, provavelmente tentando não estragar o momento em que os segredos estão sendo revelados. Quando chamo por ele, ele ainda estava olhando para a tela. Ele parece perdido na memória, talvez lembrando Dr. Anu e sua máquina. Ele franze a testa quando percebe que o resto de nós olhando para ele.

— Eles estarão esperando por vocês no México — diz Adam. — Se há uma fonte de poder lórico lá, vocês sabem que o meu povo terá passado os últimos anos tentando acessá-la.

— Só os Gardes podem entrar, certo? — Sam pergunta, olhando de Adam para o pai.

— Foi o que eu disse — Malcolm responde, os lábios franzidos na incerteza.

— Assim como só nós podemos ter Legados? — Nove pergunta, olhando para Adam. — Você está dizendo que esta poderia ser outra armadilha, mog?

— Não é uma armadilha quando você sabe que está lá — diz Adam, poupando um rápido olhar para Nove antes de virar os olhos para Seis. — Eu não sei exatamente o que vocês vão encontrar lá, mas posso garantir uma presença mogadoriana. Eu posso pilotar o Skimmer melhor do que você, talvez despistá-los caso eles estejam sobrevoando por lá.

— Bem, eu com certeza não irei a pé para o México — Seis responde, secamente. Ela olha para mim. — Você confia nesse cara, certo?

— Confio.

Ela encolhe os ombros.

— Então bem-vindo ao Time Calakmul, Adam.

Ouço Marina cerrar os dentes, mas ela não faz qualquer outro protesto.

— Ótimo. Estamos enviando um mogadoriano para investigar um santuário lórico — Nove reclama, balançando a cabeça. — Será que ninguém mais acha que é meio desrespeitoso?

— Você não acabou de se referir a ele como empoeirado? — Sam pergunta.

— Declaração do fato — diz Nove. — Assim como toda essa coisa de mogs bonzinhos ainda é extremamente estranho. Sem ofensa.

Eu silencio a discussão quando coloco minha mão debaixo da camisa e puxo meu pingente lórico sobre a cabeça. Sinto um frio estranho contra o meu coração quando o removo. Não me lembro da última vez em que estive sem ele.

Com a sala de repente silenciosa novamente, eu entrego o pingente para Seis.

— Leve-o — eu digo. — Certifique-se de que ele chegue ao Santuário.

— Sem pressão — Seis diz, sorrindo, quando ela aceita o pingente.

— Agora — eu digo, olhando ao redor. — Vamos vencer esta guerra e mudar o mundo.

Capítulo dezoito

DIZEMOS ADEUS MAIS TARDE NA MESMA MANHÃ, TODOS NÓS REUNIDOS em torno da Skimmer na quadra de basquete de Ashwood Estates.

É estranho estar usando um pingente Lórico em torno de meu pescoço novamente. E não quero dizer que não me refiro ao peso físico literalmente – os pingentes não são pesados. Eles apenas contêm todos os legados de Lorien, aparentemente. Todos os poderes do nosso povo quase extinto, embutido em poucas reluzentes pedras de loralite.

É, não é grande coisa.

— Isso é tudo? — Marina pergunta. Ela está de joelhos na frente de sua Arca aberta, gentilmente rearranjando o conteúdo. Nós temos a Arca de Oito também. Seu conteúdo estará trancado para sempre, possivelmente destruído, mas achamos que vale a pena levá-la para o Santuário com o resto.

Eu não tenho minha própria Arca, então Marina tem que colocar toda a nossa herança na dela.

Depois de nosso encontro mais cedo, John e Nove foram até suas Arcas e reuniram tudo o que não fosse arma, pedra de cura ou qualquer coisa relacionada a combate, além de um punhado de pedras preciosas de Lorien para ser trocadas por suprimentos ou equipamentos de computador. John entregou um pacote de folhas secas amarradas por um barbante amarelado que faz o som do vento quando meus dedos passam sobre ele. Marina cuidadosamente coloca esses itens em sua Arca, ao lado de um frasco de água cristalina, um pedaço partido de loralite e um galho de árvore.

— Então, já que não sabemos exatamente o que essas Pedras Fênix são, nós vamos despejar tudo que parecer com elas, certo? — digo, então em seguida me corrijo. — Quero dizer, não despejar. Entregar para a Terra. O que o Malcolm que sofreu lavagem cerebral disse.

John ri um pouco.

— Se encontrarmos um plano melhor, eu te aviso.

— Meu pai ainda está assistindo mais vídeos — Sam diz. — Talvez ele encontre mais alguma coisa.

— Agora, voar para lá parece ser a única opção. Na frente de qualquer outra coisa — John diz. — Tem mais alguma coisa que eu quero que você leve para o Santuário, Seis.

John se agacha para alcançar sua Arca. Eu queria saber por que ele a trouxe para a quadra de basquete depois que já passamos por isso lá dentro.

Entendo quando ele segura uma lata pequena que reconheço imediatamente. As cinzas de Henri.

— John… — digo, não aceitando a lata de imediato.

— Leve-o — John responde, gentilmente. — Ele pertence ao Santuário.

— Mas você não quer estar lá? Para dizer adeus?

— Claro que quero. Mas com tudo isso acontecendo, não sei se terei a chance. — Quando começo a protestar novamente, John me corta. — Está tudo bem, Seis. Vou me sentir melhor sabendo que ele está com você, indo para o Santuário.

— Se é o que você quer — digo, aceitando as cinzas. — Vou tomar conta dele. Prometo.

Eu cuidadosamente coloco a lata das cinzas de Henri na Arca de Marina com o resto de nossos pertences. Todos ficamos em silêncio, o clima fica sombrio. É difícil passar por esse tipo de momento. Os agentes do governo mantém certa distância, contudo posso ver alguns deles,

incluindo Walker, nos observando de uma varanda nas proximidades.

— Você vai ficar bem com eles? — Pergunto a John.

Ele olha ao redor, observando os olhares indiscretos.

— Eles estão do nosso lado agora, lembra?

— Tenho que ficar me lembrando — eu respondo, meu olhar involuntariamente voltando-se para o Skimmer. — Parece que estou fazendo isso de mais.

Adam já está a bordo do Skimmer, juntamente com Areal, o Chimæra que está ligada a ele. Estou contando com a palavra de John de que podemos confiar no mogadoriano que está passando as coordenadas no painel. Não estou certa de que Marina sinta o mesmo; ela não disse nada sobre isso, mas posso sentir o frio irradiando dela quando Adam está por perto. Depois de tudo o que aconteceu, não posso culpá-la por suspeitar. Eu me resignei a um voo frio para o México.

— Cheque sempre — John me lembra, batendo no telefone que ele prendeu no quadril de sua calça jeans como um completo idiota.

Ambas, Marina e eu, estamos agora em posse de celulares via satélite, muito volumosos para usar como acessórios de moda, por isso eles estão guardados com o resto de nossos suprimentos. Equipamento de cortesia do governo dos Estados Unidos, ou pelo menos da facção rebelde de Walker. Ambos, Adam e Malcolm, analisaram os celulares e nos garantiram de que não possuem escutas.

— Claro, claro — respondo. — Você também, John. Mantenha contato. Fique vivo.

— E tome conta de nossas coisas — Nove resmunga. Ele está alguns passos atrás, observando Marina mexer em sua Arca, as sobrancelhas dele franzidas. — Quero algumas dessas pedras de volta, se possível. Você sabe, para depois. Preciso comprar um lugar novo para morar graças ao que aconteceu com a antiga.

Eu dou uma olhada para Nove.

— Você está falando sério?

Ele encolhe os ombros.

— O quê? Tenho planos para o futuro!

Marina olha para sua arca e, com um suspiro, joga um par de luvas negras para Nove.

— Aqui. Nunca descobri o que fazer com essas.

— Ótimo — Nove diz, colocando-as de imediato. Ele flexiona os dedos dentro do que parece ser feito de couro, então violentamente empurra as palmas na direção de John. — Você sentiu algo, cara?

John ignora Nove, olhando para Marina.

— Podemos ter certeza de que não são importantes? E se forem uma Pedra Fênix?

— São luvas, Johnny — Nove diz, sem tirá-las. — Você já ouviu sobre um ritual ancestral que envolva um par estiloso de luvas? Qual é.

John balança a cabeça, desistindo. Seus olhos recaem nas cinzas de Henri até que Marina fecha sua Arca, e então seu olhar se desvia para o Skimmer.

— Queria poder ir com vocês. Gostaria de estar lá por ambos.

O corpo de Oito já está no Skimmer, preso de forma segura ao assento.

— Depois — Marina diz, e ela estende a mão para apertar a mão de John. Ele ainda está muito triste – todos nós estamos – mas vejo lentamente sinais de que a antiga, gentil Marina está derretendo todo esse gelo. — Oito iria entender. Uma vez que ganharmos, haverá tempo para prestar o devido respeito. Todos nós, juntos.

Nove para de brincar com suas luvas novas e fica sério por um instante, olhando para

Marina.

— Eu gostaria disso — ele diz.

— Pronta? — pergunto a Marina.

Ela concorda e usa sua telecinesia para levar sua Arca para a entrada do Skimmer.

— Fiquem seguros, todos vocês.

Um por um, Marina abraça os garotos, e eu faço o mesmo. Sam é o último para mim, e quando ele me envolve em um grande abraço, sinto a mesma sensação que tive antes quando estávamos reunidos nos túneis mogadorianos, que todos estão nos observando e murmurando sobre como somos preciosos. Eu me arrepio um pouco, mas antes que eu perceba que esse abraço foi mais longo que os outros, e nossos amigos recuaram alguns passos para nos deixar aproveitar o momento.

— Seis — Sam diz calmamente em minha orelha, e eu o afasto o bastante para olhá-lo, cortando-o.

— Não faça isso ser estranho, Sam — sussurro, e afasto um fio de cabelo que estava solto para trás da minha orelha, e olho disfarçadamente para os outros.

Então, passamos a última noite juntos. Talvez não tenha sido o passo certo de minha parte. Amo Sam, do meu jeito, e não quero forçá-lo ou ferir seus sentimentos. Eu só não estou pronta para algum relacionamento até que tudo isso acabe, especialmente quão estúpidas e complicadas as coisas com John ficaram depois de apenas uma pequena paquera. Mas, depois de tudo que aconteceu na Flórida, eu preciso de alguma coisa para mudar – algo quente e seguro e perto do normal – e assim é Sam. Pensei que ele tivesse entendido isso e eu não queria entrar em algo meloso como John e Sarah com ele. Mas aqui estamos, tendo um momento, é contundente como estou tentando não ser, tampouco não estou exatamente afastando.

— Não estou fazendo nada — Sam diz, olhando para mim. — Eu só não entendi porque você não quer que eu vá com você.

— Você fará mais aqui, com seu pai. E você vai precisar colocar o John e Nove na linha.

— Da última vez em que saí em uma missão com John, ele me largou dentro de uma montanha — Sam diz, sem cair no que eu disse. — Qual é, Seis. O que é, de verdade?

Eu suspiro, ao mesmo tempo querendo estrangulá-lo e beijá-lo. Por um segundo, não sei qual instinto vai ganhar. Eu quero algo mais com Sam, eu acho. Eventualmente. Só não quero pensar nisso agora. A noite passada foi uma coisa, mas agora estou de volta lutando uma guerra.

— Eu não quero uma distração, Sam. Tudo bem?

— Oh — ele diz, olhando como se eu tivesse acabado de assassinar o orgulho dele. — Você quer dizer, como você tem que me manter a salvo dos mogs ou me impedir de pisar em alguma armadilha maia ou qualquer coisa. Porque eu achei que já tivéssemos passado disso. Posso me virar sozinho, Seis. E eu só acidentalmente atirei em você uma vez em prática e...

Eu o beijo. Em maior parte para calá-lo e ilustrar meu ponto, mas também porque não posso evitar. Ouço Nove fazer um som de ooh e faço uma nota mental de destruí-lo na próxima chance que eu tiver.

— Essa é a distração de que estou falando — digo com calma, meu rosto ainda esta perto do dele.

Sam esta enrubescendo de novo, e sua boca ainda está trabalhando como se ele quisesse dizer algo mais. Ele provavelmente está tentando dizer adeus suavemente, mas estou cheia desses momentos, então dou uma última olhada ao seu doce rosto, e vou embora.

Alguns segundos depois estou sentada no assento ao lado de Adam no Skimmer, ignorando a sobrancelha levantada e o sorriso que Marina me lança.

— Podemos? — Adam pergunta.

Concordamos e Adam aperta alguns botões, manipulando os controles do Skimmer com muito mais confiança do que eu. À medida que subimos lentamente, olho pela janela para ver Sam e os outros abaixo, acenando para nós.

Desejo saber se minha vida nunca vai ficar sem esses momentos – as despedidas – antes de irmos arriscar nossas vidas. John sempre fala sobre o quanto ele não pode esperar por uma vida chata e normal, mas eu ficaria feliz com isso?

Ganhamos altitude, árvores passam por nós, e penso sobre Sam. Se não fosse por essa guerra, o caos constante, nós nunca teríamos ficado juntos. O que seria de nós sem a ameaça de destruição mogadoriana?

Eu gostaria de descobrir.

Capítulo dezenove

NOVE SE INCLINA SOBRE MIM PARA PODER VER MELHOR O ROSTO DE SAM, E FALA para ele num sussurro:

— Tudo bem cara. O que tá rolando entre você e a Seis?

Sam olha para qualquer lugar do lado de fora da janela.

— O quê? Nada.

— Pssss — Nove suspira. — Qual é, cara. É mais ou menos quatro horas de viagem até Nova York. Você tem que nos dar alguns detalhes.

Na nossa frente, no banco de passageiro, a Agente Walker pigarreia.

— Fascinante o quanto eu acho a vida sexual de adolescentes, mas talvez possamos usar esse tempo para conversar sobre nossos parâmetros operacionais — ela diz secamente.

— Concordo — eu digo, empurrando Nove para o seu lugar para que ele não perturbe mais o Sam. — Precisamos focar na missão.

Nove franze a testa pra mim.

— Tudo bem, John. Vou me focar em calar a boca até o fim dessa viagem.

— Ótimo.

Sam me dá um sorriso de agradecimento e eu assinto. Parte de mim realmente acha que devemos pensar sobre as probabilidades impossíveis que estamos enfrentando, mas outra parte de mim não quer ouvir quaisquer detalhes sobre Sam e Seis. Estou feliz por eles, eu acho. Ainda bem que eles puderam encontrar algum conforto juntos. Mas não consigo superar a sensação de que Sam vai acabar com seu coração partido. Lembro-me de minha visão do futuro, a forma como Sam gritou logo antes que os mogadorianos executassem Seis. Talvez por isso eu tenha a sensação de que isso irá acabar mal.

Ou talvez eu só esteja com ciúmes. Não porque Sam ficou com Seis, mas mais porque o amor da minha vida está a quilômetros de distância. Claro, de maneira alguma estou expressando isso na frente de Nove, ou Walker ou o cara do FBI que está silêncio dirigindo o carro. Sim, vamos nos concentrar na missão.

Estamos nos dirigindo para a I-95, de Washington para Nova York. Malcolm ficou para trás em Ashwood Estates para terminar de ver os arquivos mogadorianos, na esperança de encontrar outra coisa que possa ser útil.

A grande maioria dos agentes desertores de Walker ficou para trás, também. Eles estão segurando as pontas, usando o lugar como uma base de operações para coordenar seus esforços para minar o ProMog. Eu ainda não confio inteiramente no pessoal de Walker, e provavelmente nunca vou chegar a esse nível depois de tudo o que o governo nos fez passar, então deixei para trás os nossos cinco Chimærae restantes, com ordens para proteger Malcolm a todo custo.

Além de Walker e nosso motorista, há outro veículo repleto de agentes nos seguindo. Isso faz um total de seis agentes, além de mim, Nove e Sam. Não é um exército. Mas, a guerra ainda não começou. Talvez, se tudo correr de acordo com o meu plano, não vai nem começar.

— O Secretário de Defesa está hospedado em um hotel na ilha de Manhattan, perto da sede das Nações Unidas — Walker diz. Ela olha para seu celular, o qual tem digitado a manhã toda. — Eu tinha um infiltrado na equipe de segurança dele, mas...

— Mas o quê?

— Eles foram trocados hoje cedo — Walker responde. — Todos os seguranças dele, substituídos por uma nova equipe. Caras pálidos com capas longas pretas. Parece familiar?

— Mogadorianos — Nove diz, batendo o punho na mão. — Mantendo o bichinho de estimação político deles em segurança antes do discurso comprador dele.

— Acho que isso nos deu uma vantagem — Walker diz, olhando para mim. — Meu pessoal não estava ansioso parar lutar contra os próprios colegas para chegar a Sanderson. Quero dizer, alguns desses caras estavam fazendo apenas o trabalho deles.

— É, nós não também não temos o hábito de lutar contra humanos também — eu digo, dando a Walker um olhar racional. — A menos que nos obriguem.

— Então, esse é todo o plano? — Sam pergunta, incrédulo. — Nós vamos até esse hotel, lutamos contra um bando de mogs, e então matamos o Sanderson?

— Sim — Walker responde.

— Não — eu digo.

Todos olham para mim. Até o motorista estranho está me encarando pelo retrovisor.

— O que você quer dizer com não? — Walker pergunta, levantando a sobrancelha. — Pensei que tivéssemos combinado isso.

— Não vamos matar Sanderson — eu digo. — Nós não lutamos contra humanos. Muito menos os matamos.

— Criança, eu puxo o gatilho se você me por na frente dele — Walker responde.

— Você pode prendê-lo, se quiser — eu digo. — Acusá-lo de traição.

— A pena para o crime de traição é a morte — Walker exclama, parecendo exasperada. — De qualquer maneira, os seguidores ProMog dele não vão permitir uma prisão. E você acha que qualquer um na corte vai se importar quando Setrákus Ra já estiver aqui?

— Você disse — eu respondo. — Setrákus Ra que é importante.

— Certo. Ao invés de Sanderson, será vocês que darão as boas-vindas a ele na Nações Unidas. Nós mostraremos ao mundo a diferença entre aliens bons e aliens maus. No meio termo, atrás das cortinas, meu pessoal vai desmanchar o ProMog — Walker esfrega as mãos no pescoço. — Já tenho outros agentes em posição. Após pegarmos Sanderson, uma dúzia de ProMog traidores irão...

Eu a interrompo.

— Se você está prestes a me falar sobre mais sobre assassinatos, eu não quero saber.

Nove levanta a mão.

— Eu quero saber.

— Não é isso o que fazemos, Walker — eu continuo. — Não é o nosso objetivo.

— Criança, se você quer expor os mogs, então mais cedo ou mais tarde você terá que sujar as mãos.

— E se Sanderson expô-lo em seu discurso para nós?

Walker aperta os olhos para mim.

— Do que você está falando?

— Ele vai fazer um discurso na ONU, certo? Falará de Setrákus Ra, dizer a humanidade como é seguro acolher a frota mogadoriana. — Eu dou de ombros, tentando parecer indiferente sobre isso, confiante em meu plano. — Talvez ele faça um discurso diferente. Talvez ele dê um aviso.

— Você está falando em convencê-lo a mudar de lado? — Walker exclama. — A essa altura do jogo? Você não está pensando direito.

— Eu acho que não — respondo, olhando à esquerda e à direita, de Nove para Sam. — Meus amigos e eu somos muito persuasivos.

— Somos — Nove pula, sorrindo ferozmente para Walker. — Eu convenço muito bem.

Walker olha para mim por um longo momento, então se vira e volta a digitar mensagens codificadas em seu telefone.

— Eu não sabia que estava formando uma aliança com alienígenas pacifistas — ela suspira. — Tudo bem. Se vocês conseguirem convencer Sanderson a trocar de lado na frente da ONU, tudo bem. Mas se eu não ficar convencida, vou atirar nele.

— Claro — respondo a Walker. — Você está no comando.

Nós paramos em um posto de gasolina em Nova Jersey para abastecer os SUVs. Assim que consigo alguns minutos sozinho, decido que é uma boa hora para ligar para Sarah. Eu tiro meu telefone e vou para a frente do estacionamento.

Assim que começo a andar, consigo perceber os olhos de Walker em minhas costas.

— Onde você está indo? — ela pergunta para mim.

— Ligar para a minha namorada — eu digo, levantando o telefone. — Lembra-se? Você a prendeu ilegalmente uma vez.

— Ah, ótimo — Walker responde. Eu posso ouvi-la murmurar para o motorista. — Estamos dependendo de um grupo de adolescentes excitados para salvar o mundo.

Melhor nós do que pessoas como Walker, eu penso, mas finjo não ter ouvido o seu comentário sarcástico.

O telefone toca cinco vezes, cada vez fazendo o meu coração bater um pouco mais rápido, antes da resposta de Sarah, por pouco caindo no correio de voz.

— Antes de dizer qualquer coisa — ela começa, sem nem mesmo dizer Olá, com a voz trêmula. — Eu só quero que você saiba que estou bem.

— O que aconteceu? — eu pergunto, tentando manter aquela primeira onda de pânico fora da minha voz.

Posso ouvir o som do tráfego ao fundo. Sarah está em um carro em movimento.

— Fomos para a cidade comprar suprimentos e tivemos um desentendimento com alguns mogs — Sarah diz, ainda recuperando o fôlego. — Acho que eles nos rastrearam de algum modo, não muito felizes com a situação que o Eles Estão Entre Nós está proporcionando. Não se preocupe, estamos todos bem. Bernie Kosar lidou com eles.

— Você está em um lugar seguro?

— Estaremos em breve — ela responde. — O amigo hacker de Mark, GUARD, nos deu instruções para sua base em Atlanta.

Mark deu alguns detalhes sobre GUARD em um de seus e-mails para Sarah. Ele é outro viciado em conspiração, como um daqueles caras da versão antiga do Eles Estão Entre Nós. Mas ele também é um excelente hacker e, de acordo com Mark, tem acesso a uma quantidade surpreendente de informações. Me deixa um pouco nervoso que Sarah e Mark estejam indo ao encontro dele, sem ao menos conhecer a sua identidade.

— O que Mark sabe sobre esse cara? — pergunto.

Sarah repete a minha pergunta para Mark. Eu não consigo entender a sua resposta por causa de todo o ruído da estrada.

— Mark diz que ele é, provavelmente, algum nerd escondido no porão da casa de sua mãe — Sarah repete secamente. — Mas que ele é um “cara sólido” e que podemos confiar nele.

Eu reviro os olhos para relatório de aferição de Mark.

— Isso é encorajador. De qualquer forma, estou mandando para você em texto a localização de um lugar seguro. É uma base em Washington que assumimos, vigiada por caras do governo que estão do nosso lado. Se você precisar de um lugar para fugir, você pode ir lá.

Ouço dois motores roncar a vida atrás de mim. Eu me viro para ver todos os agentes de Walker empilhados nos carros. Nove e Sam ainda estão fora do nosso SUV, esperando por mim. Nove faz um movimento de impaciência.

— O que está acontecendo aí? — Sarah me pergunta. — Está indo fazer algo estúpido, mas, possivelmente, para salvar mundo?

— Isso aí — eu respondo, permitindo-me um leve sorriso. — Você recebeu esses documentos que lhe enviei?

— Sim — responde Sarah. — Nós vamos ter a oportunidade de enviá-los para o site, uma vez que chegarmos em Atlanta.

— Perfeito. Eu tenho uma sensação de que o Eles Estão Entre Nós está prestes a ficar muito mais interessante — faço uma pausa, relutante em desligar o telefone. — Os outros estão esperando por mim. Eu tenho que ir.

— Mark disse para chutar alguns traseiros. E eu te amo — Sarah sorri. — Mark não disse a última parte. Isso fui eu.

Nos despedimos e eu fico com a mesma sensação de saudade misturada, com o medo que sinto depois de cada uma dessas conversas telefônicas. Eu marcho de volta para o SUV. Todo mundo já está dentro, exceto Sam.

— Então você está enviando todos os documentos de Walker para o Eles Estão Entre Nós? — Sam pergunta. — É uma boa ideia. Como propaganda anti-mogadoriana.

— É uma ideia desesperada, isso sim — eu digo com tristeza. — Ninguém vai estar caçando informações enquanto suas cidades estão sendo bombardeadas.

— É um pensamento reconfortante — Sam responde, franzindo a testa. — Mas, falando sério, isso é um monte de leitura da pesada. Se você está tentando fazer com que as pessoas fiquem do nosso lado, não deve ser apenas falar sobre os mogadorianos. Você não deve apenas tentar assustar as pessoas. Eles vão ficar com medo o suficiente pela situação. Você tem que dar-lhes alguma esperança.

— O que você sugere?

Sam pensa nisso por um segundo, então dá de ombros.

— Eu não sei ainda. Vou pensar em algo.

Concordo com a cabeça e dou uns tapinhas no ombro de Sam, nós dois entrando de volta para o carro. Eu sei que ele está apenas tentando ajudar, e é por isso que eu não digo a ele que tudo em que ele conseguir pensar... já pode ser tarde demais.

Nós chegamos à Nova York cerca de uma hora mais tarde. Eu nunca estive aqui antes, nem Nove ou Sam. Desejaria que a nossa visita pudesse ser em circunstâncias diferentes. Enquanto passamos pelo longo tráfego pesado através de um monte de arranha-céus, encontro-me esticando o pescoço para olhar para fora da janela.

Chicago é uma cidade enorme, mas o movimento frenético de pedestres nas calçadas aqui é algo totalmente diferente. Há luzes piscando que anunciam shows da Broadway, táxis amarelos entrando e saindo do tráfego, um zumbido de atividade ao nosso redor.

E essas pessoas não têm ideia do que está prestes a cruzar seu caminho.

Enquanto nos dirigimos mais para o centro da cidade em direção ao hotel de Sanderson, passamos por um cara com um chapéu de cowboy e roupas íntimas, dedilhando um violão para uma multidão de turistas. Nove bufa.

— Olhe para isso — diz ele, balançando a cabeça. — Essa porcaria não daria certo em Chicago.

Eu me inclino para frente para chamar a atenção de Walker.

— Estamos chegando?

— Mais alguns quarteirões — ela responde.

Chego até ter certeza que minha espada ainda está bem presa à minha perna. Eu também toco meu pulso, o reflexo me dizendo para verificar se meu escudo está posto, exceto que ele se foi, destruído pelo General.

— Será que o cara lá te disse quantos mogs devemos estar esperando? — pergunto a Walker.

— Uma dúzia. Talvez mais.

— Isso não é nada — Nove diz, puxando as luvas que Marina lhe deu.

Ele cerra os punhos e eu me afasto para longe dele, com medo de que ele dispare acidentalmente algum tipo de arma. Felizmente, nada acontece.

— Você vai usar isso em uma briga? — Sam pergunta, olhando para Nove, incrédulo. — Você nem sabe mesmo o que elas fazem.

— Qual a melhor maneira de descobrir? — Nove responde. — Essas coisas lóricas, cara, elas têm um costume de não ajudá-lo até que você tenha desistido delas.

— Ou talvez elas sejam apenas para manter as mãos quentes — Sam sugere.

— Apenas não faça nada estúpido — eu digo para Nove, e ele olha para mim, sua expressão ficando mortalmente séria.

— John, eu não vou — diz ele. — Sério. Pode confiar em mim lá fora.

Posso dizer que Nove ainda está carregando nas costas o que aconteceu na Flórida e está ansioso para se provar. Eu apenas aceno para ele, sabendo que ele não quer que eu faça um grande discurso. Fico feliz por ter ele me dado cobertura. Walker se vira para olhar para Sam.

— Esses caras atiraram bolas de fogo e têm luvas mágicas, aparentemente. Mas o que você faz?

Sam parece momentaneamente surpreso, e noto-lhe estender a mão para tocar as cicatrizes queimadas em seus pulsos. Depois de um momento de reflexão, ele olha Walker no olho.

— Eu provavelmente já matei mais mogs do que você, senhora — Sam responde.

Nove da uma cotovelada em mim, e eu não posso deixar de sorrir. Para seu alívio, realmente se parece com a resposta que Walker estava esperando.

Ela abre o porta-luvas, pega uma arma no coldre e entrega para Sam.

— Bem, eu estou armando oficialmente um menor — diz ela. — Faça o seu país ficar orgulhoso, Samuel.

Um minuto depois, o motorista segue para o lado de um dos bairros mais calmos de Manhattan, e estaciona.

O outro SUV segue por trás de nós. Do outro lado da rua e da quadra um pouco a frente, fica a entrada para um hotel de luxo. Há um grande toldo na frente e um tapete vermelho, um lugar para os hóspedes entregar suas chaves do carro para um manobrista e soltar as malas em um dos carrinhos de bagagem de espera.

Exceto que não há nenhuma atividade fora do hotel. Não há turistas passeando na calçada, sem manobristas aguardando hóspedes. Nada. Tudo foi varrido ou assustado pelo trio de mogadorianos que estão de pé de guarda na porta, seus casacos descaradamente abertos para revelar as espadas e armas penduradas em seus cintos.

É como se eles não estivessem sequer se preocupando em se esconder.

— Nós queremos fazer isso rápida e discretamente — diz Walker para nós, curvando-se

para baixo em seu assento para que ela possa olhar para o mogs em seu retrovisor lateral. — Derrubar o mogs e chegar ao Sanderson antes que eles podem enviar um alarme, pedido de reforço, ou o que eles fazem.

— Sim, entendi — respondo rapidamente. Puxo para cima o capuz da minha jaqueta para que ele esconda meu rosto. — Nós fizemos isso antes.

— Deixe meu povo liderar — diz Walker. — Vamos mostrar alguns distintivos, talvez confundi-los. Então vocês os derrubam.

— Claro, você os distrai — fala Nove. — Mas depois saiam nosso caminho.

Walker pega um walkie-talkie e liga para os agentes no segundo carro.

— Vocês estão prontos?

— Afirmativo — uma voz masculina responde. — Vamos fazer isso.

— Aqui vamos nós — diz um Nove animado, e bate palmas com as luvas.

O estrondo que sai das mãos de Nove quando ele bate as palmas não é bem um abalo sônico, mas é definitivamente perto disso. É como um trovão, todas as janelas do SUV explodem para fora, e o carro ainda salta alguns centímetros no ar. O SUV atrás de nós não se sai muito melhor – suas janelas também se estilhaçam, mas para dentro. As janelas de lojas próximas quebram, também, e um pedestre que estava caminhando é derrubado. Perto de mim, Sam está apertando os lados da cabeça, parecendo atordoado. Nos primeiros segundos, eu não consigo ouvir nada além de um chilrear baixo que logo percebo que são alarmes de carro que estavam no quarteirão.

Olho para Nove, com os olhos arregalados, e o pego olhando para as mãos enluvadas, também com os olhos arregalados. Não consigo ouvir o que ele diz, e eu não sou um bom leitor de lábios.

Mas eu tenho certeza de que é “Oops”.

Na entrada do hotel, um mogadoriano cai de joelhos, segurando a cabeça.

Os outros dois estão apontando na direção de nosso SUV e erguendo suas espadas. Exageramos para um elemento surpresa.

Capítulo vinte

DA FORMA COMO MEUS OUVIDOS ESTÃO ZUNINDO, EU REALMENTE NÃO OUÇO A primeira rajada de dos canhões mogadorianos. Mas eu posso senti-las.

O SUV é jogado de lado quando os raios de energia irregulares acertam como balas, através do painel do carro. Walker se encolhe para se esconder atrás de sua porta, mantendo a cabeça baixa. Nosso motorista não tem tanta sorte. Uma escaldante explosão vem através da janela e o acerta na lateral do pescoço. Sua carne é queimada e ele imediatamente começa a convulsionar.

— Vão! — eu grito, incapaz de me ouvir, e não tenho certeza se alguém mais pode. — Vão!

Nove arranca a porta de trás do SUV, literalmente. Quando ele sai do carro, ele segura a porta a sua frente, usando-a como escudo para absorver os tiros dos mogs.

Estou preso no banco da frente, e pressiono minhas mãos na ferida do agente do FBI, deixando meu legado fluir para ele, curando-o.

Lentamente, a lesão começa a fechar e suas convulsões param. O agente olha para mim com olhos arregalados e agradecidos.

Sinto um movimento vindo da esquerda e viro a cabeça. Do lado de fora da janela do motorista vejo uma pedestre que foi derrubada quando o abalo de Nove disparou. Ela é uma garota linda, com idade universitária e grandes olhos castanhos. Ela parece estar em estado de choque e parece estar enraizada no lugar – exceto que ela não está tão ferida. Ela conseguiu pegar o telefone de sua bolsa. Ela acabou de me gravar curando o nosso motorista e está filmando o meu rosto quando eu grito com ela para parar e correr.

Outra rajada dos canhões dos mogs passa sobre o capô do nosso SUV, quase atingindo a menina. Sam brota do banco de trás e a agarra. Ele a arrasta mais para trás da calçada e a deixa lá, escondida atrás de alguns carros estacionados.

Meses atrás, o meu rosto em um vídeo usando meus Legados teria sido um desastre. Mas agora, eu não preciso ter o mesmo cuidado. No entanto, não podemos deixar que mais pessoas inocentes fiquem presas em nossa zona de guerra.

— Vire o carro! — eu grito no ouvido de nosso motorista. Eu não tenho certeza se ele pode me ouvir, então eu faço um movimento de volante com as mãos. — Bloqueie a rua agora!

Ele entende e pisa fundo. Posso sentir o cheiro da borracha queimada, mas não chego a ouvi-lo. Ele acerta o carro que fechava a estrada, bloqueando todo o tráfego.

Eu pulo para fora do SUV e me viro para o hotel a tempo de ver um guerreiro mogadoriano ser cortado ao meio e virar pó pela porta do carro, que Nove lançou através do ar. Enquanto isso, os agentes no segundo carro conseguem fugir. Vendo a nossa manobra, o motorista lança seu SUV em marcha à ré e rapidamente bloqueia o acesso à estrada da outra direção. Em seguida, eles saltam para fora, usando a sua SUV como cobertura, e retornam o tiroteio no restante dos mogadorianos. Seus tiros são quase inaudíveis em meus ouvidos danificados.

Um dos mogs se desfaz quando uma bala acerta na sua testa. Em desvantagem, o restante dos mogs parte para a porta do hotel. Eu estendo a mão com a minha telecinesia, pego um carrinho de bagagem parado atrás de um dos mogs e empurro para frente acertando a parte de trás de suas pernas.

Como isso ele tropeça antes de chegar à porta, os agentes de Walker o prendem.

Nove olha para mim e eu aceno com a cabeça. Juntos, nos apressamos em direção à entrada. Olho por cima do ombro para ver como está Sam, ele ainda está falando com aquela menina, gesticulando enfaticamente sobre o telefone. Estou sem tempo para me preocupar com isso agora.

No interior, o lobby do hotel de luxo está completamente deserto, exceto por um funcionário assustado encolhido atrás da recepção. Além das colunas de mármore e sofás de couro da sala de espera, está um elevador branco.

Curiosamente, dois dos três elevadores estão fora de serviço, e o terceiro está preso na cobertura. Os mogs não poderiam ter esperado um ataque, mas eles definitivamente tomaram precauções.

Dou um momento para recuperar o fôlego, e pressiono minhas mãos nos lados da minha cabeça para deixar o legado curar meus ouvidos. Eles estalam e latejam, mas o som lentamente retorna, como um botão de volume na minha cabeça que gradualmente retorna ao normal. Do lado de fora, posso ouvir as sirenes, freios de pneus e Walker. Pessoas da polícia local gritando para ficar para trás. O nosso plano de fazer isso secretamente já está arruinado, agora só temos que ser rápidos.

Pego Nove antes que ele possa subir para os elevadores e bato minha palma do lado de sua cabeça, o curo também. Quando termino, ele balança a cabeça para trás e para frente, como se ele estivesse tentando tirar água de seu ouvido interno.

— Você é um idiota — digo a ele.

Nove sacode as luvas sonoras para mim antes de enfiá-las no bolso de trás.

— Pelo menos agora nós sabemos o que elas fazem.

Vendo que não somos mogadorianos e com armas em punho, o cara na recepção sai lentamente para fora do esconderijo. Ele é magro e de meia-idade, e com bolsas sob os olhos, parece que ele está tendo um dia terrível.

— O que... o que está acontecendo? — o funcionário nos pergunta.

Antes de responder, Walker passa pela da porta. Ela pisca para o funcionário e mostra seu distintivo e, em seguida, grita:

— Onde está Sanderson?

O funcionário de olhos arregalados olha de Walker para nós e depois volta.

— Cob.. Cobertura — ele gagueja. — Aqueles, aquelas coisas que vocês mataram estão com ele. Eles esvaziaram todo o hotel esta manhã, com exceção de mim e alguns dos funcionários. E eu nem sou o gerente.

Nove olha para o funcionário, tentando dar sentido ao que ele disse.

— Por que eles iriam mantê-lo por perto?

— Para solicitar o serviço de quarto — ele responde incrédulo, com a voz esganiçada. — Agindo como donos do lugar e dos seus empregados.

— Ele são uns idiotas — Nove diz, balançando a cabeça. — É como se eles achassem que já tomaram o lugar ou algo assim.

Walker semicerra os olhos no funcionário como se pudesse estrangulá-lo, então se vira para mim, sua voz ainda incrivelmente alta.

— Maldição. Eu não posso ouvir esse cara.

Eu aceno para ele e pressiono as minhas mãos nos ouvidos dela. Enquanto estou curando Walker, olho para o funcionário.

— Você deve sair daqui. Vá para fora muito lentamente, com as mãos para cima. Vamos mandar qualquer outro que encontrarmos.

O funcionário concorda em silêncio, então começa a dar passos silenciosos em direção à saída, as mãos levantadas acima da sua cabeça. Walker retira a cabeça de minhas mãos assim que sua audição está de volta.

— O que ele disse?

— Ele disse que nós estamos indo para cima — respondo, apontando para o elevador.

— Na verdade — Nove corrige — eles estão vindo para baixo.

O elevador do hotel começou a descer, as pequenas luzes acima marcando os andares. Acendo meu Lúmen, a lufada de chamas me aquece e me faz bem. Walker ajusta seu controle sobre a pistola.

— Calma, pessoal — diz Nove. — Eu cuido disso.

Nove pega um dos sofás de couro e prende-o como um escudo. Walker e eu ficamos de lado, dando-lhe espaço. Quando as luzes do elevador e as portas se deslizam para fora, os quatro mogadorianos enviados para reforçar os outros já são recebidos por Nove gritando e empurrando um sofá contra eles. Um deles consegue disparar, mas acerta inofensivamente o chão. o grupo inteiro está preso dentro do elevador, o mog no centro é esmagado e empurrado para trás com o peso de Nove. Walker facilmente dá a volta em Nove e derruba um dos mogs com um tiro de sua arma.

— Isso ainda não compensa a coisa toda com a luva — eu digo a Nove e ele sem esforço joga no sofá de volta para o lobby.

— Qual é — Nove reclama, sorrindo. — Foi um acidente.

— Existem outros acessórios estranhos de que eu precise estar ciente? — Walker pergunta enquanto entramos no elevador e eu aperto botão para o andar de cima.

— Sim, há — Nove responde, e puxa uma corda com três pedras verde-esmeralda do bolso.

Lembro-me dessa coisa. Quando Nove as jogou, as pedrinhas criavam um pequeno buraco-negro, sugando tudo o que está perto e depois cuspindo violentamente. Ele deve ter retirado da sua Arca antes de entregar o resto da sua herança a Marina e Seis.

— O que isso faz? — Walker pergunta.

— Você vai ver — eu respondo, olhando Nove. — Você sabe que haverão mais esperando por nós fora do elevador, certo?

— Você leu meus pensamentos — ele responde, sorrindo.

Puxo Walker para dentro de modo que somos pressionados contra a parede do elevador, até contra os botões. Nove nos leva à cobertura e o elevador sobe, enquanto ele preguiçosamente balança a corda com as pedras, como uma criança.

— Pode ser necessário se segurar em mim — falo para Walker. — Você viu como Nove lida com acessórios.

— Ei — Nove protesta — esse eu realmente sei como funciona.

Segundos depois, as portas do elevador se abrem e uma parede de martelos flamejantes acerta o fundo do elevador. Os mogs agora adotaram uma estratégia de atirar primeiro e perguntar depois. Nove dá uma espreitada para fora da porta do elevador e joga a corda com pedras para fora.

Eu imagino que a arma de Nove lançará as pedras e voltará à cabine, mas as pedras pairam em um perfeito círculo, girando lentamente para frente, sugando tudo em seu caminho. Eu posso ouvir o assobio do ar, seguido por gritos mogadorianos, e um monte de tiros fúteis. Vidro quebra algumas fotos emolduradas que são arrancadas das paredes do corredor, as peças são sugadas para dentro do pequeno buraco-negro.

Nove estala os dedos e tudo que foi sugado é jogado para fora violentamente. Expulsado da sucção, um mogadoriano voa para dentro do elevador. Sua cabeça bate com força contra a parede de trás, o pescoço quebrado. Lá fora, tudo está tranquilo.

Quando tudo acaba, coloco a minha cabeça fora das portas. O ar está cheio de partículas de poeira girando com os restos mogadorianos. As armas de alguma forma ficaram grudadas no teto e agora caem no chão. Fora isso, a única coisa no corredor é um carrinho de serviço de quarto que parece ter caído em um moedor, suas pernas dobradas e contorcidas. Há apenas uma porta no final do corredor curto para a cobertura, e agora ela está quase toda arrancada, se firmando somente nas suas dobradiças.

— Que diabos foi isso? — Walker pergunta, incrédula.

— Os mogs não são os únicos que mandam ver no armamento — Nove responde, pegando a inofensiva pedra vertente de onde ela caiu no chão.

— Não tenha ideias — eu digo para Walker quando eu a vejo esticando o pescoço para dar uma olhada nas pedras. — Nossa tecnologia não está à venda.

Walker franze a testa para mim.

— Sim, bem, a julgar a besteira com as luvas, vocês não sabem como usar de qualquer maneira.

Da porta quebrada lá na frente, ouço o som de uma televisão. Está ligada no canal de notícias, e penso que deve ser alguém falando sobre os preços das ações. Fora isso, o corredor é totalmente silencioso. Não há qualquer sinal de mais mogadorianos. Mesmo assim, avançamos com cautela para a porta da cobertura.

Desconfio que seja uma emboscada, e empurro a porta com minha telecinesia antes de chegar muito perto. Ela sai das dobradiças facilmente e cai no chão da cobertura com um baque. A sala de estar é escura, todas as cortinas desenhadas e iluminadas apenas pelo brilho azul da televisão.

— Venha — uma voz grave chama de dentro. — Não há ninguém aqui que pode feri-lo.

— É o Sanderson — sussurra Walker.

Troco um olhar rápido com nove. Ele encolhe os ombros e anda em direção à porta. Eu vou primeiro, Nove à direita atrás de mim e Walker na retaguarda.

A primeira coisa que noto é um cheiro de mofo úmido no quarto do hotel. Tem cheiro de podridão com um odor de menta, de um velho creme para as mãos. Um mapa de Nova York está espalhado sobre a mesa na sala de jantar da suíte, as letras em mogadoriano rabiscadas em vários locais. Ao lado da mesa está uma cadeira derrubada, como se alguém tivesse se levantado depressa. Há também canhões mogadorianos apoiados contra uma parede, juntamente com algumas mochilas de lona escuras de equipamento. Percebo um laptop, alguns celulares, telefones e um livro encadernado em couro grosso.

Nada disso me interessa tanto quanto o velho sentado à beira da cama king-size no meio da suíte. Ele assiste a TV através da porta do quarto aberto, talvez demasiado fraco para caminhar para a sala de estar do apartamento da cobertura.

— Que droga, cara — Nove exclama, ao ver Sanderson. — O que houve com você?

Eu vi um monte de fotos de Bud Sanderson ao longo dos últimos dias. A primeira foi do site Eles Estão Entre Nós, Sanderson como um homem velho com cabelos grisalhos e caindo, bochechas e uma barriga. No site, em uma história em estilo tabloide e em que nunca pensei muito, Mark James acusa Sanderson de usar algum tipo do tratamento antienvelhecimento mogadoriano. A outra vez que eu vi Sanderson foi nos arquivo do agente Walker, ele almoçando com Setrákus Ra, forte e saudável, com cabelos prateados cheios e penteados para trás, parecia

que ele poderia correr alguns quilômetros depois de comer sua salada.

O Sanderson na minha frente não se parece com nenhuma dessas fotos.

Nove e eu entramos no quarto para ter uma visão mais atenta, Walker andando mais atrás. O secretário de Defesa é um homem velho e frágil, seu corpo encurvado embrulhado em um roupão de hotel. O lado direito de seu rosto parece flácido e caído. Sua órbita ocular está inclinada, e seu queixo desaparece sob dobras de pele solta. O cabelo branco e mal dividido, o penteado mal conseguindo esconder um punhado de manchas de idade. Ele sorri para nós, ou talvez seja uma careta, seus dentes amarelos, gengivas inchadas. Através de seu roupão aberto no pescoço e ao longo de seus antebraços, noto algumas veias proeminentes que estão pretas.

— Número Quatro e Número Nove — diz Sanderson, apontando um dedo trêmulo para mim e depois Nove. Ele não parece ter se ofendido pela reação extrapolada de Nove, nem parece ter notado. — Suas fotos foram fixadas em minha parede há anos. Fotos furtivas de câmeras de segurança entre outros. Eu praticamente assisti a vocês, garotos, crescerem.

Sanderson soa como um avô doente e senil. Estou completamente surpreso. Estive esperando um político exasperado que tentasse me bater com justificativas do progresso mogadoriano. Esse cara mal parece capaz de se levantar da cama, muito menos fazer um discurso na frente da ONU.

— E você... — Sanderson inclina a cabeça para dar uma olhada em Walker. — Você é uma das minhas, não é?

— Agente especial Karen Walker — ela responde, entrando pela porta. — Eu não sirvo a vocês, eu sirvo à humanidade agora.

— Bem, isso é bom — diz Sanderson com desdém.

Ele não parece nada interessado nela. A forma como seus olhos brilham e se fixam em Nove e mim, como se fôssemos seus parentes há muito perdidos e que se reuniram em torno dele em seu leito de morte, me deixa bem desconfortável. Mesmo Nove caiu em um silêncio constrangedor. Eu noto um pequeno kit na cama ao lado de Sanderson. Ele contém algumas seringas elegantes, cheios de um escuro líquido que me lembra vagamente de sangue dos píkens.

Dou um passo em direção a ele, minha voz baixa.

— O que eles fizeram com você?

— Nada que eu não pedi — Sanderson responde, tristemente. — Gostaria que vocês, rapazes, tivessem me encontrado mais cedo. Agora é tarde demais.

— Que diabos... — diz Nove.

— Mesmo se vocês me matarem, não fará diferença — Sanderson expressa resignação.

— Não estamos aqui para matar você — respondo. — Eu não sei o que te disseram e o que fizeram em sua mente e corpo, mas nós não iremos parar de lutar.

— Ah, mas eu vou — Sanderson responde, e puxa uma pequena pistola do bolso da frente de seu roupão.

Antes que eu possa detê-lo, ele segura a pistola ao lado de sua têmpora e puxa o gatilho.

Capítulo vinte e um

SE TIVESSE TIDO TEMPO PARA PENSAR NISSO, EU PROVAVELMENTE NÃO TERIA SIDO capaz de fazer.

Há um milímetro de espaço entre a têmpora de Bud Sanderson e o cano da arma, e nesse espaço eu consegui parar a bala, segurando-a com a minha telecinesia. A precisão necessária me faz grunhir de esforço. Cada músculo do meu corpo ficou tenso, os punhos cerrados e os dedos apertados. É como se eu usasse meu corpo inteiro para parar a bala.

Eu não posso acreditar que fiz isso. Eu nunca fiz nada tão preciso antes.

Há uma queimadura em forma de anel do cano da pistola na têmpora de Sanderson, mas por outro lado, a cabeça está totalmente intacta.

Leva tempo para o som da pistola deixar de ecoar para o secretário de Defesa perceber que sua tentativa de suicídio não deu certo. Ele pisca os olhos lacrimejantes para mim sem entender por que ainda está vivo.

— Como?

Antes que Sanderson possa puxar o gatilho de novo, Nove puxa a arma para frente e a arranca de sua mão. Eu expiro muito lentamente e permito o meu corpo relaxar.

— Isso não está certo — Sanderson diz em tom de acusação, o lábio inferior tremendo enquanto ele esfrega o punho onde Nove o feriu. — Só me deixe morrer.

— Sério? — Walker exclama, com as mãos apertando ao redor de sua própria arma. — Por que você o parou? Poderia ter resolvido todos os nossos problemas ali.

— Ele não teria resolvido nada — digo, lançando-lhe um olhar, deixando cair a arma agora inofensiva na cama de Sanderson.

— Está bem — Sanderson fala para Walker, seus ombros caindo. — Me matar não vai mudar nada. Mas manter-me vivo é simplesmente cruel.

— Você não irá decidir quando ou como vai morrer, meu velho — eu digo a Sanderson. — Quando vencermos esta guerra, vamos deixar que as pessoas da Terra decidam como lidar com os traidores.

Sanderson ri secamente.

— O otimismo da juventude.

Eu me aproximo para olhá-lo no rosto.

— Ainda há tempo de se redimir. Para fazer algo de valor.

Sanderson levanta uma sobrancelha, e seus olhos parecem focar-se um pouco. Mas, então, o lado direito de sua boca inclina e ele tem que enxugar uma gota de baba com a manga de seu manto. Observando-o totalmente derrotado, Sanderson desvia os olhos.

— Não — diz ele em voz baixa. — Acho que não.

Nove suspira de tédio e pega o kit de seringas colocadas ao lado de Sanderson. Ele estuda o lodo colorido dentro da seringa por um momento e então olha para Sanderson.

— Que porcaria é essa que eles estão te dando, hein? — Nove pergunta. — Foi por isto que você trocou o planeta?

Sanderson espreita ansiosamente para os frascos, mas em seguida, fracamente empurra-os.

— Isso me curou, explica Sanderson. — Mais do que isso. Fez-me jovem outra vez.

— E olhe para você agora — Nove grunhe. — Fresco como uma margarida, né?

— Você sabe que o líder deles tem vivido durante séculos — conto a Sanderson, seus

olhos se movendo descontroladamente entre mim e Nove.

— Claro que sim. Ele nos prometeu que... ele prometeu imortalidade e poder.

— Ele mentiu — eu aponto.

Sanderson olha para o chão.

— Sim.

— Patético — diz Walker, mas o veneno não está mais presente em sua voz.

Não acho que Sanderson tenha se tornado o vilão que Walker esperava. Talvez ele já tenha sido o mestre das marionetes de uma organização internacional de conspiração em apoio aos mogs, mas neste momento ele está totalmente mastigado e cuspido pelo progresso mogadoriano. Esta não é a virada de jogo que Walker estava esperando. Estou preocupado que nós estejamos desperdiçando o pouco tempo precioso que nos resta.

Sanderson ignora Nove e Walker. Por alguma razão, talvez porque eu o forcei a continuar a viver, ele apela diretamente a mim.

— As maravilhas que tinham para oferecer... você não consegue entender? Pensei que eu inauguraria uma era de ouro para a humanidade. Como eu poderia dizer não a eles? A ele?

— E agora você precisa continuar tomando essas coisas, é isso? — eu pergunto, olhando para as seringas que eu aposto conter algo como uma bebida genética antinatural que os mogs usam para melhorar seus soldados descartáveis. — Se você parar, vai morrer como um deles.

— Velho o suficiente para virar pó, de qualquer maneira — Nove resmunga.

— Já se passaram dois dias e olhem para mim... — Sanderson olha para as próprias mãos, seu corpo que parece como uma lesma que derramaram sal sobre ela. — Eles me usaram. Me ofereceram tratamentos em troca de favores. Mas você me libertou. Agora finalmente posso morrer.

Nove levanta as mãos e olha para mim.

— Cara, está tudo ferrado. Esse cara é uma causa perdida. Precisamos pensar em algo mais e dar o fora.

Um sentimento de desespero começa a crescer agora que a aposta da Agente Walker sobre o Secretário de Defesa que é apenas um velho doente não nos deixa mais perto de frustrar a invasão mogadoriana iminente. Mas eu não estou disposto a desistir ainda. Esse cara sentado na minha frente era um homem poderoso, que inferno, os mogs tinham colocado uma proteção sobre ele, então ele ainda é. Tem que haver uma maneira de corrigir isso, torná-lo disposto a lutar.

Eu preciso dele para ver a luz.

Uma combinação de desespero e intuição me faz ligar o meu Lúmen. Eu não aumento a intensidade ao nível de fogo; em vez disso, produzo apenas o suficiente para que um feixe de luz pura saia da minha mão. Sanderson arregala os olhos e recosta na cama longe de mim.

— Eu já disse a você, eu não vou te machucar — eu digo quando me inclino para ele.

Foco meu Lúmen na parte flácida do rosto, querendo dar uma boa olhada com o que estou lidando. A pele está acinzentada e a aparência de quase morta, veias de cor cinza passam por ela. As partículas escuras sob a pele de Sanderson realmente parecem flutuar para longe do meu Lúmen, quase como se tentassem fugir para o fundo.

— Eu posso curar isso — eu digo, resolutamente. Não tenho certeza se é realmente verdade, mas tenho que tentar.

— Você — você pode consertar o que eles fizeram? — Sanderson pergunta uma nota de esperança em sua voz grave.

— Eu posso deixá-lo como era antes — respondo. — Não melhor, como lhe prometeram.

Não mais jovem. Apenas como você deveria ser.

— As pessoas ficam velhas — Nove diz. — Você tem que lidar com isso.

Sanderson me olha com ceticismo. Eu devo estar falando exatamente como os mogadorianos fizeram anos atrás, quando eles primeiramente o convenceram a ficar do seu lado.

— O que você quer em troca? — ele pergunta.

Um preço alto para uma conclusão precipitada.

— Nada — respondo. — Você pode tentar se matar novamente, não me importa. Ou talvez você possa encontrar o que sobrou da sua consciência e fazer o que é certo. Agora vai por você.

E com isso, pressiono a palma da mão contra a lateral do rosto de Sanderson.

Sanderson estremece com a energia de cura quente do meu legado que passa para ele. Normalmente, quando estou usando meus poderes de cura, eu recebo uma sensação de que a lesão está se desfazendo, das células reorganizando-se sob meus dedos. Com Sanderson, parece que uma força está empurrando de volta o meu Legado, como se algo negro, partes das células em que a minha luz de cura mergulha dentro, vaze para fora. Eu ainda sinto Sanderson se curando, mas está indo devagar, e tenho que me concentrar, é muito mais difícil do que o habitual. Em um ponto, algo fervilha e aparece sob a pele, uma de suas veias está queimando. Sanderson recua para longe de mim.

— Está doendo? — Eu pergunto, com falta de ar, minha mão ainda repousada ao lado de seu rosto.

Ele hesita.

— Não, não, eu realmente me sinto melhor. De alguma forma... mais limpo. Continue.

Eu continuo curando. Posso sentir o lodo mogadoriano cavando mais fundo no Sanderson, fugindo de meu Legado. Eu intensifico minha cura, perseguindo-o em suas veias. Acho que estou vesgo do esforço e um suor frio desce por minhas costas. Estou tão focado em bater de volta a escuridão detectada dentro de Sanderson que devo ter perdido a noção do tempo ou entrado em algum tipo de estado de transe.

Quando termino finalmente, eu tropeço para trás, as pernas bambas, e corro na direção de Sam. Eu nem mesmo sabia se ele iria me apanhar. Ele está segurando um telefone, ele pegou de algum pedestre que deixou cair? Ele gravara minha cura em Sanderson. Ele para quando eu o encontro e, por um momento, Sam é o único que me segura.

— Isso foi incrível — diz Sam. — Você foi, tipo, brilhante. Você está bem?

Me levanto com algum esforço, sem querer mostrar qualquer sinal de fraqueza na frente de Walker ou Sanderson, apesar de me sentir esgotado.

— Sim. Estou bem.

Eu pego Walker olhando para mim com aquele mesmo olhar de espanto que nosso motorista teve depois que eu curei seu pescoço. Sanderson, ainda sentado na minha frente, parece à beira das lágrimas. As teias de aranha pretas que cruzavam debaixo de sua pele desapareceram, seu rosto já não está caído e seus músculos não estão atrofiados. Ele ainda é um homem velho, as rugas profundamente alinhando seu rosto, mas ele parece um verdadeiro homem velho, não aquele que teve a vida lentamente drenada para fora dele.

Ele parece humano.

— Obrigado — Sanderson diz para mim, suas palavras quase um sussurro.

Nove olha para mim, verificando para ver como estou, então se vira para Sanderson e bufa zombeteiramente.

— É tudo por nada, vovô, caso deixe esses bundões de cara pálida pousarem na Terra.

— Eu tenho vergonha do que fiz e no que me tornei... — Sanderson começa, com o olhar suplicante e confuso. — Mas eu não entendo o que você espera que eu faça. Impedi-los? Como eu poderia pará-los?

— Nós não esperamos que você os detenha — respondo. — Apenas atrasá-los. Você precisa reunir as pessoas contra eles. Quando você fizer o seu discurso de amanhã na ONU, é preciso deixar claro que a frota mogadoriana não pode ser autorizada a pousar na Terra.

Sanderson olha para mim, confuso, em seguida, muda lentamente o seu olhar em direção Walker.

— Foi isso o que seu informante lhe disse? É isso o que você acha que vai acontecer amanhã?

— Eu sei o que vai acontecer — Walker responde, não menos ácida agora que Sanderson parece estar de volta para o nosso lado. — Você e os outros líderes que os mogs compraram mundo afora ficariam no palco para convencer o mundo de que devemos coexistir pacificamente.

— O que é realmente apenas o código para se render — Nove acrescenta.

— Sim, isso está planejado para amanhã — Sanderson diz, com um sorriso sem esperança. — Mas será uma confusão. Você acha que eu darei um discurso e, em seguida, o Adorado Líder deles irá aterrissar suas naves? Acha que ele se preocupa com as rodas que lentamente giram a política humana? Ele não está à espera de permissão. A ONU vai ser convocada para salvar vidas, para acalmar a população assustada, porque a resistência militar está condenada a isso...

Sanderson gesticula freneticamente através da porta para o outro cômodo, com a televisão ainda zumbindo. Aos poucos, estamos deixando o quarto de Sanderson e indo para sala de estar do apartamento da cobertura, atraídos pelo rosto pálido de uma âncora de notícias a cabo. Ela tropeça em suas palavras, enquanto tenta explicar os objetos voadores não identificados que se manifestam no ar sobre dezenas de grandes cidades. A recepção vai e volta às rajadas de estática ficando cada vez mais frequente, como se algo interferisse no sinal.

— ... relatórios chegando de que as naves foram avistadas no exterior, bem como, em lugares Londres, Paris e Xangai — a locutora diz com os olhos arregalados, enquanto lê a partir de seu teleponto — ... se você está chegando agora, algo literalmente fora deste mundo está acontecendo, com naves de origem alienígena aparecendo ao longo de Los Angeles, Washington...

— Está acontecendo — diz Sam, atordoado, olhando para mim esperando algum tipo de orientação.

As naves de guerra estão descendo. Eles estão fazendo o seu movimento.

Eu não sei o que dizer. Imagens granuladas de uma nave de guerra mogadoriana maciça percorre as nuvens do céu de Los Angeles aparece na tela adiante. É tudo o que eu temia, está acontecendo. A frota mogadoriana está pousando lentamente num planeta completamente despreparado. É Lorien, tudo de novo.

— Eu tentei lhes falar — Sanderson diz para nós. — Já é tarde demais. Eles já ganharam. Tudo o que nos resta é a rendição.

Capítulo vinte e dois

— ESTOU FARTO DE FAZER O QUE ELES QUEREM. QUALQUER COISA QUE ELES querem.

Meus olhos se abrem. Eu estava em um sono profundo, que não achei que fosse possível em minha gigante cama mogadoriana e seus lençóis escorregadios. Estou me ajustando desconfortavelmente vivendo a bordo da Anubis. Pensei ter escutado uma voz em meu sonho, ou o remanescente de um sonho, mas talvez fosse apenas minha imaginação.

Sem opções, fico muito quieta e mantenho minha respiração constante, como se ainda estivesse dormindo. Se houver um intruso, não quero que saiba que estou acordada.

Depois de alguns segundos de silêncio preenchido apenas pelo sempre presente ronco dos motores da nave de guerra, a voz recomeça a falar.

— Um dos lados nos joga sobre este estranho planeta e, basicamente, nos obriga a lutar por nossas vidas. O outro fala sobre a paz através do progresso, mas isso é só conversa, eles só gostam de matar qualquer um que esteja em seu caminho.

É Cinco. Ele está em algum lugar do meu quarto. Eu não posso encontrá-lo na quase completa escuridão. Só posso ouvi-lo murmurando, a respiração oscilando. Eu nem tenho certeza se ele está falando comigo.

— Todos eles só queriam nos usar — Cinco chia. — Mas eu não vou deixar. Eu não vou lutar em sua guerra estúpida.

Ele se move em seguida, e posso finalmente ver a silhueta de Cinco. Ele está sentado na beira da minha cama, sua pele escura, com a mesma textura dos meus lençóis. Ele se mistura bem em minhas cobertas, provavelmente porque as está tocando, usando seu Externa. Isso significa que seus Legados estão de volta. Também significa que ele está me assustando muito, como um monstro que veio rastejando por debaixo da minha cama.

— Eu sei que você está acordada — Cinco diz para mim, sem virar a cabeça. — A nave está descendo, nós não estamos mais em órbita. Se você quer fugir, a hora é agora.

Eu me mexo na cama, mantendo os lençóis por perto. Por um segundo, penso em derrubar Cinco novamente usando os lençóis com minha telecinesia. Mas de que adiantaria? Eu decido não atacá-lo por hora.

— Pensei que você estivesse do lado deles — eu digo. — Por que você me ajudaria?

— Eu não estou do lado de ninguém. Estou farto disso tudo.

— O que quer dizer, farto?

— Por um tempo, depois que Cêpan morreu, eu fiquei sozinho. Não foi tão ruim. Eu gostaria de voltar a viver como naquela época — diz Cinco. — Você sabe quantas ilhas pequenas há nos oceanos? Eu vou escolher uma e ficar lá até que isto termine. Não dou a mínima para quem ganha, desde que fiquem longe de mim.

— Isso é covardia — eu respondo, balançando a cabeça. — Não vou para uma ilha deserta com você.

Cinco bufa.

— Eu não te convidei, Ella. Estou saindo desta nave e achei que você poderia querer vir. Isso é o máximo que podemos fazer juntos.

Considero a possibilidade de que esse poderia ser algum tipo de teste orquestrado por Setrákus Ra. Mas lembrando da maneira que Cinco agiu mais cedo, decido arriscar que é real. Pulo para fora da cama e coloco meus chinelos mogadorianos de sola fina.

— Ok, qual é o seu plano?

Cinco se levanta e sua pele volta ao normal. Enquanto as luzes automáticas se acendem no meu quarto, posso finalmente ver seu rosto. Ele trocou o curativo sobre o olho que estava sujo de sangue, mas ainda não se curou. Seu olho restante cintila, como se ele estivesse animado para entrar em alguns problemas.

Observando-o, fico na dúvida sobre unir forças.

— Eu vou abrir uma das câmaras pressurizadas e saltar para fora — Cinco diz, ilustrando o seu plano brilhante.

— Isso é bom para você. Você pode voar. O que eu devo fazer?

Cinco enfia a mão no bolso de trás e casualmente me atira um objeto redondo. Eu pego a pedra em minhas mãos e a observo. Reconheço como um dos objetos da Arca de Quatro.

— Uma Xitharis — Cinco explica. — Eu, hã, peguei emprestado de nossos amigos.

— Você roubou.

Ele dá de ombros.

— Eu a carreguei com o meu Legado de voo. Use-o para voar e salvar o planeta.

Escondo a pedra dentro do meu vestido, então olho para Cinco.

— Então é isso? Você acha que nós apenas voaremos para fora desta nave?

Cinco levanta uma sobrancelha para mim. Noto que ele não está usando sapatos ou meias, provavelmente para seus pés descalços ficarem em constante contato com os painéis de metal da Anubis. Além disso, acoplado ao seu antebraço está algum tipo de engenhoca que parece que poderia ser uma arma.

— Eles não vão conseguir me parar — Cinco diz, uma confiança negra em sua voz.

Não é exatamente inspiradora, mas é a melhor esperança que ele tem.

— Ok, vá na frente.

A porta do meu quarto desliza, se abrindo para Cinco. Ele põe a cabeça para fora, verificando se o corredor está livre. Quando está satisfeito, Cinco se apressa para o corredor, fazendo sinal para que eu o siga. Nós andamos pelos salões labirínticos da Anubis em uma rápida caminhada.

— Basta agir normalmente — Cinco me diz, mantendo a voz baixa. — Ele tem mensageiros nos observando sempre, mas eles também têm medo de nós. Você, em particular, deve ser tratada como a realeza. Eles não vão interferir se não parecer suspeito. E, mesmo se pensarem que algo está errado, no momento em que um deles realmente tiver a coragem de dizer algo ao Adorado Líder, já teremos ido embora...

Ele está falando muito. Isso me diz que ele está nervoso. Sem pensar – porque se eu realmente refletir, poderia ficar com repulsa – eu pego a mão de Cinco.

— Nós somos apenas um casal que acabamos de ficar noivos, estamos nos conhecendo — eu digo. — Fazendo uma boa caminhada pelos corredores acolhedores de uma nave de guerra enorme.

A mão de Cinco está suada e fria. Ele tenta se afastar de mim, pelo instinto inicial de ser tocado, mas depois de um momento, ele se acalma e deixa a mão de peixe morto segurando a minha.

— Noivo? — ele resmunga. — Ele quer nos casar?

— Foi o que Setrákus Ra disse.

— Ele disse um monte de coisas — o rosto de Cinco está vermelho, o rubor viajando até seu couro cabeludo. Eu só não tenho certeza se ele está envergonhado, irritado ou alguma combinação dos dois. — Eu não concordo com isso. Você é uma criança.

— Hum, obviamente eu não concordo também. Você é um bruto, assassino, esquisito...

— Cala a boca — Cinco silva, e por um segundo acho que eu realmente o ofendi. Mas então percebo que estamos passando pela entrada aberta da plataforma de observação.

Eu não posso evitar, mas diminuo meus passos à medida que passamos pela escuridão do espaço vazio a que eu tinha me acostumado, que se transformou agora num ambiente familiar, o azul brilhante da Terra. A Anubis ainda está fazendo sua descida, mas o contorno da civilização já é visível, estradas, casas e até campos verdes, as pequenas casas dispostas em subúrbios perfeitos. Dezenas de mogadorianos se reuniram para assistir a abordagem da Terra, uma animada energia vibrando no ar com eles sussurrando um para o outro, provavelmente falando sobre qual faixa de terra eles pilharão primeiro.

Cinco me leva para a próxima curva à direita e damos de cara com dois mogs mensageiros que correriam para o deque de observação. O mais próximo levanta um canto de sua boca em um sorriso de escárnio desdenhoso, olhando para nós.

— O que vocês dois estão fazendo? — o mog pergunta.

Em resposta, estico minha coluna, tentando parecer o mais real possível. Fuzilo o mog curioso com um olhar frio. O desdém do mog desaparece rapidamente quando ele se lembra de quem eu sou neta, ou mais provavelmente, lembra que não sou apenas uma loriena, mas tenho o sangue de seu Adorado Líder. Ele olha para o chão. Começa a murmurar algo como uma desculpa quando uma arma metálica o corta.

Uma lâmina tipo agulha estende-se da engenhoca de couro no antebraço de Cinco. Em um borrão, Cinco puxa a lâmina através do primeiro mog, transformando-o instantaneamente em cinzas. Os olhos do outro mog arregalam-se de pânico e ele tenta fugir. Um sorriso encantado se espalha pelo rosto de Cinco. Antes que o mog possa dar alguns passos no corredor, o braço de Cinco assume uma consistência elástica que se estende por ele. Cinco serpenteia o braço em volta do pescoço do mog e, em seguida, puxa-o para trás de modo que Cinco possa finalizá-lo com sua lâmina.

A coisa toda acabou em cerca de dez segundos.

— Nós deveríamos estar agindo normalmente — eu digo a Cinco em um sussurro alto, consciente de que não estamos tão longe da sala de observação lotada.

Cinco pisca para mim, quase como se não soubesse o que aconteceria. Cuidadosamente, ele retrai a adaga de volta ao seu compartimento.

— Eu perdi a calma, está bem? — Cinco ansiosamente esfrega a mão pelo cabelo. — Isso não importa agora. Estamos quase lá.

Fico encarando essa imagem de monstro desequilibrado na minha frente. Ele dá algumas respirações profundas, seus ombros tremendo, punhos fechados da excitação. Minutos atrás, ele parecia quase frágil, desmedido na escuridão do meu quarto. Ele está louco, é uma bagunça total. Tenho que me lembrar de que ele assassinou Oito, a fim de esmagar o inchaço da simpatia que sinto por ele. Simpatia, sim, mas também medo. Ele usou sua arma sem necessidade e quase parecia estar feliz em matar aqueles mogs.

Esse idiota violento, covarde e traidor é a minha única esperança real de sair da Anubis.

Eu balanço minha cabeça.

— Vamos — eu suspiro.

Cinco acena e corremos de mãos dadas, e apenas cambaleando em direção ao nosso destino. Enquanto isso, noto Cinco abrindo e fechando as mãos. Suas mãos estão vazias.

— Como você fez aquilo com o braço? — eu pergunto, pensando naquelas bolas de borracha e aço que ele usou para mudar a sua pele na Sala de Aula. — Pensei que você

precisasse estar tocando em algo...

Cinco vira a cabeça para que o olho bom foque em mim. Ele toca o curativo fresco em seu rosto.

— Perder um olho me deu algumas novas, ah... possibilidades de armazenamento — diz ele.

— Ugh — eu respondo com nojo, imaginando a bola de borracha enfiada na cavidade ocular de Cinco. — De qualquer forma, como você o perdeu?

— Marina — ele responde, de forma simples, sem malícia na voz. — Eu mereci.

— Tenho certeza que sim.

Viramos no próximo corredor, e o teto se abre quando entramos na enorme sala. Posso ver o céu nítido, azul através das vigias, luz solar derramando através das dezenas de naves ancoradas das tropas mogadorianas. Além das naves, a estação de ancoragem está vazia. Os mecânicos e a tripulação devem estar no deque de observação, olhando para o mundo que pretendem conquistar. Nós estamos tão perto.

— Espere — eu digo. — Se abrirmos a comporta, vamos ser sugados para fora imediatamente?

— Estamos na atmosfera agora, não no espaço — Cinco explica, impaciente. Ele se inclina sobre um console próximo, para estudar a interface. — Vai ter muito vento. Você não vai amarelar, vai?

— Não — respondo, olhando ao redor da estação de ancoragem, — Você acha que poderíamos explodir algumas dessas coisas? Talvez derrubar a Anubis antes que ele tenha a chance de fazer alguma coisa?

Cinco volta para mim, parecendo um pouco impressionado.

— Você tem algum Legado explosivo?

— Não.

— Eu também não. Sabe como fazer uma bomba?

— Uh, não.

— Então teremos que nos contentar em somente escapar — diz ele.

Cinco aperta um botão no console e uma porta de metal se fecha com um baque atrás de nós. É a câmara – resistente o suficiente para manter a nave segura do vácuo no espaço. É eficaz e nos isola do resto da nave.

— Isso vai atrasá-los — Cinco aponta, referindo-se aos perseguidores que ainda não nos acharam.

— Boa ideia — eu admito, e dou uma espiada pela janela pequena dentro da câmara de vácuo, esperando ver mogs perseguindo-nos a qualquer momento.

Cinco dá mais alguns toques no teclado e, com um gemido hidráulico e uma rajada de ar frio, o encaixe das portas no final distante do quarto se abre. O vento me puxa e eu deixo escapar um profundo suspiro de alívio. Mexo em meu vestido e removo a pedra Xitharis, agarrando-a.

Lentamente, ando para mais perto da abertura, querendo saber o que vai acontecer quando eu me lançar no céu azul aberto. Um caminho melhor do que a vida Anubis, certamente.

— Então é só segurar esta pedra e voar? — Eu pergunto, olhando por cima do meu ombro para Cinco.

— É assim que funciona — ele responde. — Basta imaginar o seu corpo leve como uma pluma, flutuando sobre ar. De qualquer forma, foi assim que aprendi a usar o meu Legado.

Olho para o ar livre, o céu sem nuvens esperando por mim.

— E se não der certo?

Cinco olha para mim, suspirando.

— Venha. Vamos juntos.

— Vocês não vão a lugar algum.

Setrákus Ra sai de entre duas naves. Eu não tenho certeza se ele esteve lá o tempo todo, esperando por nós, ou se ele simplesmente se teletransportou para a sala de alguma forma. De qualquer maneira, não importa, fomos capturados. Ainda em sua forma humana, Setrákus Ra está entre nós e o hangar aberto, o vento soprando suavemente através de seu cabelo castanho perfeito, balançando as lapelas de seu terno. Ele segura seu cajado pessoal, o Olho de Thaloc, em uma das mãos.

Cinco coloca uma mão no meu ombro e tenta me empurrar para trás. Eu me livro dele. Enfrentaremos Setrákus Ra lado a lado.

— Sai da nossa frente, velho — Cinco rosna.

Ele está tentando soar duro, mas mal pode olhar nos olhos de Setrákus Ra.

— Eu não vou sairei — Setrákus Ra responde, sua voz cheia de desprezo e decepção. — Eu esperava esse tipo de comportamento de você, Ella. Você se juntou recentemente a nós e vai levar tempo desfazer a lavagem cerebral que você sofreu nas mãos da Garde. Mas, Cinco, meu garoto, depois de tudo o que fiz para você.

— Cala a boca — Cinco diz em voz baixa, quase suplicante. — Você só sabe falar e falar e falar, mas nada disso é verdade!

— Está é a única verdade — Setrákus Ra devolve severamente. — Você será punido por sua insolência.

Cinco ainda não pode olhar diretamente para Setrákus Ra, mas seu peito sobe e desce rapidamente, assim como no corredor com os guerreiros mog. Dentro de seu peito, um ruído surdo começa. Isso me lembra de uma chaleira no ponto de fervura. Dou um passo sutil para o lado, preocupada que Cinco vá literalmente explodir.

— Chega dessa tolice, crianças — Setrákus Ra fala, mas a sua mais recente repreensão é parcialmente abafada pelo grito raivoso que rasga a partir dos pulmões de Cinco.

E então ele ataca.

Primeiro, os pés descalços de Cinco fazem sons abafados através da plataforma de metal. Mas, quando ele se aproxima de Setrákus Ra, seus passos ressoam um tom de metal contra metal, sua Externa mudando a pele para combinar com o piso. Setrákus Ra apenas levanta uma sobrancelha para Cinco, sem se impressionar ou intimidar.

Eu apenas não posso ficar aqui e assistir. Enquanto Cinco ataca, procuro um dos carrinhos de ferramenta. Se eu puder pegar uma chave de fenda ou qualquer outro objeto para carregar com o meu Legado, talvez possa recriar a lição de ontem. Só que desta vez, o meu alvo será Setrákus Ra.

Este plano, junto com o que Cinco pretendia fazer, é desfeito quando Setrákus Ra balança seu braço de um lado para o outro. Uma onda de explosões de força telecinética nos acerta, me lançando no ar e espalhando as ferramentas próximas à parede distante. Sua telecinesia é tão poderosa que algumas das naves ainda balançam para o lado, fazendo rangidos e fricções.

Sinto uma dor no meu estômago e imediatamente tento me reorientar. Cinco foi lançado ao ar também, mas conteve-se com o seu Legado de voo. Ele flutua a apenas alguns metros de Setrákus Ra. A pele de Cinco já não é do cinza fosco do piso da sala. Foi alterado para um aço reluzente, como uma das esferas que sei que ele carrega. Que também deve estar preso em sua cavidade ocular.

— Pare de uma vez — Setrákus Ra adverte, mas Cinco está muito longe para escutar.

Cinco vai em direção a Setrákus Ra, dando grandes socos com a intenção de quebrar seu bonito rosto humano. Setrákus Ra desvia dos golpes facilmente com sua bengala, embora a animada fúria de Cinco seja suficiente para levar Setrákus Ra de volta para as portas abertas do ancoradouro.

A briga deles abre um caminho para mim. Deixo esses dois malucos brigarem. Tudo o que tenho a fazer é correr, mergulhar no céu azul aberto e esperar que a pedra Xitharis faça o que Cinco disse.

Quando começo a dar meu primeiro passo, noto que olhos de Setrákus Ra brilham. Sinto um campo invisível de energia passar por cima de mim, quase como se pressão do quarto mudasse. Quando está prestes a dar um soco, a pele de Cinco volta ao normal. Seu punho atinge o cajado erguido de Setrákus Ra. No mesmo momento, Cinco cai do ar com um grito.

É como na base Dulce. Setrákus Ra criou algum tipo de campo que cancela os Legados. Ele é um Aeternus como eu, e agora sei que Setrákus Ra também compartilha de meus Legados. Sua técnica é diferente de tudo o que já fui capaz de aprender. É como se ele tivesse carregado as moléculas do ar ao seu redor, criando um raio onde os Legados são inúteis.

Só que não funciona em mim. Eu ainda posso sentir meu legado à espreita dentro de mim, e sei que eu poderia usar o meu Aeternus se quisesse. De alguma forma, sou imune à versão do Legado de Setrákus do Ra. Será que é porque somos parentes? Ou é um dos meus Legados, uma imunidade a Setrákus Ra? Ele falou toda essa baboseira sobre os nossos Legados virem aleatoriamente, e Lorien ser nada mais do que caos.

Mas e se ele estiver errado e meus Legados foram escolhidos especificamente para destruí-lo? Mais importante, será que Setrákus Ra sabe que seu poder não me afeta?

Nesse momento, Setrákus Ra não está prestando atenção em tudo. Ele está completamente focado em Cinco. Sei que eu deveria tentar pará-lo, mas fico presa no lugar. Mesmo depois de tudo o que ele fez, eu realmente posso deixar Cinco para trás?

Cinco está de joelhos na frente de Setrákus Ra, apertando a mão ferida em sua barriga. A forma humana está se desfazendo e Setrákus Ra cresce alguns metros, ele é mais alto e mais largo agora, crescendo de uma forma que é vagamente grotesca. Ele se abaixa e põe a mão gigante na cabeça de Cinco.

— Tudo o que você precisava fazer era seguir as ordens — Setrákus Ra balança Cinco. Ele sacode a cabeça de Cinco novamente para que ele olhe em seu rosto. — Nós poderíamos ter ido para o Santuário juntos, só você e eu, se você tivesse me trazido a droga do pingente. E agora isso – você ousa levantar a mão contra o seu Adorado Líder. Você me dá nojo, garoto.

Eu não sei o que o Santuário significa para Setrákus Ra, mas faço uma anotação mental disso. Também dou um passo em direção a ele e a Cinco, ainda dividida entre fugir e ajudá-lo, é incerto o que eu poderia fazer em uma luta contra o governante mogadoriano.

Cinco está com a cabeça inclinada em um ângulo estranho, então ele tenta balbuciar em resposta ao falatório do Setrákus Ra.

— Eu deveria saber que nenhum membro da Garde poderia realmente ser reaproveitado — Setrákus Ra continua. — Você é o meu maior fracasso, Cinco. Mas será o meu último.

Cinco grita quando a mão de Ra aperta seu crânio. Meu estômago se revira quando percebo que ele está literalmente esmagando a cabeça de Cinco. Eu não posso deixar isso acontecer.

Com toda a força telecinética que posso reunir, jogo Setrákus Ra em direção às portas abertas do ancoradouro.

Seus olhos se arregalaram de surpresa quando ele tropeça para trás, seu terno

extravagante agora apertado e descosturando devido seu surto de crescimento. Setrákus Ra perde o controle sobre a cabeça de Cinco, suas unhas puxando alguns fios do couro cabeludo. Ele consegue se segurar antes de eu empurrá-lo para fora da Anubis, posso sentir sua telecinesia batalhar contra a minha.

— Ella, como... — ele começa a perguntar, surpresa misturada com frustração.

Mas depois Cinco se vira para ele, a lâmina de seu antebraço estendida.

— Morra! — Cinco grita.

Setrákus Ra tenta se afastar, mas não pode evitar Cinco totalmente. A lâmina mergulha em seu ombro.

Eu grito e sinto uma perfuração e uma dor em mim.

Um buraco se abre em meu ombro e o sangue quente escorre a minha frente. Cambaleio contra uma das paredes próximas, segurando o ferimento, tentando parar o sangramento com os dedos.

Cinco recua de Setrákus Ra, os olhos arregalados. O mogadoriano parece ileso. Setrákus Ra sorri para Cinco e se volta para mim boquiaberto.

Estou sangrando exatamente onde ele deveria ter esfaqueado Setrákus Ra.

— Olhe o que você fez — Setrákus Ra repreende.

O encanto mogadoriano, percebo, assim que começo a me sentir fraca. Qualquer ferimento em Setrákus Ra atinge a mim.

Cinco olha horrorizado para o que fez. Antes que ele possa reagir, Setrákus Ra o pega pelo pescoço e bate a parte de trás de sua cabeça violentamente contra a parede da nave mais próxima. Ele faz isso de novo e de novo, até que o corpo de Cinco fique mole.

Depois, insensivelmente, Setrákus Ra joga seu corpo inconsciente para fora das portas abertas da Anubis. Tento pegar Cinco com minha telecinesia, mas estou muito fraca. Seu corpo some de vista, em direção a Terra abaixo.

Eu desmorono no chão, o sangue escorrendo pelos meus dedos.

Toda a força se esvai de mim. Eu não poderei fugir da Anubis hoje. Meu avô ganhou.

Setrákus Ra está sobre mim, de novo em sua forma humana, apesar de seu terno arruinado. Ele balança a cabeça, seu sorriso como o de um professor desiludido.

— Agora vamos, Ella. Temos que deixar este episódio para trás.

Ergo minha mão coberta de sangue para ele ver.

— Por quê? Por que você fez isso comigo?

— Era a única maneira de você entender que o progresso mogadoriano é mais importante até mesmo do que a sua própria vida — ele responde.

Setrákus Ra me pega em seus braços. Quando começo a perder a consciência, ele sussurra suavemente:

— Você não vai desobedecer ao Adorado Líder de novo, vai?

Capítulo vinte e três

O PLANO DE ADAM É NOS LEVAR AO LONGO COSTA ATLÂNTICA ATÉ chegarmos à Flórida, e depois mergulhar de volta para o oeste e, finalmente, chegar ao extremo sudeste do México. Com o Skimmer voando na velocidade máxima e ficando suficientemente baixo para evitar qualquer outra aeronave, a viagem deve durar cerca de quatro horas.

É um passeio tranquilo. Eu me inclino para trás na cadeira e observo a maré logo abaixo de nós. Adam não diz muita coisa; ele mantém os olhos pra frente, de vez em quando desvia um pouco para ajustar nosso curso, quando nossos sistemas detectam outro avião. Areal dorme no chão aos seus pés.

Quanto a Marina, ela geralmente parece rígida em sua poltrona, toda a coisa do medo de voar não melhora com um mogadoriano nos controles.

— Você sabe, você pode descansar por algumas horas — Adam sugere eventualmente, seu tom cauteloso.

Eu estava perto de cochilar, então ele deve estar falando com Marina. Ela está sentada ereta apoiando-se nos braços, um ligeiro frio emanando dela. Ela está sentada atrás e à direita de Adam.

Marina parece considerar isso por um momento, depois se inclina para a frente de modo que dê para observá-lo por cima dos ombros de Adam. Ele levanta uma sobrancelha, mas por outro lado mantém as mãos sobre os controles.

— A última viagem que Seis e eu fizemos foi para o sul, a menos de uma semana atrás — Marina diz, sua voz medida. — Nós descobrimos tarde demais que tínhamos um traidor viajando com a gente. Acabei por esfaqueá-lo no olho. Essa foi eu sendo misericordiosa.

— Eu sei o que aconteceu na Flórida — Adam responde. — Por que está me dizendo isso?

— Porque quero que você saiba o que vai acontecer se você nos trair, — Marina responde, inclinando-se para trás. — E não me diga para relaxar.

Adam olha para mim pedindo ajuda, mas dou de ombros. Marina está começando a se zangar, e eu não vou entrar em seu caminho. Além disso, não acho que colocar um pouco de medo em nosso companheiro mogadoriano seja uma coisa tão ruim. Presumo que ele só vá deixar a conversa morrer, mas depois de alguns minutos, Adam fala.

— Ontem, pela primeira vez, eu usei uma espada que está na minha família há gerações. Eu nunca tinha sido autorizado a tocá-la antes, apenas admirá-la de longe. Era do meu pai, General Andrakkus Sutekh. Ele estava lutando com o Numero Quatro – John. Eu mirei a espada nas costas do meu pai e o matei.

Adam oferece este discurso em questão com naturalidade, como se estivesse lendo as notícias. Eu olho para ele, em seguida, olho para trás para Marina. Ela está olhando para o chão, imersa em pensamentos. Com o frio dela diminuindo, Areal se levanta e vai até ela. O lobo descansa a cabeça no colo de Marina.

— História legal — falo para Adam quando se torna dolorosamente claro que alguém precisa quebrar o silêncio. — Eu nunca conheci ninguém que carregava uma espada antes.

— Legal — Adam repete, franzindo a testa. — Meu ponto é, vocês não precisam duvidar da minha lealdade.

— Sinto muito que você tenha precisado fazer isso com o seu pai — Marina fala depois de um momento. — Eu não sabia.

— Tudo bem — Adam responde bruscamente. — Mas obrigado pela simpatia.

Para quebrar a tensão, começo a brincar com alguns dos mostradores no console da nave.

— Será que essa coisa tem uma rádio ou o quê? Será que só iremos contar histórias de morte o caminho todo?

Adam é rápido em reajustar os mostradores perto de mim. Acho que o peguei sorrindo um pouco, provavelmente aliviado que a história de ameaça de morte pelo resto da viagem tenha acabado.

— Não há nenhuma rádio — diz ele. — Eu posso cantar o hino mogadoriano, se você quiser.

— Eu vomitaria — respondo, e Marina dá um sorriso do banco de trás.

Sei que Adam está me dando um olhar engraçado, seu rosto angular mais aberto do que antes, pela reação defensiva que ele usava. Por um momento, ele quase parece confortável em estar aqui com dois de seus inimigos mortais.

— O que foi? — eu pergunto, e ele rapidamente desvia o olhar.

Sei que sua mente estava em outro lugar.

— Nada — ele responde, quase melancólico. — Por um segundo, você me fez lembrar de alguém que eu conhecia.

O resto do voo para o sul é monótona. Eu me viro para cochilar uma ou duas vezes, embora nunca por muito tempo. Com Areal aprumado junto dela, parece que Marina está finalmente sendo capaz de relaxar. Adam evita cantar qualquer hino mogadoriano.

Estamos voando sobre a floresta tropical de Campeche, no México, a apenas uma hora de distância do Santuário Lórico supostamente escondido em meio às ruínas de uma antiga cidade maia, quando uma luz vermelha de aviso começa a piscar na nave do límpido para-brisa. Eu só percebo isso quando Adam fica tenso.

— Maldição — ele diz, e começa imediatamente a mover interruptores no painel de controle da nave.

— O que foi?

— Alguém está nos bloqueando.

As câmeras acopladas embaixo e aos lados da nave enviam imagens para nossa tela. Eu não vejo nada além do céu azul sem nuvens e a cobertura densa da floresta abaixo de nós.

— De onde eles estão vindo? — Marina pergunta, apertando os olhos enquanto espia pela janela.

— Dali — Adam diz, apontando o dedo para a tela.

Nela, uma nave de reconhecimento mogadoriana exatamente como a nossa sobrevoa lentamente por baixo de nós. Seu teto é pintado em tons sobrepostos de verdes, camuflados para coincidir com a floresta que se destaca.

— Podemos despistá-los? — Marina pergunta.

— Eu posso tentar — Adam responde, puxando para baixo a alavanca para dar o nossa nave mais um pouco de força.

— Ou podemos simplesmente derrubá-los — sugiro.

À medida que ganhamos um pouco de velocidade, a luz vermelha piscando no console multiplica em quatro luzes. Há mais deles. Duas naves idênticas se levantam da selva em frente a nós, outra ao nosso lado. O primeiro ainda fica bem na nossa cola. Cercado, Adam não tem escolha a não ser parar. As outras naves nos rodeiam.

— Todos eles têm armas, também, certo? — Marina pergunta.

— Sim — responde Adam. — Nós estamos em desvantagem.

— Não é bem assim — eu digo, e me concentro no céu lá fora.

O céu que estava claro há pouco, lentamente começa a escurecer, as nuvens esperando pelas minhas ordens.

— Espere — Adam adverte. — Não quero revelar que vocês estão a bordo.

— Você tem certeza de que eles não vão nos derrubar?

— Noventa por cento de certeza — Adam responde.

Eu deixo a tempestade que estava se formando se espalhar, permitindo que as nuvens à deriva sigam seu curso natural pelo céu. Um segundo depois, um sinal sonoro agudo emana do nosso painel.

— Eles estão nos chamando — Adam explica. — Querem falar.

Outro plano me ocorre, um que não envolve uma batalha em pleno ar contra todas as probabilidades.

— Você disse que é o filho de um general, não é? — pergunto a Adam. — Então você não pode usar sua influência ou algo assim?

Enquanto Adam considera isso, o comunicador no painel apita novamente.

— Devo te avisar, eu não sou exatamente bem visto entre o meu povo — diz ele. — Eles não irão me ouvir.

— Sim, bem, esse é um risco — eu admito. — Na pior das hipóteses, eles vão levá-lo preso, certo?

Adam faz uma careta.

— Sim.

— Então, deixamos que eles nos levem para onde estamos indo. Não se preocupe. Vamos salvá-lo.

— Uh, você precisa fazer alguma coisa — diz Marina, acenando em direção ao para-brisa.

A nave diretamente em nossa frente, ficando impaciente ou com suspeitas, virou sua torre de canhão apontando para nós.

— Tudo bem, fiquem invisíveis — diz Adam.

Saio do meu assento e agarro a mão de Marina, fazendo nós duas desaparecermos. Percebendo a situação, Areal se encolhe em um pequeno rato cinzento e se esconde sob o assento de Adam.

Adam aperta um botão no console, e um vídeo ganha vida em nossa tela. Um mensageiro mogadoriano de aparência desagradável – olhos vazios muito próximos, dentes curtos e afiados – olha para Adam com um aborrecimento feroz. Ele grunhe algo em mogadoriano.

— O protocolo de imersão determina que seja falado inglês, já que estamos na Terra, seu nascido artificialmente burro — Adam responde friamente. Ele faz tão bem seu papel que eu meio que quero dar uma tapa nele. — Você está se dirigindo a Adamus Sutekh, filho do general nascido naturalmente Andrakkus Sutekh. Estou resolvendo um negócio urgente para meu pai. Leve-me para o local lórico imediatamente.

Tenho que dar crédito a Adam, ele é um excelente mentiroso. A expressão do mensageiro vai de contrariedade à confusão e, finalmente, para o medo.

— Sim, senhor, agora mesmo.

A resposta das naves em resposta a Adam é imediata, ele é deixado após a conversa. Uma por uma, as naves Skimmer rompem o anel que tinham formado ao nosso redor e nos deixam voltar ao curso.

— Funcionou — Marina fala, soando um pouco atordoada quando solta minha mão.

— Por enquanto — Adam responde, franzindo a testa, incerto. — Ele era de baixo escalão. Quem está no comando vai ser uma história diferente.

— Você não pode simplesmente dizer-lhes que o seu pai lhe enviou até aqui para verificar o progresso? — pergunto.

— Presumindo que eles não saibam que traí o nosso povo e que meu pai me condenou a morte? Sim, isso pode funcionar.

— Você só precisa distraí-los mais um pouco — eu digo. — Tempo suficiente para Marina e eu descobrirmos um caminho para o Santuário.

— Aí está — diz Marina, olhando pela janela enquanto as naves começam a descer em direção a Calakmul.

Há um monte de pequenos edifícios antigos abaixo, todos eles construídos a partir de calcário que vem se desgastando por séculos, a selva crepitando para se recuperar. Meus olhos são atraídos para o enorme templo em forma de pirâmide que se eleva sobre todos eles. Construído sobre uma colina baixa, o templo é em blocos, coberto de escadarias íngremes e decadentes que são esculpidas direto na pedra. Eu não consigo ver desta distância, mas parece haver um tipo de porta no topo da pirâmide.

— Quanto você quer apostar que precisamos subir essa coisa?

— É o Santuário — Marina me responde. — Eu tenho certeza disso.

— Meu povo também tem certeza, obviamente — Adam acrescenta.

Os mogadorianos limparam a selva ao redor do Santuário em um anel perfeito, todas as árvores cortadas, uma frota de naves mogadorianas de reconhecimento estacionada no solo nu. Além das dezenas de Skimmers, posso ver lá fora uma série de tendas onde o mogs devem estar acampando. Há também o que parece ser um par de lançadores de mísseis pesados e torres de canhões, todas as armas apontadas no templo, e ainda assim a estrutura parece completamente intacta. Estranhamente, na base do templo e subindo pelos lados, ainda existem árvores e videiras cobertas de vegetação, abandonadas há anos. É um contraste gritante com o asseio grave do perímetro mogadoriano, onde todo o natural foi varrido.

— É como se algo os impedisse de chegar muito perto — diz Marina, percebendo o mesmo que eu.

— Malcolm disse que só a Garde podia entrar — respondo.

A escolta de naves mogadorianas flutua até o campo de pouso improvisado e Adam aterrissa a poucos metros deles. O Santuário aparece na distância. A única coisa entre nós e o templo lórico é uma faixa de terra totalmente aberta e um pequeno exército de mogadorianos, muitos dos quais começaram a se recolher no campo de pouso, todos armados com canhões.

— Um comitê de boas-vindas — observo, olhando para Adam.

Ele observa seu povo em massa no monitor, engole em seco e desafivela o cinto do assento do piloto.

— Tudo bem, eu vou primeiro. Distraí-los de alguma forma. E vocês entram no Santuário.

— Eu não gosto disso — diz Marina. — Há um monte deles.

— Vai ficar tudo bem — Adam responde. — É só entrar e fazer o que tem que fazer.

Com isso, Adam abre a cabine e olha para fora da nave. Há cerca de trinta mogadorianos lá embaixo, esperando por ele, com mais se encaminhando das tendas.

Marina e eu nos agachamos dentro da nave, minha mão perto da dela para o caso de precisarmos ficar invisíveis.

— Quem está na liderança aqui? — Adam pergunta, ereto e rígido, mais uma vez usando

seu ar de nascido naturalmente.

Uma guerreira alta vestida com um sobretudo preto sem mangas dá um passo à frente. Ela tem duas grossas tranças que começam nas laterais da cabeça e se enrolam no fim, cercando as tatuagens mogadorianas tradicionais em seu couro cabeludo. Suas mãos estão envoltas em ataduras brancas empoeiradas, como se houvesse recentemente sido ferida ou se queimado.

— Eu sou Phiri Dun-Ra, filha do senhor Magoth Dun-Ra — a guerreira grita para Adam. Sua postura é quase tão imponente e rígida quanto a dele. — Por que você veio aqui, Sutekh?

Adam desce da nossa nave, virando a cabeça para tirar o cabelo dos olhos.

— Ordens do próprio Adorado Líder. Estou aqui para inspecionar este local e preparar sua chegada.

Um tremor passa pelo meio da multidão quando Adam menciona Setrákus Ra. Muitos dos mogs trocam olhares nervosos. Phiri Dun-Ra, no entanto, parece perplexa. Ela caminha para frente, deixando seu canhão balançar ociosamente ao lado de seu quadril. Algo se aperta no meu estômago ao vê-la. A forma predatória como ela se move, o brilho nos olhos indica que ela pode nos dar problemas a qualquer momento. Ela tem a forma mais acentuada do que os outros guerreiros mog que eu encontrei.

— Ah, o Adorado Líder. É claro — diz Phiri. Ela acena para o templo na distância. — O que gostaria de ver primeiro, senhor?

Adam dá um passo em direção ao acampamento mog e abre a boca para falar. Suavemente, sem aviso, Phiri ergue a espada e acerta Adam na boca com o punho. Quando ele cai no chão, o resto dos mogadorianos aponta seus canhões para ele em uníssono.

— O que acha conhecer as celas, seu traidor? — rosna Phiri, de pé sobre Adam, o canhão apontado para ele.

Capítulo vinte e quatro

ESTENDO MINHA MÃO PARA MARINA E ELA SUSPIRA IMEDIATAMENTE.

Invisível, eu e Marina saímos cuidadosamente da nave, tentando sincronizar nossos movimentos. Atrás de nós, ouço um bater de asas de repente. Areal toma o voo na forma de um pássaro tropical, suas asas salpicadas de cinza. Nenhum dos mogs o notou voando para fora da cabine, e não ouvem Marina e eu saltando para o chão. Eles estão muito distraídos com o show que Phiri Dun-Ra está fazendo com Adam.

— Eu sei quem é seu pai, Sutekh — diz Phiri, projetando sua voz para que os mogs reunidos em um semicírculo ao seu redor possam ouvir. — Ele é um bastardo, mas pelo menos é nobre. Ele acredita no progresso mogadoriano.

Se Adam conseguiu responder, eu não posso ouvi-lo sobre o murmúrio de aprovação que vem dos outros mogs. Tenho um vislumbre dele no meio da multidão – ele está caído aos pés de Phiri, machucado no chão, tentando recuperar o equilíbrio, mas, provavelmente, ainda vendo estrelas.

— Na verdade, seu pai me deu esta tarefa — Phiri continua — eu era responsável por uma equipe que permitiu que uma Garde fugisse da fortaleza de West Virginia. A punição era a morte ou uma viagem até aqui. Não foi bem uma escolha, realmente. Você vê, se não conseguirmos, seremos todos executados de qualquer maneira. A única maneira de viver para nós é nos oferecer ao Santuário.

Ao dizer a palavra “Santuário” Phiri faz um gesto dramático sarcasticamente com suas duas mãos enfaixadas, que abrange todo o templo. Hesito por um momento, querendo ouvir o que mais ela tenha a dizer.

— Não há um dia que passe em que penso se tomei a decisão errada. Talvez uma morte rápida tivesse sido melhor. Você vê Sutekh, todos nós aqui fomos enviados como forma castigo — Phiri explica, e ocorre-me que ela não está apenas conversando com Adam, também está tentando acender suas tropas. Talvez a moral ficasse baixa na selva. — Fomos enviados para este lugar abandonado para derrubar o escudo impenetrável que envolve seja lá o que que os desprezíveis lorienos que se escondem aqui. Para todos nós, é a nossa última chance de impressionar o Adorado Líder. É o lugar perfeito para um traidor como você.

Phiri se agacha na frente de Adam.

— Então você conhece o segredo para o Santuário? Você veio aqui para se redimir, finalmente?

— Sim — responde Adam ainda tonto. — Se é um campo de força, tente se jogar contra ele.

Phiri, na verdade, ri da piada de Adam. É aquele riso que me faz entrar em movimento novamente – ele tem um ar de ameaça, mas seu pequeno espetáculo está prestes a encerrar. Isso significa que temos que nos apressar.

Puxo Marina e deslizo por trás dos mogadorianos recolhidos. Adam criou um centro de diversão – se nós estávamos seguindo o plano, então conseguiremos entrar no perímetro do Santuário facilmente. Mas eu não estou disposta a deixar Adam a sua própria sorte, e acho que Marina também não. Em vez de ir para o templo, nós nos movemos rapidamente para uma das torres de canhão que os mogs têm utilizado infrutiferamente contra qualquer força que protege o Santuário.

— Me jogar nele — Phiri repete, o riso morrendo. — Essa não é uma ideia tão ruim,

Sutekh. Por que você não vai primeiro?

Com o canto do olho, vejo Phiri dar um sinal a um par de mensageiros em seu comando. Eles agarram Adam e o jogam no chão. Com Phiri liderando o caminho, os mogs arrastam Adam para a linha invisível que divide o ponto limpo de selva mogadoriano com a parte intacta que cerca o templo.

— Tentamos de tudo, menos uma bomba atômica para atravessar o Santuário — diz Phiri, divagando. — Dizem que o Adorado Líder conhece um jeito de entrar. Envolve a Garde e seus pequenos pingentes. Como você sabe, eles provaram ser... indescritíveis. Mas se você acredita no Grande Livro – e eu acredito – então você sabe que nada pode ficar no caminho do progresso mogadoriano. O que significa que este campo de força maldito vai ruir. Tenho a intenção de atropelar qualquer magia lórica que está nos mantendo fora, em nome do Adorado Líder.

— Então por que você não fez isso ainda? — Adam devolve. — Se nada pode ficar no caminho do progresso mogadoriano, por que não está fazendo nada?

— Talvez porque eu nunca tive o rosto de um bonito nascido naturalmente para usar como um escudo.

Marina e eu chegamos à torre mais próxima. Juntas, nós subimos os degraus para chegar à parte de trás do canhão. A coisa parece uma britadeira vista de cima. Há duas alças para virar a arma, com gatilhos que se parecem com os freios de uma bicicleta junto a eles.

— Você será capaz de disparar esta coisa? — eu sussurro para Marina.

— Mirar, apertar e atirar — Marina sussurra de volta. — É bastante intuitivo, Seis.

— Tudo bem — eu respondo. — Espera aí.

A arma requer duas mãos para ser operada. Mesmo que todos os mogs estejam longe de nós, não quero ficar visível e dar a chance de um deles olhar para trás e arruinar nossa emboscada. Eu cuidadosamente coloco a outra mão na nuca de Marina antes de soltar a mão dela. Desta forma, ela será capaz de operar a arma enquanto nós duas ainda permanecemos invisíveis.

Lentamente, Marina começa a se mover a arma para que esta seja apontada para o mogs. A arma precisa esquentar antes de funcionar, que produz um som metálico quando ela se move. Eu aceno minha mão livre no ar e rapidamente convoco uma forte rajada de vento para cobrir o som.

— Deixe-me dar uma prévia do que está te esperando — Phiri está dizendo.

Ela tem Adam bem na frente da barreira invisível agora, seus capangas forçando-o sobre os joelhos. Ela desembrulha as ataduras em torno de uma de suas mãos, revelando a carne horrivelmente carbonizada.

— Isto é o que o escudo Lórico faz quando se choca contra nós.

— Você deveria ter mais cuidado — Adam responde.

A um aceno de Phiri, os dois guerreiros pegam Adam e o deixam numa posição semi flexionada, garantindo que os braços possam ser pressionados contra o campo de força.

Phiri espia Adam.

— Há rumores sobre você, Sutekh. Eles dizem que você é parte Garde agora. Talvez você seja exatamente o que precisamos para entrar no Santuário. Talvez uma aberração como você dê um curto-circuito no campo de força e hoje será o dia em que entraremos no Santuário, em nome do Adorado Líder.

— De uma forma ou de outra, hoje é seu último dia no Santuário — Adam responde por entre os dentes. — Eu juro.

As palavras de Adam fazem Phiri hesitar. Ela olha de volta para a nossa nave, e de repente, percebe que talvez Adam não esteja sozinho. Ela percebeu tarde demais.

Marina tem a arma apontada para o meio da multidão de mogs.

— Pronta? — ela sussurra para mim.

— Exploda-os.

As mãos invisíveis de Marina apertam o gatilho da arma. A arma ruge com vida com tanta força que eu quase caio para trás. Eu me viro para segurar Marina para que ela não se torne visível. O grupo mais próximo de mogs nem sequer tem chance quando veem colunas brilhantes do fogo escaldante golpeá-los nas costas, transformando-os imediatamente em cinzas.

Assim que Marina abre fogo, Areal vem gritando do céu. Agora, na forma de um falcão cinza alado, o Chimæra lança suas garras no rosto de um dos mogs que prendia Adam.

O mog grita e foge. Eles estão totalmente confusos – deve parecer que a arma foi possuída por um fantasma. Phiri Dun-Ra tem a presença de espírito para se levantar e atirar com seu canhão desintegrador, mas depois ela se abaixa para se proteger. Marina continua a metralhá-los, embora seja cuidadosa para evitar a área em torno de Adam.

Com Areal derrubando os guerreiros, Adam dá uma cotovelada em seu segundo raptor no estômago. Quando ele se dobra de dor, Adam o empurra para trás, para a direita na fronteira invisível em torno do Santuário.

Com o brilho frio da energia azul, o escudo em torno do templo se revela, é como uma teia gigante elétrica esticada em forma de cúpula. O mog inflama como a ponta de um palito de fósforo quando atinge o campo de força. Seu corpo deixa um revestimento de cinzas que parece flutuar no ar uma vez que o escudo desaparece novamente, até que uma rajada suave de vento sopra fora.

Livre de seus raptores, Adam se atira para um buraco. Imediatamente, Marina mira a arma para atirar nos mogs confusos em torno dele. Alguns deles, inclusive Phiri Dun-Ra, fogem para uma das naves estacionadas. Mesmo que eles não possam nos ver, eles abrem fogo contra nós. Nossa arma logo começa a lançar fumaça e balançar perigosamente.

— Esta superaquecendo! — Eu grito. — Pule!

Marina e eu mergulhamos em direções opostas quando a arma explode em uma nuvem de fumaça negra. Estamos visíveis e sem qualquer proteção.

Antes que um dos mogs sobreviventes possa reagir, Adam bate o punho contra o chão. Um tremor ondula de sua direção e acerta os mogs, derrubando-os. Eu uso a distração para rolar para baixo de uma das outras naves, já canalizando meu Legado para invocar uma tempestade.

O céu escurece e começa a chover. Aqui na selva, é fácil chamar este tipo de clima, mas ainda estou a alguns segundos de distância de canalizar um relâmpago e não tenho certeza se serei rápida o suficiente. Phiri e suas tropas já estão fazendo de mim um alvo, seu canhão marcando a terra molhada na frente de onde estou.

É quando uma pedra de granizo do tamanho de uma mão atinge Phiri em sua cabeça careca. Ela cai para trás, se protegendo.

Percebo Marina se escondendo atrás de uma pilha de caixas. Ela está focando atentamente sobre as gotas de chuva, transformando-as em gelo ao redor do mogs para acertá-los com granizo. Sinto a tempestade acima chegar a um ponto crítico e deixo cair um raio irregular. Phiri consegue mergulhar de lado no último segundo, mas seus últimos dois guerreiros são eletrocutados e viram pó.

E então, para minha surpresa, Phiri Dun-Ra corre. Sem sequer olhar por cima do ombro, a mog nascida naturalmente se desvia para a selva nas proximidades. Adam salta em seu encalço.

Os lábios escorrem sangue onde Phiri o acertou. Tirando isso, ele parece ileso e alerta. Ele começa a correr atrás de Phiri, seus pés deslizando pela lama marrom-avermelhada que minha tempestade criou. Phiri está fora de vista antes que Adam possa ir muito longe.

Ele para a poucos metros de mim.

— Deixe-a ir — eu digo a ele, instigando a tempestade a desaparecer.

— Não deveríamos ir atrás dela? — Adam pergunta, cuspindo sangue no chão. Seus olhos observam as ruínas próximas e linha de árvores, e posso dizer que ele gostaria de uma luta justa contra a outra nascida naturalmente. Areal, de volta em forma de lobo, se senta ao lado de Adam, lambendo suavemente a mão dele. Ele olha de volta para mim. — Obrigado pela cobertura, a propósito.

— Sim, percebi desde a coisa toda da distração, que era um sinal para mim. Eu meio que devia isso a você e então não podia deixá-lo ser assassinado.

— Que bom que você viu dessa forma — Adam responde, em seguida, olha para trás, para as ruínas ao redor do Santuário. — Devemos pegá-la. Ela é perigosa.

— Esqueça Phiri — digo, afastando-me da selva e olhando para o templo.

— Temos coisas mais importantes para fazer do que perseguir um mog — Marina caminha para se juntar a nós. — Não importa quão desagradável ela possa ser.

Concordo com a cabeça.

— Ela está sozinha lá fora. Talvez algo vá comê-la. Vamos deixar Areal aqui para vigiar as naves, caso ela tente voltar.

Adam continua a olhar para a selva. Depois de um momento, ele finalmente acena com a cabeça.

— Tudo bem. Vou ficar de olho nas coisas enquanto vocês vão para dentro.

Troco um olhar indagador com Marina para me certificar de que ela não terá nenhum receio com o que estou prestes a dizer. Ela encolhe os ombros em resposta, em seguida, vai em direção a nossa nave para começar a descarregar.

Eu falo o que está em minha cabeça para Adam.

— Não quer nem tentar ir com a gente? — pergunto.

Adam olha para mim.

— Você está brincando? Viu o que o contato com esse campo fez com Phiri Dun-Ra?

— Eu vou curá-lo se isso acontecer — Marina se oferece por cima do ombro.

— Eu não entendo — diz Adam. Ele se vira para olhar para o templo, com as mãos nos quadris. Ele parece nervoso. — Por que você ainda quer que eu vá lá? É um lugar lórico.

— Como aquela vadia Phiri disse, você faz parte Garde agora — eu explico. — Você não é lorieno, mas tem Legados.

— Eu tenho apenas um Legado — Adam esclarece. — E não é meu, para começar. Eu nem tenho certeza se eu deveria tê-lo.

— Não importa. Se entendi direito o que Malcolm nos contou, acho que há um grande... há uma parte viva de Lorien naquele templo. É dali que os nossos legados vêm. O que significa que você está conectado a ele, assim como nós.

— Tudo aconteceu por uma razão — Marina sobe por cima da nossa nave. Ela olha para nós, uma expressão pensativa esticam suas feições suaves. — Basta olhar para as profecias de Oito.

Adam parece convencido. Ele engole em seco.

— Nós não sabemos o que está esperando por nós lá ou o que fazer. Podemos precisar de você lá dentro. Então, vamos lá.

Eu não sei como Adam irá responder ao que está sendo chamado. Um sorriso cintila em seu rosto, como aquela vez na cabine quando ele estava distraído.

— Estou dentro — diz ele. — Presumindo que a parede invisível não vá queimar meu rosto.

Caminhamos até a nave para ajudar Marina. Ela puxa a Arca com a nossa herança e a leva até mim com a telecinesia. Em seguida, flutua cuidadosamente o corpo de Oito para fora da nave. Ela passa direto na nossa frente, quase como se estivesse carregando-o nos braços. Para minha surpresa, ela abre a metade superior do saco. Ela observa Oito, olhando-o assim como fazia quando ele estava vivo, com esses eletrodos mogadorianos preservando-o.

— Marina? O que você está fazendo?

— Eu quero que ele veja o Santuário — diz ela, em seguida, delicadamente arruma alguns dos cabelos de Oito encaracolados na testa. — Você está indo para casa — ela sussurra para ele.

Marina desce da nave, focando sua telecinesia para que o corpo de Oito fique com ela durante todo o caminho. Há um olhar de propósito profundo no rosto dela, e ela nem sequer olha para mim ou Adam antes de caminhar em direção ao templo. Percebo que ela está esperando há dias por esse momento, o momento em que ela pode colocar Oito corretamente para descansar. Sem palavras, Adam e eu a acompanhamos em uma procissão sombria.

Quando nos aproximamos do limite do terreno, o campo protetor dos mogs limpo de árvores, o templo enorme e selvagem se aproximando diante de nós, sinto cócegas estranhas no meu peito. Olho para baixo para encontrar o pingente de John brilhando intensamente e se levantando contra a frente da minha blusa. Ajusto minha camiseta e o pingente flutua para fora em minha frente, lutando contra a sua corrente. É como se estivesse magneticamente atraído para o Santuário. Os dois pingentes que Marina usa estão fazendo a mesma coisa.

Adam me dá um olhar e levanta uma sobrancelha para mim, vendo o pingente que desafia a gravidade. Dou de ombros em resposta. Isso tudo é novo para mim, também.

Marina é a primeira a passar pelo limite. O campo de força aparece novamente, cobalto e elétrico, e há um estalo estático enquanto ela passa por ele. Mechas do cabelo dela cobertas pela energia flutuam em torno de sua cabeça, mas do contrário nada acontece.

Estou apenas alguns passos atrás dela. O campo de força dá a minha pele uma sensação efervescente. Dura apenas um segundo e então eu estou de pé do outro lado, as saliências do chão rachado e da videira plantada no Santuário subindo diante de mim.

Eu me viro para ver como Adam está. Ele parou bem na frente do campo de força. Cautelosamente, ele estende o dedo indicador e faz contato com a energia.

Há um estalo bem alto e ele salta para trás, mas ele não é queimado como a outra mogadoriana foi.

— Tem certeza de que é uma boa ideia?

— Não seja um covarde — respondo.

Adam suspira, e nervosamente, ele se aproxima de novo, desta vez com toda a sua mão. Os estalos de energia e faíscas contra sua pele pálida são muito mais altos do que fez com Marina e eu, mas ele passa sem ser incinerado. Sorrio para ele e ele me dá um olhar aliviado, enxugando algumas gotas de suor da testa.

— E agora? — pergunta ele.

Marina fez uma pausa poucos metros a nossa frente, ainda flutuando o corpo de Oito. Ela passa a mão pelo próprio e tira um de seus pingentes. Solto de seu pescoço, o pingente balança e segue lentamente para os degraus de pedra do templo, e então começa a subir até eles.

— Subimos — diz Marina.

Seu pingente azul cintila na luz do sol e ocorre-me que a loralite brilha com um pouco mais de intensidade. Como se estivesse carregada ou algo assim. Eu sinto isso também. O santuário está emitindo algum tipo de energia além do campo de força. Há uma sensação de que cada célula do meu corpo foi subitamente revigorada. Eu olho para o céu e sinto que poderia invocar uma tempestade maior do que nunca. Eu me sinto em maior contato com meus Legados. E, de alguma forma, tudo parece tão natural, como se eu já conhecesse essa sensação antes.

Marina tinha razão, eu percebo. Estamos em casa.

Capítulo vinte e cinco

DEMORA MAIS OU MENOS TRINTA MINUTOS PARA SUBIRMOS ATÉ O topo da pirâmide maia. Tento passar o tempo contando os passos, mas perco a noção depois de duzentos. Há partes em que os degraus de pedra ruíram em fendas, e outros pontos onde a chuva erodiu a antiga pedra até suavizar as beiradas. Usamos as videiras cobertas de vegetação que derramam-se diante da selva para nos ajudar nas partes difíceis, subindo de mão em mão. Não falamos muito, a não ser para dizer uns aos outros quando um trecho está particularmente complicado dos degraus, mas está chegando. De alguma forma, parece rude perturbar o silêncio do Santuário.

Fazemos uma pausa, antes de chegar ao topo do templo. Marina está suando com o calor, a subida e o esforço de usar sua telecinesia para transportar o corpo do Oito por tanto tempo. Baixo a bolsa que estava carregando no chão e flexiono os dedos. Adam está com as mãos nos quadris e olha sobre a borda do templo.

— Mas que vista — diz ele.

— É lindo — concordo.

No pináculo do templo, que fica acima das copas das árvores, é possível ver além das árvores cobertas de vegetação que enchem a pirâmide, além do anel destituído de árvores que os mogs limparam, do resto das ruínas maias e da selva prosperando além. Imagino que algum antigo governante maia de pé aqui tenha admirado seu domínio. E então, imagino o mesmo governante lançando os olhos para os céus e vendo uma nave lórica descendo das nuvens. A imagem parece tão real e vívida. Tenho a estranha sensação de que a minha imaginação não possa apenas ser fictícia. Séculos atrás, algo como isso realmente aconteceu aqui, lorienos os visitando, e o Santuário se lembra.

— Vocês, olhem isso — Marina pede para nós.

Adam e eu nos afastamos da visão e atravessamos o telhado plano do templo. No ponto mais central está uma porta de pedra. No início, acho que a porta é esculpida a partir da mesma pedra clara que o resto da pirâmide, mas quando chego mais perto, torna-se óbvio que a porta é lisa e sem falhas, o material cor de marfim sem apresentar os mesmos efeitos da idade como o resto do templo. A porta pode estar aqui há algum tempo, mas é evidente que foi colocada no topo da pirâmide quando ela estava já construída.

A porta não leva a lugar algum. O fato é que enquanto Marina caminha até a porta, um círculo aparece. Seu pingente flutuante paira na frente da porta, esperando por nós para se recuperar. Eu paro em frente à porta e examino sua superfície. É completamente lisa, sem alças, maçanetas, ou qualquer coisa assim, com exceção de nove fendas redondas dispostas em círculo no centro da porta.

— Os pingentes — eu digo, passando meus dedos sobre a pedra fria.

Marina arranca seu pingente do pescoço e coloca na pedra em um dos entalhes. Ele se encaixa perfeitamente e emite um som de clique. A porta não se move, no entanto.

— Nós só temos três — eu digo, fazendo caretas. — Não é o suficiente.

— Temos que tentar — diz Marina, já retirando seu pingente restante.

Ela está certa. Nós chegamos longe demais para voltar atrás agora. Retiro o pingente de John e o encaixo nos entalhes a porta de pedra.

— Aqui vamos nós — eu digo, quando empurro o pingente até o final.

Imediatamente, as pedras de loralite começam a brilhar com a mesma energia que o campo de força. O brilho se espalha entre as pedras, conectando-as, preenchendo as lacunas da

energia, onde estamos prendendo os pingentes. O símbolo circular que se forma na porta me lembra das cicatrizes que recebemos em nossas pernas quando um dos Gardes morre. E então, com um antigo rangido, a porta de pedra desliza para dentro do templo, deixando para trás apenas uma moldura fina. Ao invés de selva através do batente da porta, vejo uma sala empoeirada iluminada pelo brilho azul escuro de loralite.

— Eu pensei que ia precisar de mais — eu digo. — Nós nem sequer estamos numa maioria.

— Ou talvez o Santuário saiba o quanto precisamos entrar — Marina sugere.

— É uma espécie de portal — Adam diz, olhando para a sala além do batente da porta. — Estamos dentro do templo?

— Vamos descobrir — respondo.

Pego a Arca de Marina e a passo pela porta.

Imediatamente eu me sinto desorientada, esticada, com a sensação de montanha-russa que eu costumava ter sempre que Oito usava seu legado de teletransporte. Dura apenas um segundo, e então eu estou piscando para ajustar a visão para esta iluminação mais fraca do santuário. Meus ouvidos estalam com a mudança de pressão, e tenho a sensação de que acabei de atravessar um portal no meio do templo maia. Ou talvez, considerando a forma como os sons da selva foram completamente abafados, estamos ainda mais profundo do que isso. Talvez este Santuário esteja completamente debaixo da pirâmide.

Marina está segurando o corpo de Oito, e Adam a segue, ambos apertando os olhos para ajustar a luz mais baixa. Quando estamos do outro lado, a entrada pisca um pouco em sua existência. Em seguida não há nenhuma saída, apenas uma parede de pedra calcária sólida, apesar de um círculo de entalhes assim como o da porta são esculpidas nela. Nossos pingentes caem no chão e eu rapidamente os pego.

— O Santuário — Marina respira.

— Há quanto tempo o seu povo tem isso aqui? — Adam pergunta.

— Sei lá. Nós ouvimos que eles vinham para a Terra durante séculos, — eu respondo distraidamente, olhando ao redor. — Acho que isso é o que eles estavam fazendo.

— Eles estavam se preparando para este dia — Marina acrescenta, com aquela segurança misteriosa de volta em sua voz.

— O que eles nos deixam, agora? — Eu pergunto um pouco decepcionada quando olho ao redor. — Uma sala vazia?

O Santuário é uma sala longa e retangular, com teto alto e absolutamente sem portas ou janelas. É como se nossos antepassados tivessem teletransportado um pedaço de rocha sólida, de alguma forma, conseguindo esculpir uma sala, e depois se esqueceu de arrumá-la. Não há nada aqui. Veias de loralite brilhante estão segmentadas através das paredes de pedra e teto em padrões caóticos que lançam o quarto inteiro em um tom de cobalto. Meus olhos deslizam sobre as rugas e redemoinhos de Loralite – há algo vagamente familiar, algo que não estou vendo.

— É o universo — diz Adam. — É... mais do que sequer conhecemos. Os mapas estelares mogadorianos não cobrem tanto.

Demoro um momento para perceber o que ele está dizendo. Mas então percebo a maneira como as veias de Loralite se associam em círculos em alguns pontos e reconheço as outras veias como as estrelas de roda do cosmos e além. É como o macrocosmo, uma forma maior e abrangendo muito mais do universo. Acho Lorien em uma parede, a poça brilhante de loralite em seu coração brilha muito mais escuro do que alguns outros pontos.

— Nossa casa — eu digo, e toco em Lorien delicadamente com o dedo.

Um arrepio passa por mim e o loralite parece pulsar em resposta, quase como se me reconhece.

— Minha casa — Adam diz secamente. Ele aponta para uma área que é notável somente pela sua completa ausência de loralite, como um vazio existente no universo brilhante. Ele franze a testa. — Pelo menos os seus antepassados tinham algo proibindo a escuridão certa.

— Aquelas não são as nossas casas, não mais — diz Marina, traçando seus dedos em toda a parede, seguindo a trajetória exata que nossa nave levou de Lorien para a Terra. — Esta é a nossa casa agora.

O contorno de loralite da Terra brilha muito mais forte do que qualquer outra parte do muro. Marina pressiona os dedos contra ele e o loralite crepita e vibra.

Algo abaixo de nós está se movendo.

Poeira e sujeira caem do teto, os ciscos cintilam à luz repentinamente ao movimento da loralite. Eu sei que não deveria ter medo, este é um lugar lórico, não vai nos machucar, mas não posso deixar de me segurar na parede mais próxima. O Santuário de repente me faz sentir claustrofóbica agora que está balançando em torno de mim. Adam tropeça ao meu lado, os olhos arregalados.

Com um gemido e som de trituração, uma seção circular do chão no centro da sala sobe. É como um altar ou um pedestal estendendo-se do chão. A sala para de tremer quando a coisa sobe numa altura acima de nossa cintura. Esta nova extensão é feita de pura loralite. A laje do piso liso de pedra calcária está no topo do cilindro de loralite, quase como uma rachadura se segurando no que quer que fosse logo abaixo. Cautelosamente, nós três nos aproximamos.

— Parece que esta peça sai — digo, tocando a rachadura do calcário, mas ainda não removendo.

— Parece quase como poço — diz Adam, meditando. — O que você acha que está lá embaixo?

— Não tenho a menor ideia — respondo.

— Olha — diz Marina. — Os desenhos.

Eu os vejo. Eles são semelhantes às pinturas rupestres que Oito nos mostrou de volta na Índia, exceto que estas estão esculpidas diretamente no poço de loralite. Tenho que circular em torno do poço para ver todas as imagens.

Nove silhuetas que aparecem sobre um planeta que se parece com a Terra, com nove silhuetas menores de pé no planeta abaixo deles. Uma pessoa – eu não posso dizer se é um homem ou mulher, está de pé na frente de um buraco no chão e despejando o conteúdo de uma caixa na abertura.

Nove silhuetas novamente, desta vez organizadas na frente de um castelo, cortando algo que se parece com uma onda gigante ou talvez um dragão de três cabeças.

— Mais profecias? — pergunto.

— Talvez — Marina responde. Ela está parada em frente à imagem da pessoa com a caixa. — Ou talvez sejam instruções.

Vou para o lado dela.

— Você acha que este é o lugar? Onde nós, uh, entregamos nossas heranças para a Terra?

Marina assente. Ela repousa corpo de Oito suavemente no chão, em seguida, usa sua telecinesia para empurrar para o lado a laje de pedra calcária que sela o poço. Ele cai no chão com um baque enorme, a pedra quebrando instantaneamente ao meio.

Uma coluna de luz azul flui para cima do poço, tão brilhante que eu tenho que proteger os olhos. É como um refletor. Posso sentir o calor das profundezas da luz em meus ossos.

— Isto é... — Adam para, incapaz de completar seu pensamento.

Há profundo espanto em seus olhos mogadorianos escuros.

Marina se ajoelha em frente de sua Arca e a abre. Ela junta suas mãos e retira um punhado de pedras preciosas líricas, então as deixa cair no poço. Elas brilham e piscam quando escorregam por entre os dedos, caindo para a luz. Em resposta, toda a sala parece ficar um pouco mais brilhante. As veias de loralite ganham um forte impulso nas paredes.

— Ajude-me, Seis — Marina diz entusiasmada.

Pego a Arca do chão e a abro, despejando o conteúdo no fundo do poço. Um aroma perfumado semelhante o das flores enche a sala empoeirada, e a luz fica ainda mais forte. Marina continua, com alguns galhos secos e folhas. Naquele momento, antes de soltar sua mão, enquanto ainda era banhada pela luz, eu poderia jurar que os vi os ramos ficarem vivos novamente. Assim que eles saem de vista, uma brisa rodopiante enche a sala, nos esfriando.

— Está funcionando — eu digo, mesmo que não tenha certeza do que exatamente estamos fazendo. Só sinto que é o certo.

Quando terminamos de esvaziar a Arca, pego a lata com as cinzas de Henri. Cuidadosamente, retiro a tampa e a esvazio na luz no poço. Cada uma das cinzas faísca brevemente enquanto roda para baixo e para dentro do poço. Desejaria que John pudesse estar aqui para ver isso.

Eu me viro para Marina, inclinando levemente a cabeça para onde o corpo de Oito repousa sobre o solo.

— Devemos... ?

Marina sacode a cabeça, olhando para Oito.

— Eu ainda não estou pronta, Seis.

Eu tomo o momento para olhar a sala, verificando se alguma coisa mudou.

A luz do poço é quase tão brilhante como o sol, mas ela realmente não fere meus olhos, não mais. As veias de loralite nas paredes pulsam com energia. Nossa Arca está vazia e as cinzas de Henri foram espalhadas.

— Não há nada mais para fazer — eu digo a Marina. — Está na hora.

— Os pingentes, Seis — Marina lembra. — Temos de jogar os pingentes.

— Espere — Adam diz, avançando pela primeira vez. Ele está observando tudo com admiração, mas as palavras de Marina o trazem de volta. — Se vocês soltarem os pingentes lá, não terá como sairmos daqui.

Eu ainda estou segurando todos os nossos pingentes. Aperto-os firmemente quando eu penso sobre isso.

— Nós temos que ter fé, certo? — pergunto, encolhendo os ombros. — Temos que confiar que tudo o que está lá embaixo, qualquer que seja o que os Anciãos deixaram para nós, vai nos mostrar uma saída.

Marina assente.

— Sim.

Adam olha para mim por um momento, em seguida, para a luz. Tudo o que ele viu hoje deve ir contra o seu Instinto mogadoriano. Mas ele tem Garde nele, também.

— Tudo bem — Adam fala. — Eu confio em você.

Eu seguro os pingentes por mais um momento. Já usei um amuleto em volta do meu pescoço na maioria da minha vida. Houve muitas vezes que ele me fez lembrar quem eu era de onde eu era, e o que eu estava lutando. Foi doloroso perder dois pingentes e eu nunca me senti bem sem um. É como uma grande parte de quem eu sou e que todos somos, como as cicatrizes

em nossos tornozelos. Mas é hora de deixar isso de lado.

Eu solto os três pingentes para dentro do poço.

A resposta é imediata e eu fico cega. A luz a partir do poço parece uma supernova. Eu grito e protejo os olhos, e tenho certeza de que Marina e Adam fazem o mesmo. Há um som sibilante lá de baixo, como milhares de asas que tomam o voo, ou um tornado em miniatura tocando na Terra. Há um som alto de baque que envia vibrações através dos meus dentes. Poucos segundos depois, o som se repete.

Thump, thump. Thump, thump.

O ritmo fica mais rápido e mais forte. Mais firme.

É o som de um coração.

Eu não tenho certeza de quanto tempo estou banhada na luz azul pura, por quanto tempo ouvi os batimentos sonoros de Lorien. Poderia ser dois minutos ou poderia ser duas horas. A experiência é hipnótica e reconfortante.

Quando a luz começa a diminuir e o volume do batimento cardíaco se reduz a um tamborilar constante no fundo, eu quase me perco. É como acordar de um sonho caloroso que você não quer sair.

Abro os olhos e suspiro imediatamente.

O corpo de Oito paira na vertical ao longo do poço do Santuário, a coluna de luz azul em torno dele. Pego a mão de Marina.

— Você está fazendo isso? — eu pergunto, sem querer gritar.

Marina balança a cabeça e aperta minha mão. Há lágrimas nos seus olhos. Poucos passos atrás de nós, Adam está de joelhos. Ele deve ter desabado durante o show de luzes. Ele olha para Oito, completamente confuso.

— O que está acontecendo? O que é isso?

— Olhe para ele — diz Marina. — Olhe.

Eu estou prestes a dizer a Adam que eu não tenho ideia do que está acontecendo quando vejo os dedos de Oito se moverem. Foi apenas um truque da luz? Não – Marina deve ter visto também, porque ela solta um pequeno chiado e cobre a boca com a mão livre, a outra apertando com força a minha mão.

Oito mexe os dedos. Flutuante, ele balança os braços e pernas. Ele rola a cabeça como se tivesse torcicolo o pescoço. Em seguida, ele abre os olhos. Eles são puros loralite. Os olhos de Oito brilham mesmo em tom cobalto como as veias mais profundas na parede.

Quando ele abre a boca, a luz azul vem à tona.

— Olá — Oito diz, com uma voz ecoando que não pertence ao nosso amigo.

É uma voz melódica, bonita, como nada que já ouvi antes.

É a voz de Lorien.

Capítulo vinte e seis

A MAIORIA DAS PESSOAS TEM O INSTINTO DE CORRER. ESTAS DE NOVA YORK JÁ assistiram filmes suficientes para saber o que acontece quando uma nave espacial alienígena sobrevoa sua cidade. Há um fluxo em massa de pessoas pela calçada. Alguns abandonam até mesmo seus carros no meio das avenidas, o que torna lento ir para o nosso comboio de SUVs pretas. Felizmente, fora do hotel de Sanderson, a Agente Walker foi capaz de convencer os policiais locais, que se mostraram em resposta aos disparos para nos ajudar. Quando se trata de invasões alienígenas, acho que há sempre um agente federal em um terno preto e óculos escuros.

Mesmo com as sirenes tocando e piscando da NYDP, é difícil de passar pela da cidade. Pelo meio do caos.

E, no entanto, algumas pessoas não estão fugindo para o rio East River, onde a nave de guerra mogadoriana paira ameaçadoramente sobre o palco das Nações Unidas. Eles estão correndo em direção a ela. Pessoas com seus telefones, gravando, ansiosos para pegar um vislumbre de vida alienígena. Eu não posso me decidir se são corajosos, loucos ou apenas estúpidos. Provavelmente, uma combinação dos três. Eu quero gritar para fora da janela para eles se virarem e correrem, mas não há tempo.

Eu não vou ser capaz de salvar todos eles.

— Michael Worthington, um senador representando Flórida. — A agente Walker berra o nome em seu celular, lendo-o de um bloco amarelo. Ela está no banco do passageiro, olhando aflita e com raiva. Ela sabe que não há tempo suficiente para que suas ordens possam fazer a diferença, mas ela está dando a eles de qualquer maneira. — Melissa Croft, ela é do comitê dos Chefes de Estado Maior. Luc Phillipe, o embaixador francês. — Walker faz uma pausa, chegando ao fim de sua lista. Ela olha para o banco traseiro, onde Bud Sanderson está imprensado entre eu e Sam. — Será que é todo mundo?

Sanderson assente.

— Todo mundo que eu conheço.

Walker balança a cabeça e fala no telefone.

— Prendam-nos. Sim, todos eles. Se resistirem, mate-os.

Ela desliga o telefone. A lista de políticos associados ao ProMog, dezenas de nomes retransmitidos um por um por Walker para seus contatos, cortesia de Sanderson. Mesmo que os agentes desonestos que Walker tem em seu comando possam prendê-los, as prisões podem não fazer muito efeito agora, no marco zero. No mínimo, temos que ter esperança e Walker e seu pessoal acabem com os traidores amigos dos mogs fora do poder, deixando para trás um governo que está pronto para resistir. Embora ainda não se saiba o tamanho da resistência que será capaz de montar.

Em quanto tempo Henri disse que os mogs conquistaram Lorien? Menos de um dia?

Através do para-brisa, a nave de guerra mogadoriana é visível. Faz os arranha-céus da cidade parecem brinquedos e lança blocos de longas sombras em todas as direções. A coisa parece uma barata gigante pairando sobre Nova York. Há centenas de torres de canhão ao longo de seus lados e em sua barriga, e acho que posso ver algumas aberturas onde as naves mog menores estão provavelmente ancoradas. Mesmo com toda a Garde, Legados em ação, não tenho certeza se podemos destruir este Hulk.

A agente Walker está olhando para a nave, também. Acho que provavelmente é

impossível ignorar o enorme objeto alienígena que cresce no horizonte. Ela se vira para olhar para mim.

— Você pode destruir aquela coisa, né?

— Claro — eu respondo, tentando imitar a arrogância casual de Nove.

Ele está no SUV atrás do nosso, provavelmente explicando a sua escolta de agentes como ele vai rasgar a nave de guerra com as próprias mãos.

— Nós damos conta disso. Sem problemas.

Ao meu lado, Sanderson ri sombriamente, mas se cala quando Walker o fuzila com um olhar ameaçador. Do outro lado do desonrado secretário de defesa, Sam finalmente olha para cima a partir do telefone celular que ele "pegou" emprestado da inocente fora do hotel.

— Já está carregado — diz ele para mim. — Sarah tem as imagens.

— Obrigado, Sam — respondo, e puxo o meu próprio telefone para fora do bolso, imediatamente disco o número de Sarah.

Eu me pergunto o que Henri pensaria de mim e Sam fazendo upload de imagens de mim usando meus Legados para o site Eles Estão Entre Nós. Em meus sonhos, não acho que eu poderia ter inventado um cenário em que eu de bom grado terei meus poderes mostrados em público. Mas aqui estamos nós.

Sarah responde ao primeiro toque. Posso ouvir a atividade em segundo plano, as pessoas falando, uma televisão alta.

— John, graças a Deus! Os mogs estão em todos os jornais! Você está bem?

— Estou bem — respondo. — Além de estar indo em direção à maior nave mogadoriana que já vi.

— John, espero que você saiba o que está fazendo — Sarah responde, preocupação em sua voz.

— Não é nada, nós podemos lidar com... — Eu começo a tranquilizá-la, até que uma explosão de cortes estáticos me acerta. — Sarah? Você ainda está aí?

— Eu estou aqui — ela responde, soando um pouco mais distante do que antes. — No entanto acho que algo está interferindo na conexão. Devem ser as naves de guerra. Tenho certeza de que essas coisas enormes que vem descendo a partir da órbita não estão fazendo nenhum favor para as redes celulares. Para não mencionar todos os telefonemas em pânico como este que deve estar acontecendo em todo o país. Eu tenho que falar mais rápido no caso de eu perder o serviço.

— Sam acabou de enviar alguns arquivos de vídeo para o site de Mark. Vocês os receberam? Acho que eles poderiam ser úteis — eu me lembro do que Sam disse fora do posto de gasolina. — Nós não queremos apenas assustar as pessoas. Também queremos dar-lhes esperança.

Ao meu lado, Bud Sanderson bufa. Acho que o velho não tem muita fé em qualquer coisa que estamos fazendo no site Eles Estão Entre Nós. Eu não sei se vai funcionar ou, assim como as prisões de Walker, tudo o que fazemos hoje pode ser tarde demais para que possa ser importante. Mas nós temos que cobrir todos os ângulos possíveis e lutar contra os mogs.

— Eu estou olhando para ele agora — diz Sarah, e prende a respiração. — John... você é incrível. Mas eu tenho uma queda por alienígenas bonitos realizando milagres.

Venho tentando olhar para meus aliados desconfortáveis com expressão de pedra, então tenho que desviar de Sanderson para esconder meu sorriso.

— Uh, obrigado.

— Nós definitivamente podemos usar isso — diz Sarah, e eu já posso ouvi-la já

digitando. — O que você vai fazer agora, então? Essa nave parece enorme.

Eu olho para o caos fora da janela.

— Nós tentaremos acabar com esta guerra antes que ela comece.

A voz de Sarah parece preocupada. Ela sabe que estou prestes a revelar-lhe uma coisa louca.

— Quer dizer o que, John? Qual é o plano?

— Nós estamos indo para a nave de guerra mogadoriana — eu digo a ela, tentando soar confiante sobre um plano que parece mais e mais desesperado quando nos aproximamos da nave de guerra iminente. — Nós vamos atrair Setrákus Ra para fora. E vamos matá-lo.

Nosso comboio tem de parar dez quarteirões antes das Nações Unidas, quando o tráfego se torna intransitável. As ruas estão entupidas de gente tentando obter um olhar mais atento da nave de guerra. Alguns deles estão até mesmo de pé em cima de carros ou, em um caso, um ônibus parado. Há policiais em todos os lugares que tentam o seu melhor para restaurar alguma ordem, mas duvido que eles sejam treinados para um cenário de primeiro contato; a maioria deles está ocupada olhando para a nave, também. A multidão está movimentada e há um monte de gritos animados.

Eles são um monte de alvos fáceis para os mogadorianos. Temo o momento em que esses canhões ao longo das laterais da nave de guerra abram fogo contra esta multidão. Eu quero dizer a todos para correr, mas eu apenas iniciaria um pânico. Se alguém me ouvisse.

— Movam-se! Saiam da frente! — Walker grita quando ela sai do SUV.

Ela tem seu distintivo no alto, embora ninguém esteja realmente prestando atenção a ela. Os agentes dos dois SUVs, juntamente com os policiais que Walker recrutou no hotel formam um perímetro apertado em torno de mim, Sanderson e Sam. Nove vai empurrando alguns de seu caminho ao nosso lado, olhando para um grupo de adolescentes dando incentivos à nave espacial.

— Idiotas — ele resmunga, em seguida, olha para mim. — Isso é loucura, Johnny.

— Precisamos proteger tantos quantos pudermos — respondo.

— Eles precisam se proteger — Nove diz, então grita por cima do ombro de um de nossos agentes. — Vão para casa, seus idiotas! Ou consigam algumas armas e voltem!

Walker olha pra ele.

— Por favor, não incentive os civis para pegar em armas.

Nove lhe dá um olhar selvagem e continua gritando.

— Isso é guerra, senhora! Essas pessoas precisam se preparar!

Algumas das pessoas que nos rodeiam escutam, ou talvez estejam apenas nervosas com o crescimento da presença da polícia. Percebo algumas trocas de olhares nervosos e as pessoas começam a ir embora do jeito que vieram. Walker faz uma careta para Nove, em seguida, dá um tapa em um dos agentes sobre o ombro.

— Avante! — ela grita. — Precisamos seguir em frente!

Ainda há uma multidão que nos separa das Nações Unidas, e não mostra sinais de se debandar. Os agentes de Walker e os policiais começam a abrir caminho pelo meio e estamos junto com eles.

— Cuidado, cara, sem cortar a fila pra ficar na frente! — Grita um espectador.

— Puta merda! São os homens de preto! — grita outro.

— Eles vão nos machucar? — Uma mulher grita ao passar por Sanderson, talvez a reconhecendo como alguém importante. — Estamos em perigo?

Sanderson desvia os olhos e logo a mulher está perdida na multidão.

Vamos lentamente, mesmo com uma dúzia de policiais e agentes de preto correndo à frente de nós. Essas pessoas precisam sair do nosso caminho.

Um rapaz de olhos arregalados com uma barba desgrenhada que se parece com o tipo que vende artesanais nos semáforos e diz coisas sobre o fim do mundo para a direita da Agente Walker. Ela perdeu o equilíbrio, e eu a alcanço para segurá-la. Walker não me agradece – há fúria e frustração em seus olhos.

Provavelmente cansada da multidão, ela pega a arma no coldre na cintura, talvez pensando em disparar alguns tiros para o alto e limpar a área. Eu paro o seu braço e balanço a cabeça quando ela olha pra mim.

— Não faça isso. Você vai começar o pânico.

— Isso já está um pânico — ela responde.

— Pessoalmente, eu estaria mais em pânico se alguém começasse a atirar — Sam entra na conversa.

Walker faz um barulho de irritação e volta a fazer o seu caminho através da multidão. Eu acotovelo Nove nas costelas.

— Vamos ajudá-los — eu digo a ele, acrescentando: — Mas não faça mal a ninguém.

Nove acena e começa a usar telecinesia para mover as pessoas para fora do nosso caminho. Nove é mais suave do que eu esperava. Criamos uma espécie de bolha telecinética ao nosso redor, os transeuntes nas proximidades correm para fora dele. Ninguém é pisoteado e, lentamente, o caminho começa a abrir para Walker e o resto da nossa escolta.

À medida que nos aproximamos da ONU, ficamos diretamente sob a sombra da nave de guerra mogadoriana. Um arrepio passa por mim, mas eu tento não demonstrar. Há bandeiras de todas as nações plantadas no solo em ambos os lados da estrada que estamos descendo, todos esses símbolos batendo em uma suave brisa da primavera, presos embaixo da nave mogadoriana iminente.

Mais à frente, vejo que um palco que foi rapidamente erguido na entrada da frente da ONU. Há forças policiais mais organizados lá, policiais locais e de segurança privada da ONU. Eles mantêm as pessoas longe do palco que leva à entrada do edifício principal. Há uma concentração de repórteres à frente, também, todos eles com câmeras balançando ansiosamente entre o palco e a nave espacial pairando.

Pego Sanderson pelos ombros e o puxo para perto, apontando para o palco.

— O que está acontecendo aqui? O que deveria acontecer aqui?

Sanderson faz uma careta para mim, mas não tenta se esquivar.

— O Adorado Líder tem um gosto pela teatralidade. Você sabia que ele escreveu um livro?

— A leitura é estúpida — Nove grunhe, mas volta para a multidão. — Eu não me importo com sua propaganda. Explique o palco, Sanderson.

— Propaganda, como você disse — Sanderson responde. — Eu e alguns dos outros do ProMog, como nossa querida amiga Walker provavelmente alertou, deveríamos saudar Setrákus Ra. Ele demonstraria os presentes que os mogadorianos poderiam oferecer à humanidade.

Lembro-me do estado que encontramos Sanderson, com veias negras e quase morto, viciado nos tais chamados avanços médicos mogadorianos.

— Ele vem para curar a todos — eu digo, juntando tudo.

— Aleluia! — Sanderson diz, com amargura. — Nosso Salvador! Então, vamos convidá-lo para a ONU para as discussões e, ver amanhã, uma resolução pacífica ser adotada para permitir que os mogs entrem no espaço aéreo de cada país membro.

— E isso é tudo — Sam termina. — A Terra seria entregue.

— Pelo menos seria pacífica — Sanderson aponta.

— Você não acha que as pessoas iriam surtar? — Pergunto a Sanderson. — Quero dizer, olhe ao redor. Imagine o que vai acontecer quando os mogs realmente se mostrarem? Começarem a andar por aí? Tomando as coisas? Haveria pânico, distúrbios, mesmo com sua diplomacia idiota. Como acha que o seu plano daria certo?

— É claro que ele pensou nisso — diz Sanderson. — Assim é como Setrákus Ra pretende identificar os dissidentes. Os elementos problemáticos.

— Então ele vai saber quem matar — Nove grunhe.

— Isso é doentio — Sam comenta.

— Um preço pequeno a pagar para a sobrevivência da humanidade — Sanderson argumenta.

— Eu vi o futuro sob o domínio mogadoriano — revelo a Sanderson. — Acredite em mim. É um preço maior do que você está disposto a pagar.

Sam me dá um olhar preocupado e percebo o quão frio devo soar, como se a guerra contra os mogadorianos na Terra fosse inevitável, como se não houvesse nada que pudéssemos fazer neste momento para impedir as pessoas de se machucar.

Na verdade, eu não tenho certeza se há uma maneira de resolver isso sem derramamento de sangue. A guerra está aqui e será deflagrada. Mas preciso dos outros para manter a esperança.

— Não tem que ser assim — acrescento. — Nós vamos parar Setrákus Ra antes que isso vá mais longe. Mas você tem que nos ajudar.

Sanderson balança a cabeça, os olhos fixos no palco.

— Você quer que eu vá até o fim.

— Apresentá-lo, assim como ele quer — eu digo, puxando para cima o capuz do meu moletom. — E então iremos derrotá-lo.

— Você é poderoso o suficiente para isso?

Quando viro para Sanderson para responder, posso ver a mesma pergunta nos olhos de Sam. Ele não estava em nossa última briga com Setrákus Ra, mas sabe que não foi boa. Isso foi com toda a Garde – agora sou só eu e Nove. Bem, e todas as armas que a Agente Walker puder trazer.

— Eu tenho que ser — respondo a Sanderson.

À medida que nos aproximamos da frente da ONU e do palco, passamos por um cara vestido como um mensageiro de bicicleta cercado por algumas câmeras de televisão. Ele é perceptível, porque é a única coisa que chama alguma atenção da imprensa por aqui além da nave de guerra mogadoriana gigante. Eu concentro meus sentidos para ouvir o que ele está dizendo.

— Eu juro, o cara caiu do céu! — Exclama o mensageiro de bicicleta a um grupo de jornalistas céticos. — Ou talvez ele estivesse flutuando para baixo, eu não sei. Ele bateu no chão com força, mas sua pele estava tipo, coberta por uma armadura ou algo assim. Ele teve muita sorte.

A mão de Nove bate no meu ombro. Ele ouviu, também, e está tão distraído que para com a telecinesia que empurrava as pessoas para o lado. Os agentes de escolta se misturam com o povo e gemem enquanto a multidão surta, mas eles conseguem mantê-los afastados.

— Você ouviu isso, certo? — Nove pergunta, seus olhos praticamente brilhando com sede de sangue.

— Ele poderia ser apenas algum maluco — eu digo, referindo-me ao mensageiro de

bicicleta, embora eu realmente não acredite nisso. — Esse tipo de coisa definitivamente os traz à tona.

— De jeito nenhum — Nove diz, a emoção em sua voz. Seus olhos passeiam o público com um interesse renovado. — Cinco está aqui, cara. Cinco está aqui, e eu vou esmagar seu rosto gordo.

Capítulo vinte e sete

EU ME SINTO ENTORPECIDA.

No hangar, tenho um vislumbre de mim mesma no vidro blindado cor de pérola da pequena nave em que estaremos ao tomar Manhattan. Eu pareço fantasmagórica. Há enormes bolsas sob os olhos. Eles me vestiram com um vestido novo formal, preto com faixas vermelhas por toda parte, e puxaram meu cabelo para trás em um rabo de cavalo tão apertado que o meu couro cabeludo parece estar sendo arrancado do meu crânio. Princesa dos mogadorianos.

Eu realmente não me importo. Tenho uma sensação nebulosa, como se estivesse flutuando. Uma parte de mim sabe que eu deveria estar me concentrando, deixando a cabeça endireitada. Eu simplesmente não posso. A entrada para a nave de transporte é aberta e uma pequena escada se desdobra para eu subir. Setrákus Ra gentilmente coloca a mão no meu ombro e me convida para frente.

— Aqui vamos nós, querida — diz ele. Sua voz soa distante. — O grande dia.

Eu não me movo no inicio. Mas, então, uma dor começa a me incomodar no ombro, onde fui esfaqueada. Sinto como se pequenos vermes andassem sob a minha pele. A dor só desaparece quando coloco um pé na frente do outro, subo os degraus e sento em um dos assentos da nave.

— Bom — Setrákus Ra diz, e me segue a bordo.

Ele se senta no banco do piloto e a nave se fecha atrás de nós. Sua forma humana foi restaurada depois de sua briga com Cinco, ele vestiu terno preto elegante com um toque de vermelho. O esquema de cores não combina com o rosto humano paternal que ele está usando, o faz parecer severo e autoritário. Eu não digo isso a ele, porque eu não quero ajudá-lo e porque falar parece muito cansativo.

Eu desejaria apenas dormir um pouco. Eles fizeram alguma coisa em mim após o corte aberto no meu ombro. Minha consciência ia e voltava durante a perda de sangue, por isso a minha memória está nebulosa. Lembro-me de Setrákus Ra me levando até a enfermaria, um lugar na nave que eu não tinha tido a má sorte de explorar até então. Me lembro de injetarem algo preto e nojento na minha ferida. Tenho certeza que gritei de dor. Mas então minha ferida começou a fechar. Não era como as vezes que fui curada por Marina ou John. Nesses casos, parecia que minhas lesões foram curadas novamente, e a minha carne renovada. O que os mogs fizeram parecia que minha carne estava sendo substituída por algo mais, algo frio e estranho. Algo vivo e com fome.

Eu ainda posso senti-lo, rastejando sob a pele perfeita, pálida do meu ombro agora ileso.

Setrákus Ra vira alguns interruptores no console, e nossa pequena nave esférica vai para cima. As paredes tornam-se translúcidas. É a versão mogadoriana de vidros fumê, embora, possamos ver, ninguém pode ver dentro.

Viro minha cabeça para estudar a estação de ancoragem que está cheia de guerreiros mogadorianos. Todos eles estão perfeitamente imóveis, centenas deles dispostos em filas organizadas, todos com os punhos cerrados sobre seus corações. Eles estão saudando seu Adorado Líder enquanto ele sai para conquistar a Terra. Eu olho para os rostos sem expressão e seus olhos escuros e vazios. É este o meu povo? Estou me tornando um deles?

Parece mais fácil do que é.

Setrákus Ra está prestes a nos mover quando uma luz vermelha pisca em uma de suas telas de vídeo e um zumbido estridente soa. O barulho me acorda um pouco. Um subalterno azarado está tentando chamar Setrákus Ra bem no meio do seu grande dia. A mandíbula de

Setrákus Ra define em aborrecimento com a mensagem recebida e, por um momento, acho que ele pode deve ter ignorado. Finalmente, ele aperta um botão e um oficial de comunicações mogadoriano atrasado aparece na tela.

— O que é isso? — Rosna Setrákus Ra.

— Minhas mais profundas desculpas pela interrupção, Adorado Líder — diz o oficial, mantendo os olhos baixos. — O senhor tem uma mensagem urgente de Phiri Dun-Ra.

— Espero que seja boa — Setrákus Ra resmunga. Ele acena com a mão com impaciência para a tela. — Muito bem. Coloque-a na linha.

A tela pisca, estala e, em seguida, uma mulher mogadoriana aparece. Ela tem duas longas tranças fixas em torno de sua cabeça calva e um corte considerável acima da sobrancelha. Ela está cercada por todos os lados por selva. Aparentemente, a mensagem desta nascida naturalmente é importante o suficiente para atrasar o nosso voo para Nova York. Tento sentar direito em meu lugar, lutando através da névoa para prestar atenção.

— O que é isso, Phiri? — Setrákus Ra diz, friamente. — Por que entrou em contato comigo diretamente?

A mulher mog, Phiri, hesita antes de falar. Talvez ela esteja surpresa com o rosto humano se dirigindo a ela com tanta autoridade. Ou talvez esteja com medo de seu Adorado Líder.

— Eles estão aqui — diz Phiri, finalmente, uma nota de triunfo na voz. — A Garde ativou o Santuário.

Setrákus Ra se recosta na cadeira, suas sobrancelhas arqueadas de surpresa. Ele junta as mãos na frente dele em consideração.

— Muito bom — ele responde. — Excelente. Suas ordens são para mantê-los lá, Phiri Dun-Ra. Com sua vida. Chegarei em breve.

— Como quiser, Amad...

Setrákus Ra corta a conexão antes de Phiri Dun-Ra poder terminar. As menções da Garde e do Santuário me deixam um pouco mais consciente. Tento pensar em Seis e Marina, John e Nove. Eu sei que eles querem que eu lute por isso. É tão difícil manter minha mente firme, impedir que meu corpo caia.

— Por anos eu os persegui — Setrákus Ra diz em voz baixa, quase para si mesmo. — Para acabar com o último pedaço de resistência ao progresso mogadoriano. Para assumir o controle do que aqueles tolos Anciões enterraram neste planeta. Agora, chegou o dia em que tudo pelo que lutei será meu, de uma só vez. Diga-me, neta, como pode haver qualquer dúvida da superioridade mogadoriana?

Ele não queria realmente uma resposta. Setrákus Ra só gosta de se ouvir falar. Esboço uma forma leve de sorriso controlado em meu rosto. Isso parece agradá-lo. Meu avô se aproxima e me dá um tapinha no joelho.

— Você está se sentindo melhor, não está?

Ele move algumas alavancas no console e motores da nossa nave vibram com vida.

— Venha. Vamos tomar o que é nosso.

Com isso, Setrákus Ra leva a nave para frente. Nós zarpamos através da estação de ancoragem, passando pelas fileiras de guerreiros mogadorianos. Eles batem os punhos contra o peito à medida que avançamos, gritando graves incentivo mogadoriano. Nós saímos pela mesma passagem onde o corpo de Cinco caiu. Foi aqui – ele foi espancado e depois jogado de lado como lixo. Fico feliz em nos perdermos no nevoeiro.

Descemos em Manhattan. Eu posso ver todos os seres humanos se reunirem abaixo. Há milhares deles logo a frente de casacos, olhando o conjunto de edifícios e seu terreno

circundante. Há um palco lá, também. Está tudo construído na margem de um rio cinza agitado. Lembro-me de Washington da minha visão, o cheiro fumacento que se engasgou no ar. Isso ocorrerá em Nova York em breve. Eu me pergunto se essas pessoas vão se jogar no rio quando a cidade começar a queimar.

As pessoas estão abaixo da nossa nave. Eu posso ouvi-las gritando e berrando saudações. Estes seres humanos, os que mais se aproximam da Anubis, não pensam que estão em perigo. Ocorre-me que estamos viajando nessa multidão de pessoas sem qualquer guarda mogadoriana. Viro minha cabeça em direção ao meu avô, mexo meus lábios para conseguir encontrar palavras.

— Estamos enfrentando-os sozinhos? — Pergunto.

Ele sorri.

— Claro. Meu objetivo é elevar essas pessoas, não prejudicá-los. Não temos nada a temer dos seres humanos. Meus servos na Terra tem arranjada uma saudação que acho mais do que adequada.

Ele está tramando algo, obviamente. Provavelmente já tem todo este evento planejado. Eu sei que é improvável que até mesmo uma multidão de seres humanos deste tamanho tenha a menor chance contra Setrákus Ra e todos os seus poderes. Mas parte de mim espera talvez que um deles veja através de qualquer espetáculo que ele tenha planejado e tire algumas fotografias em sua forma alienígena assustadora.

Claro, isso significaria a minha morte antes que pudessem parar Setrákus Ra. Neste ponto, parece quase valer a pena. Sinto tudo o que os mogadorianos injetaram rastejando sob minha pele. Eu não posso suportar mais do que isso.

A descida acabou. Nós pairamos cerca de quinze metros acima do palco. Um homem mais velho de aparência nervosa em um terno, uma espécie de político, espera por nós lá. Há flashes disparando como loucos.

Eu pisco meus olhos e me sinto meio sonâmbula por isso.

— Venha, Ella. Vamos saudar nossos aliados — diz Setrákus Ra.

Ele pega seu bastão dourado, o Olho de Thaloc, que reflete a luz. Eu não sei por que ele trouxe aquilo. Acho que ele não quer enfrentar os nossos chamados “aliados” completamente desarmado. Ou talvez ele ache que isso lhe faz parecer nobre, como um rei com um cetro.

Levanto-me, um pouco instável. Setrákus Ra me oferece seu braço.

Eu passo a mão pela dele.

A porta da nossa nave de transporte é aberta e uma escada brilhante se estende para fora, criando um caminho para nós para o palco. A multidão suspira quando saímos. Através dos meus olhos turvos, vejo dezenas de câmeras de TV apontadas para nós. A multidão se calou com espanto. Como nós parecemos como eles? Aliens... aliens que parecem exatamente como os seres humanos. Um homem mais velho bonito e sua neta pálida.

Setrákus Ra levanta a mão e acena para o povo. É uma coisa real, cortês e vistosa. Quando ele fala, sua bela voz como ele, está ligada a um microfone.

— Saudações, povo da Terra! — Ele berra em um inglês perfeito, sua voz firme e reconfortante. — Meu nome é Setrákus Ra e esta é a minha neta, Ella. Temos viajado uma grande distância para chegar humildemente diante de vocês com votos de paz!

O público realmente aplaude. Eles não sabem de nada. Setrákus Ra olha em todos os seus rostos que estão voltados para cima. Mas quando seus olhos repousam sobre o velho de pé no palco eu sinto uma tensão passar por seu braço.

— Hmm — Setrákus Ra murmura.

Algo não está certo. O saudador não é o que ele esperava. Ou talvez não devesse ser um

humano que esperasse no palco com os braços estendidos. Talvez devessem estar com buquês de flores.

Instantaneamente, Setrákus Ra se infla um pouco mais e avança para o restante dos degraus.

— Temos muito a oferecer ao seu povo! — ele continua com sua voz retumbante, de caridade. — Os avanços na medicina para curar os seus doentes, técnicas agrícolas tecnológicas para alimentar a sua fome e que fará a sua vida mais fácil e mais produtiva. Tudo o que pedimos em troca, após a longa viagem, é o abrigo do frio do espaço.

Olho por sobre a multidão para ver se algum deles está comprando a conversa fiada. Acabo travando os olhos em um rapaz na fila da frente, parado ao lado de algumas câmeras de TV, seus olhos escuros buscando os meus. Ele usa um moletom com capuz, longos cabelos negros que se estendem para fora da roupa, e ele é alto e atlético e...

Na minha condição, realmente me leva um momento para reconhecê-lo. Não muito tempo atrás, eu me equilibrava em seus ombros e ele me ensinava a lutar.

Nove.

Ao vê-lo, sabendo que eu não estou sozinha, que nem tudo está perdido ainda, me faz pular de volta para os meus sentidos. A dor em meu ombro aumenta exponencialmente, como se algo estivesse tentando rastrear o seu caminho para fora de mim. O que quer que esteja dentro de mim não quer que eu use meus legados. Eu ignoro e o alcanço com minha telepatia.

Nove! O bastão! É como ele muda de forma! Pegue o bastão o quebre!

Um sorriso feroz se espalha no rosto de Nove e ele balança a cabeça para mim. Meu batimento cardíaco acelera. Ao meu lado, a postura de Setrákus Ra se endurece. Minha mão está presa na dobra do cotovelo. Ele sabe que algo está acontecendo, mas prossegue com o show do mesmo jeito.

— Eu esperava que mais deles estivessem aqui nesta ocasião, mas vejo que um de seus líderes veio me cumprimentar! — Setrákus Ra estende a mão para o velho. — Eu venho a vocês em paz, senhor! Que este dia cimente a amizade entre nossas duas grandes raças.

Em vez de apertar a mão de Setrákus Ra, o velho dá um passo para longe. Há profundo medo em seus olhos, mas ele não é de correr e gritar de medo. É o medo de um animal encurralado. O velho tira o microfone da mão dele, e com as câmeras de TV virando em sua direção, ele começa a gritar.

— Este homem, esta coisa, é um mentiroso!

— O que...

Setrákus Ra dá um passo agressivo para cima do velho, e estou livre de seu cotovelo. Pela primeira vez desde que estive em sua companhia, o líder mogadoriano realmente parece surpreso.

Murmúrios de surpresa e fúria. A incerteza passa pela multidão. O velho grita outra coisa – eu ouço as palavras “escravidão” e “morte”, mas por outro lado, eu não posso ouvi-lo. Ninguém pode. Setrákus Ra usou sua telecinesia para esmagar o microfone do velho.

— Você deve estar se confundindo, meu amigo — Setrákus Ra diz com os dentes cerrados, ainda tentando recuperar essa farsa. — Minhas intenções são puram...

Setrákus Ra está subitamente perdendo o equilíbrio. Eu sei por quê.

Um ataque de telecinesia. Eu vejo quando o bastão dourado é arrancado de sua mão. Vejo Nove arrancá-lo, ele pula para o palco, sorrindo para Setrákus Ra.

Sinto o movimento ao meu lado esquerdo. Viro minha cabeça para ver John também subindo no palco. Eles estão encurralando-o, assim como nós praticávamos na sala de aula.

Escondidos em toda a multidão, vejo homens e mulheres em ternos escuros, todos eles maliciosamente puxando armas de fogo à vista. A multidão começa a zumbir como alguns civis, os mais espertos, começam a se afastar do palco.

É uma armadilha, percebo alegremente. A Garde está aqui!

Agora, Setrákus Ra realmente parece surpreso. E, ouso dizer, um pouco assustado.

— Vocês foram enganados! — Setrákus Ra grita, apontando suas mãos agora vazias em Nove e John. — Esses meninos são foragidos! Terroristas da minha terra natal! Eu não sei o que lhe disseram...

— Nós não dissemos nada a eles — diz John, interrompendo. Sua voz não é tão carregada como Setrákus Ra, mas as pessoas na multidão esticam seus pescoços para ouvir. — Vamos deixá-los fazer as suas próprias escolhas. Um maníaco genocida é fácil identificar.

— Mentiras!

Faça isso agora! Peço a Nove telepaticamente.

— Eu me pergunto o que vai acontecer se eu fizer isso? — Nove pergunta, brincando com o bastão de Setrákus Ra.

Antes de Setrákus Ra poder investir em sua direção, Nove levanta o bastão sobre a cabeça e o esmaga no chão do palco. O olho de obsidiana em seu centro explode em uma nuvem de cinzas.

As coisas acontecem rapidamente depois disso.

O corpo de Setrákus Ra começa a se debater em espasmo. A forma humana bonita que que ele está tão apegado começa a desfazer-se, como uma cobra trocando de pele. O verdadeiro Setrákus Ra – pálido, velho e horroroso, tatuado em seu crânio careca, uma cicatriz grossa ao redor do pescoço, vestindo uma armadura mogadoriana espetada se revela no palco.

Ouve-se grito multidão. É ainda mais horrível e me viro para correr.

Uma arma de fogo aparece. Ouço a bala passar apitando em meu ouvido antes de acertar a nave mogadoriana e ricochetear atrás de mim. Os tiros servem apenas para assustar as pessoas mais e agora está uma correria em frente ao palco. Mais tiros são disparados, desta vez para o ar. Um dos agentes que mira em Setrákus Ra vai para o chão, um sentimento de angustia passa pelos espectadores aterrorizados.

É o caos.

Com um uivo monstruoso, Setrákus Ra cresce até seus cinco metros de altura. O palco abaixo de nós geme. O homem velho que estava no palco com a Garde tenta correr para a multidão, mas Setrákus Ra o agarra com sua telecinesia e o arremessa como um míssil em Nove. Os dois caem do palco em um baque.

Bolas de fogo ganham vida nas mãos de John. Elas somem imediatamente quando Setrákus Ra aciona seu campo de anulação. Isso não impede John de puxar sua adaga lórica da bainha quando ele se aproxima.

— Sim! — Setrákus Ra grita, chamando John. — Venha correndo em direção a sua morte, garoto!

Apesar de eu não ser afetada pela anulação de poderes de Setrákus Ra, pego um pedaço quebrado de seu bastão. Meus dedos estão desajeitados e eu quase o deixo cair duas vezes antes de ser capaz de agarrá-lo com força suficiente. Concentro-me, ignorando a dor e a sensação de rasgo sob a minha pele e carrego o estilhaço com meu Dreynen.

Quando o pedaço quebrado brilha em vermelho, eu o espeto na parte de trás da perna de Setrákus Ra.

O lorde mogadoriano grita e encolhe ao seu tamanho normal. Sinto o campo de anulação

de Legados se cancelando. Tarde demais, Setrákus Ra tropeça diante de uma tentativa inútil de fugir de mim. A bengala está enterrada a um centímetro de profundidade na parte de trás de sua panturrilha. Quando Setrákus Ra o puxa para fora, uma gota de sangue negro escurece a perna da calça. Agora que está fora dele, não tenho certeza de quanto tempo os efeitos do meu Legado vão durar.

Espere um segundo. Ele está sangrando. O dano não foi transferido para mim. Todo encantamento tem um ponto fraco, foi o que Setrákus Ra disse antes de queimar aquela coisa terrível em meu tornozelo.

Eu posso machucá-lo. Eu sou a única que pode machucar Setrákus Ra.

Eu mal tenho tempo para processar essas informações antes de Setrákus Ra virar para mim, os olhos arregalados de ultraje. Ele me bate com as costas das mãos duras, e eu sou atirada para longe. O ar é expulso de meus pulmões quando bato no palco, e minha cabeça gira de novo. Ele deveria saber que mesmo que eu descobrisse a brecha com o feitiço mogadoriano, eu não seria forte o suficiente para lutar contra ele.

Setrákus Ra está sobre mim, suas feições vincadas hediondas com fúria. Ele se abaixa, fechando os dedos em minha garganta.

— Sua pequena traidora...

John o acerta primeiro e bate em Setrákus Ra, que cai a alguns metros de distância. Setrákus Ra cai duro do seu lado do corpo e eu sinto contusões incharem imediatamente em meu próprio cotovelo. Eu aceito a dor. Há muito mais para vir.

Eu não sou forte o suficiente para lutar com ele, mas eu fiz a minha parte. Eu drenei seus Legados.

Agora, os outros podem fazer o que tem que ser feito. John não desistiu. Ele se lança sobre Setrákus Ra, que tenta se esforçar a distância. O governante mogadoriano não parece tão assustador agora, tentando se esquivar do pé de John. Estou feliz em vê-lo tão patético e desesperado. Ele deve saber como se sentir antes de morrer.

Antes de nós morrermos.

John consegue ficar em cima dele. Ele levanta a espada sobre sua cabeça. Eu respiro fundo e me fortaleço.

— Isto é por Lorien! E pela a Terra!

Eu sei o que acontece em seguida. John vai esfaquear Setrákus Ra, e eu vou morrer. Isso quebrará o encanto mogadoriano, e então a Garde será capaz de matar Setrákus Ra realmente. Vale a pena. Eu morrerei com prazer se isso significar acabar com a vida miserável de Setrákus Ra.

Faça! Eu grito com John telepaticamente. Não importa o que aconteça! Faça!

Quando John traz sua adaga para baixo, eu ouço um som sibilante. Algo está voando em nossa direção. Rápido.

Uma gota de sangue faz cócegas minha garganta, um pequeno corte se abrindo. Isso é o quão perto a lâmina de John chegou antes de uma forma revestida em aço voar pelo ar, jogando-o longe de Setrákus Ra e enviando-o através do palco até o chão.

Cinco. Ele está vivo, e salvou minha vida.

Salvou a minha vida e agora todos nós estamos condenados.

Antes que eu possa reagir, o palco range e nós desabamos. Eu deslizo para baixo pela placa de madeira inclinada e bato na terra dura do pavimento abaixo. Tudo ao meu redor, as pessoas estão correndo e gritando.

Setrákus Ra no chão ao meu lado.

Ele se abaixa e me agarra pelos cabelos, puxando-me violentamente de pé.

— Você vai morrer por este constrangimento, criança — ele rosna, e começa a me arrastar em cima do palco destruído para sua nave.

Nove está em seu caminho.

Capítulo vinte e oito

MEU OMBRO ESTÁ DESLOCADO, ISTO EU TENHO CERTEZA. EM MINHAS COSTAS TENHO pedaços irregulares do palco destruído cravados em mim. Estou vendo em dobro e é difícil respirar. Sinto que fui atingido por um carro.

Não é um carro. Cinco.

O traidor está sobre mim, tomando respirações profundas. Sua pele está metálica, mas ele ainda parece muito ferido. Ele está usando um tapa-olho, para começar. Um dos lados do seu rosto parece inchado, e acho que eu realmente vejo partes denteadas na carapaça de metal que cobre sua cabeça. Está lhe faltando um par de dentes. Eu não tenho certeza de como ele conseguiu essas lesões, e não me importo.

O bastardo me pegou de surpresa. Eu estava tão perto. Setrákus Ra estava tão perto de ser morto. Meu punhal ainda está ligado ao meu pulso, mas o braço está deslocado. Eu tateio por ele, tentando trocar as mãos. Antes que eu possa me mover, Cinco me levanta pela frente da minha camisa esfarrapada.

— Escute! — ele grita na minha cara.

— Vá para o inferno! — eu respondo.

Com o braço bom, pego no metal do antebraço de Cinco e aqueço meu Lúmen tão quente quanto ele pode ir. Qualquer que seja o metal que ele virou, ele definitivamente tem um ponto de ebulição. Eu me pergunto se posso derretê-lo antes que ele possa fazer o que tem planejado.

— Pare com isso, John! — Cinco grita, tremendo.

— Você matou Oito, seu filho da mãe!

Ondas nocivas de vapor crescem a partir de meus dedos. Cinco arregala os olhos, mas ele não me solta e não se afasta. Eu estou machucando e ele cede.

— Seu idiota arrogante — Cinco cerra as mãos, e inclina para trás o punho com que vai me atacar.

Eu não tenho certeza se tenho a força para detê-lo.

Seu punho treme, e ele parece reconsiderar.

— Me escute, John! Se você machucar Setrákus Ra, o dano será feito em Ella!

Deixo o calor do meu Lúmen diminuir uma fração. Minha mão está pegajosa com o metal fundido.

— O quê? Do que você está falando?

— É um feitiço, como o que os Anciãos usaram em nós — diz Cinco. — Ele o duplicou de alguma forma.

Eu desligo meu Lúmen inteiramente. Cinco está tentando nos ajudar agora? Será que ele salvou Setrákus Ra, o seu Adorado Líder, mas para salvar Ella? Eu não sei o que pensar.

— Como podemos quebrá-lo? — eu grito para ele. — Como é que vamos matá-lo?

— Eu não sei — Cinco responde, olhando por cima do ombro. Sua expressão escurece de novo, aquela fúria que eu tinha visto quando ele estava prestes a me dar um soco reacendeu. — Maldito seja ele!

Cinco arranca longe de mim e levanta voo. Eu viro meus pés e olho para trás bem a tempo de ver Nove acertando Setrákus Ra. Ele segura um pedaço quebrado do palco para frente dele como uma lança.

— Nove! Não!

Nove não me ouve, provavelmente porque está muito ocupado se dirigindo para Cinco.

Os dois se colidem com os destroços do palco, pedaços de madeira voando por toda parte. Depois de se tocarem, parece que Cinco tenta levantar voo novamente, mas Nove se apodera de seu tornozelo.

— Aonde você vai, gorducho? — ouço Nove gritar.

Nove se levanta, ainda segurando o tornozelo do Cinco, e, em seguida o gira com toda a força. Cinco bate os braços em uma tentativa inútil de conseguir algum impulso, mas ele está dominado. Nove bate primeiro o rosto de Cinco na calçada. Pedaços de concreto voam para cima do impacto, e a cabeça de Cinco faz o som de um sino tocando quando bate. Percebo sua concha metálica mudando momentaneamente de volta para a pele normal – deve ter doído Cinco o suficiente para torná-lo difícil de concentrar em sua Externa.

— Nove! Basta! — Eu grito, empurrando-o e fazendo-o cair em uma pilha de madeira quebrada.

Nove olha em minha direção, e é quando Cinco o acerta. Com um rugido, Nove mergulha de volta para ele, e eles lutam. Eles lançam socos um para o outro, um emaranhado de braços que eu perco de vista de quando se chocam contra a janela da frente do prédio das Nações Unidas.

Eu não posso me preocupar com eles agora. Tenho que alcançar Setrákus Ra.

Eu tenho que salvar Ella. Eu não vou deixar que ela seja levada uma segunda vez.

Meu braço esquerdo pende flácido ao meu lado. Eu precisaria colocar o meu ombro no lugar antes de poder me curar, mas não tenho tempo para isso. Tiro a fivela de metal da minha mão e passo a adaga para o meu braço bom. Terei que fazer isso uma mão.

Surpreendentemente, Setrákus Ra não parece nem um pouco interessado em ficar para lutar. Ele arrasta Ella através dos escombros, indo para a nave em forma de pérola em que ele chegou. Ella se parece muito com a visão que compartilhamos de Washington D.C., como se algo essencial tivesse sido drenado dela. Eu me pergunto o que eles fizeram com ela nessa nave de guerra.

Não importa o que aconteça! Faça! Ella tinha gritado em minha mente.

Não importa o que aconteça. Cinco poderia não estar mentindo. Ella sabia quais seriam as consequências se eu esfaqueasse Setrákus Ra, e ela aceitou.

Seja lá o que eles fizeram com ela, os mogs não a derrotaram. Ela lutou o suficiente para nos ajudar. Foi como na base Dulce novamente. Ela acertou Setrákus Ra com um pedaço brilhante de detritos, e meus legados imediatamente voltaram.

Ela cancelou os Legados de Setrákus Ra, percebo. E, a julgar pela sua fuga covarde, eles ainda não voltaram.

Eu posso não ser capaz de matar Setrákus Ra, mas isso não significa que não posso dominá-lo. Vamos ver os mogadorianos invadirem enquanto estou segurando a refém do Adorado Líder.

Corro pelo palco torto e quebrado, tentando alcançar Setrákus Ra antes que ele possa atingir a sua nave. Ella me vê chegando e crava seus calcanhares no chão. Ela luta contra o aperto de Ra e isso diminui seus passos o suficiente.

Vou pegá-lo.

— Setrákus Ra!

Caramba. Não agora.

O líder mogadoriano nem sequer reconhece a agente Walker quando ela se aproxima pelo outro lado. Ela esperava que ele parasse? Ela e dois outros agentes conseguiram se livrar do tumulto, do pânico multidão. Sam está com eles. Eles param a poucos metros de distância, suas armas levantadas.214

Mesmo Sam parece pronto para disparar, seus olhos estreitados, sua boca pressionada em uma linha firme. Lembro-me daquelas queimaduras com ácido nos pulsos de Sam. Elas vieram como cortesia de Setrákus Ra. Tenho certeza de que ele está pronto para igualar essa situação.

— Esperem! — Eu grito com Sam e Walker, mas é tarde demais.

Setrákus Ra sacode a cabeça na direção dos agentes e Sam, como se fossem um inseto chato que precisa ser golpeado. Com a mão que não segurava Ella, Setrákus Ra puxa aquele chicote de duas pontas de seu esconderijo sob o uniforme rasgado. Antes que ele possa acertá-los, os agentes e Sam abrem fogo.

Eu não posso acreditar no que estou prestes a fazer. Eu paro as balas em pleno ar com a minha telecinesia. Eu não tenho certeza se eles teriam mesmo penetrado a armadura de Setrákus Ra, mas não posso arriscar. Eu não deixo Sam e os outros terem a chance de realizar todos os seus disparos. Em vez disso, lanço todo o grupo para trás com a minha telecinesia. Não tão forte o suficiente para machucá-los, mas forte o suficiente para derrubá-los junto com os demais alguns detritos palco abaixo. E também para colocá-los fora do alcance de Setrákus Ra. Eu pedirei desculpas mais tarde.

Setrákus Ra não dá aos agentes um segundo olhar. A breve distração era tudo o que ele precisava para chegar perto de sua nave antes de mim. Entrando lá, ele arrastando Ella atrás dele e desaparece para dentro da nave.

Eu salto para frente, determinado a não deixá-lo escapar. A nave começa a elevar-se antes de a escada ser totalmente dobrada para dentro de seu corpo liso.

Eu ainda posso pegá-los. Eu ainda posso impedi-lo. Estou tão perto.

Mergulho para frente e consigo agarrar o degrau com a minha mão boa.

A nave continua a subir enquanto os degraus recuam em direção à porta aberta. Eles me puxam mais próximo para Setrákus Ra e Ella, mesmo que a nave suba para longe da Terra. Eu balanço uma das minhas pernas para prendê-la em torno do degrau. Logo, estamos a quase uma centena de metros no ar, cada vez mais próximo da nave de guerra acima.

Os degraus dobram como um acordeão em um painel na base da entrada da nave. Eu solto o degrau que estava segurando antes que eu seja esmagado pelo mecanismo e seguro a porta. Não é fácil fazer isso com apenas um braço bom. Acabo pendurado na beira da porta, meu braço bom começando a sentir câimbra. Minhas pernas oscilando acima do que é agora uma queda de duzentos metros.

Setrákus Ra está em pé sobre mim. Seu chicote de duas pontas perto do meu rosto, as pontas vivas com fogo crepitante. Eu não acho que ele pretenda me puxar para dentro da nave.

Tenho um vislumbre de Ella através de suas pernas. Ela está largada em uma das cadeiras da cabine do piloto, parecendo totalmente sedada. Eu não vou receber qualquer ajuda dela.

— John Smith, não é? — Setrákus Ra pergunta em tom de conversa. — Obrigado pela ajuda lá em baixo.

— Eu não estava tentando ajudá-lo.

— Mas você ajudou, independentemente de sua vontade. Essa é uma razão pela qual deixarei você viver.

Eu esboço uma careta. Meu punho desliza um pouco. Preciso me segurar em algo logo. É difícil fazer uma bola de fogo com um braço deslocado e o outro segurando sua preciosa vida. Vai ter que ser com minha telecinesia. Talvez se eu possa empurrá-lo de volta...

Ela se foi. Minha telecinesia se foi. Drenada, como antes.

Setrákus Ra sorri para mim. Seus Legados estão voltando. Eu falhei.

Ele se agacha para ficar cara a cara comigo.

— A outra razão — ele sussurra — é que dessa forma você poderá ver como farei este planeta queimar.

Setrákus Ra se endireita novamente e despreocupadamente lança seu chicote de ponta dupla em mim. As duas pontas me acertam do outro lado do rosto. Eu sou imune ao fogo, mas os chicotes ainda cavam sulcos em toda a minha bochecha. É o suficiente para me fazer perder a força. Eu estou caindo.

Quando despenco em direção ao rio abaixo, sinto os meus Legados voltarem. Devo estar longe o suficiente de Setrákus Ra.

Rapidamente, forço minha telecinesia para baixo, fazendo tudo o que posso para diminuir a velocidade da minha queda.

Eu ainda caio no rio East com força. É como se uma explosão acertasse todo o meu corpo. Meus pulmões por um terrível segundo se enchem de água suja e eu não tenho certeza de qual caminho é para cima, ou de que forma nadar. Consigo emergir, engasgando, cuspindo e tentando nadar contra a corrente com apenas um braço. Acabo fazendo um estranho nado de costas, ofegante por todo o caminho. Estou exausto quando chego na parte rasa do rio, um pouco abaixo do caos na ONU, cercado por todos os lados de lixo e peixes mortos.

— John! John! Você está bem?

É Sam. Ele contorna através da lama até mim. Ele deve ter me visto cair e me seguiu até aqui. Ele derrapa na lama perto de mim. Posso apenas dar um gemido em forma de saudação. Acho que algumas das minhas costelas estão quebradas.

— Você pode se mover? — Sam pergunta, cuidadosamente tocando meu ombro machucado.

Concordo com a cabeça. Com a ajuda de Sam, eu me coloco de pé. Estou encharcado, machucado, quebrado em alguns lugares, com dois cortes longos no meu rosto. Eu não tenho certeza do que curar primeiro.

— Onde está Nove? — consigo perguntar.

— Eu o perdi no caos — Sam responde, a voz embargada. — Ele e Cinco estavam se matando. Walker e seu pessoal estão tentando evacuar os civis. Está uma loucura lá em cima. John, o que vamos fazer?

Eu começo a abrir minha boca, esperando um plano vir até mim se eu começar a falar, mas uma explosão nas proximidades me corta. O impacto é poderoso o suficiente para fazer meus dentes rangerem.

Olho para o céu a tempo de ver a nave de guerra mogadoriana abrir fogo contra Nova York.

Capítulo vinte e nove

OS OLHOS DE OITO, BRILHANDO EM BRASAS DE PURO LORALITE, AVALIAM cada um de nós, um por vez. Eles demoram um tempo particularmente longo em Adam – tempo suficiente para fazer o nosso mogadoriano aliado dar um passo para trás, nervoso. Como Marina, eu estou enraizada no lugar, olhando para o nosso amigo que está de volta em algum tipo de vida. Oito flutua ao longo do poço do Santuário em uma coluna de energia liberada. Não, ele não apenas flutua na energia. A energia é uma parte dele.

Ou ele é a energia. Tenho certeza que não é o nosso sarcástico, amigo pateta flutuando lá em cima. Seja o que for, eu sinto uma estranha afinidade com a entidade, quase como a mesma energia que agora reanima Oito está fluindo através de mim, também. É a mesma corrente elétrica que eu tenho quando uso os meus legados. Talvez eu esteja olhando para a essência do que me faz loriena, o que me faz Garde.

Talvez eu esteja olhando para Lorien em si.

— Dois lorienos e um mogadoriano — a entidade diz finalmente, sua analise de nós completa.

Sua voz não é como a de Oito costumava ser, é como uma centena de vozes falando ao mesmo tempo, todas em perfeita sintonia. As piscinas intermitentes de energia onde os olhos de Oito costumavam estar perduram em Adam novamente. Os lábios da entidade se abrem em curiosidade.

— Não exatamente. Você é algo diferente. Algo novo.

— Hã, obrigado? — Adam responde, e dá mais um passo para trás.

Marina pigarreia, e se aproxima do poço. Há lágrimas nos olhos. Suas mãos se estendem à sua frente, como se quisesse agarrar a mão da entidade e certificar-se que ele é real.

— Oito? É você? — sua voz é difícil de ouvir sobre o pulsar rítmico do poço.

A entidade muda seu olhar para Marina e franze a testa.

— Não. Sinto muito, filha. Seu amigo se foi.

Marina oscila com a decepção. A coisa no corpo de Oito estende a mão para confortá-la, mas a energia crepita entre eles e ele a acaba puxando para trás.

— Ele está comigo agora — diz a entidade, suavemente. — Ele me faz um ótimo serviço, deixando-me falar através dele. Faz um longo tempo desde que eu tive uma voz.

— Você é Lorien? — pergunto, finalmente encontrando a minha própria voz. — Você é, tipo, o planeta?

A entidade parece considerar a minha pergunta. Através do tecido fino da camisa de Oito, posso ver sua ferida acender. Ela brilha azul cobalto como o resto do corpo, todo ele preenchido com a energia. E que escoa para fora dele.

— Eu fui chamado assim uma vez, sim — a entidade diz, e agita sua mão para as marcas brilhantes nas paredes. — Em outros lugares, fui chamado de outras coisas. E agora, neste planeta, serei chamado de algo novo.

— Você é um deus — Marina suspira.

— Não, Eu simplesmente sou.

Eu balanço minha cabeça. Deus ou não, precisamos da ajuda dessa coisa. Não temos tempo para enigmas. De repente, estou muito, muito cansada de desenhos rupestres, profecias e pessoas brilhantes.

— Você sabe o que está acontecendo? — pergunto a Oito, Lorien, seja ele qual for. — Os

mogadorianos estão invadindo.

Os olhos da entidade se viram mais uma vez para Adam.

— Nem todos eles, eu vejo.

Adam parece desconfortável. A entidade se vira rapidamente. Ele olha para o teto e é como se aqueles olhos crepitantes pudessem ver fora do templo. Como se pudesse ver tudo.

— Sim. Eles estão vindo — a entidade diz, sua voz ecoando aparentemente confusa com a invasão mogadoriana iminente. — O líder tem me perseguido por um tempo muito longo. Seus Anciões previram a queda de Lorien e escolheram me proteger. Eles me esconderam aqui na esperança de que iria atrasá-lo.

— Eles não foram tão espertos — respondo.

Marina me acotovela.

Os olhos da entidade giram lentamente para o teto novamente. Por um momento, uma profunda tristeza passa por seu rosto.

— Muitos dos meus filhos se foram para sempre — a entidade fala. — Suponho que vocês seriam os Anciãos agora, se é que isso ainda existe.

— Somos a Garde — respondo, corrigindo esta força divina de energia, de bilhões de anos de idade, porque diabos, nós chegamos tão distante. — Estamos aqui para buscar sua ajuda.

A entidade realmente ri.

— Isso não importa para mim, filha. Ancião, Garde, Cêpan, estas palavras representam a maneira que os lorienos escolheram para entender meus dons. Isso não tem que ser assim. Não tem que ser de qualquer maneira — a entidade faz uma pausa, pensativo. — Quanto à ajuda, eu não sei o que posso oferecer, criança.

Mais confusão, mais enigmas. Eu não pensei que chegaríamos ao Santuário e seria como Nove havia brincado – que desencadearíamos algum poder enorme que iria acabar com todos os mogadorianos. Mas eu esperava encontrar algo que pudesse ajudar. Nossos amigos poderiam estar morrendo neste momento com a primeira onda de uma invasão mogadoriana, e eu estou aqui conversando com um imortal irritantemente misterioso.

— Isso não é bom o suficiente — eu digo frustrada, e dou um passo em direção da entidade.

Energia crepita em torno de mim e eu sinto meu cabelo levantar-se de estática.

— Seis — sussurra Adam — tenha cuidado.

Eu o ignoro, levantando a voz para gritar com o todo-poderoso Lorien.

— Nós viemos longe para despertá-lo! Perdemos amigos! Você tem que ser capaz de fazer algo. Ou está bem pra você se Setrákus Ra apenas marchar aqui embaixo e destruir o planeta? Matar todos sobre ele? Você vai deixar que isso aconteça duas vezes no seu tempo?

A entidade franze a testa. Uma fenda se abre na pele da testa de Oito, e a energia começa a derramar. Marina cobre a boca, mas não consegue gritar. É como se o corpo de Oito fosse oco por dentro e a energia esteja gradualmente destruindo-o.

— Sinto muito, filha — Oito diz a Marina. — Essa forma não pode me aguentar por muito tempo.

Então a entidade se volta para mim. Não há nenhum sinal de que as minhas palavras o ofenderam, ou tiveram qualquer efeito. Sua voz é tão melódica e paciente como sempre.

— Eu não tolero a destruição sem sentido de vida — explica a entidade. — Mas não escolho o destino. Eu não julgo. Se for a vontade do universo, eu deixo ser, então vou embora. Eu existo apenas para regar os meus dons sobre aqueles que estão abertos para eles.

Eu abro meus braços.

— Estou aberto a eles. Me carregue. Dê-me Legados suficientes para destruir Setrákus Ra e sua frota e deixarei a sua bunda brilhando sozinha.

A entidade sorri para mim. Mais rachaduras formam ao longo das costas das mãos de Oito. A energia está escapando.

— Não é assim que funciona — ela entoa.

— Então, como diabos funciona? — eu grito. — Diga-nos o que fazer!

— Não há nada a fazer, minha filha. Você me acordou e restaurou a minha força. Eu sou da Terra agora, e assim são os meus dons.

— Mas como isso vai nos ajudar a ganhar? — eu grito. — O que foi essa droga toda?

A entidade me ignora. Acho que é toda a sabedoria que está disposta a dar. Em vez disso, ele olha para Marina.

— Ele não terá muito tempo, filha.

— Quem não terá muito tempo? — ela devolve, perplexa.

Sem outra palavra, os olhos da entidade e corpo de Oito começam a tremer. Para minha surpresa, a energia realmente se afasta de seu corpo. As rachaduras ao longo das costas das mãos param de brilhar e fecham-se, assim como a que abriu em sua testa. Após alguns segundos, a única coisa que resta brilhando em Oito é a ferida sobre seu coração. Ele flutua para fora da coluna de energia e acaba bem em frente de Marina.

Quando Oito abre os olhos, eles não brilham. Eles são verdes, assim como eu me lembro deles, serenos, mas com uma faísca daquela velha malicia. Oito abre os lábios em um sorriso lento quando ele vê Marina.

— Uau, oi, — Oito diz, e quando ele fala é com sua própria voz.

É ele. É ele mesmo.

Marina quase dobra de novo com um soluço encantado. Ela recolhe rapidamente, e pega Oito primeiro pelos ombros, em seguida, nas laterais do rosto. Ela o puxa para perto.

— Você está quente — diz ela com admiração. — Você está tão quente.

Oito ri facilmente. Ele põe a mão sobre a Marina e suavemente beija seu rosto.

— Você está muito quente também — diz ele.

— Eu sinto muito, Oito. Desculpe-me por não conseguir curá-lo.

Oito balança a cabeça.

— Pare, Marina. Está tudo bem. Você me trouxe aqui. Aqui é... eu não posso sequer descrever. É incrível lá.

Já vejo a energia se espalhando para fora do coração de Oito. Ela escorre através de seu corpo, abrindo fissuras em seus braços e pernas. Ele não parece sentir qualquer dor. Ele apenas sorri para Marina e olha para ela como se estivesse tentando memorizar seu rosto.

— Posso te beijar? — Marina pede a ele.

— Eu realmente gostaria que você fizesse isso.

Marina o beija, pressionando perto, apertando-o. Quando ela faz isso, a energia incha dentro de Oito e, lentamente, seu corpo começa a quebrar. É diferente de quando um mogadoriano desintegra. É como se, por um momento, eu possa ver todas as células do corpo de Oito e ver como a energia do poço brilha entre cada um deles. Um por um, os pedaços de oito dissolvem, e ele se torna um com a luz. Marina tenta se agarrar a ele, mas seus dedos passam direto através da energia.

E, em seguida, ele se foi. A luz flui de volta para o poço e se afasta da profundidade sob o solo. A pulsação que ele desencadeou diminui. Eu ainda posso ouvi-la, mas só se eu realmente quiser. A câmara está pacífica novamente, iluminada apenas pelas esculturas de loralite

brilhantes na parede. Eu sinto o ar fresco nas minhas costas e me viro para ver que uma porta se abriu na parede.

Ela leva a uma escada, a luz solar vindo do lado de fora.

Marina desmorona contra mim, ela se afoga em lágrimas. Eu a abraço apertado e tento não chorar junto. Adam olha o relógio sem parecer demasiado duro e limpa algo do canto do olho.

— Nós devemos ir — Adam diz calmamente. — Os outros vão precisar da nossa ajuda.

Eu aceno para ele. Me pergunto se conseguimos alguma coisa aqui. Foi lindo ver Oito novamente, mesmo que por alguns momentos fugazes. No entanto, a minha conversa com a entidade intergaláctica que nos concede nossos Legados na verdade não nos deu muitas respostas. Enquanto isso, o tempo até a invasão mogadoriana provavelmente está se esgotando, se não estiver já acontecendo.

Marina aperta meu braço. Eu olho para ela.

— Eu vi, Seis — sussurra Marina para mim. — Quando eu o beijei, vi dentro da coisa loriena, da energia, do que você quiser chamá-lo.

— Ok — eu digo, querendo ser gentil com ela, mas não tenho certeza se temos tempo para isso. — E aí?

Marina sorri para mim.

— Está se espalhando, Seis. Através da Terra. Está se espalhando por toda parte.

— O que significa isso? — Adam pergunta.

— Isso significa — Marina diz, enxugando o rosto e se endireitando, — que não estamos mais sozinhos.

Capítulo trinta

ARRANHA-CÉUS QUEIMAM.

Nós corremos.

A nave de guerra mogadoriana rasteja através do horizonte de Nova York, os seus enormes canhões de energia bombardeando os blocos de forma indiscriminada. A nave de guerra já despejou dezenas de naves de reconhecimento armadas, as naves menores fechando pelas avenidas, transportando guerreiros para o chão, matando civis onde quer que estejam.

Outras coisas saltaram da nave, também. Esfomeadas, coisas com raiva.

Eu não vi nenhum ainda; só ouvi os seus gritos terríveis subindo acima das explosões.

Píkens.

Nova York está perdida, isso eu sei com certeza. Não há como voltar atrás com os mogadorianos neste momento. Eu não tenho nenhuma ideia de como as outras cidades onde as naves de guerra mogadorianas foram vistas estão fazendo. A rede está fraca em Nova York, e meu telefone por satélite caiu no fundo do East River.

Tudo o que podemos fazer é correr. Assim como eu tenho feito toda a minha vida. Só que agora, infelizmente, há um milhão de pessoas correndo comigo.

— Corra! — Eu grito com alguém quando nos deparamos. — Corra até que você não possa ver as naves deles! Sobrevivam, reagrupem-se e vamos lutar contra eles!

Sam está comigo. Seu rosto é pálido e parece que ele vai ficar doente. Ele nunca viu o que os mogadorianos fizeram para Lorien. Ele passou por alguns momentos difíceis com a gente, mas nunca nada como isto. Acho que ele sempre acreditou que iria ganhar. Nunca pensou que este dia chegaria.

Eu deixei isso acontecer.

Eu não sei onde Nove e Cinco estão. Não existem novas cicatrizes queimando através do meu tornozelo, então eles não se mataram ainda.

Perdi a Agente Walker, também. Ela e seus agentes estão por conta própria. Espero que eles fiquem vivos. Se eles fizerem isso, talvez sejam inteligentes o suficiente se encontrar conosco em Ashwood Estates.

Se Sam e eu chegarmos tão longe.

Corremos pelas ruas cheias de fumaça, contornando carros virados, escalando sobre pedaços de edifícios. Quando uma das naves de reconhecimento cruza os céus, nós nos enfiamos em becos ou nos escondemos em portas.

Eu poderia lutar contra eles. Com toda a raiva que estou segurando, eu tenho certeza de que poderia vencê-las a qualquer momento. Eu poderia facilmente derrubar uma das naves de reconhecimento no meu próprio país. Mas eu não estou sozinho.

Há cerca de vinte sobreviventes seguindo a mim e a Sam. Tirei uma família da varanda que estava queimando com minha telecinesia, um par de oficiais do NYDP salpicados de sangue que me viram derrubar um par de guerreiros mog, um grupo que saiu de seu esconderijo em um restaurante quando atirei meu Lúmen ali dentro, e outros ainda.

Eu não posso salvar a todos nesta cidade, mas farei o que posso.

Isso significa não provocar brigas com os mogadorianos. Pelo menos não até que eu possa levar essas pessoas para a segurança.

Eu evito problemas sempre que posso. Nem sempre é possível.

Atravessamos um cruzamento onde cortaram linhas de energia e damos voltas em

estruturas queimadas de ônibus da cidade, corremos para a direita e uma dúzia de guerreiros mogadorianos aparece. Eles trazem seus canhões apontados para nós, mas eu os acerto com uma bola de fogo antes que possam começar a atirar. Os que não são imediatamente incinerados são abatidos pelos policiais que estão atrás de mim.

Eu olho por cima do ombro, acenando para os oficiais.

— Belo tiro.

— Nós te damos cobertura, John Smith — um deles diz.

Nem pensei em perguntar como ele sabe meu nome.

Nosso grupo corre mais alguns quarteirões antes de eu ser atraído para o som de pessoas gritando. Ao virar a esquina, encontramos um jovem casal que tenta escapar de seu prédio de apartamentos em chamas através da escada de incêndio. Os parafusos parecem ter se desprendido da parede perto do teto, e agora toda a escada de incêndio paira como um dedo torto sobre a rua. Cinco andares acima, o cara cai sobre o corrimão. Sua namorada tenta desesperadamente pegá-lo.

O rosto de Sarah pisca em minha mente. Apenas fique vivo, eu penso. Sobreviva a isso, e nós logo vamos estar juntos. Eu vou voltar para ela.

Eu corro para a escada de incêndio, preparando a minha telecinesia.

— Solte! — Eu grito para o casal. — Eu vou te pegar!

— Você enlouqueceu? — O cara grita de volta.

Nenhum de nós tem tempo para discutir, então eu o solto com a minha telecinesia e apenas puxo o casal para fora da escada de incêndio. Quando estou descendo o casal para o chão, ouço passos pesados caindo em cima de mim.

— John! — Sam grita. — Cuidado!

Eu viro minha cabeça. É um píken. A besta galopa em minha direção a toda a velocidade, suas mandíbulas cobertas de baba, seus dentes afiados à mostra. Ouço gritos do meu grupo. Os policiais dão alguns tiros no monstro, mas eles nem retardam a fera. Os outros têm o bom senso de correr para longe da besta mogadoriana raivosa.

Mas fogem na direção que os deixam logo abaixo da escada de incêndio. E, é claro, esse é o momento exato para o edifício começar a desmoronar.

Eu ainda tenho o casal em suspensão no ar, e agora estou segurando a escada de incêndio com a minha telecinesia, também. Tento dividir meu foco o suficiente para ligar meu Lúmen, mas é muito. Estou exausto demais, a tensão é mais do que eu posso controlar.

O píken está quase em cima de mim. O rosto de Sarah pisca novamente em minha mente. Eu tenho que tentar. Cerro os dentes e busco forças mais a fundo.

Com uma explosão maciça, uma onda de força telecinética acerta o píken e o lança no ar. As pernas musculosas da besta se mexem descontroladamente. Ele cai primeiro em cima de um sinal de pare, o empalar a besta para a direita através do coração.

Isso não veio de mim.

Eu baixo o casal com segurança até o chão, atiro a escada de incêndio de lado e viro na direção que a explosão telecinética veio.

Sam olha para mim. Ele está congelado. Suas mãos estão estendidas para a frente dele como se ele apenas tivesse empurrado o píken e ainda não está acreditando nisso. Lentamente, ele pisca os olhos. Sam olha para suas mãos, então para mim.

— Não acredito! — diz ele. — Eu acabei de fazer isso?

Table of Contents

Capítulo um
Capítulo dois
Capítulo três
Capítulo quatro
Capítulo cinco
Capítulo seis
Capítulo sete
Capítulo oito
Capítulo nove
Capítulo dez
Capítulo onze
Capítulo doze
Capítulo treze
Capítulo quatorze
Capítulo quinze
Capítulo dezesseis
Capítulo dezessete
Capítulo dezoito
Capítulo dezenove
Capítulo vinte
Capítulo vinte e um
Capítulo vinte e dois
Capítulo vinte e três
Capítulo vinte e quatro
Capítulo vinte e cinco
Capítulo vinte e seis
Capítulo vinte e sete
Capítulo vinte e oito
Capítulo vinte e nove
Capítulo trinta